



Jessica Thompson

ESTA É UMA HISTÓRIA DE AMOR

... mas nem toda
história de amor é
igual.

Nick & Sienna





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Dezesseis meses depois...](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Agradecimentos](#)

Jessica Thompson

ESTA
É UMA
HISTÓRIA
DE
AMOR

... mas nem toda
história de amor é
igual.

Tradução
Denise Tavares Gonçalves



Título original: *This is a love story*
Copyright © Jessica Thompson 2012
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Thompson, Jessica

Esta é uma história de amor: mas nem toda história é igual / Jessica Thompson ;
tradução Denise Tavares. -- 1. ed. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: *This is a love story*.
ISBN 978-85-8163-470-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-00987 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br

Para mamãe, papai e Louise.

“Tem um ar de quem poderia salvar sua vida.”

Sienna

Esta manhã, no vagão do metrô, duas pessoas estão sentadas à minha frente.

Um rapaz e uma moça.

Eles devem ter 20 e poucos anos.

O rapaz tem cabelo loiro e grosso, olhos verdes e sardas sexy por todo o nariz, como estrelas numa noite de céu claro.

Ele é bonito de verdade, mas não faz meu tipo. O que sinto por ele é o mesmo que sinto por Monet. Preciso o que vejo. É bonito. Mas não faz meu gênero.

Acho que ele deve se chamar Tom, ou algo assim, e trabalha na área de RP. Cheguei a essa conclusão porque ele está usando um terno cinza que parece ser de grife e uma gravata salmão.

Gosto de fazer esse joguinho de adivinhação às vezes. Tenho certeza de que na maior parte das vezes devo estar errada, mas ajuda a passar o tempo da viagem.

Ela pode ser Claire, com o cabelo comprido meio desfiado e em desalinho, mas que parece fazer parte de um look cuidadosamente despojado. Ela se esforçou para parecer que não está nem aí. Eu sou mulher, percebo no ato. Ela quer que todos pensem que saiu da cama daquele jeito.

Ela tem unhas muito bem pintadas com esmalte cinza e usa um jeans preto apertado com sapatilhas de balé transparentes que parecem bem caras.

Claire parece um pouco mais criativa que seu companheiro de RP; são as joias que denotam isso – pulseiras enormes e um colar de contas bem excêntrico. Suponho que ela trabalhe com arte. Possivelmente, não empunhando um pincel, mas talvez numa galeria, tendo de explicar às pessoas o que o artista quis dizer com as manchas espalhadas pelas paredes.

Ela deve ter recebido uma boa educação, com uma família que mora em Kent, mas passa férias nas Ilhas Cayman três vezes por ano.

Aposto que Tom a ama. Parece que sim. Ele tem a aura de um homem que não se distrai facilmente. Isso é adorável.

Uma das pernas dela está apoiada nas dele. Ela lê o jornal, e ele a beija no rosto de vez em quando, fazendo parecer que são esses momentos que fazem o mundo dele girar. A caminho do trabalho com o amor da sua vida.

Deixo escapar um suspiro quando percebo que os encaro. Ademais, estou sendo excessivamente romântica. Tenho certeza de que eles têm os mesmos problemas que todo mundo – sabe, brigas por causa do ronco, leitura de mapas e tarefas domésticas.

Mesmo assim... Isso me faz lembrar que eu não tenho um amor daqueles em casa. Eu tenho amor, mas é diferente...

Estou pensando que talvez as manhãs sejam mais fáceis se você é o Tom do RP e a Claire da galeria, em vez de ser eu, Sienna Walker.

Você pode ser acordado por beijos carinhosos e por aquela sensação especial de pele na pele que em pouco tempo começa a passar despercebida.

A respiração quente em seu rosto e a sensação de que está segura.

Mas eu, não.

Minhas manhãs são mais parecidas com um mergulho em água fria.

Me assusto quando o trem se afasta da estação e me recordo de como meu dia começou, então tenho certeza de que seria bem mais fácil se eu tivesse acordado ao lado do homem dos meus sonhos, como Claire, ou qualquer que seja o nome dela, acordou.

O alarme tocou às seis e meia da manhã, um ruído estridente e cortante que fez meus ouvidos quererem se esconder em minha cabeça e se aninhar nas dobras quentes e fofas do meu cérebro. Eu só queria dormir. Queria me afundar de novo nas cobertas macias que cheiram a margaridas frescas, e me esconder do mundo. Cogitei ligar e dizer que estava doente, mas não estou neste emprego há tempo suficiente para fazer uma coisa dessas.

As manhãs e eu não nos damos muito bem, algo como queijo e geleia, ou homus e chocolate. Uma combinação horrível.

Arrastei meus pesados membros para fora da cama e empurrei os pés para cima do piso de madeira, com minha franja se erguendo no ar feito uma torre de celular.

O casulo macio em que eu estava deu lugar a uma corrente de ar frio e uma necessidade urgente de fazer xixi. Como um zumbi, arrastei-me até o banheiro, tentando enxergar alguma coisa à meia-luz.

Depois de alguns minutos “me arrumando”, o que inclui enfiar na boca uma escova de dentes gasta e tentar passar uma escova no cabelo emaranhado, me senti pronta para uma chuvairada.

Eu estava errada.

A água saiu gelada.

Foi meio como se alguém tivesse armazenado a cortante chuva noturna num balde enferrujado e o despejado sobre mim.

Meus olhos se arregalaram pela primeira vez desde que eu acordara, minhas pupilas encolhendo para o tamanho da cabeça de um alfinete enquanto eu tentava lidar com o choque. Eu dava pulinhos para escapar dos implacáveis pingos enquanto aguardava a água esquentar, mas era difícil evitá-los.

Depois, havia o desafio de enfrentar as ruas cheias de folhas do meu bairro, na zona oeste de Londres, e tomar o trem para o trabalho. Apesar do choque do chuveiro, eu ainda estava sonolenta, e a calçada parecia espalhar-se diante de mim feito um tabuleiro de xadrez.

Andar por Londres no horário do rush é como um jogo de tabuleiro. O sistema de pontos é mais ou menos assim:

Cinco pontos por não pisar na poça gigante que sempre se forma no final da Rua Edgley.

Quinze pontos por ultrapassar com sucesso o casal de velhinhos que está bloqueando seu caminho sem dar de cara com um poste.

Dez pontos por evitar os pedintes que tentam me abordar diante da estação e despertam em

mim uma culpa incomunicável por sair correndo da frente deles.

Quinze pontos por comprar o último suco de laranja na lojinha.

Vinte pontos por pegar um exemplar do *Metro* antes que sejam todos desesperadamente tomados pela horda de passageiros que os jogarão fora ao fim de uma viagem de dez minutos.

O próximo desafio era encontrar um lugar no trem. Se você fizer tudo certinho, conseguirá ter uma viagem razoavelmente confortável. Se vacilar, passará 20 minutos com a cara calcada contra o vidro da janela e com uma bengala cutucando seu cóccix.

O trem veio um minuto depois de eu ter chegado à plataforma, então me enfiei por entre as pessoas, à esquerda, à direita, à esquerda, à direita, e consegui.

Mas, ao sentar diante de um quadro romântico que está me fazendo sentir agudamente deprimida com minha situação em casa, percebo que hoje não estou nos melhores dias.

Ah, não... Quando Tom afasta os cabelos de Claire para beijar carinhosamente sua orelha direita, tenho de desviar o olhar para não entrar em parafuso. Então eu olho para a minha esquerda, tentando escapar dessa demonstração de meiguice. Mas, ao fazê-lo, meus olhos encontram diretamente os de um homem sentado ao meu lado, que olhava para mim naquele justo momento.

Ele deve ter seus 50 anos, um tipo esguio, com olhos pequenos e óculos de lentes tão grossas que me lembram o fundo das garrafas de leite.

Ele sorri sem jeito quando percebe que foi pego me encarando. Como gosto de pensar que sou uma pessoa relativamente boa, retribuo o sorriso, como se quisesse dizer “Sabe de uma coisa? Tudo bem. Vamos esquecer isso e seguir em frente.”

Desvio o olhar e encaro o teto; é sem dúvida a opção mais segura para hoje. Mas volto a sentir uma presença detectada por minha visão periférica. Viro a cabeça de volta para o homem que está me encarando *novamente*, quase enfiando os olhos na minha bochecha. Ele toma um susto, como se tivesse sido pego roubando uvas no supermercado.

– Ah... me desculpe, mas acontece que você é tão lin...

– Quer parar, por favor? – peço, corando.

– Sim, é claro. Desculpe – ele diz com uma pronúncia perfeita, um tanto desanimado.

Bem-vindo à vida no metrô. É um circo e um zoológico, tudo ao mesmo tempo.

Eu me pergunto por que um comportamento invasivo como esse me irrita tanto. Os olhares devassos acompanhados de demonstrações públicas de afeto excessivamente entusiasmadas, odores desagradáveis e gente que passa dos limites.

Estou só há três semanas no novo emprego, e esse ritual diário é um tanto chocante para mim.

O esmagamento da hora do rush pode fazer coisas estranhas a pessoas normais. Indivíduos que costumam ser bastante calmos se pegam rangendo os dentes, falando sozinhos e tentando desesperadamente não decapitar alguém com o guarda-chuva.

Uma mulher à minha direita conversa ao celular, falando muito alto.

O homem sentado ao lado da mulher faz cara feia.

Essa mulher está tão absorvida pela conversa que nem percebe que vamos entrar num túnel, e

aí, ah, minha cara.

Que pena. O vagão inteiro suspira, aliviado, exceto Tom e Claire, que estão tão encapsulados em sua bolha de amor, patinhos e algodão-doce que tudo mais passa despercebido.

Por um momento, parecemos ter alcançado certo tipo de paz. Um rapaz com cara de desocupado, parecendo ter sido rudemente acordado no meio de uma hibernação de seis meses, vira-se e volta a aninhar-se no canto do assento. Sua aparência desgrenhada me faz sentir melhor – ele está com a mesma aparência que eu ostentava na minha primeira hora de acordada.

Pernas tensas começam a relaxar, e os sonhadores viram as cabeças para a janela, na esperança de fugir um pouco deste carro de bois que veio do inferno.

Equilíbrio meu suco entre os joelhos, pego meu exemplar do *Metro* e tento pensar nas coisas que planejei para o dia que começa, mas logo sou distraída por uma história com figuras de um esquilo usando esquis aquáticos feitos sob medida para ele.

Nossa, adoro este jornal.

Sendo eu mesma jornalista, por mais que sonhe um dia dar um furo tão grande quanto o do escândalo das despesas do Parlamento, eu ficaria igualmente contente escrevendo sobre animais fofinhos fazendo coisas bizarras, como este aqui.

Olho para os outros leitores do *Metro*. Será que alguém está lendo a história do esquilo? Tento adivinhar.

Uma senhora no banco atrás dos amantes está lendo, mas não, ela parece triste.

Ninguém está sorrindo, muito menos rindo, e isso não combina, porque esse animal é divertido demais.

Continuo escaneando, e meus olhos pousam num homem incrivelmente lindo de camiseta verde sentado na fileira à minha frente, uns dois assentos mais para a direita. Ele está sorrindo de modo afetado; na verdade, está tão encantado com alguma coisa que precisa pigarrear.

Uau. Como é que eu não reparei nele antes?

Talvez ele tenha acabado de entrar no trem, quando eu ainda estava perdida na amargura de meus processos mentais.

Ele parece ser alto. Sob a camiseta, posso distinguir um torso bem proporcionado que sustenta ombros largos e belos, e no alto de tudo isso está um rosto do qual não consigo tirar os olhos. Meu coração vem parar na garganta, e eu engulo em seco.

Ele tem a pele morena, com um pouco de barba por fazer que sobe pelo contorno de seu queixo como trepadeiras numa linda casa. Suas feições são fortes e ousadas.

Ele não parece um covarde. Tem o ar de quem poderia salvar sua vida.

Esses traços duros e artísticos contrastam com um par de olhos perigosamente castanhos que quase cintilam sob a despojada luz artificial do vagão.

Não se perca. Dentro. Deles.

Seus lábios são perfeitos e surpreendentemente parecidos com os de meu astro preferido, Jake Gyllenhaal.

Ele tem redemoinhos de grossos cabelos castanhos, quase cor de caramelo, fixados em

direções diferentes.

Ele cheira a perigo.

Quase consigo imaginar como seria beijá-lo...

Estou olhando por cima da página, e ele deve ter percebido, porque também olhou.

Nossos olhos se encontram, e por alguns instantes tudo que se interpõe entre nós são 45 finas folhas de papel reciclado, dois metros de ar abafado de vagão e um homem gordo que está quase cochilando em meu ombro esquerdo.

Este é um daqueles momentos holly woodianos iguais àqueles que a gente vê no cinema, exceto que eu deveria ser loira e ter ar de heroína.

É bem possível que ele seja o homem mais lindo que já vi em toda a minha vida.

Como moradora de Londres, percebo que, embora a cidade esteja abarrotada de gente de todos os tipos e tamanhos, é muito raro alguém chamar sua atenção.

A maioria das pessoas que anda de metrô tenta perder-se nas profundezas de um livro, esconder-se atrás de um jornal ou adentrar algum reino musical. Elas só passam umas pelas outras. Fazer algum tipo de contato, e um contato amigável, é simplesmente um milagre.

Então lá vamos nós.

Ou eu vou fazer um superpapel de boba, ou um dia nós iremos contar aos convidados de nosso casamento como nos conhecemos por causa de um roedor que amava esportes aquáticos. Essa história certamente vai ganhar de todas as histórias de encontros às cegas e na academia.

Respiro fundo...

Esquilo?

Eu balbucio para ele, os lábios tomando a forma dessa palavra muito idiota. Minhas sobrancelhas se arqueiam de modo inquisitivo.

O tempo parece rarear feito um filme em câmera lenta; posso ouvir meu coração bater nas orelhas. Merda, merda, merda...

De repente, um dedão em riste, e o homem mais lindo desta cidade, possivelmente de todo o mundo, afasta seu exemplar do *Metro* para me olhar e aponta para nosso fofinho casamenteiro.

Ele morde o lábio inferior para não rir alto, e uma fileira de dentes de um branco perfeito fica visível. Isso é que é ser sexy.

Abro um sorriso de paquera e desvio o olhar, com o coração aos pulos dentro do peito.

Jogue. Com calma.

Continuo fingindo ler meu jornal, desviando os olhos da história em quadrinhos, porque, do contrário, eu logo estaria rindo tanto que haveria suco jorrando pelas minhas narinas, e este não é bem o look que eu estava buscando.

Ciente de ter forçado meus próprios limites ao iniciar tudo isso, continuo lendo como se não desse a mínima e tento imaginar o que farei a seguir.

O trem para uma vez, mas tenho certeza de que ainda posso ver o tom verde da camiseta dele com o canto do olho. Devo tentar não olhar.

Que Deus abençoe a visão periférica.

Logo, cinco minutos se passaram, e sinto-me segura para avançar para o contato visual número dois.

Levanto a cabeça, mas, para meu horror, meu lindo estranho foi substituído por um homem idoso usando jaqueta verde-ervilha. O casal também já foi. Rapidamente olho em todo o vagão, para trás e para a frente, e depois mais uma vez, só para garantir. Ele desapareceu.

O aposentado que ocupou o lugar dele parece contente e surpreso por ter a minha atenção. Você não, amigo...

Ótimo, penso eu, olhando para o chão. Lá se vai o homem dos meus sonhos. Eu logo percebo a ingenuidade da minha pequena fantasia e fico constrangida. Foi uma ideia boba, afinal. Surpreendo-me ao ver como fui de zero a cem na escala do amor em alguns minutos – não é do meu feitio.

Além disso, ele devia ser louco de pedra. Rir de esquilos? Nunca se sabe, eu me consolo.

Sou uma romântica irremediável. Adoro a ideia de colisões aleatórias de corações. Anseio por encontros extravagantes, e não pelo modo como as mulheres convencionais são cantadas em bares e arrastadas para uma noite de amassos bêbados com um homem que elas mal conhecem. “Nós nos conhecemos por meio de amigos em comum num jantar” é calamitoso. Se você está muito entediada, pode sacar a história do “nos conhecemos no trabalho”.

Bocejo.

Há uma pequena Julieta dentro de mim, esperançosa por encontrar o olhar do meu Romeu do outro lado de um tanque de peixes ou por entre o vão de uma estante de biblioteca. Ora, mesmo se fosse por entre a seção de temperos de um supermercado, eu juro que não ligaria.

Tenho só 20 anos, mas lamento o dia em que o romance à moda antiga faleceu. Não tenho certeza de quando foi. Alguns dizem que o perdemos quando lutamos pelo feminismo, que é provavelmente um preço bem pequeno a pagar pelo que ganhamos em troca.

Mas nós queríamos mesmo ir tão longe?

Tão longe, na verdade, que, se um homem manda flores para o seu trabalho, suas colegas morrem de rir e fingem vomitar, mas quando elas chegam em casa vão repreender os maridos por nunca mandarem flores para *elas*?

Minha estação chega e interrompe o que estava se tornando uma espiral profunda e depressiva de pensamentos.

Sendo a jovem volúvel que sou, já quase esqueci meu lindo estranho quando termino meu suco e jogo o copo amassado num cesto transbordando na plataforma.

Foi um momento transitório, um pouco de açúcar nos meus flocos de milho. Tenho coisas maiores em que pensar, uma carreira para me concentrar. Não tenho tempo para distrações, digo a mim mesma. Ademais, já tenho confusão demais em casa. É muita coisa com que lidar. Eu realmente não deveria estar olhando para outros homens.

Meu coração começa a palpitar enquanto abro caminho pelas calçadas de Balham. As ruas estão apinhadas de gente, mães e carrinhos de bebê, sujeitos de jeans largos, os últimos trabalhadores da City correndo para pegar o trem. Há bancas de jornal, imobiliárias e lojas de

bugigangas, com os ocasionais cafés minúsculos espremidos entre elas.

Adoro este lugar.

A fumaça de cigarro flutua no suave ar primaveril, misturando-se com o vapor que emana dos enroladinhos de bacon fresquinhos nos pratos diante de um casal que toma o café da manhã numa mesa pela qual eu passo.

Estou satisfeita de verdade com meu novo emprego. Foram dois anos de luta e dolorosas rejeições para eu conseguir esse cargo modesto na editora The Cube. Subir na carreira tem sido difícil para mim, então eu tenho de ser bem criativa para chamar a atenção de meus potenciais empregadores. Eu não pude cursar uma faculdade, então tive de aprender algumas coisas sozinha, como jornalismo eletrônico, vídeo, e tentar me manter atualizada sobre mídias sociais. Tudo bem, não é o *Guardian* ou o *Times*, mas é um bom começo, e até agora eu tenho adorado cada segundo.

The Cube é um grupo de mídia que edita uma variedade de publicações diferentes lidas por um público *muito* específico. Algumas são legais, outras nem tanto. Isso quer dizer que escrevo sobre uma série de assuntos bizarros, que variam desde o que está acontecendo no mundo da pesca (menos divertido) até testes de carros velozes (muito mais divertido). Algumas de nossas publicações são pequenas e praticamente desconhecidas; outras são lidas por milhares de pessoas.

Este emprego é perfeito para mim, porque adoro escrever. Ainda não consigo acreditar na minha sorte. Serpenteio por entre os corpos à minha volta num tipo estranho de dança – abaixando, mergulhando e desviando. Um bando de crianças a caminho da escola invade a rua, e aposentados se apressam a entrar nas lojas com os jornais enfiados debaixo do braço.

Alguma coisa em mim floresce com a energia de Londres. Apesar da natureza irritante desse estilo de vida, não consigo imaginar nenhum outro lugar em que eu gostaria de estar.

Todo dia é igual: chego em casa, os pés doendo, os olhos vidrados, o cabelo lavado por uma combinação do clima com a poluição, mas me sinto inspirada. Quando deito na cama, fico ansiosa para que chegue a manhã e eu passe por aquilo tudo outra vez. Mesmo que a primeira hora seja bem dolorosa.

Depois de cinco minutos dançando em meio à multidão, aproximo-me do escritório, uma instalação pequena e moderna no fim de uma travessa movimentada. Ele se encontra aninhado entre dois restaurantes, um indiano e um italiano. Seus profundos aromas puxados no alho conseguem penetrar em nosso sistema de ar-condicionado, e eu passo a maior parte do tempo em estágio avançado de fome. Há um pequeno estacionamento atrás do escritório, com um balcão no meio, e um sem-teto está sempre lá.

Ele está lá nesse momento, e, quando eu percebo que terei de passar por ele mais uma vez, meu estômago dá um nó.

Eu o notei logo no primeiro dia em que cheguei aqui. Seria difícil não notá-lo, porque ele me chamou com sua boca faminta e pequena, quase perdida em meio aos sulcos marrons e pretos de seu rosto desgastado.

– Pode me dar um trocado, querida? – ele disse, com uma centelha de esperança nos olhos.

Eu desviei o olhar e passei por ele. Nunca sei muito bem como lidar com essas situações, e tenho muitas despesas neste momento.

Ele não parece louco nem drogado, e não se encaixa em nenhum estereótipo. Ele sorri para mim às vezes; eu retribuo o sorriso. Não tenho tempo de me envolver. Eu sei que isso é ruim.

Tenho medo dele, na verdade, e da realidade de sua vida. Ele tem frios olhos azuis, tão frios que me dão arrepios. Não gosto de olhar para eles, então olho para o outro lado.

Da primeira vez que o encontrei, perguntei a uma das moças da recepção quem ele era.

– De quem está falando, querida? – Na voz esganiçada de uma loira de meia-idade que fica atrás do balcão.

– O homem que fica no nosso estacionamento – expliquei.

– Hum, acho que não estamos aguardando ninguém hoje – disse ela, folheando uma pilha de papéis à sua frente.

A recepcionista número dois intrometeu-se:

– Ah, Sandra, você sabe quem é. É Pete, o dançarino.

– Dançarino?

– Você sabe, o sem-teto que insiste em dormir nos fundos.

– Dançarino? Por que dançarino? Eu nunca o vi dançar, pelo amor de Deus!

A essa altura, as duas senhoras entraram numa conversa frustrante em câmera lenta. Era como observar dois pavões cacarejando sem parar por trás de uma cortina de vidro, esperando para serem abatidos e transformados em exóticas bolsas femininas.

– Sem-teto? Eu não sabia que tínhamos um sem-teto – guinchou Sandra, como se estivesse falando de uma nova máquina de franquear ou uma fotocopidora moderníssima.

– Temos. Faz uns dois anos que ele anda por aí. Você é cega?

Eu me afastei delas no meio da conversa; elas nem perceberam que eu saí.

Mas a situação me incomoda novamente esta manhã, quando entro pelos fundos na direção do estacionamento. Não venho de carro, mas vir por trás corta caminho e obriga a passar pelo estacionamento.

Ele está sentado no banco, apoiando a cabeça com as mãos. Levanta a cabeça quando eu me aproximo, o rosto triste como sempre.

– Com licença – diz ele quando eu passo, fazendo uma careta, porque eu não quero que ele me veja, mas ele sempre vê.

Eu me detenho e me pego parada ao lado do banco, mas olhando para a frente a fim de não fazer contato visual com ele.

Eu deveria ter seguido em frente, digo a mim mesma.

– Sim – digo, hesitante, me arrependendo de minha atitude.

– Você tem algum trocado para me dar? – pergunta ele, como sempre; como se a resposta pudesse ser diferente desta vez.

Eu não digo nada e volto a caminhar depressa, passo o cartão para abrir a porta de vidro e entro no elevador. Enquanto desapareço, posso ouvi-lo murmurar:

– Eu só queria tomar uma xícara de chá.

O elevador para o terceiro andar é pequeno e sempre cheira a cola. Eu não sei por quê. Parece que ninguém sabe.

– Olá, minha linda! – diz Ly dia, assim que eu coloco o pé no escritório. Ela aperta minha bochecha esquerda com carinho, algo que faz desde o primeiro dia em que eu coloquei meu hesitante pezinho aqui. Fico contente por ela me distrair do fato de sempre afastar-me de alguém que claramente está precisando de ajuda.

Ly dia é a coordenadora da redação. Um título que soa muito importante para alguém que fica enrolando o tempo todo e faz todas as coisas chatas que ninguém mais quer fazer. Mas eu acho que ela é capaz de mais.

Ela tem uma cabeleira gritante de cachos cor de chocolate em meio a um rosto cheio de sardas e os olhos mais verdes que eu já vi fora das páginas de livros de histórias para crianças.

Ela é toda abraços e cordialidade, e exatamente o que você precisa quando começa num novo emprego. Embora seja só três anos mais velha que eu, ela decidiu me proteger.

– Oi, Lyds, como foi o fim de semana? – pergunto, caminhando para a minha mesa com um sorriso largo no rosto.

Como uma fada, Ly dia flutua à minha volta, afastando as coisas do caminho. Antes que eu perceba, meu casaco está cuidadosamente pendurado no cabide e minha lista de tarefas editoriais para a semana está disposta diante de mim em perfeita ordem. Fico me perguntando quantos braços ela tem.

– Foi ótimo, obrigada, Si. Você nunca vai adivinhar o que aconteceu na sexta-feira à noite – comece ela, com um sorriso maroto no rosto.

Começo a analisar três notas adesivas com lembretes na minha mesa. E não, não estou certa de que consiga adivinhar o que aconteceu na noite de sexta.

Não conheço Ly dia há muito tempo, mas ela parece ter uma vida social que gira em torno de saltos altíssimos, copiosas doses de Jack Daniels, subornar DJs para tocar músicas bregas dos anos 80 e depois invadir quebaberias a caminho de casa e fazer todos que estão lá dentro morrerem de rir. Essas são algumas histórias que ouvi.

Ela se inclina e sussurra em meu ouvido, apesar de eu não ter demonstrado nenhum interesse em saber o que aconteceu na noite de sexta. Poderia ser qualquer coisa. Ela é aleatória a esse ponto.

– Fui barrada na entrada daquele clube de salsa em Leicester Square – ela diz, caindo na gargalhada e voltando a empertigar-se, com uma mão na curva acentuada do quadril.

Nossa, como é que você foi barrada num clube de salsa? Rebolou muito? Eles não gostam de salto alto? Eu não reajo, mas olho para ela com as sobrancelhas levantadas. Fico ansiosa para ouvir a história.

– Bom, basicamente, nós bebemos muito antes de ir para lá, o que não foi um bom começo, e eu caí da escada que dava para o banheiro. Eles acharam que eu estava bêbada, mas eu não estava. Tenho certeza de que foi o sapato... – arremata, com um quê de vergonha na voz.

Ligo o computador, e ele ganha vida com um ruído de motor, feito uma aeronave. Tenho certeza de que ele não deveria fazer tanto barulho.

– Meu Deus. Você se machucou? – pergunto, com pouco interesse. A história não era tão interessante quanto eu havia imaginado, e tenho muito a fazer hoje.

– Que nada. O salto de um sapato quebrou, e foi um pouco mais difícil caminhar para casa – acrescenta ela, girando um cacho longa e voluptuosamente com o dedo indicador e olhando para o peixinho dourado do escritório, Dill, que olha com desejo o mundo lá fora através do vidro.

Rhoda, que escreve as matérias de propaganda, trouxe Dill há seis meses e o trata como a uma criança. Ele tem brinquedos. Sim, brinquedos de verdade para peixes, flutuando pelo tanque. Ela os compra nos finais de semana e os traz na segunda-feira. Fico surpresa que ela ainda não tenha trazido uma lousa para alfabetizá-lo.

Sorrio com prazer e olho para Lydia. Continuo a conversa fiada para ser educada, mas tento reprimir o riso diante da imagem mental dela rolando pelo precipício estonteante que é a última moda.

– E então, qual foi o prejuízo? – pergunto, fingindo interesse, mas distraída pela tremenda carga de trabalho que tenho pela frente.

– Bem, eram sapatos Kurt Geiger, querida. Então, umas 120 libras – responde ela, com um profundo suspiro.

Consigo sentir sua dor.

Cafeína. Preciso de cafeína. Levanto-me devagar e dirijo-me à máquina de bebidas; uma pequena fila se formou, e nela começou aquela costumeira conversa fútil. Uma vertente segue a linha de que devemos ter um verão bem quente este ano, pois os últimos três foram horríveis. A outra analisa quantas folgas são aceitáveis num ano antes de você ser considerado absolutamente ganancioso, e a última – a mais calamitosa – discorre sobre radares de trânsito e como é injusto que Mark Watson tenha recebido uma multa por estar dirigindo a 160 quilômetros por hora quando ele alega que estava a 153. Finalmente chega a minha vez, e eu pego um chá grande com um cubo de açúcar.

Volto para a minha mesa e começo a trabalhar, mas logo sou interrompida por uma confusão frenética, que se dispersou feito um vírus na área atrás de mim.

É um espaço grande e aberto, e minha mesa é uma das oito que ficam no meio da sala, separadas por pequenas divisões. À esquerda da minha mesa ficam três pequenos escritórios com suas próprias portas e janelas. O resto do espaço é tomado pelos suspeitos costumeiros: mais mesas, barulhentos aparelhos de fax, cestos para reciclagem e uma enorme máquina de café. O escritório de nosso chefe é no andar acima do nosso, e há uma escada própria que leva até ele, como a uma casa na árvore.

Continuo olhando para a minha tela, tentando concentrar-me. Duvido que seja algo do meu interesse. Normalmente tenho grande habilidade para desligar tudo ao meu redor, mas o falatório é grande.

Concentre-se. Concentre-se.

De repente, um cotovelo pontiagudo pertencente a Lydia é enfiado no meu ombro, e eu percebo que ela está parada ao meu lado, sorrindo para mim. Expressões estranhas e contorcidas, que querem ser sutis, como se dissessem “Olhe para trás”, sem gritar bem alto, que é o que ela claramente deseja fazer.

Ah, pelo amor de Deus, penso eu, e relutantemente giro minha cadeira 180 graus e vejo uma figura no meio da balbúrdia. Ele está cercado, emboscado por meus colegas escandalosos. Só consigo distinguir um tom de verde. Um verde exuberante.

Meu coração pula uma batida, depois duas. Três já é exagero.

Duas pessoas se afastam do caminho, e, ao analisar lentamente do meio da camiseta para cima, meus olhos encontram um rosto familiar.

Caraca. É o homem do esquilo.

E se é que é possível, sob esta luz dura de consultório dentário na qual estamos mergulhados, ele parece ainda mais lindo do que parecia esta manhã. Mas ele parece absolutamente triste também.

Mas por que ele está aqui? Quem será ele? Veio para uma entrevista? Talvez para consertar alguma coisa...

Não, ele parece muito delicado para isso, e todos parecem saber quem ele é.

– Lydia, quem é esse? – sussurro ao ouvido dela, com a perna direita um pouco trêmula.

– É Nick – sussurra ela em resposta, dando uma piscadela.

É claro. Que merda.

Nick saíra de férias antes de eu começar aqui, então ele é a única pessoa que trabalha na The Cube que eu ainda não havia conhecido. Mas eu sei, de acordo com a escala de serviço da cozinha, que às terças-feiras é a vez dele de pegar o leite e o açúcar, e que ele toma chá de hortelã com sementes de alcaravia. Eu sempre achei que ele devia ser um merdinha pretensioso, pelo modo como as pessoas falavam dele.

Ao que parece, desde que Nick esteve ausente, Kevin, da contabilidade, anda descuidando das faturas e divagando, apático; Tom, do editorial, tentou assumir o papel de líder da matilha e fracassou retumbantemente; e Rhoda até voltou a fumar. Todos acham que Nick era divertidíssimo até sua namorada trocá-lo por outro sujeito. Se eu ouvir mais um relato da época em que Nick se vestia de árvore e passava duas horas na recepção sem ser notado, posso chorar de verdade.

A namorada dele e o sujeito que “a roubou” trabalhavam aqui, disseram-me. Que confusão.

Agora não enfrento mais o perigo de trabalhar junto com algum idiota histórico (o que já teria sido muito ruim), mas em vez disso – ainda pior – um homem cujo coração foi partido e que provavelmente deixará um rastro de lágrimas aonde quer que vá.

E esse homem de coração partido é o cara por quem eu quase me apaixonei no metrô hoje de manhã.

Estou passada.

Nick

Normalmente, voltar a trabalhar é muito chato, ainda mais depois de passar férias em Ibiza. Desta vez, com certeza não foi.

Nos últimos anos, tenho tentado evitar os pacotes de viagens baratos em que só se encontram sujeitos bêbados. Escaldado por viagens às ilhas espanholas quando tinha meus 20 anos, que

foram bem divertidas na época, agora eu sinto que esses são os últimos lugares onde eu gostaria de estar. Já passei bastante tempo vomitando em hotéis baratos, caindo em piscinas e torcendo braços e pernas ao fazer malabarismo, bêbado, em férias desse tipo. Não quero mais baderna, obrigado. Não é mais a minha praia.

Agora prefiro passar férias na cidade se vou sair com os rapazes. Ainda temos fome das mesmas coisas – pegar garotas gostosas, beber muito e dançar –, mas hoje temos mais dinheiro, então fazemos isso num cenário diferente. Nossas viagens mais recentes incluíram fumar maconha em Amsterdã, comer o filé mais incrível do mundo em Paris, ir dançar no Brooklyn, coisas desse tipo. Não somos mais moleques.

Então, ou são coisas ultraindulgentes em cidades bacanas, ou aventuras excitantes em climas tropicais, como Fiji. Adoro dividir minhas histórias de vida favoritas sob as estrelas com mochileiras que nunca mais verei na vida.

Mas muitos amigos meus estão chegando aos 30, e eu mesmo estou quase lá. A ideia de chegar a uma idade que é praticamente um marco e de uma despedida de solteiro fazem coisas engraçadas com a cabeça de um homem.

– Vamos lá, companheiro, você vai adorar... e é minha despedida de solteiro. Então você tem de vir, de verdade, não tem? – disse Ross, dando-me um soco forte no braço, como um atleta americano, quando a ideia de Ibiza foi ventilada pela primeira vez. Ele adquiriu o hábito de me dar socos no braço na universidade, e continua desde então. Ele faz isso para qualquer coisa: aniversários, férias, terças-feiras... É ligeiramente irritante e ele sem dúvida está velho demais para fazer isso, mas é sua marca registrada, então acho que pode ficar assim. Eu sempre calculei que, se nós fracassássemos em encontrar mulheres legais, poderíamos viver juntos como solteirões e nunca teríamos de crescer, socando um ao outro nos campos de golfe do país e nos salões de bingo da zona oeste de Londres. Mas isso estava parecendo algo bem remoto agora.

Ross é meu melhor amigo, e o conheci na universidade. No começo, eu o achei um pouco babaca – ele era o cara barulhento e bagunceiro que sempre tinha de beber mais que todo mundo e que se saía melhor com as mulheres também, o que me deixava com inveja. Ele é um sujeito grande – não gordo, mas robusto, com ombros largos e um cabelo desgrenhado que o faz parecer ter acabado de sair de uma partida de rugby. As garotas adoram isso, acabei percebendo.

Depois de seis meses morando com ele no campus da faculdade, percebi que não era competição, e que, na verdade ele era um cara muito bacana. Ele até me ensinou a conversar com as mulheres sem gaguejar ou derrubar minha bebida nelas. Ele não é o mais bonito dos homens, eu sei, mas possui uma confiança incrível, que parece levá-lo a qualquer lugar aonde ele queira ir.

Obviamente, eu *tinha* de ir à despedida de solteiro dele, mesmo que isso significasse sentar numa pilha de estreme quentinho por três dias. Esse era Ross...

Como eu disse, Ibiza não é um lugar que eu me veja visitando hoje em dia. Só de pensar em clubes noturnos apinhados e sequências de luz que me deixam com vontade de vomitar, eu já começo a suar.

Eu protestei, sim, mas eles me pegaram de jeito. Todos eles tinham preparado uma resposta para cada tentativa que eu fazia de sugerir outros locais. No fim, a velha viagem na direção da “última chance de se divertir antes de casar” combinada com uma pitada de pesquisa no Google e a promessa de muitas garotas gostosas foi o suficiente para fechar o trato.

Seriam só alguns dias, disse a mim mesmo, e, se a coisa ficasse muito feia, eu poderia me perder na Ibiza histórica, que todo mundo diz que é fantástica.

Fazer as malas não foi muito difícil: shorts, shorts, calças, mais shorts e um pouco de sabonete líquido. Enfieei cinco livros na minha bagagem de mão; se as malas fossem extraviadas, eu teria perder meu único refúgio caso a situação ficasse preta.

Tive uma grata surpresa – alguma coisa no ar me deixou com vontade de me soltar assim que aterrissamos na ilha. Fazia um calor escaldante, e eu precisava me divertir um pouco.

Depois de muitas cervejas, consegui dizer a Ross que eu o amava em mais de uma ocasião, cair da escada uma noite e pisar nos pés de várias garotas de sandália nos clubes – uma das quais me deu um tapa na cara. Não senti nada.

Foi absolutamente brilhante.

Mas eu voltei para Londres com a temida gripe de Ibiza. Eles deviam vacinar as pessoas contra essa droga. Temo que, se continuar a assoar o nariz desse jeito, eu possa olhar para o lenço e ver o nariz parado ali olhando para mim em meio a uma base de meleca transparente.

Parece que sete dias entornando várias cervejas e bebidas diferentes goela abaixo como se houvesse um incêndio na sua barriga não faz muito bem.

Além disso, fumei um número horroroso de cigarros e baseados, o que me deixou chiando feito um brinquedo de mastigar quebrado.

Sou ruim de copo. É oficial. Tive de tirar uma semana de folga por estar doente, pelo amor de Deus. Sair da cama hoje de manhã foi uma piada – estou surpreso por ter conseguido não me afogar na poça de baba ao lado do meu rosto, e mais ainda por ter estendido a mão para alcançar o despertador.

Mas, doenças à parte, voltar para um emprego razoável no qual eu estou há bastante tempo parece um pouco frustrante. E isso aliado ao fato de eu já estar com 27 anos.

E solteiro.

E Amélia não cobriu meu capacho com cartas que documentavam sua vergonha e arrependimento por ter me trocado por um de nossos colegas, como eu tinha certeza de que ela faria. Eu fantasiei que não conseguiria entrar em casa devido ao volume de cartas que ela poderia ter me enviado.

Toby Hunter, pelo amor de Deus!

Toby entrou para a The Cube três anos atrás, quando eu fazia estágio como designer e Amélia era redatora. Ele era o novo advogado da empresa, um cara jovem para a posição. Ele e a esposa se tornaram nossos amigos – vinham jantar na nossa casa e tudo mais.

Eu deveria ter desconfiado de algo quando Amélia ficou de cama com certo vírus várias vezes e Toby também sempre o pegava. Mais tarde vim a saber que ele não viera trabalhar nos mesmos dias porque estava doente. As duas mesas vazias nos mesmos dias. A ideia era tão absurda que eu simplesmente nem pensava nela. Era uma situação *impossível*.

O vírus era tão forte, disse ela, que não conseguia sair da cama. E lá estava eu, trabalhando todo feliz no escritório enquanto ele estava na cama com ela. Foi Toby quem se demitiu primeiro. Ele disse que arranjará um novo emprego numa empresa de alto nível. Eu acreditei. E,

quando eu menos esperava, as malas de Amélia estavam arrumadas, e ela, pronta para zarpar rumo ao horizonte com os cabelos macios e os olhos aquosos de Toby Hunter. Eu esperava que ele zarpasse para algum lugar legal em breve, só que numa ambulância... A coisa toda me deixou enojado. (Na verdade, estou com um tiquinho de inveja da carreira dele. Estou rapidamente me tornando um “artista” amargo que desejava ter estudado outra coisa.)

Amélia não cumpriu o aviso prévio. Pá. Foi. Sem mais nem menos. Durante algum tempo, a esposa de Toby aparecia nas noites de sexta e chorava as mágoas num lenço enquanto nos embebedávamos de cerveja e nos perguntávamos que merda nos atingira. Ela chegou a tentar me beijar numa dessas vezes em que havíamos bebido. Eu logo dei um basta naquilo. A coisa toda já estava ruim do jeito que estava.

Nem preciso dizer que aquilo tudo foi muito constrangedor no trabalho. Todos sabiam o que havia acontecido. Era um problema pessoal nosso, que nunca deveria ter vazado para nossas vidas profissionais. Sair com gente que trabalha com você é um grande erro.

Sinto como se a vida tivesse sido paralisada. Os freios haviam sido acionados, pisando fundo, e tinham deixado marcas de pneus no asfalto. As pessoas tampouco parecem estar levando minha posição muito a sério. Tenho certeza de que, se ela tivesse me deixado por alguém um pouco mais bacana, como um jogador de futebol ou um músico, eles estariam para lá e para cá com revistas pornô e comida para viagem.

Minha carreira chegou a um impasse, minha vida amorosa está em frangalhos e a maioria dos meus amigos está se casando, tendo filhos ou partindo para uma vida mais significativa. Ibiza e suas consequências fizeram um bom trabalho aliviando a dor por duas semanas, mas quando acordei esta manhã fui saudado por aquela sensação horrível na boca do estômago.

Acho que é o fracasso.

Não era isso o que eu imaginava quando terminei a faculdade. Cheio de esperanças da juventude, eu achava que, quando chegasse aos 30, seria o presidente de alguma empresa milionária, teria uma esposa sexy, dois filhos e um carro que precisava de gasolina especial porque... bem, porque seria um carro e tanto, não é?

Tá bem, tá bem, eu sei que isso não é muito realista. Mas pelo menos eu poderia estar dirigindo meu próprio estúdio de design ou algo assim. Eu poderia pelo menos ter resolvido isso.

Agora tenho só dois anos e meio para conquistar tudo, e, basicamente, não vai acontecer.

Eu estava analisando essa mesma situação no metrô esta manhã, com a mesma ansiedade me apertando o peito, quando aconteceu algo estranho. Folheando um exemplar do *Metro*, deparei com uma história em quadrinhos sobre um esquilo usando esquis. Totalmente ridículo.

Por alguma razão desconhecida, aquilo foi uma cura temporária para meu coração cansado, e eu senti uma necessidade premente de gargalhar. Sabe aquele tipo de riso que faz você soltar um pum sem querer ou fungar como um porco guloso? O tipo de riso que só vem quando você está tão deprimido que, de repente, as coisas mais idiotas se tornam tão engraçadas que fazem você chorar de rir?

Mas não dá para rir desse jeito dentro de um trem lotado de ingleses comportadinhos. Não seria aceitável. Então, passei alguns minutos segurando o riso com grande dificuldade. Quanto mais eu segurava, mais divertido ficava. Meus olhos estavam se enchendo de água, e os músculos do meu estômago pulavam furiosamente. Tentando distrair minha atenção do roedor,

levantei a cabeça e me deparei com o par de olhos azuis mais lindos que já vi na vida me olhando por sobre o mesmo jornal.

Uau.

Senti um frio na barriga, e ela balbuciou uma palavra para mim.

Esquilo... disse ela.

Ela era muito atraente, com uma franja espessa e reta que tocava os cílios e a pele mais saudável e linda que já vi. Seu cabelo era castanho, e eu tive vontade de tocá-lo. Não de uma maneira sexual, pervertida, tampouco como um cabeleireiro gay o tocaria. De uma maneira que dissesse “Não sei se você é real, então eu só queria tocá-la para ter certeza.”

Por Deus. Controle-se, Nick, disse a mim mesmo.

Apenas se controle.

Eu fiz o oposto, lançando um sinal de aprovação para ela. Por quê? Por que eu faria isso? Ela pareceu um tanto assustada comigo depois disso e voltou a ler. Não a culpo mesmo. Fazer um sinal com o dedão para cima é tão anos 80.

Sentei-me por alguns instantes, tentando definir em que ponto da minha vida perdi a habilidade com as mulheres. Nada, nem ideia.

Alguns minutos se passaram, e ela continuou lendo, sem sequer dar uma olhadela para mim. Senti algo arder dentro de mim.

Você pode se perguntar por que eu levaria tão a sério um encontro casual no metrô. Eu normalmente não colocaria tantas esperanças numa coisa dessas, mas havia algo de especial nela. Era a garota dos meus sonhos. Doce, discreta, absurdamente sexy.

Eu já estava mergulhando de novo num sentimento de depressão quando decidi levantar devagarinho e ir ao banheiro. Talvez um rápido esculacho diante do espelho e um pouco de água fria na minha cara idiota me fizessem bem, e ainda bem que fizeram. Um cigarro a caminho do trabalho e um café curto e forte, e eu estava recomposto.

Eu precisava me manter ocupado, e, para ser sincero, sentira falta do pessoal do escritório. Eu esperava chegar à minha mesa no horário, pronto para criar uma nova série de projetos gráficos para nossas estranhas revistas, mas a recepção logo pôs um fim nessa ideia.

– Niiick! – gritou a voz esganiçada de Maria de detrás do balcão da recepção, as mãos batendo palminhas e um punhado de pulseiras chacoalhando feito sinos de trenó.

– Oi, lindona – disse eu, inclinando-me por sobre o balcão para dar-lhe um beijinho na bochecha. Ela adora isso.

– Olha só para você! Sandra, ele não fica bem assim bronzeado?! – gritou ela, dando uma cotovelada na colega, que estava com a cara enfiada num exemplar da *Elle*.

O encontro continuou por mais seis minutos e meio. Não vou entediá-los contando toda a conversa porque, como eu, vocês ficarão irritados por perder este pedaço irrecuperável de sua vida.

Quando eu finalmente consegui me livrar das “adoráveis” senhoras, decidi pegar as escadas até o terceiro andar. Era hora de encarar o mundo outra vez.

No segundo andar, eu já estava exausto – meu peito estava pesado por causa da gripe, e o chiado estava piorando, então achei melhor pegar o elevador até o próximo andar. Fiquei cutucando o painel de controle impacientemente até perceber que estava apertando o botão errado, e depois continuei cutucando os dois botões com raiva.

Vamos lá... Comecei até a bater o pé impacientemente no chão, um gesto que abomino nos outros.

Por sorte, o elevador logo apareceu, mas quando eu pus os pés no escritório foi um pouco ameaçador, como se comportas tivessem se aberto.

Tom foi o primeiro a me cumprimentar, seus membros desengonçados parecendo brigar entre si. Nunca conheci um cara mais desajeitado.

– Nick, você voltou! – exclamou ele, dando tapinhas nervosos nas minhas costas e quase tropeçando no próprio cadarço.

– Tudo bem – disse eu, timidamente.

Em seguida, quase todos no escritório vieram ao mesmo tempo, oferecendo chá, bolachas, todos desejando melhoras.

– Então, pode falar, com quantas garotas você dormiu? – perguntou Tom, a voz acima do burburinho, esfregando as mãos com excitação. Mas eu não conseguia me concentrar, porque vi alguém mais adiante.

Eu só podia ver o seu perfil, mas ela tinha o sorriso mais sexy do mundo. Ela era preocupantemente familiar. Poderia ser?

Não... com certeza não, pensei, tentando desviar o olhar.

Mas então ela se virou na cadeira, e eu percebi que era mesmo a garota linda que estava no trem esta manhã.

Eu queria rir.

Eu nem sei o que era tão engraçado. Não sentia uma felicidade assim havia muito tempo, o tipo de alegria delirante que faz você querer dançar com estranhos na rua e atirar doces para crianças. Muito diferente da tristeza na qual eu chafurdava naquela manhã.

Minha cabeça tinha muitas perguntas. Quem era ela? Por que estava ali? Por que meu maldito estômago não parava de sentir que estava cheio de geleia? Eu tomara um bom banho de manhã? Por Deus, espero que tenha tomado um bom banho de manhã...

Eu a olhei de cima a baixo, meio concentrado em Tom. Nossos olhos se encontraram, e foi como se um choque elétrico percorresse todo o meu corpo.

– Então, vamos lá, me diga! – Tom insistia com ar de deleite, alheio à visão que eu descobrira ali perto.

– Ah, nenhuma, cara – disse eu, baixinho, virando para a esquerda numa tentativa de escapar para o meu escritório. Tom afastou-se, obviamente frustrado, como se eu tivesse esquecido de lhe trazer chocolates do aeroporto. Eu esquecera, na verdade...

De repente, Lydia se colocou no meu caminho, cheirando a um maço de flores recém-colhidas.

– Olá, meu doce – ela disse, com um ar de piedade.

Lá vem novamente. O olhar. As pessoas vêm me olhando desse jeito desde que Amélia fugiu com Toby. Eu só queria poder voltar no tempo e nunca ter me envolvido com alguém do trabalho.

– Oi – respondo, olhando para o chão, mas sem deixar de sentir a presença da menina do esquilo, que agora estava parada ao lado dela, também parecendo constrangida e, se eu estava vendo direito, ligeiramente irritada.

– Tem alguém que você precisa conhecer – anunciou Lydia, radiante, e deu um passo para o lado, orgulhosa, como se estivesse inaugurando uma exposição num museu. Ela deu um empurrão forte na menina linda, e esta veio tropeçando na minha direção, relutante.

– Oi, eu sou Nick – falei, estendendo a mão para apertar a dela, mas temeroso de que eu pudesse me apaixonar se ela me tocasse.

– Sienna – respondeu, com uma voz bonita que fez os pelos da minha nuca se eriçarem todos.

A pele de nossas mãos se tocou. A dela era macia. Nenhum dos dois mencionou o evento do trem.

– Eu trabalho aqui, sou redatora. Comecei há duas semanas – disse ela, parecendo profundamente constrangida.

Foi então que meu sonho recém-nascido se espatifou.

Ela *trabalha* aqui? Não é uma notícia boa.

Isso significa que eu provavelmente passarei muito tempo desejando algo que nunca poderei ter. Romance no escritório não é uma possibilidade depois da proeza de Amélia e Toby. Toby era meu colega. Aprendi que, para algumas pessoas, não há limites. Todo o tempo em que trabalharmos juntos, ele passou desejando a minha namorada. Planejando o ataque. Sonhando levá-la para longe...

Então eu fiz uma promessa a mim mesmo. Nunca mais me poria em situação semelhante. As pessoas no trabalho já sabiam muito sobre a minha vida, e agora eu queria manter o trabalho separado dela. Além disso, já tive muitos amigos que abandonaram carreiras pelas quais lutaram muito porque a pessoa que partiu o coração deles estava sentada à mesa do outro lado do corredor, esperando ao lado da copiadora e falando durante minutos em cada maldita reunião. De certa maneira, tive sorte de os dois terem ido embora. A redação já é difícil o bastante sem assuntos do coração.

Um frio percorreu minha espinha. Terminou antes de começar. O que eu estava pensando? Eu nem conheço Sienna. Ela pode ter namorado, pode ser casada ou algo parecido. Jesus...

– Bom, tenha um bom dia, Sienna – disse eu, entrando no meu escritório, com o rosto vermelho.

Mas espere um minuto. Talvez eu estivesse sendo apressado. Se Romeu e Julieta puderam lutar pelo amor proibido, então eu certamente posso convidá-la para sair.

Não, disse a mim mesmo. Não é pronto.

Ao fechar a porta atrás de mim, fiquei imaginando como lidaria com essa situação.

Este era eu, Nick Redland. Nick, que nunca sentiu nada mais forte que um desejo raso e

excitante por uma mulher que acabou de conhecer.

Nem mesmo minhas namoradas conseguiram provocar tanto entusiasmo em mim. Nem mesmo Amélia.

Eu devo estar tendo algum colapso, pensei. A angústia pós-férias estava fazendo algo estranho comigo.

Isso era coisa para camisa de força. Eu estava doido. O que se passava pela minha cabeça?

Ela era obviamente muito mais jovem, e linda, e não deveria estar nem um pouco interessada em mim, afinal, pensei enquanto olhava para um pequeno espelho pendurado na parede.

Pequenas rugas começavam a juntar-se em torno dos meus olhos, e percebi que estava ficando cada vez mais parecido com meu pai. Dei um suspiro profundo e cavernoso, que esvaziou meus pulmões completamente.

Sentei-me à mesa por alguns instantes, ponderando se devia conversar com algum amigo íntimo sobre os pensamentos estranhos que tenho tido ultimamente. O rompimento com Amélia estava mesmo me afetando.

Passaram-se mais ou menos dez minutos. Eu me recompus. Empertiguei-me. Eu estava sendo rude me escondendo daquele jeito. Saí da minha sala e fiquei lá parado por um instante, com as mãos nos bolsos, olhando pela janela para o lado esquerdo, para os apartamentos acima das lojas do outro lado da rua.

– Atacar! – guinchou Tom. Eu me virei e fui atingido em cheio no rosto por uma bolinha. Que engraçado!

– Muito bem, já chega – gritei em resposta, e saí correndo. Fui atrás de Tom, que, apesar de ter 20 e poucos anos, tem a aparência de um menino de 10, porque é muito magrinho e usa um corte de cabelo infantil.

Ele tentou escapar, mas foi inútil. Eu o encurrelei num canto, inclinei-me, peguei-o no colo e o carreguei feito um bebê pelo escritório, com as pernas penduradas sobre meus braços.

– Tá bem, tá bem. Me coloca no chão, seu babaca! – gritou ele, a voz ficando cada vez mais esganiçada e mais parecida com a de um bebê. Todo mundo no escritório estava rindo. Muito.

– Me coloque... no... chão! – insistiu, resistindo ao próprio riso.

– Peça desculpas! Vamos lá, Thommo, diga “Me desculpe, Senhor Nick. Nunca mais vou atirar uma bolinha na sua cara” – disse eu, provocando e olhando para ele com um enorme sorriso no rosto.

Ele não conseguiu desculpar-se porque estava rindo muito, as bochechas quase roxas, e lágrimas de alegria se formavam no canto de seus olhos.

Eu acabei dando um fim à sua tortura, colocando-o dentro de um grande cesto de reciclagem para envelopes usados e panfletos de propaganda. Eu o deixei lá por cerca de cinco minutos, o corpo dobrado como um avião de papel. Ele gargalhava tanto que não foi capaz de levantar e sair sozinho.

Em nosso escritório, você pode fazer o que quiser sem prestar contas a ninguém, o que faz dele um lugar bastante confortável para trabalhar; e deve ser por isso que eu ainda não tentei sair.

Meu chefe se recostou na cadeira, virou a cabeça para a porta de sua sala e me deu as boas-

vindas. Fiquei contente por ter sido recebido de forma tão calorosa, considerando que consegui arruinar toda uma leva de ilustrações pouco antes de sair.

Quando a humilhação de Tom chegou ao limite, fui até o cesto, puxei-o de lá e coloquei-o novamente de pé, amarfanhando seu cabelo para assegurar que eu estava só brincando. Ele parecia encabulado.

Sienna não estava dando a mínima para nós. Ela estava claramente acima daquelas patéticas no trabalho.

Eu ri. Talvez voltar não fosse tão ruim, afinal; e ninguém mais sabia que talvez, só talvez, hoje eu tenha me apaixonado.

“Eu acredito no amor, sabe?”

Sienna

Já faz cinco semanas e dois dias que conheço Nick Redland, e as coisas ainda não se assentaram como eu esperava.

Após a decepção no episódio do trem, desejei secretamente me aquietar. Tudo bem, eu vi esse cara no trem, e ele parecia ser perfeito, mas depois descobri que era um tipo engraçadinho de coração partido que trabalha no mesmo lugar que eu. Nunca julgue os outros pela aparência. Não é o que dizem?

Ele é um pouco mais que irritante, com toda aquela brincadeira pelo escritório. Bolas de pingue-pongue para cima e para baixo pela sala, sal nas xícaras de café e aqueles dedos de plástico vendidos em loja de mágica deixados na bandeja de papel da impressora. É como se o único objetivo de sua vida fosse fazer Tom rir. Ele parece bem imaturo para sua idade, e, além do mais, ainda está meio traumatizado.

Homens de coração partido são como animais selvagens correndo por aí com histeria nos olhos, tentando desesperadamente aparar as arestas feridas de seus egos.

Mas ele é lindo... dificilmente seria do tipo que tem esposa, dois cachorros, uma casa geminada no campo e um bebê chamado Alistair.

Por mais que tente evitar, me pego pensando nele. Estou tão tranquila quanto Cameron Diaz em *O Casamento do Meu Melhor Amigo*, na cena em que ela quase tem um orgasmo ao lhe oferecerem uma simples xícara de chá.

Ele é solteiro. Sim, solteiro. E aos meus olhos é o ideal de perfeição.

Não consigo imaginar por que a tal Amélia o deixou. Talvez ele fosse irritante em casa também, e não apenas no escritório. Penso que só isso já me afastaria...

Fico tentando controlar esses sentimentos conflituosos. Sinto-me culpada sendo tão superficial só porque ele não atende aos meus parâmetros mínimos de personalidade. Mas eu sinto atração por ele. Muita.

Brigo comigo mesma toda vez que me pego andando na rua com aquele sorriso escancarado como se tivesse me enfiado um prato na boca. Cá entre nós, às vezes as brincadeiras dele são bem engraçadas.

De qualquer jeito, ele não se interessaria por mim. Tenho quase certeza de que ele é bem mais velho do que eu e, além do mais, outro dia afagou minha cabeça e disse que eu me parecia muito com a irmã dele.

Isso não é bom sinal. Em definitivo. Provavelmente é o modo de ele dizer “Sai de perto de mim, não gosto de você daquele jeito.”

Ele dá o mesmo sorriso lindo às moças da recepção; dá a mesma atenção a Tom; e até alimenta Dill, pelo amor de Deus. Nick olha para mim como olha para qualquer outra pessoa do mundo.

O problema com os homens bobos é que eles são engraçados. E, por serem engraçados,

acabam sendo mais atraentes. É um fato. Homens que fazem você rir ficam instantaneamente mais atraentes. E, como ele é imaturo, faz com que eu ria muito.

Minha melhor amiga, Elouise, acha que estou ficando louca e já falou para eu me acalmar. É exatamente o que vou fazer. Ela é o balde de água fria de que preciso neste momento.

Conheço Elouise desde a sétima série, e ela é minha heroína. Ela é a calma no olho do furacão. Nem mesmo um vendaval se abatendo contra mim parece tão ruim depois de uma boa conversa com ela na companhia de uma garrafa de vinho.

Ela é secretária jurídica, bela, loira e com um nariz lindo e tão atraente que chega a dar raiva. Quando a veem, os homens se exibem e posam de super-homens, mas ela, na verdade, só quer alguém que esteja com ela sempre que precisar e que pare de fazer joguinhos.

Ela tem um filhinho, que está com três anos agora. Ninguém lhe contou que, se você ficar doente enquanto estiver tomando pílula, pode ficar grávida. Foi no final da nossa adolescência. Quando ela me contou, lembro-me de ter enxugado as lágrimas de seu rosto borrado de rímel e pensando que isso faria dela uma grande pessoa. Eu estava certa.

As pessoas às vezes a julgam mal, mas ela é uma das pessoas mais fortes e inteligentes que conheço, e sinto que tenho muita sorte em ser sua amiga. Preciso falar com ela sobre este negócio do Nick de novo, contar a ela que não está passando. Ela saberá o que fazer. Sempre sabe.

Eu estava com os nervos à flor da pele porque tinha uma reunião à uma da tarde e não fazia a menor ideia de sobre o que seria. Anthony nunca havia me chamado para uma reunião a sós antes, e isso me deixava animada, embora sua voz tivesse soado meio estressada ao telefone quando me ligou esta manhã. Era a primeira vez que ele me ligava antes das nove.

Sempre me esforcei muito desde que comecei aqui, então esperava que fosse algo positivo.

Com toda essa história de ficar sonhando acordada, meus pensamentos ficavam vagando, então era provável que ele fosse me demitir. Meu período de experiência ainda não terminara, portanto eu ainda me encontrava em terreno incerto.

Saber que estava chegando a hora da reunião tornava os ponteiros do relógio cada vez mais vagarosos, e cada segundo parecia ainda mais lento do que o anterior. Queria subir numa cadeira, movê-los para a frente e assistir a todo o escritório andar em ritmo acelerado. Tentei fazer com que o tempo passasse mais rápido, virando o relógio da minha mesa para o lado da divisória forrada de tecido e ocultando o da tela do computador. Não me lembraria das horas se não o visse.

Terminei um artigo sobre tênis de corrida e depois preparei chá em quantidade suficiente para passar pelo menos uma hora matando o tempo sem fazer nada.

Uma hora antes da reunião, minha atenção se voltou para Pete, o sem-teto. Talvez me acalmasse focar em outra pessoa. Fazer algo de bom. É o que meu pai diz: “Se você estiver se preocupando demais consigo mesma, ajude alguém que tenha problemas reais. Transforme sua ansiedade em algo produtivo”. As palavras ecoavam na minha cabeça, então decidi partir para a ação.

– Lydia? – chamei em voz baixa, inclinando-me na cadeira – Sabe aquele sem-teto lá fora?

– Sim, amor – ouvi sua voz abafada vindo de algum lugar.

– Será que posso, hum, será que posso levar um chá para ele? O que você acha? – Senti-me uma idiota no mesmo instante. O que tinha dado em mim?

Um pedaço de cabelo arrepiado espreitou por trás da divisória, seguido de um sorriso elétrico e olhos tresloucados.

– Humm... – Ela olhou em volta, checando se havia alguma autoridade. Então se inclinou para mim e, enquanto uma onda de perfume adocicado me chegava ao nariz, sussurrou: – Vá lá, mas eu não disse nada.

E tornou a sumir da mesma maneira, levando consigo seu sorriso irreverente.

Levantei e me dirigi à máquina de café, espiando pela janela o estacionamento lá embaixo. Obviamente, lá estava ele: uma figura magra e curvada sentada no banco, dessa vez rodeada por quatro latas de cerveja.

Não havia fila dessa vez. Peguei chá com açúcar. Era apenas um palpite, claro. Imagino que, se eu dormisse nas ruas numa noite úmida de primavera, provavelmente gostaria de chá com açúcar também. Trouxera uns biscoitos junto com meu almoço, então os enfiei no bolso para levar para ele. Biscoitos de chocolate.

Escondi o copo na jaqueta e fui para o elevador. Estava nervosa. E se ele fosse malcriado? E se fosse grosso comigo? É provável que quisesse dinheiro. E não chá.

Entreí no elevador, esperando estar fazendo a coisa certa. Passei despercebida pela recepção, apertei o botão para abrir as grandes portas de vidro da parte de trás do prédio e saí no ar frio do estacionamento.

Ele estava sentado de costas para mim com a cabeça tão inclinada para a frente que, visto de trás, parecia não haver cabeça alguma. Olhei meu relógio; passavam cinco minutos do meio-dia.

Caminhei em silêncio até o banco e sentei ao lado dele. Não olhou para mim, mas seu rosto enrugado estava agora voltado para o sol morno que marcava o começo do verão. Ele usava uma jaqueta azul-marinho desbotada, um suéter cinza por baixo, jeans rasgado e botinas marrons com cadarços prestes a arrebentar. Fedia a cerveja.

– Então agora você fala comigo, é? – perguntou, cortante.

Na mesma hora percebi que aquela provavelmente havia sido uma má ideia. Resolvi ignorar a pergunta – Oi, sou a Si... – comecei timidamente, mas fui interrompida. Tive um sobressalto.

– Eu acredito no amor, sabe? – disse Pete, com os olhos desviados para algo no horizonte. – Até já tive um certa vez – continuou, mexendo-se nervosamente no banco, a ponta dos dedos sujos brincando com uma linha solta de seu suéter.

– Qual é o seu nome? – perguntou, ignorando o fato de que eu tentara dizer-lhe apenas alguns segundos antes. Sua voz era grave, com forte sotaque londrino, como se ele tivesse sido bem colocado no passado antes de ter se tornado um desabrigado.

– Hum... Sienna. Seu nome é Pete, certo? – perguntei-lhe, reparando que ele ainda não conseguia me olhar nos olhos.

Ele balançou a cabeça suavemente, confirmando seu nome.

– Mas ela morreu. Não está mais aqui... – recomeçou, com um tom de desespero e desesperança na voz. Aquilo era uma revelação íntima para um primeiro contato, mas fiquei

quieta, fitando as latas de cerveja perto dos pés dele. Ele devia estar bêbado. Continuava a mexer na linha do suéter, que começava a desfiar.

Não sabia bem o que dizer.

– Você tinha uma namorada, e ela morreu? – perguntei, por fim, percebendo como aquilo soava estúpido, já que era exatamente o que ele acabara de falar. Empurrei o chá e os biscoitos para ele sobre o banco. Ele os pegou rapidamente e os colocou do outro lado, longe de mim, como se eu fosse mudar de ideia e pedi-los de volta.

Percebi que havia algo mais em seus olhos cansados que noites frias ao relento e falta de boa alimentação. Não fiz muitas perguntas.

Ficamos sentados lado a lado sem dizer nada por dez longos minutos. Sirenes da polícia quebravam o silêncio vez ou outra; um galho caiu de uma árvore, vindo parar junto de nossos pés. Ele estremeceu.

Finalmente consegui perguntar alguma coisa.

– É por isso que está aqui, Pete?

– Poderia dizer que sim. Ela era minha mulher, na verdade... pegou o trem um dia para trabalhar. Pensei que seria um dia como todos os outros. Naquela manhã, tudo estava normal entre nós dois; dois copos grandes de suco de laranja e um beijo de despedida. Mas não era o trajeto rotineiro dela; ela estava indo para uma conferência e ficaria num hotel aquela noite. Mas aconteceu um acidente, um grande acidente... – Ele se deteve por um momento, mordendo o lábio inferior. – Ela estava num trem que bateu em Oakwood Park. Aquele vagão estava marcado, minha mulher estava lá dentro, e eu gostaria de ter podido impedi-la de sair naquela manhã. Minha vida inteira se acabou no dia em que ela morreu. Foi destruída. Fiz algumas besteiras na época, e as pessoas não foram tão solidárias quanto eu esperava. Então acabou assim, eu sozinho na cidade. Agora já faz muito tempo. Maldito ano 2002.

Ele chutou uma das latas que estavam perto de seu pé, e ela rolou pelo concreto irregular até parar de encontro ao pneu de um carro. O estacionamento era pequeno e relativamente tranquilo se comparado ao burburinho da rua principal em frente ao prédio, que se podia ouvir de onde estávamos.

Havia espaço para 20 carros, com as vagas demarcadas por cercas vivas cuidadosamente aparadas e com embalagens de salgadinho e latinhas de alumínio presas entre os galhos. Não sei o que o banco fazia ali. Não era exatamente um bom lugar para ficar. A única outra coisa era uma grande lata de lixo azul com tampa preta.

Então era isso, a queda de um homem em versão resumida. Uma ou duas frases abreviadas documentando o que deveria ter sido anos de agonia para aquela alma perdida sentada a meu lado.

A história me tocou profundamente e outra vez eu me perguntei se não havia sido um erro ir até ele. Eu só queria trazer um chá e biscoitos, mas agora queria ajudá-lo. Salvá-lo. Sou um pouco assim às vezes, mas é um erro, porque já tenho responsabilidades demais em minha vida.

Ele parecia terrivelmente conformado com o lugar em que se encontrava. Como se uma solução fosse tão impossível que ele ficaria ali sentado pelo resto da vida à espera de que ela chegasse ao fim.

Observando, esperando, fuçando latas em busca de respostas entre as soluções inúteis da cidade. Sem chances de esperança, desejos ou mesmo sonhos. Sua vida se despedaçara; o fim já chegara.

A desesperança oca de sua situação chegava a mim como um calafrio. Imaginei o acidente de trem, os ferros retorcidos e as nuvens de fumaça. Imaginei os fotógrafos dos jornais subindo nas cercas e usando suas lentes enormes para captar mais um momento trágico. Imaginei os funcionários da ferrovia naqueles macacões de cores berrantes e faixas refletoras se agrupando nos cascalhos dos trilhos, as mãos na cabeça, olhando aquilo tudo com expressão de descrença.

Não sei por que fiz aquilo, mas coloquei minha mão direita sobre a esquerda dele. Às vezes fazemos coisas por instinto. Sua mão era áspera ao toque. Ele estremeceu.

– Por que você está fazendo isso, Sally? – disse ele, voltando-se para mim com um sorriso aberto.

– Sienna – corriji. – Não sei. Apenas penso que você deve ter se esquecido de como é não estar sozinho. Não quero que se esqueça. Acho que as coisas vão se ajeitar para você, acho mesmo. – Lágrimas começaram a brotar de meus olhos, e meu lábio inferior começou a tremer enquanto pronunciava aquelas palavras como um caldo de emoções. Meu Deus, que patética.

– Ah, querida – disse ele. Sua voz denotava cansaço. – Estou bem. Sou um lutador e a tenho comigo de qualquer jeito, é o que me ajuda a sobreviver. – Ele sacou de sua jaqueta uma carteira de couro gasta e tateou uma divisória interna. O cheiro azedo de cerveja tomou o ar entre nós, atingindo minhas narinas.

– Aqui está ela: minha linda Jenny – declarou, mostrando a foto envelhecida de uma mulher esbelta e de longos cabelos loiros. Estava envolta num pedaço de plástico amassado, numa vã tentativa de preservar sua imagem. Ela parecia saudável, realizada e feliz.

Imaginei como ele deveria ser quando estava com ela, a barba feita, cabelo curto, terno. Talvez até tivessem carro e assinassem um jornal. Visualizei-os num domingo, sentados, Pete com o caderno de esportes, Jenny com o de cultura.

Olhei meu relógio; agora eram 12h20. Sem pensar, falei:

– Posso levar essa fotografia por um instante, Pete?

– Não. Não leve a mal, mas se você a perder? É tudo que tenho, e está bom assim. Pega chuva e... talvez não dure muito – respondeu, deixando transparecer uma ponta de medo na voz.

– Bom, é que eu só queria deixá-la melhor para você. Por favor, confie em mim e espere cinco minutos – implorei.

– Mas por que você a quer? Diga – falou ele.

– Apenas confie em mim, você consegue? – respondi, o coração acelerando.

Antes que ele continuasse a argumentar, peguei a fotografia de suas mãos e me levantei. Um olhar de desespero cruzou-lhe a fisionomia, como se ele implorasse para que eu não levasse a única coisa bonita que ainda possuía. Ele olhou para mim sem energia suficiente para falar.

Eu me virei e me apressei na direção da porta dos fundos e da recepção.

– Posso usar a sala da copiadora? – perguntei a Sandra, apressada. Não queria prolongar o que já era, para ele, uma preocupação enorme. Ela lixava as unhas e mal prestava atenção ao que

ocorria à sua volta.

– Sim, claro, querida. Sem dúvida – respondeu, sem ao menos olhar para mim, jogando a lixa displicentemente.

Eu precisava fazer aquilo rápido; tinha só cinco minutos para fazer algo realmente especial, e, se eu não conseguisse, passaria o resto da minha vida me sentindo culpada.

Coloquei com cuidado a fotografia no scanner, certificando-me de não deixar manchas de gordura no vidro. Em segundos, a imagem já aparecia na tela. Aumentei-a um pouco, agucei as cores e cortei as bordas. Apertei o botão de imprimir, a mão direita tremendo ligeiramente. Sim. Ia ficar bom. Eu a plastificaria para não estragar, a devolveria a ele e voltaria para cima. Fim. Então ele a teria para sempre.

A impressora fez um barulho, começou a funcionar e, depois de alguns cliques, fez um ruído estranho. Eu não sabia usá-la, mas não devia ser tão difícil assim.

Saiu a primeira cópia, e o rosto dela impresso em papel fotográfico estava tão bom quanto no original, talvez melhor. Recolhi e sorri. Legal. Até agora tudo bem.

Mas então outra cópia saiu. E outra. E outra.

Ai, meu Deus. Onde estava o botão para parar aquela coisa? Merda.

As cópias agora iam se acumulando na bandeja e saíam cada vez mais rápido. Deve ter feito umas cem em apenas alguns segundos. Como isso acontecera? O rosto de Jenny já estava me tirando do sério. E novamente. E de novo.

Fiquei parada lá por alguns minutos enquanto o papel continuava a ser cuspidos; as folhas agora iam escorregando e caindo da bandeja como numa miniavalanche.

Comecei a ficar nervosa. E, quando fico nervosa, não consigo pensar direito. Já estava lá havia pelo menos cinco minutos; já havia quebrado minha promessa.

Olhei todos os botões e nenhum fazia sentido. Luzes piscavam, uma verde, uma vermelha. Havia um grande botão rosa que parecia adequado para parar aquilo; apertei-o, mas nada aconteceu. Inclinei-me sobre a máquina e meus olhos buscavam desesperadamente um fio que terminasse numa tomada, mas parece que a fiação era toda embutida no chão. Merda.

Mais cópias continuavam a ser feitas. Parecia mais rápido agora. A máquina soltava cliques e barulhos esquisitos.

De repente, ouvi o barulho de saltos, e a porta atrás de mim se abriu.

– O que você está fazendo, Sienna? – perguntou Sandra, parada no meio da porta com cara de desconfiada.

Não falei nada e agitei um pouco os braços.

– Tem gente precisando usar esta sala. O que está acontecendo? – continuou, a expressão em seu rosto piorando, a maquiagem tão espessa que parecia que ia cair no chão como uma panqueca e fazer um estalo.

Pensei que estava conseguindo esconder os papéis, mas a copiadora ainda despejava Jenny ininterruptamente.

– Espera aí, o que é isso tudo no chão? Você sabe muito bem que só temos permissão para tirar

dez cópias por dia, e que para conseguir mais é preciso autorização. Parece ter centenas aqui! – ela gritava agora, enquanto se ajoelhava no chão e tentava organizar as folhas. Suas bijuterias chacoalhavam, e seu perfume já estava me deixando enjoada.

– Olha, apertei o botão errado, não sei como – balbuciei, corando.

Ela segurou uma das folhas ao levantar, olhando para aquela imagem de mulher que ela não sabia quem era no canto superior esquerdo da página.

– Quem diabos é esta? A empresa não tem dinheiro para financiar os seus projetos, Sienna. Você sabe que tenho de reportar isso, não? É meu trabalho.

Agora eu estava começando a ficar zangada.

– Já falei pra você, fiz algo errado. Como se para isto?

Ela fez sinal para que eu me afastasse enquanto a copiadora continuava a vomitar cópias de Jenny e apertou um botão apenas. Uma última cópia foi lançada, número 451. Então, silêncio. Ela me olhou com os lábios contraídos e a sobancelha arqueada. Então, tive certeza de que ela era do mal.

Abri a boca para falar, mas um barulho alto vindo da porta da recepção me interrompeu.

– Ei. Ei! Dá minha foto de volta! – ouviu-se, num grito raivoso. Nós duas olhamos na direção da porta, nervosas. Era Pete. Não podíamos vê-lo, mas eu sabia.

– Que diabos está acontecendo? – perguntou ela, estremeando à medida que o barulho aumentava.

– Ai, meu Deus. Me desculpe. Me dê só um segundinho, por favor. – Eu me virei para levantar a tampa do scanner e pegar a foto, mas, antes que pudesse, Dave, o jornalista de esportes, apareceu do nada.

– Gente, tem algo muito doido acontecendo – ele falou, animado, sua franja enorme e estilosa caindo por cima do rosto. Ele a ajeitou.

Senti um frio no estômago.

– Aquele sem-teto está enlouquecendo lá fora, atirando latas de cerveja. Latas de cerveja, cara, ele está arremessando nas janelas do andar de cima. Uma das janelas do escritório de Ant rachou. Ele está furioso, cara! Vão chamar a segurança! – gritou, exultante, como se aquilo fosse a coisa mais legal que já acontecera no escritório.

– Todo mundo está lá em cima assistindo! Acho que vão chamar a polícia – continuou, batendo palmas.

Olhei o relógio, ainda sem assumir a responsabilidade por aquele acontecimento inusitado. Eram 12h40.

– Ei! Quero minha foto! – a voz de Pete vinha da recepção de novo, mais alta dessa vez. Então, outro estrondo, e o barulho do vidro chacoalhando. Agora parecia que ele estava atirando latas de cerveja nas janelas da recepção.

Sandra olhou para a foto no papel em sua mão e me fitou.

– Você roubou esta foto de Pete Dançarino, Sienna? – perguntou, apertando os olhos.

Pete Dançarino, que nome ridículo. Comecei a tremer – Pelo amor de Deus, não, claro que

não. Estava tentando fazer uma coisa para ajudá-lo! – protestei. Mas eu mesma sabia que era um argumento fraco.

Arrumei rápido a bagunça e saí correndo da sala rumo à recepção, meus saltos batendo com força no chão de concreto. A foto ainda estava no scanner.

Lá estava ele, pressionando-se contra o vidro, a boca quase espumando. Fiquei aterrorizada. Apertei o botão para abrir a porta, e ele se atirou na minha direção quando ela se abriu.

– Sua puta. Dá a minha foto – gritou, apontando a mão trêmula para mim.

Conduzi-o para fora dando a volta pela lateral, para longe da vista da multidão, que provavelmente espiava da janela do nosso andar.

– Calma, Pete – falei baixinho, tentando apaziguar sua fúria. Seus lábios se retorciam, e os olhos lacrimejavam. Um fio de saliva brilhava no queixo por causa dos gritos. – Olhe aqui, está tudo bem. Deu alguma coisa errada com a impressora. Eu estava tentando fazer uma coisa por você, com a foto... Fique calmo, está bem? Vou pegá-la para você agora. Vá lá fora e sente no banco, respire um pouco, por favor. – Eu tremia como uma vara verde.

Ele apertou os olhos, me fitando, e por alguns segundos ficamos cara a cara em silêncio. – Impressora? O que você está fazendo com ela? Vai, vai, pegue. Mas se você não voltar eu juro que quebro tudo e entro – ameaçou, desviando o braço e já se abastecendo de mais uma lata de cerveja.

Voei de volta para a sala da copiadora e pedi a Sandra e Dave que me dessem espaço.

– Sandra, cancele a segurança, por favor, está tudo bem. Já dei um jeito.

Ela fez um muxoxo e foi embora. Dave saiu e tomou o elevador com ar de contentamento.

Respirei fundo para me acalmar, peguei uma tesoura e recortei em volta da fotografia cuidadosamente. Então plastifiquei, aparei as bordas e examinei a nova versão. Valera a pena. Ela estava linda e agora era para sempre. O plástico era resistente e selado em toda a superfície. Isso significava dizer que a lembrança dela não seria amolecida pela água da chuva, rachada pelo frio ou desbotada pelo sol.

A alegria que isso me dava superava o fato de que eu estava metida numa grande encrenca por tudo o que se passara.

Pisando sobre as pilhas de cópias espalhadas pelo chão, saí correndo e coloquei-lhe a foto antiga nas mãos. Ele ficou confuso.

– Olha, Pete, tenho que voltar agora, mas isto é para você, OK? Por favor não me odeie. Estava só querendo ajudar.

Coloquei a versão plastificada em suas mãos, mas ele ainda parecia zangado ao olhar para ela, com as narinas dilatando-se. Ele não disse nada, e então coloquei a mão em seu ombro, apertando-o, percebendo de repente como era ossudo.

– Até logo – falei baixinho antes de me virar para ir embora. Um esquilo se encontrava em meu caminho.

Quando cheguei à porta, virei-me antes de entrar. A silhueta de suas costas tremia um pouco; a cabeça entre as mãos. Parei, olhando-o por um instante. Então, de repente, ele se virou para mim e sorriu, lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Lágrimas de felicidade.

Inseri o cartão para entrar na recepção e passei por Sandra, ignorando seus gritos em minha direção. Entrei direto no elevador, que, para minha sorte, estava aberto. Fiquei lá dentro alguns segundos, com o coração acelerado, antes de apertar o botão para o terceiro andar.

Assim que a porta abriu, Lydia estava me esperando.

– O que diabos você fez? – perguntou com um meio sorriso, as mãos em prece contra a boca.

– Nada, está tudo bem, deixe pra lá – respondi, as lágrimas vindo aos olhos.

Nick

Amélia apareceu esta manhã, soluçando e chorando na minha porta. De início, pensei que era um gatinho abandonado na varanda ou um cachorro com o rabo quebrado.

– O que você quer? – perguntei através da porta semifechada pela corrente, já que eu estava de cueca. Sempre trabalhei com a hipótese de que, se um estranho me atacasse, eu não ia querer estar só de cueca.

Amélia era uma estranha, na verdade. Ela estava diferente. Sim, era isso – eu não a amava mais.

As pessoas ficam diferentes quando você deixa de amá-las. Mas, então, me perguntei se o que sentira por ela, ou por quem quer que fosse, era amor. Desde que conheci Sienna, me perguntava se todos os meus relacionamentos não tinham sido uma farsa. Nunca sentira aquele frio no estômago com mais ninguém antes de conhecer Sienna. Havia apenas coletado amostras do que poderia ser o amor a partir das histórias de amor adocicadas que Amélia deixava empilhadas pelo banheiro, das musiquinhas comerciais no rádio, das comediinhas românticas, e então as absorvera e incorporara feito uma gravidez psicológica.

– Por favor, vá embora – eu disse, calma e sinceramente. Sabia que ela voltaria aqui algum dia, mas nunca esperei me sentir tão frio e à vontade em relação àquela situação.

– Nick, por favor, posso explicar, cometi um erro terrível e amo você... – Ela parou e colocou a mão macia e forte no batente da porta, tentando alcançar meu peito.

Eu realmente adorava aquelas mãos. Gostava de segurar a esquerda contra o meu rosto quando assistíamos TV só para senti-la tocando minha pele, passando as unhas em meus lábios. Agora, eu só queria que estivessem o mais longe possível de mim.

Ela era o veneno dissimulado. Uma Barbie recheada de explosivos. – Acho que você deve ir – repeti, dando um passo para trás e impedindo que sua mão me alcançasse.

Ela começou a se curvar enquanto as lágrimas caíam como flocos de neve de seus olhos castanhos. Tombou de joelhos na minha frente. Ondas de seu cabelo castanho-claro pendiam sobre o rosto enquanto ela se largava ao chão.

Senti uma imensa pena dela. Verifiquei a rua atrás daquela figura pequena e trêmula. Aquilo tudo era embaraçoso. Só Deus sabe o que os vizinhos poderiam estar pensando. O que iriam pensar que fiz a ela?

O leiteiro passou, me encarando. Vá tomar conta da sua vida, homem do cálcio.

Calma e silenciosamente, fechei a porta e voltei para o corredor. Precisava ir para o trabalho em uma hora, e era melhor que àquela altura ela já tivesse partido.

Preparei um chá ao som de soluços desamparados vindos do lado de fora da janela, então aumentei o rádio. Chris Moyles não era quem eu mais gostava de ouvir no mundo, mas agora suas divagações inócuas se sobrepunham às de minha ex-namorada se debulhando em lágrimas na rua.

Nem a chuva fez Amélia ir embora. A coisa estava ficando dolorosa, e, apesar de furioso com ela, senti-me um idiota. Vesti uma roupa, desci as escadas e a deixei entrar.

– Ah, obrigada, Nick. Por favor, me escute – suspirava, enquanto vinha pelo corredor cambaleando, parecendo uma bêbada.

Sentamos à mesa da cozinha, e ela passava os dedos pela toalha de mesa que ela mesma escolhera meses antes no mercado de Portobello. Seu nariz estava rosa e inchado; os olhos, vermelhos. Ela estragara tudo. Arruinara tudo.

– Olha, eu não quero que me conte por quê, nem como, nem quando – e certamente nem onde – comecei, mas fui interrompido.

– Foi na casa dele. Eu nunca faria isso na nossa casa, Nick – despejou ela, apressadamente, como se isso deixasse as coisas melhores. Não deixavam, e eu não acreditei nela nem por um segundo.

Envergando-se, ela se inclinou sobre mim em desespero, os ombros curvados pelo peso da vergonha que sentia. Devia ser enorme. Estremeci ao imaginá-la enroscada nele num abraço carnal e soquei a mesa com o punho. A raiva crescia rapidamente em meu peito, chegando à garganta, a ponto de me sufocar.

– Pare, está ouvindo? Conheci uma pessoa. Pegue suas coisas, tudo, e vá embora. Jogue a chave por debaixo da porta quando tiver terminado! Ah, e o CD do Radiohead é meu. – Levantei-me depressa e saí da casa, ignorando os gritos atrás de mim e batendo a porta com tanta violência que pensei que o vidro fosse se quebrar. Notei que minhas mãos tremiam. Era tanta adrenalina em meu corpo que eu não sabia o que fazer de mim.

É claro que eu não conhecera ninguém de verdade, pelo menos não alguém a quem pudesse chamar de namorada. Sim, conhecera Sienna, e é verdade que me sentia bastante atraído, mas seria um tanto pretensioso de minha parte achar que ela sentia o mesmo, pois eu tinha certeza de que não. Mas me pareceu a melhor coisa a dizer naquela hora.

Eu esperava que Amélia ficasse zangada, assim como eu ficara com ela. Era o melhor jeito de seguir em frente.

O sol brilhava esta manhã, e os pássaros cantavam; a primavera lançava seus dedos gentis sobre meu mundo, mudando tudo à minha volta. A raiva que eu tinha de Amélia começou a dissipar-se à medida que eu andava, como uma cobra se desvencilhando de sua pele. Respirei fundo várias vezes e senti o ar preenchendo meus pulmões. Queria me livrar daquilo tudo, deixar tudo para trás e começar novamente. Sozinho. Talvez eu pudesse apenas recomeçar. Eu, um cara despreocupado e solteiro. Começar do zero.

O percurso de trem era rápido, tranquilo e sem incidentes. Eu precisava que hoje fosse um dia simples. Tinha uma reunião com Anthony à uma da tarde, o que estava me preocupando um pouco. Ele não disse sobre o que seria, e sua voz soara meio impaciente. Talvez eu fosse levar uma bronca. Para falar a verdade, eu andara abatido e com a cara horrível.

Algumas semanas atrás, eu rascunhara algumas ideias novas em relação aos rumos gráficos

que as nossas revistas deveriam tomar, algo que nos pusesse na vanguarda. Senti que era hora de mostrar minhas ideias, e, se íamos conversar sobre crises, eu tinha esperança de provar a ele que eu estava empenhado em minha carreira. Diria a ele que deixara as coisas desandarem um pouco, mas que estava mudando, atento, e que tudo ficaria bem.

Na semana seguinte, eu iria a uma feira de games nos Estados Unidos e estava determinado a me redimir, mesmo estando somente eu, Tom e o cartão de crédito da empresa. Seria um fator de grande distração, mas eu teria de resistir às tentações e à bebedeira, dissera a mim mesmo. De repente, vieram à minha cabeça imagens de Tom e eu acabados e dormindo juntos em algum hotel de luxo depois de um monte de cervejas. Senti um calafrio.

Já estava me sentindo muito mal e com os nervos à flor da pele por causa da reunião, mas, então, aconteceu uma coisa muito estranha que tirou completamente minha atenção do fato de que eu poderia estar a um passo de ser demitido.

Logo após o meio-dia, um morador de rua começou a fazer um escândalo lá fora. Ninguém do escritório parecia saber o motivo. Ele gritava alguma coisa sobre uma fotografia. Provavelmente estava bêbado, e começou a atirar latas de cerveja contra as vidraças do nosso andar, terminando por quebrar a janela de Ant, que ficou furioso com aquela situação. Fomos avisados de que deveríamos permanecer em nosso andar e que a segurança já fora chamada.

É claro que todos na redação ficaram extasiados. Agrupavam-se para comentar junto às janelas enquanto assistiam ao lunático esbravejar no estacionamento como um urso ensandecido. Permaneci na minha mesa.

Mas foi um show rápido, e por volta de 12h45 tudo já voltara ao normal. Todos falaram que viram Sienna lá embaixo acalmando-o e resolvendo a situação. Não sei como ela se envolveu com aquilo tudo. Falando sinceramente, é uma perda de tempo, não dá mesmo para ajudar pessoas como ele. Penso que o melhor é ficar de fora. Já dava para ver que ela era uma daquelas pessoas boas e gentis e, se continuasse com aquilo, acabaríamos com todos os desabrigados e rejeitados de Balham dormindo em nossos carros.

O ponteiro do relógio grande e retangular estava quase no número um, então juntei meus papéis e me dirigi à sala de Anthony. Estava nervoso, um sentimento que vinha se tornando frequente nos últimos tempos.

Quando ia para a sala, avistei Sienna andando devagar na minha direção com um sorriso tímido no rosto. Ela parecia perturbada, e seus olhos estavam um pouco avermelhados, como se tivesse chorado. Mas continuava bonita.

Seus movimentos foram ficando lentos, como num filme. Ela usava jeans justo azul-escuro e um cardigã retrô com babados nas mangas. Seus cabelos lisos e castanhos caíam pelos ombros. Novamente segurava uma xícara de chá. Fiquei me perguntando se ela tinha uma xícara fundida permanentemente à sua mão.

Fomos na direção um do outro até pararmos, juntos, do lado de fora do mezanino de Anthony.

– Quer passar? – falei, ironicamente, estendendo o braço para que ela passasse.

Ela pareceu confusa.

– Hum, não. Vou falar com Ant. Por que você...? – disse ela, com o olhar surpreso.

– Ah, mas é que marquei com ele à uma – disse eu, pensando se entendera errado o horário.

Então, com um frio na barriga, entendi.

Ela olhou para o relógio, sacudindo-o perto da orelha, mordendo o lábio inferior.

Ficamos lá parados por alguns segundos, obviamente sem saber o que fazer. Então ela quebrou o silêncio.

– Acho que estou encrencada, Nick, por causa do que aconteceu agora cedo no estacionamento. Merda. Que mico – declarou ela, parecendo prestes a chorar.

Fiquei confuso. Ela não seria a responsável por aquilo, seria? Se fosse, então sim, estava certa. Ant provavelmente a mandaria embora, para ser franco. Ele não tinha muita tolerância para aquele tipo de coisa.

Abri a boca para falar, mas fui interrompido.

– Muito bem, vocês dois, entrem – chamou Anthony, sua voz reverberando nas escadas que davam em sua sala.

Ele nos conduziu com as mãos rechonchudas de modo um tanto impaciente, com uma expressão irritadiça no rosto. Ficamos por um momento como dois pombos confusos, as pernas tremendo.

– Então, vamos lá! – suspirou ele, exasperado. Parecia bravo. Se era Sienna que estava encrencada, com aquela história do sem-teto, por que eu estava envolvido nisso? O que eu estava fazendo ali? Aquilo não tinha nada a ver comigo. E, de qualquer maneira, a reunião fora marcada de manhã cedo, antes do episódio do estacionamento. Talvez ela tivesse se envolvido em outras discussões com aquele cara enquanto estive fora e aquilo era um sermão do qual eu teria de participar. Tecnicamente, eu tinha cargo de gerente...

Merda. Seria um desastre. Ter de punir profissionalmente a garota que você paquera. Obrigado. Minha cabeça começou a vagar pelas possibilidades horríveis. E se eu no final tivesse de demiti-la? Não seria uma boa deixa para um “E aí, que tal sairmos um dia?”.

As duas cadeiras estavam dispostas em frente ao trono de couro de Ant, que era tão largo que eu sempre imaginava que ele um dia desapareceria ali dentro. E Anthony não era um homem pequeno. Grande em tamanho, grande na voz, grande em presença. Suas orelhas eram grandes, sua boca era grande e até seus ossos eram grandes, tenho certeza. Do alto de seus dois metros, pairava sobre a maioria das pessoas e frequentemente fazia os outros pularem de susto quando entrava numa sala (o que, devo admitir, era muito engraçado).

Embora Ant e eu nos dêssemos bem, ele ainda infundia certo terror em mim. Ele me lembrava o Sr. Blake, um professor amedrontador que tive na escola. Os outros professores nós enrolávamos, mascando chicletes em sala de aula e respondendo a eles grosseiramente, mas Blake nos causava verdadeiro terror.

Além de cheinho, o que era sua característica mais marcante, a cabeça de Ant era adornada com camadas de cachos castanhos que não pareciam estar sob controle algum. Ele tinha olhos escuros e redondos e o nariz rechonchudo e arrebitado. Mas, apesar de seus modos estrondosos, havia também nele um elemento nervoso. Tinha dificuldade em manter contato visual e costumava se distrair com o que estivesse ao seu alcance, quase sempre os próprios cachos na parte de trás da cabeça, quando pensava.

Eu não confiava totalmente nele, mas, como todo mundo, me pegava rodeando-o como uma

cobra, caso ele usasse seu poder contra mim num acesso de fúria.

E havia mais uma coisa: Anthony se irritava com facilidade. Muitas vezes ouvíamos um estrondo vindo de sua sala, no andar da produção geral, quando ele dava um soco na mesa e gritava com algum coitado ao telefone. Encolhíamos os ombros e continuávamos a digitar.

Ele se colocou na nossa frente, repleto de gotículas de suor na testa pelo mero esforço de percorrer os quatro metros de sua porta até aqui. Fiquei surpreso por não ter pedido auxílio. Por sobre seu ombro, era possível ver uma grande rachadura no vidro da janela que dava para o estacionamento.

Ligeiramente preocupado que Sienna as visse, escondi minhas ideias atrás da prancheta que segurava. Não queria que ela pensasse que eu era um puxa-saco morrendo de medo de ser mandado embora (o que era exatamente o que estava se passando).

– Muito bem, vocês dois – disse Anthony novamente, movendo para o lado um porta-retratos coloridíssimo tamanho A4, inclinando-se para trás e revelando uma enorme e feliz pança. Um dos botões desabotoara-se, deixando à mostra a pele branca coberta de pelos escuros e grossos. Era nojento.

– Definitivamente, tivemos momentos dramáticos hoje cedo – continuou, virando-se para a rachadura em sua janela e em seguida para Sienna, franzindo a testa. Sim, era esse mesmo o motivo da reunião.

Ela se afundou na cadeira, com ar de culpada. Comecei a sentir o pânico crescer ao imaginar-me preenchendo formulários de conduta e tendo uma reunião com ela daqui a um mês para verificar se ela aprendera a lição ou o que quer que fosse feito nesses casos.

Ant começou a falar.

– Mas, além disso, que parece estar resolvido agora, temos outro problema. Tom ligou hoje dizendo que está doente e não poderá ir aos Estados Unidos. – Ele esfregou o queixo com a mão.

Inclinei-me na cadeira e vi a mesa de Tom debaixo das escadas. É claro, sua mesa estivera vazia toda a manhã. Eu pensei que estivesse em alguma reunião. Fiquei chateado pensando que aquilo significava que a viagem teria de ser cancelada. Mas, espere, se Sienna fora chamada, significava que... ah, por favor, diga que é o que estou pensando...

– Sienna, sei que você é relativamente nova, mas penso que se adaptou bem, então gostaria que trabalhasse com Nick neste projeto – anunciou ele. Sienna corou levemente e depositou a xícara de chá sobre a mesa de madeira de Ant.

– Sienna, quero que crie uma série de artigos para um suplemento de dez páginas da Digimax na feira anual de games na Flórida. Nick ficará responsável pelas ilustrações e fotos. O que acha?

O silêncio preencheu a sala à medida que nossas expectativas prévias iam por água abaixo, dando lugar a algo maravilhoso. Eu queria ter quebrado o silêncio como uma criança. Queria socar o ar com satisfação, subir na cadeira e afagar a cabeça do meu chefe de tanta alegria. O homem a quem eu antes vira como um obstáculo gordo à minha felicidade merecia agora uma estátua para ser adorada. Ele fora da mais absoluta chateação, provocando choro nas garotas, mantendo-nos trabalhando até tarde, a me colocar para viajar com uma das garotas mais gostosas que eu já conhecera... Eu queria correr até Sienna, pegá-la e entrar com ela no avião agora mesmo. Minha cabeça se inundava com imagens de nós dois acordando juntos na cama de um hotel, como numa cena de filme em que tudo é sensual e bom, diferente da realidade.

Sienna parecia lisonjeada. Tomada. Encantada até. Mas até aquele momento nenhum de nós ousara falar.

Talvez pudéssemos ter uma saída romântica durante a viagem. As possibilidades inundavam minha cabeça, e imediatamente me reprimi, pois era contra minhas novas regras: colegas + relacionamentos = desastre.

– Vocês dois não estão muito falantes hoje, não é? – brincou Ant, pegando uma lata de Coca diet do frigobar. O ruído delicioso do lacre sendo aberto cortou o silêncio incômodo.

– Desculpe, é uma excelente notícia. MUITÍSSIMO obrigada. E depois eu gostaria de falar sobre o que aconteceu mais cedo, posso explicar tudo – disse Sienna, muito nervosa agora. Notei seus pés recolhidos, agitando-se, e as mãos entrelaçadas sobre o colo. Sua linguagem corporal irradiava medo.

– Esqueça isso. Não sei o que aconteceu, mas não temos tempo para nos preocuparmos com isso agora. Venha aqui de novo antes de ir embora. Quero realmente que você faça essa viagem, penso que seria uma grande experiência para você – falou ele, amenizando o clima após o início brusco.

Ela se virou para mim e mordeu o lábio. Meu Deus, como era sensual.

– Está bem assim, Nick? – perguntou Ant, inclinando-se sobre a mesa, acordando-me do meu sonho e aproximando-se de mim com sua papada molenga.

– Sim, sim, é claro. Será ótimo trabalhar com Sienna – respondi, tentando soar o mais natural possível, quando, na verdade, eu queria dar-lhe um beijo na bochecha e uma pulseira de “melhores amigos para sempre”.

Ant virou-se para Sienna.

– Então, precisamos reservar seu voo. Você viaja amanhã de manhã e fica lá por três dias. Está certo?

Mal havia tempo para a garota pensar, mesmo que não estivesse tudo certo.

– Sim – respondeu ela, rapidamente. – Na verdade, Ant, só preciso ligar em casa para checar, você sabe, se vai ficar tudo bem – acrescentou baixinho, obviamente tentando não ser rude comigo, visto que eu era, sem dúvida, a parte menos informada.

Ant assentiu com a cabeça, compreensivo. Sabia de algo que eu não sabia e queria saber. Por que ela precisaria checar se podia ir? Por favor, não me diga que ela mora com pais superprotetores que não a deixam sair para brincar...

Se ela precisar checar com os pais se pode fazer uma viagem a trabalho, então os pais devem ser um pesadelo. Ela ainda mora com os pais? Ela tem 20 anos. Comecei a imaginar a pobre coitada voltando para casa depois de uma noite e precisando encarar um café da manhã constrangedor com um casal de superpais, contadores, beatos ou qualquer coisa assim... Deus.

Mas eu realmente não fazia ideia de sobre o que ela poderia estar falando. Estava tecendo conjecturas. Talvez não fosse com os pais que ela morasse, talvez fosse com um homem. Novamente imaginei se ela teria alguém. Nunca a ouvi mencionar nada, mas, como era muito reservada, duvido que me contasse. Rezei para que a situação, qualquer que fosse, não a impedisse de viajar comigo.

Sienna saiu da sala, e então ficamos Ant, eu e o barulho que vinha do refrigerador.

– A propósito, tenho algumas ideias que gostaria de apresentar, se tiver um minuto. – E dei-lhe o documento de 20 páginas que preparara, esperando que não tivesse digitado um monte de lixo sem sentido.

Ele folheou as páginas com aqueles dedos gordinhos e aquilo me pareceu uma intrusão. Já podia ver que engordurara a primeira página com seus dedos sujos de comida. Pelo amor de Deus...

– Hum, isso parece muito bom, Nick – ele falou, de um jeito um pouco paternal, como se estivesse elogiando os desenhos de um filho.

Isso parece bom? Você mal olhou, seu estúpido.

– Bem, há muita coisa aí. Acho que você precisa de mais tempo para analisar... – Tentei fazê-lo demorar-se mais, mas Sienna já estava de volta. Ela tinha um largo sorriso no rosto. Melhor que seja boa notícia. Ant não prestava mais atenção.

– Sim, estou dentro – disse ela, rapidamente.

– Tem certeza de que está tudo bem? – perguntou ele, solidário, analisando-a de cima a baixo com olhar faminto.

Ele está a fim dela! O idiota está caído por ela! Preciso tirar isso a limpo. Detesto não ser o centro das atenções e detesto ser ignorado.

– OK, bem, isto é ótimo. Você pode sair mais cedo para se preparar. Ligue para mim caso tenha alguma pergunta. E lembre-se, Sienna, preciso ver você antes de ir embora – continuou, levantando e nos conduzindo para a porta. – E só mais uma coisa: não de esqueça de seu passaporte – acrescentou, aumentando o tom de voz. Outro botão se desabotoou, revelando um enorme umbigo. Pensei por um instante: se alguém se perdesse ali dentro, conseguiríamos ouvir seus gritos desesperados?

Ao sair da sala com Sienna, eu pensava em como iria lidar com aquilo. Era como um sonho se tornando realidade, mas parecer feliz demais acabaria por assustá-la, e eu estava meio zangado pelo fato de Anthony não ter visto meu trabalho. Ele nem conhecia Sienna tão bem e, de repente, estava sempre encorajando a criatividade, mas agora havia algo de diferente, a dinâmica era outra.

Ainda assim, como reagir à notícia da viagem? Parecer distante a faria sentir-se deslocada; eu tinha de tomar cuidado com as palavras. Afinal, eu já lhe dissera que ela se parecia com minha irmã. Minha irmã? Só Deus sabe por que eu disse aquilo. Acho que foi um tipo de mecanismo de defesa para afastá-la, pois achei que ela não gostasse de mim.

Entretanto, dizer que se parecia com minha irmã foi um pecado mortal. Pior que dizer que ela era vesga, falava errado ou tinha pés tortos (ela não é nada disso, e mesmo que fosse eu ainda a curtiria).

Tenho o mau hábito de preencher o silêncio com frases bobas em vez de fazer contribuições inteligentes à sociedade.

– Então, o que acha? – falei, olhando para ela, à entrada do nosso andar, minhas mãos tremendo um pouco. Pensei que estivesse nervoso antes da reunião, mas agora estava muito mais. Se fizesse algo errado, todos veriam.

– Ai, Nick, estou tão animada! – Ela começou a pular para cima e para baixo apoiando-se em meus braços. Faíscas de pura eletricidade dançavam entre nós dois, eu podia senti-las. Cada uma delas. De repente, senti-me incrivelmente tenso na presença dela e precisava sair dali.

– Olha, eu preciso ir, tenho um monte de coisas para fazer antes de amanhã. Preciso me livrar dos restos de minha ex-namorada hoje à noite! – eu disse, imperturbável. Houve uma pausa, e notei como a expressão dela se transformou de um sorriso em puro horror. – Quer dizer, hum, não seus restos mortais, só suas roupas e objetos... Arrá, peguei você! – falei. A síndrome do meter os pés pelas mãos atacara novamente.

Ela tornou a sorrir, porém visivelmente perturbada.

Pigarreei e saí de cena antes que me enforcasse ali mesmo. Como faria?, pensei enquanto entrava em minha sala. Estava o caos: canetas, papéis e réguas espalhadas pela mesa como um vômito de artista. Preparei meu aviso de “fora do escritório”. Era algo como:

Estarei ausente do escritório entre quinta-feira, 21 de abril, e segunda-feira, 25 de abril.

Para qualquer assunto urgente, por favor, contate

editorial@cube.co.uk

Responderei todas as outras mensagens assim que regressar.

Grato.

O que eu realmente gostaria de ter escrito é:

Estarei fora de mim a partir de agora (quinta-feira, 21 de abril) e pelos próximos anos.

Por favor, envie as mensagens urgentes para algum outro endereço. Não me importa para onde, desde que não me encha o saco.

Ah, e Amélia: vaza e desaparece.

Quando ia saindo, passei pela mesa de Sienna. Ela digitava tão rápido que fiquei tonto só de olhar.

– Sienna? – falei baixinho, preocupado em não assustá-la. Mas ela estremeceu. – Estou indo para casa agora, mas posso pegá-la de manhã, se quiser. Não sei a que horas será, mas penso que bem cedo. – Dei-lhe um pedacinho de papel com meu celular escrito em preto.

Ela pareceu assustada. Não me espantei, considerando que havia pouco eu passara por um maluco assassino de namoradas.

– É muito gentil, obrigada, Nick. Hum, vou pensar e ligo para você. Estou muito animada com a feira – acrescentou.

Pelo canto do olho, vi Dave, o repórter de esportes, dançando provocantemente atrás de Sienna, movendo os quadris como um cantor de rocke apontando para ela enquanto mexia a língua para fora da boca. Então a franja caiu no rosto dele. Ah, meu Deus, que constrangedor...

Sienna deve ter sentido que algo acontecia atrás dela, pois virou a cabeça. Mas, quando fez

isso, Dave já se sentara e aparentava estar trabalhando concentrado, provavelmente digitando XyXyXy pela tela toda. Folgado impertinente.

– Está bem, então, vejo você pela manhã – eu disse, e me virei para sair.

Quando cheguei em casa, tive receio do que poderia encontrar ao girar a chave na porta. Talvez Amélia tivesse feito um mosaico de carne com a palavra “idiota” ou até pior: levado meu álbum do Radiohead embora. Mas pior seria se ela ainda estivesse lá...

Entrei no corredor devagar.

– Amélia? – chamei, com a voz cheia de medo ecoando pelo corredor. Olhei para baixo e vi a chave brilhando no tapete. Ufa, estava salvo.

Fui para a cozinha ainda receoso e vi uma folha de papel dobrada. Comecei a ler.

Nick,

O que posso dizer?

*Estraguei a melhor relação que já tive na vida e acho que nunca me perdoarei por isso.
Lamento profundamente pela dor que causei a você.*

Se interessa saber, a pessoa que mais saiu ferida disso tudo fui eu.

Pessoas como você não se encontram por aí, e acho que nunca encontrarei alguém igual.

Se algum dia você souber como me perdoar, estarei à sua espera.

Amo você,

Amélia

Bem, eu tinha de admitir que a garota fora comovente. Olhei para uma foto nossa na geladeira. Parecíamos felizes. Atrás de nós, as colinas de Lake District e um brilho no canto da foto provocado pelo sol. Uma pequena falha num momento perfeito.

A dimensão da realidade do que acontecera caiu sobre mim como uma tonelada de tijolos. Minha casa ficara muito grande de repente, embora nem fosse tão grande assim. Uma casa de dois quartos parecia uma mansão sem fim agora que me encontrava sozinho.

Eu dera entrada nela com o dinheiro deixado de herança por minha avó. Minha mãe e meu pai também ajudaram. Eu tinha sorte de ter esta casa sendo ainda tão jovem, mas nesse momento me senti muito só dentro dela. Provavelmente precisaria arrumar um inquilino para ajudar a pagar as prestações. Boa.

Pensei estar zangado demais com o que Amélia e Toby haviam feito para me sentir triste como estava. Estava tão cheio de fúria que odiava até pensar nela; só agora eu começava a sentir sua perda.

Então me dei conta de como a gente se sente quando rompe um namoro; parecia que tudo voltava para mim. Era como ter dor de barriga depois de comer uma comida de origem duvidosa. Você pensa que vai morrer com a cabeça enfiada na privada e com um buraco nos fundilhos da calça, mas algumas semanas depois já esqueceu completamente o que se passou. É como se a experiência fosse tão traumática que sua cabeça embotasse sua capacidade de memória o suficiente para que você se sinta todo-poderoso e em forma outra vez. Não fosse

assim, você nunca mais aguentaria passar por uma rua onde houvesse um restaurante indiano. E isso tornaria a vida em Londres muito difícil. Quando se trata de sentimentos, a coisa é complicada. Num minuto, você está fazendo café ou comprando leite e cereais, e então, bum... do nada, o inevitável vem e o atinge. Aquelas emoções que você enterrara sob uma pilha de mentiras machistas. Todas aquelas frases idiotas que seus amigos despejaram em você para aliviar as feridas: “Tem muita garota por aí, cara”, ou “Bem que a gente não ia com a cara dela...”.

Mas eu não tinha bem certeza se estava sentindo a falta dela ou se estava assustado com o futuro incerto.

O tique-taque alto do relógio só me confirmava o fato de que estava só. Não sou alcoólatra nem costumo beber sozinho, mas me servi de um pouco de uísque com Coca-Cola.

Peguei um cigarro do bolso da jaqueta e o acendi. A fumaça imediatamente me envolveu naquela cozinha pequena, sujando cada canto e fresta com seus dedos fedorentos e marrons.

Fiquei ali sentado pelo que me pareceram horas, sentindo o efeito anestésico do álcool tomar conta de minhas pernas. Depois de várias longas tragadas no cigarro, tive aquela sensação familiar da nicotina e me convenci de que merecia aquilo. Mergulhei por inteiro naquele momento de autocomplacência, mas me arrependeria amargamente quando tivesse de acordar às três da manhã para ir ao aeroporto.

Nick Vinte e sete anos. Solteiro. Os rótulos não paravam de girar em minha cabeça.

Nick Vinte e sete anos. Solteiro...

Meu momento de autocomiseração durou uma hora, e então decidi que tinha de resolver-me. Tudo o que restava de meu relacionamento era esse bilhete, uma foto na geladeira e a toalha de mesa. Com calma, recolhi os três e os joguei no lixo. Os restos. Somente aquilo.

De repente, o telefone tocou, mas não reconheci o número. Deixei que vibrasse um pouco até decidir se poderia ser importante.

– Alô? – atendi, um pouco relutante sobre quem poderia ser.

– Oi, Nick – Reconheci aquela voz.

– Ah, oi, Sienna. Tudo bem? – respondi, sentando-me, meio envergonhado ao olhar para os sinais deprimentes à minha volta.

– Tudo bem, obrigada. Só queria checar os detalhes sobre amanhã de manhã. Ainda está de pé a corona?

– Sim, claro. Eu pego você às 3h45, está bem?

– Ótimo! Queria pedir um favor. Você poderia não tocar a campanha? Apenas me ligue que eu saio, pode ser?

– Claro, com certeza. Não quero acordar ninguém! – brinquei.

Houve uma pausa do outro lado da linha.

– Você pode me mandar seu endereço por SMS? Estou sem caneta à mão – acrescentei, tentando quebrar aquele silêncio esquisito ao mesmo tempo em que corria os olhos em volta da sala à procura de uma das centenas de canetas coloridas que pareciam estar em todo lugar, menos quando eu preciso de uma.

– É claro – respondeu.

– Por falar nisso, o que aconteceu hoje, Sienna? Você sabe, com aquele cara lá fora. – Percebi que não perguntara antes e estava curioso.

– Ah, não foi nada, não se preocupe. Eu explico depois. E aí, o que você está fazendo? – ela perguntou, mudando discretamente de assunto.

Ai, meu Deus, suei frio.

– Na verdade eu estava lendo um livro em francês sobre a Revolução – respondi. Me arrependi de ter mentido, mas precisei dizer aquilo. A verdade, que eu estava bebendo e fumando para esquecer minha ex-namorada, parecia patética. Mas eu poderia ter escolhido um assunto mais leve do que aquele que meu cérebro escolhera ao acaso. Como estar voltando do treino de boxe, ou algo assim.

– Ah... puxa, parece interessante – falou. Percebi que ela sorria.

– E você?

– Fazendo as malas – respondeu, clara e simplesmente.

Droga. Por que eu não disse aquilo? Agora ela vai me perguntar coisas sobre a Revolução Francesa no avião e eu não saberei responder.

– Bem, vejo você amanhã de manhã então, Si. Daqui a pouco!

– É, daqui a pouco. Até mais.

Desligamos.

E então eu me vi cheio de esperanças novamente e corri para cima para arrumar as malas. Seria um pouco mais elaborado do que o que planejara para Ibiza. Menos shorts, protetor solar e chapéus estilosos; mais ternos, aparelhos eletrônicos e gel de cabelo.

Eu adorava eventos como aquele. Nunca cobrira uma feira de jogos nos Estados Unidos, mas fizera várias viagens parecidas que consistiam em gastar algumas horas tirando fotos, curtindo refeições e noites com o cartão de crédito da empresa.

Sienna

O sol nascia devagar sobre a cidade de Londres, e Nicke e eu o assistíamos através de uma minúscula janela à minha esquerda. Matizes coloridos banhavam os campos próximos à pista de voo com uma luz morna. Meus pensamentos eram um misto de alegria incontrolável e muita preocupação. Esperava que tudo corresse bem.

Quando aceitei o emprego, sabia que poderia ter de me ausentar de vez em quando, então Elouise concordou gentilmente em dar uma olhada nas coisas quando eu precisasse. Mas essa viagem foi repentina. Eu já lhe devia algumas favores, e pagaria tomando conta de Luke, mesmo tendo o hábito de ensinar alguns palavões a ele sem querer.

No verão passado, eu estava cuidando dele, e estávamos brincando no jardim. Pisei numa vespa, que me picou no dedo do pé, e isso me fez proferir uma série de palavões pesados. Ele ficou me olhando com os pezinhos virados para dentro e uma expressão de medo entristecendo seus olhos verdes. Algumas semanas depois, Elouise comentou que ele ficava falando palavões sucessivamente quando estava com o grupo de crianças da igreja e que ela não fazia ideia de

onde ele aprendera aquilo. Fiquei para morrer.

O avião percorria a pista enquanto nós, em silêncio, esperávamos que decolasse.

Para falar a verdade, eu estava ficando com medo. Viajar de avião nunca foi fácil para mim. É óbvio que há uma razão científica que permite que esse monte de metal montado por seres humanos permaneça no ar. Montado por seres humanos. A milhares de quilômetros de altura, suspenso sobre uma vasta extensão de águas escuras e profundas e montanhas pontiagudas. As pessoas cometem erros. Dia sim, dia não. Somos especialistas na arte do acidente.

Meu estômago revirou quando ouvi as turbinas sendo ligadas abaixo de nós. Partes da asa começaram a mover-se, prontas para voar e levar-nos em direção ao desconhecido. O medo se espalhava agora por todo o meu corpo, chegando até as pernas. Engoli em seco. De novo e de novo.

Havíamos acordado tão cedo que nenhum de nós dois estava realmente desperto. Um lanche solenito e alguns cafés caríssimos no saguão do aeroporto mal conseguiram nos trazer ao estado de consciência. Diferentemente do que acontecia agora.

Como um suricato com a cabeça cheia de Red Bull, eu me sentia desperta e alerta. Ainda me envergonhava quando me lembrava de como fora atropalhada esta manhã.

Nick veio até a rua onde ficava meu condomínio e me telefonou, como eu pedira. Eu estava tentando me manter calma e tranquila, mas não sei como consegui a façanha de tropeçar em minha mala e cair no chão duro e molhado na frente dele.

Já tive aulas de balé. Fui graciosa até. Mas esta manhã eu parecia mais uma girafa com as pernas atadas quando meu pé se enfiou na alça da mala, me mandando para os ares. Meu coração deu um solavanco dentro do peito, e o sentimento de humilhação me atingiu antes mesmo que eu alcançasse o chão. Não sei o que foi mais doloroso. Por que tinha de acontecer aquilo? Por quê?

Aqueles dias não estavam sendo muito bons para mim, aquela história de Pete, da qual acabei conseguindo escapar. Dez libras. Foi minha punição pelo acidente na copiadora. Disseram que era pelo custo da tinta e do papel. As janelas tinham seguro. Penso que me safei bem até. Anthony é um sujeito bravo e irracional muitas vezes, mas pareceu entender que o que aconteceu fora um acidente apenas e não se falou muito mais naquilo. Mas ainda me sentia envergonhada, e minha queda não ajudara. Sentia-me uma idiota de primeira.

Na mesma hora, Nick pulou para fora e me ajudou a levantar, sob os faróis do carro que iluminavam o palco daquela cena vergonhosa. Sua força era compatível com sua estatura. Ele me levantou com facilidade, como se eu fosse uma boneca de pano. Fiquei profundamente humilhada e mal-humorada por alguns instantes, até me dar conta de que estava me levando a sério demais.

Entramos no carro e ficamos em silêncio por um minuto. Nick foi o primeiro a ceder. Eu estava na dúvida se ria ou o repreendia com os olhos, então acabei não fazendo nada e fiquei muda, olhando para a palma das minhas mãos esfolada, da qual gotejava sangue. Aquilo não fazia parte da minha missão de impressioná-lo. Eu parecia e me sentia uma garotinha de oito anos de idade.

Então ele começou a rir, e eu dei graças a Deus. Começou como um risinho que escapou de repente. Ele tentou se conter, mas no final explodiu numa gargalhada. Ele se virou para mim, ao

mesmo tempo enxugando os olhos com as mãos e dando um sorriso de desculpas. Então, eu me rendi e terminamos os dois rindo tanto que mal conseguíamos falar.

– Deixe ver isso – disse ele enfim, pegando gentilmente minhas mãos. Virou-as para examinar as palmas e assobiou ao ver as gotas de sangue que subiam à pele. Eu mal olhava para minhas mãos, só tinha olhos para ele as segurando. Fiquei surpresa ao me dar conta de que aquele cara imaturo poderia, na verdade, assumir o controle da situação e me ajudar.

– Já sei o que fazer! – ele falou, pegando uma caixa de lenço de papel no porta-luvas. Com muita habilidade, enxugou o sangue das minhas mãos, pressionando lenços limpos nas partes machucadas até o sangramento parar. Trabalhava concentrado, franzindo as sobrancelhas. Eu sentia meu coração desacelerando. Algo se movia nas profundezas da minha alma. Não tinha certeza se era a sensação pós-vergonha ou um lacrimejar matinal que me deixava emotiva e sensível. A verdade é que cada lenço de papel que ele usava tocava mais meu coração.

Eu já sentira atração por alguém antes. Aquele tesão adolescente que se sente ao beijar um desconhecido em algum canto escuro da pista de dança, ou a excitação que nos invade quando um cara bonito nos paga um drinque num bar. Mas aquilo era diferente. Eu sentia que ele tomava conta do meu coração e que não havia nada que eu pudesse fazer para detê-lo. Eu o conhecera havia poucas semanas, achava-o infantil e traumatizado, mas o sentimento persistia.

Tentei fazer aquilo não acontecer, de verdade. Tudo naquela situação parecia difícil e inapropriado. Trabalhávamos juntos. Ele era mais velho do que eu. Era uma atração embaraçosa, e eu não podia admitir aquilo. Havia muitos outros motivos, outras pessoas, que me impediam de estar com ele. Além disso, por que ele olharia para mim? Eu suspeitava que, com um rostinho daqueles, ele deveria ter uma legião de mulheres se arrastando aos seus pés. Imaginava se ele ao menos tinha noção do que estava provocando em mim. Acho que não.

Quando o avião começou a avançar aos solavancos, apertei minhas mãos, sentindo a dor dos ferimentos.

– Você está bem, Si? – perguntou Nick, virando-se para mim, com uma expressão encantadora de preocupação no rosto.

– Sim, claro. Por quê? Você está com medo? – brinquei, cutucando-o no braço para disfarçar.

– Não, não, claro que não! Só para saber se você não vai ter um treco ou qualquer coisa assim – acrescentou, fazendo um gesto tão exagerado que a comissária que ia passando deu uma risadinha. Ele era incrivelmente animado, e seu rosto adquiria inúmeras expressões. Eu não saberia descrevê-las, mas sabia o que queriam dizer quando as via.

O aroma familiar de comida embalada preenchia o ar à nossa volta enquanto a aeronave acelerava, balançando suavemente pela pista até lançar-se no ar.

Por favor, não caia, pensava comigo mesma, dando a ordem para o avião à medida que ele subia no céu, imaginando como minha casa seria afetada pela minha ausência e como uma ausência permanente seria um desastre. Mordi os lábios e apertei as mãos. Na minha cabeça passavam imagens do piloto tomando uísque atrás do painel de comando enquanto o copiloto fumava crack. Lágrimas já se acumulavam em meus olhos. Pelo amor de Deus, não eram nem oito horas da manhã e eu já estivera prestes a chorar por duas vezes. Eu estava um farrapo.

– Você está com medo, não está? – Nick se virou para mim com os olhos arregalados. Pareceu preocupado, e, com uma precisão cirúrgica, limpou com o dedo uma lágrima de meu rosto,

tomando o cuidado de apoiar o polegar direito na minha bochecha para não enfiar o dedo no meu olho. Segurei a respiração. Ele pareceu surpreso consigo mesmo pelo que acabara de fazer.

– Desculpe Si... eu não deveria... – falou, e minha lágrima deslizou de seu dedo para o colo. – Acho que é claustrofobia. Fico meio engraçado – continuou, olhando para baixo.

– Não, não, não. Estou bem, sim. Quer dizer, bem. – Olhei para ele com minha expressão falsa de “está tudo bem”, as bochechas corando.

Ele olhou desconfiado para mim antes de se virar para a janela de novo. O avião jogava para lá e para cá, posicionando-se em sua investida rumo à América. Fez uma descida brusca, dando a mim e a Nick uma vista de campos aos retalhos, tão distante que parecia uma colcha feita pela minha avó. Era deslumbrante.

Algo em nosso relacionamento mudou nessa viagem para os Estados Unidos. Assim que tocamos o solo, na pista do aeroporto, o trabalho tomou conta dele e Nick se transformou num homem diferente. Era fascinante assistir à transição, mas me senti à parte, olhando aquilo tudo de fora. Ele era uma pessoa diferente longe da histeria do escritório e de seu relacionamento rompido, e novamente percebi o quanto eu estava longe de conhecê-lo. Sentia-me a anos-luz de distância daquele momento que partilhámos – uma lágrima enxugada de meu rosto a algumas centenas de quilômetros do chão quando me senti perdida entre as nuvens.

Ele tirava milhares de fotografias e depois se retirava para um canto mais tranquilo onde as mandava para o servidor do escritório. Era um verdadeiro profissional. Apaixonado e confiante. Não era apenas aquele engraçadinho do escritório por quem se passava. Eu me preocupara, achando que ele pudesse me jogar numa caçamba de entulho ou que fôssemos parar atrás das grades por causa de alguma piada sua. Mas aqui, ele estava longe de ser aquele garoto. Era um homem. Esse outro lado dele o tornava ainda mais atraente.

A convenção de games era tudo o que eu esperava e ainda mais. Joguei-me de corpo e alma nas entrevistas e conheci todo tipo de gente, desde o típico fissurado em computador até o jogador inveterado que prefere se manter no anonimato. Homens de negócios com suas esposas, agendas apertadas e polegares incredivelmente velozes em sessões de console secretas ao cair da tarde, misturados a maníacos de joysticks. Os Estados Unidos eram tão exibicionistas, chocantes e excêntricos como eu imaginava que fossem. Vi tipos malucos em roupas extravagantes o suficiente para a vida toda. Fiz amizade com um rapaz chamado Buck, cujo trabalho era andar vestido de Sonic The Hedgehog e distribuir balinhas aos visitantes. Ele pediu meu telefone. Achei estranho, e depois disso passei a evitá-lo.

Na primeira noite, telefonei para saber se estava tudo bem em casa, e depois Nick e eu jantamos sushi na cidade.

– Posso perguntar uma coisa para você? Não é nem um pouco da minha conta, pode me mandar à merda se quiser, mas está acontecendo alguma coisa na sua casa? Você parece preocupada – disse ele de repente, enquanto tentava agarrar um sushi com seus hashis. – Fiquei com a impressão de que tem algum problema. Ou o seu pai é superprotetor? – continuou ele, desistindo de pegar o sushi daquele jeito e cravando o hashi no meio dele antes de levá-lo à boca.

Tive apenas um segundo para responder e fiz a coisa errada. Menti. Fiquei com medo de assustá-lo. Era melhor não contar.

– Ah, não é nada, não. Só algumas coisas lá de casa. – Senti o sangue gelar ao me perceber sendo desonesta. Algo nos olhos dele me dizia que ele não engoliu o que eu disse. Mas alguma

outra coisa me impediu de falar a verdade.

– Mas, então, conte-me sobre a sua família... – disse eu, depressa, para mudar de assunto, dando um gole em minha vodka com limão.

Ele vestia uma camisa branca com listras bem finas vermelhas, combinando com jeans escuro e cinto marrom. Estava bonito de doer.

– Bem... por onde começo? Meus pais são incríveis, ainda juntos apesar de brigarem de forma fenomenal e dramática todos os dias nos últimos 20 anos. Tenho uma irmã, que implica com tudo o que se relaciona com a minha existência, e uma cadela chamada Mildred, que senta ao meu lado e me olha embevecida. Sou muito mais próximo da cadela – ela é a mais sensata. E você?

Amo cachorros. Amo o fato de ele amar cachorros. Talvez um dia possamos ter uma casa no campo cheia de cachorros. Lá estava eu sonhando. Droga.

– Hum, bem. Sou filha única. Sempre tive inveja dos que tinham irmãos e irmãs, mas por outro lado não tive de enfrentar rivalidade e brigas, o que também não é mal – terminei, puxando a saia para baixo com as mãos. Ainda me sentia um lixo por ter mentido.

– Interessante – disse ele, fazendo um gesto para o garçom trazer mais dois drinques. Infelizmente o gesto foi enérgico demais e envolveu sua mão direita, que naquele momento segurava o hashi com um rolinho Califórnia. O rolinho soltou-se do hashi e voou pelo ar, indo parar dentro da bolsa de uma mulher. Assistimos boquiabertos enquanto ele aterrissava dentro da bolsa de grife novinha.

Ele olhou para mim. Olhei para ele. Achamos melhor não contar à mulher. Ele era muito atrapalhado e uma companhia muito divertida.

O resto da noite foi uma alegria constante. Eu não ria daquela maneira fazia tempo e parecia que ele também não. Minhas bochechas chegavam a doer. Senti-me livre pela primeira vez em anos, como se tudo fosse possível.

Passamos a noite de bar em bar, experimentando drinques coloridos e batendo os copos com força sobre balcões de mármore. Era um misto de luzes brilhantes difusas e o perfume de sua loção pós-barba, que me deixava cada vez mais faminta por ele.

Ele era louco. Engraçado, hilário, na verdade. Tudo ficava ainda mais divertido à medida que bebíamos. Desafiei-o a comer a rodela de limão que boiava em nossa bebida. Ele o fez de uma vez só, com casca e tudo. Por sua vez, ele me desafiou a usar seus sapatos e ir até o banheiro, séria. Assim fiz.

Como eu estava cansada após um dia longo, ele me levou nas costas pela avenida longa e retilínea ladeada de canteiros de flores caras e viçosas. Nenhum de nós dois sabia que horas eram. Não importava. Era como se a lua estivesse nos olhando e sorrindo.

Tentei retribuir o favor, mas ele era mais pesado do que eu pensava e minhas pernas se dobraram sob seu peso e sob as risadas. Após 30 segundos de luta, caímos os dois na calçada, rindo histericamente, com os joelhos esfolados. Uma de suas pernas estava por cima do canteiro de flores. Eu mal podia respirar de tanto rir na calçada de pedra fria.

Compreendi que uma amizade verdadeira estava nascendo. Nunca sentira tal conexão com nenhum outro homem. Ao mesmo tempo, sentia uma atração enorme por ele, algo único. Tinha certeza de que não era recíproco. Percebi que seria capaz de amá-lo. Apaixonar-me; em vez de

rir, chorei. Aquilo me assustou. Nunca sentira aquilo e estava tomada de medo e alegria ao mesmo tempo. Eu nunca me apaixonara. Não fazia ideia do que era me sentir amada. O amor me assustava. A intimidade me assustava. Aquilo me assustava.

Tomei uma decisão durante nossa viagem aos Estados Unidos: entendi que se tratava de um assunto do coração e que deveria mantê-lo comigo. Para minha própria proteção. Essa conexão tinha tudo para se tornar especial, e eu temia arruiná-la com intenções românticas mal direcionadas. Além do mais, trabalhávamos juntos. Seria uma bagunça. Metade de mim queria arrancar sua camisa com os dentes, e a outra metade o queria em minha vida por muito tempo. Não queria acabar tendo de evitá-lo por ele ter me machucado. Se pudesse ser somente sua amiga, já seria uma bênção. Se isso implicava engolir o orgulho e ser seu ombro amigo quando ele estivesse magoado, ou o saco de pancadas quando estivesse zangado, estava preparada para fazê-lo, e com dignidade.

Certamente a atração física se diluiria com o tempo. Mulheres poderiam ir e vir, mas amigos de verdade, não. Percebi que sorte incrível eu tinha simplesmente por tê-lo conhecido, e o mínimo que deveria fazer era recompor-me e reconhecer aquilo.

Tomei uma decisão. Precisava colocar uma tampa em meus sentimentos e precisava ser agora. Sim, isso.

“Eu amo sua filha. Imensamente.”

Nick

Faz um ano que Sienna entrou no meu mundo e o virou de cabeça para baixo. Eu a adoro mais a cada vez que a vejo. Mas ainda não disse isso a ela, e deixei passar tempo demais. Tantas vezes as palavras ficaram presas na minha garganta, sem conseguir sair, e agora estamos naquela posição horrível. A zona da amizade. A zona de amizade em que se mantém distância, trocam-se abraços, mandam-se beijos no ar, bagunça-se o cabelo um do outro.

Ela sai com homens inadequados – covardes que não conseguem lidar com ela, sujeitos que mentem, que ficam enrolando. Mas, como ela tenta ver o lado bom das pessoas, se envolve com homens que nunca vão mudar e acaba sempre se desapontando. Sienna também não tem ideia do quanto é maravilhosa – o que deve ser uma coisa boa, porque, se ela tivesse, não seria a garota por quem me afeiçoei tanto. É disso que eu gosto nela. O fato de não saber.

Um ponto negativo é que ela ouve um tipo de música horrível, como The Kooks e Pussy cat Dolls. Acho que até encontrei Backstreet Boys no iPod dela uma vez... Essa coisa da música, essa *aflição*, era minha missão de hoje. Comprei um CD que me faz lembrar dela cada vez que o ouço, e acho que ela precisa ouvi-lo. Obviamente não vou dizer que aquelas letras e as melodias suaves da guitarra me fazem sentir como me sinto quando estou perto dela. Mas só espero que ela sinta esse calor cada vez que o ouvir. Espero que isso a deixe feliz.

Ultimamente, ela não tem sido tão efusiva como de costume. Parece um pouco cansada e desgastada, e isso me preocupa. Acho que tem a ver com o panaca com quem ela está saindo agora. Ele é, falando sinceramente, um retardado. Tenho de agir como se fosse amiguinho dele quando vamos a festas e outros lugares, quando na verdade eu queria enfiar um palito no olho dele. Ele tem aquele ar horrível de quem gosta muito de si mesmo e não a trata bem.

O nome dele é Daniel House, é professor primário e tem uma bandinha de rock de merda. Eu o odeio. Ele tem 25 anos, cabelo escuro estilo louquinho, no qual ele passa fixador para fazer ângulos idiotas, e usa camisetas vintage pretensiosas com frases que ele nem sequer entende.

Daniel House é outro motivo pelo qual eu sei que Sienna nunca sentiria por mim o que eu sinto por ela. Não poderíamos ser mais diferentes. Os jeans dele são tão apertados que tenho certeza de que ele deve ter problemas de circulação, e a cueca fica aparecendo atrás. Tenho vontade de dar um puxão bem forte na cueca dele para que se rasgue ao meio e saia pela cabeça. Os amigos o chamam de Housey, pelo amor de Deus... Qualquer homem que costuma ser chamado pelo sobrenome, definitivamente, ou é da escola pública ou é um idiota – ou, mais provavelmente, ambos.

Não entendo por que ela gosta dele. Não mesmo. Ele até que é bonito, acho, para um homem, e tudo mais. Mas, ainda assim, não dá. Não sei o que ela vê nele, mas é claro que posso ver por que ele se engraçou por Sienna. Ela é tão linda que os homens simplesmente gravitam em torno dela, mas eles nunca sabem bem o que fazer consigo mesmos quando a coisa começa a ficar séria.

As performances de Dan são horríveis também. Eu fui a algumas, tentando desesperadamente não rir, mas depois eu olho para Sienna, que está olhando extasiada para o palco, e percebo que

tenho de ser mais duro.

– Então você gosta do Che? – perguntei-lhe certa vez, apontando para a camiseta dele quando almoçávamos num pub.

– Quem? – perguntou ele, olhando intrigado para a imagem esparramada em seu peito.

– Che Guevara, o homem que está na sua camiseta? – Eu o olhei de cima a baixo, esperando, pelo bem de Sienna, que ele fosse mais que só roupas caras e um rostinho lindo. Eu queria enfiar a cara dele numa tigela de arroz.

– Ah, sim, ele é um dos meus guitarristas favoritos – respondeu, desinteressado.

Quase morri engasgado com a salsicha.

Ele costuma desapontá-la, não lhe dá a atenção que merece e passa mais tempo com seus companheiros de banda do que com ela.

E, naturalmente, ela o adora. Mas elas sempre gostam dos caras maus, não é? – Ele é assim, Nick – ela protesta quando eu digo que ele é o maior mala que eu já conheci.

– Assim como? Um babaca?

– Não, babaca não, só um pouquinho, sabe... ocupado – responde ela. A essa altura ela já costuma estar olhando para o outro lado, porque ambos sabemos que ela está inventando desculpas. Eu já a peguei chorando na chapelaria em festas duas vezes, enquanto ele segura na cintura dela e fica implorando.

Ele já está na prorrogação e sabe disso. Tenho certeza de que ele adoraria que eu caísse fora, talvez até morresse em algum estranho acidente de esquí, mas não vou a lugar algum. E eu não sei esquiar.

Era uma manhã quente de sábado. Vesti um short, camiseta, calcei sandálias e me dirigi para a casa dela.

Quando o calor começou a ficar forte, surgiram meninas por todo o lado usando muito pouca roupa. Eu adorei. O sol estava fazendo aquela coisa mágica de dar às mulheres lindas sardas no rosto e fazê-las usar vestidos mínimos e blusas sumárias. Havia pele em toda parte – pernas longas e sensuais bamboleano pela rua, costas definidas em vestidos decotados. Eu estava ficando louco.

Do jeito que eu me sentia frustrado pela situação com Sienna, estava adorando ser solteiro, apesar de ter 28 anos de idade.

Nick, solteiro, 28 anos. A frase tinha bossa. Eu a adorava.

Eu saía com garotas, e algumas delas eram ótimas. Noites de riso e flerte com meninas bonitas, ocasionalmente terminando numa paixão sem amarras. Eu me esquecera de como era divertido ser solteiro. Mas não sentira nada mais profundo por nenhuma delas – era só diversão passageira.

A casa de Sienna ficava a duas estações de metrô, embora no ano passado, no qual nos tornamos amigos, eu nunca tivesse colocado os pés lá dentro. Isso era algo que eu achava muito estranho, especialmente porque ela parecia muito ligada à sua casa. Ela saía apressada depois de telefonemas nervosos, nunca dizendo a razão.

Dan fora passar o fim de semana em Amsterdã com seus amigos igualmente idiotas, e ela

mentonara alguma coisa no trabalho ontem sobre passar o dia assistindo a filmes antigos, então achei que seria uma boa hora para fazer uma surpresa e entregar-lhe aquele CD.

Fui devagar até a entrada do prédio dela, esperando estar fazendo a coisa certa. O sol estava me pegando de cheio; minhas mãos estavam um pouco suadas. Apertei o interfone e aguardei.

– Alô? – disse uma voz masculina.

– Ah... olá – comecei, imediatamente arrependido do que estava prestes a fazer. Quem era esse sujeito? Talvez pai dela? Sei lá – isso sempre foi um mistério.

– É o Nick. Eu vim visitar Sienna.

Houve uma breve pausa.

– Ah, sim, pode entrar.

Mais um zunido e a pesada porta de entrada se abriu para mim. Enfiei o CD na parte de trás da cintura do short e subi as escadas. Os corredores eram escuros e cheiravam a alvejante. Era tudo muito limpo, branco e funcional.

O homem estava à porta, esperando por mim.

– Nick. Que prazer em conhecê-lo. – Ele me recebeu com um sorriso caloroso. Era quase como se me conhecesse bem. O cumprimento me causou pânico. Eu ia fazer uma pergunta muito embaraçosa.

– Me desculpe, mas quem é o senhor? – eu disse, passando a mão no cabelo de modo nervoso.

Ele pareceu ligeiramente surpreso parado lá com sua calça de pijama xadrez e um moletom largo.

– Sou George, o pai de Sienna – respondeu, com um tom de decepção na voz.

Ele não era nada do que eu imaginara. Fiquei contente por finalmente conhecer o homem que criara Sienna. Se ele tinha uma filha como ela, devia ser um camarada muito legal. Mas fiquei um pouco chocado com o que vi. O homem diante de mim parecia frágil, pálido e velho demais para a idade que tinha. A pele de seu rosto era translúcida como papel, como se ele não visse a luz do sol havia muito tempo. Eu não arriscaria adivinhar o motivo.

O escasso cabelo que ele tinha era grisalho; seus lábios eram pequenos e enrugados. Notei uma cicatriz profunda em sua testa. Talvez tivesse bebido demais na noite de ontem, ou talvez eu tenha entendido mal sua idade quando Sienna me disse que ele tinha somente 46 anos. Eu esperava que ele fosse alto e tivesse uma presença dinâmica e enérgica.

– Sienna não está, Nick, mas pode entrar. Eu ouvi falar tanto de você... – Ele saiu do caminho, obviamente pouco ciente de como parecia entusiasmado. De repente, percebi que não sabia quase nada sobre ele. Sienna nunca revelara nada.

– Comprei um CD para ela. É uma surpresa, e eu resolvi dar uma passada aqui a caminho da cidade – respondi, tentando muito ser casual.

A caminho da cidade uma ova. Sienna e eu moramos a duas estações de metrô um do outro. É o tipo de distância que dá para cobrir de carro em 10 minutos, ou andar em 40, se você estiver se sentindo com bastante energia.

George me conduziu para dentro, revelando o espaço que eles compartilhavam. Era um típico

apartamento londrino, tudo num só nível, com um pequeno corredor que leva da porta de entrada a uma sala grande e uma cozinha aberta. Era modesto em tamanho, e parecia continuar para além da cozinha, pois outro corredor avançava para os fundos, mostrando uma porta de banheiro aberta e duas outras portas fechadas além dela. Deviam ser os dormitórios.

Voltei a olhar para George, que estava parado ao lado de uma esteira ergométrica colocada junto à parede perto da entrada para a cozinha.

Eu podia perceber o toque de Sienna por toda a sala de estar. Almofadas em formato de coruja nas cadeiras, costuradas com fio grosso e preto. Eram de uma beleza excêntrica; pareciam ter sido encontradas em alguma loja de presentes como as de Brighton Lanes. As joias dela estavam espalhadas sobre uma pequena mesa de café, e um ligeiro rastro de seu perfume pairava no ar. Tudo parecia bagunçado, acolhedor e cheio de personalidade.

O sofá parecia gasto e muito usado, e havia grandes prateleiras em quase todas as paredes, abarrotadas de livros e filmes. Entre os DVDs, havia de *Pulp Fiction* a *Sex and the City*. Dava para saber muito sobre alguém só olhando para seus livros e filmes, mas o negócio aqui estava meio confuso. Um livro de história ali, uma biografia de celebridade acolá. Os temas eram tão conflitantes que era muito fácil dizer o que pertencia a Sienna e o que pertencia a George.

Cerca de dez cadernos pretos estavam empilhados sobre a mesa principal, cercados por pequenas pilhas de lápis e seus apontadores.

Era um refúgio maravilhosamente aconchegante.

No chão, havia algo que parecia um capacete acolchoado. Ele parecia macio, não do tipo que se vê em motociclistas, mas do tipo usado por pugilistas e jogadores de rúgbi com os ouvidos arruinados. Certamente ele não luta boxe, pensei, não com essa aparência.

– Ela vai voltar logo, Nick – disse George, enquanto caminhava lentamente para a cozinha. Apoiando-se em qualquer coisa que encontrava, ele foi se arrastando até a chaleira e acendeu o fogo.

Comecei a ver que havia algo muito errado ali. A calça dele era demasiadamente larga atrás, como se já tivesse coberto um George muito maior.

– Não acredito que ainda não tinha conhecido o senhor – eu disse, e em seguida fiquei preocupado que ele fosse pensar que eu estava me insinuando.

– É bom conhecê-lo, finalmente, Nick Sienna parece estar se divertindo muito no trabalho. Fico contente que ela esteja trabalhando com pessoas como você... Tem sido muito difícil para ela todos esses anos, você sabe. Chá? Leite? Açúcar? – Ele deu meia-volta, ainda se agarrando na bancada como se ela fosse uma corda de segurança.

Muito difícil para ela todos esses anos... O que ele quis dizer com isso? *Você sabe*... Eu não sabia, ela não me contou. Comecei a me lembrar de todas as vezes em que saímos e ela simplesmente desaparecia às vezes, dando as mais variadas desculpas. Eu aceitava isso como uma esquisitice, que era esse o jeito dela, mas agora parecia que minhas perguntas estavam prestes a ser respondidas.

– Ah, só leite e um pouco de açúcar – respondi, afundando no sofá. Fiquei desapontado por ela não estar aqui, mas eu sabia que estava acontecendo alguma coisa. Ela obviamente estava escondendo algo de mim. Algo que eu precisava saber, e sem ela aqui eu tenho mais chances de descobrir.

– E então, o que vai fazer no fim de semana? Algum programa legal? – perguntei, enquanto a água fervia tão violentamente que fazia a chaleira tremer sobre a bancada de madeira. Ah, que pergunta original, pensei. Também poderíamos ter começado a falar sobre o tempo.

– Não muita coisa, filho. – Ele deu uma risadinha, detendo-se para inclinar-se sobre as canecas e prendendo a respiração por alguns segundos.

Isso me deixou nervoso, então me empertiguei no meu assento, observando-o com atenção. Notei vários frascos de remédios manipulados num canto.

Ele continuou: – Bem, você sabe, não posso fazer muita coisa atualmente. Só ler bastante, tentando aprender o máximo que posso do mundo através dos livros, já que eu não posso sair mesmo. Escrevo bastante também, naqueles cadernos pretos ali. Escrevo sobre como deve ser viver adequadamente, sabe?

Alguma coisa estava muito errada com o pai de Sienna. Mas por que ela não me contara? Talvez ele tivesse câncer, pensei. Senti uma onda de tristeza me invadir. Eu queria sair correndo, encontrá-la e abraçá-la bem forte, mas ao mesmo tempo comecei a ficar bravo por ela não ter me contado. Ela não deve se sentir muito íntima, pensei, sentindo repentinamente que ela era uma estranha e eu estava me intrometendo num mundo que nunca fui convidado a explorar. Talvez eu tenha cometido um engano vindo aqui.

O som de uma colher de chá girando dentro de uma caneca arrancou-me de minha espiral de pânico.

– Desculpe, George, mas não sei o que você quer dizer com *atualmente* – eu disse baixinho, incapaz de fingir que sabia de algo que eu não sabia, mas devia saber.

Ele ficou mudo e parou de mexer o chá. Sua expressão ficou triste, e ele parecia ainda mais cansado.

Eu me levantei e me dirigi a ele.

– Pronto, deixe que eu pego – falei, estendendo a mão para aliviá-lo da tarefa. Ele virou o rosto para mim, com as duas canecas de chá quente nas mãos magras, e, de repente, a coisa mais estranha aconteceu.

Como se fosse em câmera lenta, a vida se esvaiu de seus olhos e suas pernas cederam, como edifícios desmoronando sob a força de um terremoto.

Eu tentei, eu realmente tentei, mas era tarde demais. Cada músculo de meu corpo se estirou para a frente para apanhá-lo, mas não consegui. Não consegui. Fracassei.

As canecas de chá voaram no ar, água leitosa marrom se espalhando sobre nós, e então o bule se espatifou em pedacinhos no chão. O que devia ser um líquido causticante escorria pelo meu rosto, mas eu não sentia dor.

O rosto dele não tinha expressão quando ele caiu no chão. Eu temia que ele tivesse se quebrado ao meio. O chá fervente molhara suas pernas, e ele ficou lá parado, imóvel sobre o piso de linóleo. O silêncio invadiu a sala. Merda. Droga.

– Merda – resmunguei, e meu corpo inteiro começou a tremer. Senti que ia vomitar. Minha visão de repente ficou mais nítida, meu olfato mais aguçado; eu estava vivenciando tudo em tecnicolor ultranítido.

Lutar ou fugir, Nick. Lutar ou fugir.

Eu me abaixei ao lado dele, os joelhos escorregando no chão que nos cercava. Arrumei meu corpo na posição de recuperação, tremendo tanto que achei que fosse desmaiar. Ele deve ter tido um ataque cardíaco. Ah, meu Deus, e se ele tiver morrido? O que vou dizer a Sienna, a todo mundo? Desculpe, Sienna, sou um idiota bisbilhoteiro que simplesmente não conseguiu manter distância. Passei cinco minutos com o seu pai e o matei só por ficar perto dele. Puta merda.

Pressionei os dedos sobre a pele macia do seu pescoço; ainda estava quente, mas não consegui sentir seu pulso. Tentei distinguir se era só o meu medo e o sangue correndo acelerado em minha cabeça que estava me impedindo de senti-lo. Lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto. O que é que eu ia fazer?

Ah, merda, pensei, e se George tinha um problema de saúde delicado que de alguma maneira eu piorei? E se ele tiver morrido, será que fui eu a causa? Olhei para o teto, esperando poder renovar minha fé em Deus. A última vez que tentara isso foi quando cabulei a escola dominical havia muitos anos e gastei o dinheiro da arrecadação em garrafas de Coca-Cola. Mas rezar não fazia sentido. Eu já desistira havia tempo demais.

Desci até o rosto dele novamente, sussurrando em seu ouvido:

– Por favor, George, não, por favor. Eu amo Sienna, ela ama você e precisa de você. Não vá a lugar nenhum... — implorei ao seu corpo inerte.

– Eu amo sua filha. Imensamente – declarei; minha voz era um grito rouco.

Tirei o telefone do bolso e tentei discar 190, mas minhas mãos tremiam tanto que não consegui. Duas vezes. Eu estava desperdiçando um tempo valioso.

Eu sempre esperei que em momentos assim eu viraria um herói de histórias em quadrinhos, sabendo exatamente o que fazer, insuflando vida aos mortos, afastando a dor e o perigo, fazendo curativos num piscar de olhos.

Eu era um bundão. Um idiota inútil que chora e treme.

Quando finalmente consegui discar o número, tentei explicar para a telefonista o que acontecera, mas as palavras não fluíam como eu esperava:

– Por favor, venham agora, acho que ele morreu. Por favor, apressem-se – pedi, numa voz rouca, a garganta seca feito uma lixa.

– OK, senhor, por favor, tente ficar calmo. Onde o senhor se encontra?

– Ah, apartamento 10, Orchard Court, Rua Great Westfield, Londres. – Sim, era isso. Eu estava sendo vagamente útil agora.

– Qual é a emergência? – retrucou a voz calma e fria do outro lado da linha.

– Olhe, eu não sei. Estou com um homem que desabou, não consigo sentir o pulso, acho que ele morreu. Venham AGORA, por favor! – gritei, um pouco histérico àquela altura.

Eles me disseram depois que haviam conseguido um tempo de resposta de seis minutos. Os próximos seis minutos pareceram uma eternidade. Sentei-me ao lado de George na poça de chá, segurando suas mãos e chorando feito uma criança histérica. Ele não se mexeu um centímetro durante todo o tempo. Eu já estava me perguntando o que diria a Sienna. E se eles pensassem que eu fizera alguma coisa para causar isso? O pânico percorreu minhas veias quando me imaginei

atrás das grades.

Fiquei tão contente quando eles apareceram, com luzes fluorescentes amarelas e verdes e aquelas botas pretas sólidas com cadarços altos. Sacolas vermelhas e o som de velcro se abrindo no ar me confortaram com a possibilidade de que tudo estaria bem.

Um dos paramédicos me afastou de George e me fez sentar. Senti-me como um garotinho. Fiquei observando em silêncio enquanto eles tratavam dele, sentindo-me como se estivesse tendo uma experiência fora do corpo.

– Ele está vivo, companheiro – afirmou um deles, virando-se para mim com um largo sorriso no rosto. Ele obviamente achou que eu era um panaca.

Depois, o mesmo paramédico ajoelhou-se ao meu lado, com a cabeça careca brilhando sob a lâmpada nua.

– Vai procurar Sienna agora? – ele disse, olhando para mim com um sorrisinho. – Espero que você não tenha dito nada constrangedor – ele se lembrará de tudo o que você disse – acrescentou, com o sorriso ficando mais largo.

Eu não disse nada.

– Ela é uma boa garota, não? – concluiu ele, enrolando um colchonete verde e prendendo-o com uma faixa preta.

Meu Deus, este camarada conhece Sienna, está falando dela e de George como se soubesse tudo da vida deles, e eu ainda estou no escuro. O que aconteceu aqui? Eu queria perguntar, mas este sujeito estava me irritando. Balancei a cabeça, ainda incapaz de falar.

– Fique frio, ele vai ficar bem, companheiro – assegurou o paramédico, dando-me um tapinha nas costas. Ai!

Fiquei em silêncio, só tentando compreender tudo aquilo. Senti a raiva subindo dentro de mim novamente. Por que ela não me disse nada sobre isso? Será que o namorado dela sabe e escondeu de mim? Será que todos sabem, menos eu? Por que ela não confiou em mim para contar?

Os paramédicos conheciam George pelo nome; eles certamente já tinham feito isso antes. Muitas vezes, quem sabe.

Tive um flashback; uma lembrança fria e horrível. *Eu amo Sienna, ela ama você e precisa de você... eu amo sua filha imensamente.* Sim, definitivamente foi isso que eu disse, não foi? Eu disse a ele que a amava. Ah, meu Deus. Era muito constrangedor.

Eu imaginei como deveria ter parecido idiota quando tudo estava acontecendo. Como minha voz rouca fizera aquelas bobas declarações de amor enquanto as lágrimas de um menininho assustado corriam pelo meu rosto.

Eu achava que éramos tão próximos, mas não sabia de nada. Ainda não sei. Porcaria.

Sienna

Pão. Leite. Geleia.

Eu só saí para pegar algumas coisinhas no mercado e quando voltei me deparei com o mais completo caos. Eu soube que havia algo errado no instante em que virei a esquina, porque havia

uma ambulância parada diante do nosso bloco, com as luzes azuis piscando. A partir daí, embora não tivesse certeza de que eles estivessem aqui por causa de meu pai, algo dentro de mim me dizia que provavelmente estavam. Eles normalmente estavam.

Havia uma pequena aglomeração no gramado diante do prédio, apontando para o nosso apartamento. Eles sempre faziam isso. Caipiras idiotas... Reconheci a maioria deles. Eram sempre os mesmos.

Mas Jack não estava aqui. Jack era o nosso vizinho, um homem de 60 e poucos anos que me ajudou algumas vezes quando papai caiu e eu não consegui colocá-lo de pé. Quando eu disse *ajudou*, eu quis dizer *ajudou de má vontade*. Já tive de bater na porta dele nos horários mais esquisitos sem avisar. Acho que ele não engole muito bem esse fato, mas é a única pessoa que realmente pode ser útil nessas situações.

À nossa esquerda vive uma velhinha frágil. Não posso pedir a ajuda dela, então Jack é sempre o escolhido. Acho que ele não gostou muito no princípio. Ninguém quer ser o escolhido, mas acho que ele compreende agora como é difícil para mim. Ele até traz comida se eu passo o fim de semana fora, montes de molho à bolonhesa e risoto. Apesar de sua reação inicial, eu nunca me senti constrangida, porque a coisa mais importante na hora é garantir a segurança de meu pai.

Meu pulso começou a acelerar. Não era uma ocorrência incomum, mas estava ficando cada vez mais difícil. Eu sempre temia que a próxima queda pudesse ser a última. Não tínhamos mais onde colocar almofadas na casa.

Mas nada poderia ter me preparado para o que vi quando cruzei a porta. Porque lá, sentado no chão, estava Nick. Seu rosto estava inchado e era óbvio que ele chorara. Havia um líquido escuro por todo o lado. Ele estava olhando diretamente para a frente, e partes de seu cabelo estavam molhadas. Ele parecia traumatizado.

Meu pai estava sendo levantado e colocado no sofá por dois robustos paramédicos. Ele parecia exausto.

Eu não sabia com o que lidar primeiro.

– Estou bem, querida – disse meu pai baixinho, movendo os braços na direção de Nick – Nick veio ver você. Eu desmaiei enquanto estava fazendo um chá para nós. Ele foi muito eficiente, Si – acrescentou, numa voz débil.

Aquilo era um desastre. Eu conseguira esconder aquela situação de Nick por tanto tempo. Eu realmente não queria que ele soubesse. Meu peito se encheu de raiva. Tudo bem, eu ia contar a ele algum dia, ia mesmo, mas eu queria que ele conhecesse quem eu realmente sou antes de entrar nessas complicações da minha vida.

De repente, senti a raiva se transformar em ódio. Por que ele estava ali? Por que vinha tentando me pegar de surpresa? E, além de tudo, o olhar de tristeza no rosto de papai mostrava claramente que ele estava desapontado comigo por eu não ter contado a um de meus melhores amigos sobre ele.

Tudo estava uma bagunça. Fui me sentar ao lado de papai, segurando as mãos dele nas minhas e tentando ficar calma, embora tivesse vontade de gritar com Nick.

– Nenhum corte desta vez, não é? – Inclinei-me para inspecionar a cabeça dele. – Mas eu não lhe disse para usar o capacete? – resmunguei. – O senhor obviamente não estava usando.

Nick continuava a olhar fixamente para o nada. Ele parecia com raiva.

– Eu já volto. – Beijei a cabeça de papai suavemente. Eu sabia que ele ia ficar bom. Foi uma queda rotineira. Estávamos acostumados a isso.

Eu não estava acostumada, entretanto, a ser surpreendida desse jeito. Era assunto meu. E eu protegia meus assuntos ferozmente. Toquei no braço de Nick, e ele cerrou o pulso com força. Eu podia sentir seus músculos se contraírem sob a pele. Ele ficou vermelho-escuro; parecia furioso. Bom, eu também estava.

Eu o puxei na minha direção para poder levá-lo a um aposento onde pudéssemos ficar sozinhos. A princípio ele resistiu, mas eu puxei mais uma vez, mais forte, e então ele me seguiu.

– Que diabos há de errado com o seu pai? Por que você não me contou, Sienna? – sussurrou agressivamente assim que a porta se fechou, com lágrimas brotando-lhe dos olhos.

Meu corpo se arrepiou todo, e eu percebi que ele estava apertando meu braço direito com força. Puxei-o, tentando me libertar.

– Você está me machucando, Nick. Tire as mãos de mim – grunhi, pressionando o dedo indicador no peito dele.

Eu nunca o vira chorar. Na verdade, eu nunca vira homem nenhum chorar, exceto meu pai umas duas vezes, e fora em circunstâncias excepcionais. Por que ele estava chorando? Não era ele a vítima. Ele não tinha o direito de chorar. O fogo dentro de mim se espalhou, e eu não consegui mais aguentar.

– Mas que doidice você achou que estava fazendo? – perguntei, quando minha respiração começou a acelerar-se em meu peito. Eu sentia o pânico crescendo. Uma raiva que eu não sabia ser capaz de sentir se alastrou feito um incêndio.

Ele olhava para mim como se nunca tivesse me visto antes, os olhos arregalados como antenas parabólicas.

– Como assim? Eu só passei aqui para falar oi. O que há de errado com o seu pai? – repetia ele, a voz ainda mais alta.

– Então você teve a impressão que há algo acontecendo aqui, porque a vida é um pouco complicada para mim às vezes, e então você simplesmente aparece sem avisar? Você acha que pode brincar comigo? – falei, com raiva, subitamente percebendo como estava na defensiva.

Ele hesitou e deu um passo para trás, quase derrubando minha mesa de cabeceira. Meu dedo acusador estava tremendo.

– Sienna, você não tem ideia do que eu acabo de passar... Eu achei que ele tinha...

Mas eu o interrompi novamente.

– O que *você* passou? Deve estar de brincadeira. Eu passo por isso, Nick, todo dia, não você. Sou eu quem dá banho nele, quem cozinha para ele, limpa. Não me fale sobre o que *você* passou, tá bem? – Eu falava caminhando de um lado para o outro do quarto.

Nick cruzou os braços de modo defensivo, mas eu continuei, agora tremendo ainda mais.

– Papai tem narcolepsia. E, antes que você comece a fazer um monte de perguntas incômodas, é uma doença neurológica que faz com que ele adormeça praticamente o tempo

todo. Ele também tem cataplexia, o que significa que os ataques dele são provocados por emoções – felicidade, tristeza, qualquer coisa, e ele cai. Desmaia. É exaustivo. Você não tem ideia, então, como ousa chorar? – As palavras que saíam da minha boca eram feias e distorcidas. Eu podia sentir a vergonha começando a me assombrar, mas era tarde demais.

– Nossa, Si. Eu não sabia... Por favor! Você me disse, e deve lembrar, que ia ficar em casa hoje assistindo a filmes. *Lembra?* Eu achei que você estaria aqui. Eu não estava tentando pegá-la de surpresa!

De repente, um ar de mágoa substituiu a raiva na expressão dele, e eu senti uma pontada de culpa. É claro. Eu *dissera* aquilo a ele. Fiquei vermelha, mas já avançara demais na minha explicação para agora virar o bandido. Não havia espaço para retorno.

– E o que o paramédico quis dizer quando falou que ele pode ouvir tudo? – acrescentou, com a voz um pouco mais calma agora. Parecia aterrorizado.

Respirei fundo e tentei fazer meus braços pararem de tremer engolindo um pouco mais de oxigênio.

– Ele desmaia, mas não do modo normal. Ele pode ouvir tudo o que se passa e se lembra de tudo, basicamente. Só não consegue mover o corpo. É meio difícil de explicar – respondi, odiando ter de contar os detalhes todo o tempo para todo mundo. Todas aquelas perguntas estúpidas. Toda a curiosidade imprópria. Eu só queria que ele se afastasse de mim, e sabia que teria de ser detestável para conseguir isso.

– Você é como todo mundo, Nick Intrometido. Cai fora da minha casa. – Lágrimas começaram a cair pelo meu rosto. Na verdade, eu é que estava constrangida agora. Senti-me uma megera amarga e venenosa.

Ele veio até mim e me envolveu em seus braços bem apertado. Eu fiquei dura feito uma pedra, temendo desmanchar perto dele, porque podia sentir a onda de emoção que reprimo há uma década começando a vazar. Fiquei com medo do que poderia acontecer se eu permitisse que ela se quebrasse na praia.

– Vem cá, por favor, Si. Vem – sussurrou baixinho ao meu ouvido, os pelos de sua barba por fazer raspando suavemente contra meu rosto. Eu podia sentir seu coração contra o meu peito. A beleza dele não diminuíra. Eu ainda era tão deslumbrada por ele que sua proximidade me deixava apavorada. Fazia meu peito apertar e minha adrenalina subir tanto que eu tinha medo de desmaiar. Comecei a chorar. Tentei parar, mas não consegui.

– Você não deveria passar por isso sozinha. Por que não me contou? – perguntou.

Eu sentia como se os anos de tensão tivessem aflorado, uma tensão que eu nunca soube que realmente existia. Por fim, cedi, e ele me aninhou em seu pescoço. Ainda brava, bati com o punho no peito dele. Senti-o engolir com dificuldade.

– Tem sido difícil, Nick. Você não tem ideia. Odeio o modo como as pessoas me tratam quando descobrem. Eu nunca quis que você me olhasse com pena. Não queria que você soubesse. Queria que nunca tivesse vindo aqui! – Eu vomitava as palavras entrecortadas por soluços avassaladores. O pescoço dele ficou cheio de manchas de rimel.

– Si – disse ele, segurando meu rosto entre as mãos e puxando-o para perto do seu. Eu odiava isso, odiava a nudez desse momento. Não havia nada que eu pudesse fazer para me esconder dele, como me esconderia de tantos outros.

– Sienna, por favor, não esconda mais nada de mim. Você é a melhor amiga que eu já tive. Eu quero ajudá-la – continuou ele, passando uma das mãos no meu cabelo. Eu afastei o cabelo e joguei-o para o outro lado para que ele não pudesse tocá-lo. Tentei desviar o olhar; o contato visual significaria o fim da minha guarda e eu ainda estava brava.

– Olhe para mim – sussurrou.

Virei a cabeça para ele, com os olhos vermelhos por todo aquele nervoso. As pupilas estavam encolhidas.

– Sienna. Eu tenho que dizer uma coisa a você. Eu, eu...

Fomos interrompidos por um dos paramédicos, que decidira invadir o quarto sem bater.

– Bom, nós já terminamos. Só fiquem de olho nele o resto do dia, está bem? Ele deve dormir por mais algum tempo. Tivemos de cuidar de algumas queimaduras leves na perna, mas elas devem sarar logo. – Ele inclinou a cabeça e me lançou aquele olhar de pena que eu conheço tão bem.

– Muito obrigada. Vocês foram fantásticos, como sempre – respondi, enxugando os olhos e avançando para levá-los até a porta.

– Não, não se preocupe em se despedir, querida. Aproveite o resto do fim de semana – murmurou ele, percebendo tardiamente que poderia ter interrompido algo muito importante.

De repente, o quarto ficou em silêncio. Voltei-me para Nick.

– Por favor, vá embora – pedi, tentando não gritar. Da minha boca ainda estavam saindo palavras com as quais minha mente não concordava. Eu me sentia tão humilhada. Eu o queria bem longe dali.

– Sienna, por favor – disse ele, estendendo as mãos para mim.

– Não me faça gritar, Nick. Vá embora – repeti, dando-lhe as costas e sentando na beirada da cama.

Ouvi a porta se fechando. Senti-me oca. Fiquei me perguntando se ficaríamos tão próximos assim novamente. Eu queria correr atrás dele e implorar que ficasse, mas mantive a boca fechada e o corpo imóvel. Talvez tenha sido um daqueles momentos em que as pessoas se unem feito imãs, atraídas uma para os braços da outra por emoções exaltadas, que nunca voltam a acontecer. Lentamente comecei a perceber que fora muito desagradável. Que talvez ele nunca se recobrasse do choque.

Depois de cinco minutos em silêncio, fui para a sala de estar e fiquei diante de meu pai, tentando absorver a enormidade do que acabara de acontecer.

– Ele trouxe isso para você, Si – disse papai, balançando um CD no ar e quebrando meu momento de reflexão. O CD lançou um reflexo bem dentro de meus olhos inchados. – Acho que ele gosta de você. Você sabe disso, não sabe? – continuou, parecendo mais sério agora.

– Por que ficou com essa impressão? – perguntei.

Ele fez uma pausa e então falou: – Não sei exatamente, querida. Mas eu sei reconhecer o amor quando o vejo. Não seja má com ele. Eu ouvi você gritar, Sienna, isso não é bom.

Olhei para ele com uma sobranceira arqueada e me senti enojada de culpa.

Naquela noite, ouvi o CD. Lindas canções de uma banda da qual eu nunca ouvira falar. Prestei atenção nas letras, procurando entender o que ele estava tentando me dizer, porque eu ainda estava muito brava com ele. Eu queria ligar para me desculpar. Mas não consegui.

Nick

Só havia um modo de digerir aquilo. Com cerveja. E grandes quantidades dela.

Era o momento para uma reunião de cúpula, e o lugar escolhido essa noite foi a cervejaria da The Grand Union, em Brixton.

Os rapazes perceberam que era sério. Mandeí um torpedo para Ross primeiro, na esperança de que ele não tivesse planejado uma noite olhando para os olhos da esposa na banheira e dando-lhe rolinhos primavera com os pés. Ele pode estar casado, mas ainda é Ross. Meu companheiro: confiável e sempre pronto para uma cerveja. Ele conseguiu reunir a tropa e nos encontramos para uma importante discussão sobre como eu lidaria com essa situação.

Para minha frustração, entretanto, a reunião começou com uma detalhada análise do quanto eu era idiota.

– Espere, espere. Só um minuto – exclamou Ross depois de um gole de bebida, comandando a atenção do grupo reunido como um oficial do exército. Ele era, com certeza, o líder do grupo. Um homem corpulento com ombros largos e queixo quadrado. Uma versão humana do boneco Ken. – O que você está me dizendo é que o pai de Sienna desmaiou e você, pensando que ele estivesse morto, disse a ele que ama a filha dele? – prosseguiu, com os braços fortes e peludos cruzados sobre o peito.

– Bom, não é tão simples assim – retruquei, tentando me defender.

– Como não é tão simples, Nick? Porque é assim que parece para mim! – gritou meu suposto melhor amigo em meio a um riso incontrolável, esmurando a mesa e espirrando a melhor cerveja de Londres no meu rosto.

Babaca.

Os outros baixaram a cabeça e riram entredentes feito meninos de escola. Eu me tornara a atração da noite. Eu podia muito bem fazer um podcast apresentando atualizações diárias de minhas desventuras românticas, completo e com ferramenta para votação, e aí poderíamos decidir exatamente qual foi meu ponto mais baixo. Talvez o nerd do Jon pudesse mapeá-los em gráficos para mim, só para me afundar mais um pouco.

– Puta merda, gente! Vocês deviam estar me ajudando! – gritei, rindo secretamente e atirando um amendoim em Phil. Ele o rebateu com o braço direito. Isso é o que se pode chamar de bons reflexos. Uma coisa eu tinha de admitir: eles sempre me faziam rir, mesmo que fosse à minha custa.

– Não, falando sério, caras, preciso de ajuda. – Mudei o tom para eles perceberem que eu estava sendo sincero. Eu esperava que, agora que estávamos com 20 e tantos, e 30 e poucos anos, pudessemos discutir coisas assim. Eu estava errado. – Conto para ela antes do pai? Se ele já não contou! Ou espero que, de alguma maneira, ele tenha se esquecido dessa parte? – As perguntas fluíam da minha boca entre tragadas de Marlboro Light.

– Mas qual é o problema dele mesmo? – disse Simon, um contador de 35 anos com propensão a pescar e fumar maconha.

– Narcolepsia, ou algo assim. Ele adormece o tempo todo e não tem como controlar – respondi, irritado. Eu estava ficando um pouco cheio de explicar isso. Só Deus sabe o que Sienna deve sentir.

– E ele ouve cada palavra do que os outros dizem? – insistiu Simon, como se fosse um cientista dos corações partidos.

– Sim, tudo, aparentemente. O paramédico disse que sim, Sienna também, e o Google também.

– Uau! Que situação maluca. Alguém quer mais bebida? – disse Ross, já se dirigindo para o bar, com a atenção retornando para o pequeno objetivo de ficar bêbado. Um grupo de garotas no canto esquerdo apontou para ele e riu animadamente. Ele ainda levava o maior jeito com as mulheres, apesar de estar comprometido.

Eu me remexia desconfortavelmente no meu assento; o ar úmido da noite, aliado à minha situação difícil, estava me fazendo suar. Palmeiras artificiais decoravam os vãos entre as mesas, com luzes diáfanas cortando suas folhas de plástico. Eu queria subir numa delas e me esconder, como fiz no trabalho uma vez, mas agora não de brincadeira.

– O que é que essa garota tem de tão especial, Nick? Isso já se arrasta há séculos, e tem um monte de mulheres interessadas em você. – Essa informação inútil veio de Richard. De Richard, que nem conhece Sienna. De Richard, que recentemente deixou crescer um bigode que parece um guidão “só para dar risada”.

– E aquela gata que trabalha na agência de empregos perto de mim? Nossa, qual é o nome dela, Dave? – acrescentou.

– Sophie – respondeu Dave, com um sorriso aquiescente, descrevendo com as mãos a forma de um violão.

– É, Sophie. Ela tem uma queda por você, Nick, e ela é gostosa pra caramba – continuou Rich. Os outros concordaram em uníssono.

Eu não queria ouvir. Por eles, eu estaria coberto de strippers e mergulhado em poças de mulheres impróprias em festas de lançamento de CDs. Quase todos eles têm relacionamentos sérios ou são casados, e parecem viver através de mim, arranjando-me mulheres que secretamente desejariam para si.

– Ei, Nick, olha aquela gata ali... Ela não tira os olhos de você – declarou Simon, apontando para uma loira com pernas longas que fumava um cigarro. Ela rapidamente jogou a cabeça para o outro lado, fazendo voar as várias camadas de cabelos macios.

Jesus, era igual ao tempo da escola. Homens não crescem nunca. É um fato. OK, ela era linda, tinha pernas que não acabavam nunca e provavelmente beijava como um anjo, mas eu só queria uma coisa: Sienna.

– Tome aqui, cara, engula isso. – Ross estava de volta com uma bandeja de drinques, o líquido verde-néon quase transbordando dos copos.

Eu estava bebendo quantidades hediondas de álcool, e muito depressa. Metade de mim achava que devia parar, a outra metade queria continuar, então eu ouvi a última. Joguei a bebida garganta abaixo, limpando o líquido viscoso dos dedos na calça jeans.

– Olhe aqui, rapazes. Não tem graça. Isso está me incomodando. Será que é melhor eu mudar

de emprego? Dar um gelo? Sair do país? – Agora eu estava sendo dramático, mas era preciso atrair a atenção deles.

O silêncio baixou no grupo. Ross recostou-se, a camisa xadrez meio aberta. Ele andava malhando ultimamente e estava começando a se parecer com um pugilista.

– Tá bom. O que você sente por ela? – perguntou, desta vez bem mais sério.

Era algo constrangedor para um bando de homens bêbados. Sentimentos haviam entrado na jogada – sentimentos reais, crus. Meus sentimentos. Era apavorante, mas eu consumira álcool suficiente para conseguir abrir o jogo. Eles sabiam que eu era um idiota piegas, de qualquer maneira, então não havia motivo para tentar recuperar minha reputação perdida.

– Ela é a perfeição em pessoa. Nunca me senti assim. Não consigo imaginar nada que eu queira mais do que tê-la ao meu lado todo dia. Isso me assusta.

– Bom, você precisa falar pra ela, cara. Mas falar de um jeito legal. Tipo não fale pro pai dela em coma, entende? – disse Simon, endireitando os óculos no nariz.

– Ross. Quando você conheceu Sarah... Como soube que a amava? Como soube que ela era... perfeita? – Virei o rosto para o meu melhor amigo, na esperança de poder encontrar as respostas por trás do pesado véu de seu estupor alcoólico.

O macho alfa se mexeu desajeitadamente e parou por um instante. Ele sabia que eu sabia que ele era um romântico disfarçado. Eu nunca disse aos rapazes que havia alguns meses o surpreendera de cueca escrevendo um poema para a esposa ao som de Ronan Keating. Eu certamente aprendi desde então que devo bater na porta... Aquilo permaneceu um segredo nosso, e era minha maior arma quando o seu nível de brincadeira chegasse a limites irritantes. Um simples movimento de caneta com minha mão direita era suficiente para calá-lo.

– Bom, é... eu soube e pronto, acho – ele respondeu baixinho, passando o dedo indicador na borda de sua caneca de cerveja.

– Como assim, soube e pronto? – perguntou Simon. Ele estava claramente fascinado por tudo aquilo também.

– Eu senti que tudo nela era certo, e a ideia de ficar sem ela me fazia ficar perdido – arrematou, espalmando as mãos sobre a mesa de madeira. – É só um sentimento aqui dentro, não consigo explicar. – Suas feições de grande urso se atenuaram, e ele sorriu de orelha a orelha.

– Então, é assim que eu me sinto com relação a Sienna – declarei, secamente. – Mas, eu repito, o fato de ela ter mantido isso em segredo por tanto tempo é um mau sinal. Ela não deve sentir a mesma coisa, não é possível. E depois eu vou ter de encarar a humilhação no escritório e a perda de uma grande amizade...

– Amizade do cacete – desembuchou Ross. – Homens e mulheres nunca são só amigos, não do jeito que vocês dois são. Tem sempre um que quer agarrar o outro – continuou, como um guru do amor numa cervejaria, distribuindo conselhos e cigarros à multidão de ávidos discípulos.

Até mesmo homens que não estavam bebendo conosco empinavam as orelhas e se inclinavam na nossa direção. Um tipo todo desengonçado desistira de ser educado e se acomodou na ponta da mesa. Ele não devia ter mais de 19 anos.

Uma sensação ruim tomou conta de mim, e não era somente o enjoo causado pela bebida. Senti que precisava cair na real e superar aquilo. Eu, Nick Redland, estava me transformando

num indivíduo patético e não gostava disso. Meus amigos estavam rindo de mim. Em vez de sair às pressas do bar, subornar um motorista de táxi e ir correndo declarar meu amor eterno a Sienna, eu queria ficar o mais longe possível dela.

A batida pesada da música *house* me perturbava os pensamentos, e Ross se levantou, agitando sua cerveja no ar feito uma tocha olímpica.

– É música, rapazes! Lembra-se desta música lá de Ibiza? – gritou ele, sacolejando os quadris ao ritmo. Era trágico. Tão trágico que eu tinha de acompanhá-lo.

Quando me dei conta, estávamos todos dançando, como se minha vida amorosa fosse tão impossível de resolver que a única coisa a fazer era dançar. Éramos homens. Isso era mais natural para nós do que discutir nossos sentimentos.

O resto da noite foi uma bruma; uma bruma que certamente envolveu mais cerveja, doses de outras bebidas, e mais cerveja por cima. Pela primeira vez em muito tempo, eu não pensei em Sienna e simplesmente dancei para esquecer meus problemas.

Quando chegou a minha vez de pegar a próxima rodada, fui tropeçando até o bar com meia caneca nas mãos, e derrubei uma garota acidentalmente. Ela se virou para me dizer umas boas.

– Merda. Me desculpe, sou um idiota. Droga, a bebida molhou seu vestido todo?

Ela olhou para sua roupa. Era composta de tiras de materiais incomuns que davam a impressão de que, em separado, definham miserável e solitariamente numa loja de caridade qualquer, mas que, quando costurados juntos, formavam um vestido que lhe caía muito bem. Do ombro esquerdo, um broche em forma de sapo me encarava. Era, sem dúvida, um exemplo do assunto a que as pessoas se referem quando falam de mulheres que se vestem para outras mulheres e não para os homens, que ficam tão perplexos quanto eu estou com o resultado. O vestido maluco, junto com seu cabelo chocolate, comprido e desganhado, dava-lhe aquele afetado ar artístico que tantas garotas de Londres têm. Ainda assim, ela era bem atraente. Ou era isso ou eu estava muito bêbado. Rezei para não ter de encarar uma conta de 500 libras pelo vestido que deve ter sido feito por crianças famintas em algum país em desenvolvimento. Eu ficaria muito chateado.

Ela ficou mais calma.

– Não, tudo bem. Você pode me pagar uma bebida para se desculpar.

Descarada.

– Sim, é claro. O que quer beber?

– Um cuba libre, por favor. Qual é o seu nome?

– Nick – respondi, notando um delicado colar em forma de ferradura caindo sobre sua clavícula. Era muito sexy.

Ela sorriu para mim, e meu coração acelerou. De repente, eu não sentia nada mais a não ser desejo; ele tomou meu corpo inteiro e quase me deixou incapaz de falar. Corria pelas minhas veias feito um trem.

– Eu me chamo Kate. Prazer. – Ela estendeu uma mão, que eu apertei debilmente, me arrependendo em seguida. Seu perfume era diferente; forte, misterioso e picante. Me deu vontade de chegar mais perto dela. Suas unhas estavam pintadas de preto; ela tinha aquele ar

superproduzido e ao mesmo tempo completamente largado.

De repente, me dei conta de que fazia muito tempo que eu não abria os olhos para o mundo. Muito tempo que eu não era simplesmente um cara despreocupado. Havia tantas mulheres atraentes e adoráveis por aí. Talvez eu estivesse me limitando com minha vista curta.

Ross acenou para mim por trás do ombro de Kate e fez sinal de aprovação. Eu o ignorei.

Foi uma caminhada barulhenta até o ponto de ônibus, com o ruído de saltos e risos. Fomos tropeçando de braços dados pelas ruas e subimos num ônibus noturno, nos beijando feito adolescentes a cada oportunidade. Dividimos uma porção de batatas fritas ensopadas de vinagre e sal.

Minha cabeça rodava enquanto o ônibus de dois andares ganhava as ruas de Londres rumo à zona oeste e ao meu covil de solteiro. Nunca me passou pela cabeça que ela viria comigo, mas também nunca me passou pela cabeça que não viesse. Ela definitivamente não ia descer do ônibus, isso era certo.

Um pouco antes do nosso ponto, ela me segurou pelo queixo e pressionou seus lábios contra os meus, mordendo minha língua delicadamente. Eu me senti à vontade para beijá-la apesar da plateia.

A última coisa de que me lembro é das roupas de Kate sendo jogadas por toda a casa. Como nos filmes, sapatos, lingerie e o vestido colado dela eram descartados pelo corredor e escadas como uma trilha de provas incriminatórias. Lembro-me de percorrer seu corpo nu com as mãos na minha cama, e de ser apaixonadamente beijado por uma estranha. Enredamo-nos nos lençóis, enroscamos braços e pernas. O cabelo dela cheirava bem, cada curva de seu corpo era perfeita. Ela era linda.

Acordei pela manhã e me virei para o outro lado. Sentia-me vazio por dentro.

“Isso parece errado para você?”

Sienna

– Então por que chamam você de Pete Dançarino? – finalmente tomei coragem de perguntar. Estava frio. Um frio de rachar. E eu estava aqui outra vez, no estacionamento do trabalho.

Talvez eu fosse masoquista, mas a recordação da fúria dele já se desvanecera, e o que eu via era a pessoa por trás de tudo aquilo, e achei que valia a pena conhecê-lo.

Já estivera com ele algumas vezes àquela altura. Escolhia os momentos cautelosamente. Na verdade, não falávamos muito sobre a vida dele desde aquele episódio da fotografia, apenas umas conversinhas leves enquanto eu lhe dava coisas para comer e livros para ler. Curiosamente, falei do Nick para ele. Nem sei por quê. Não foi planejado. Simplesmente aconteceu um dia.

Pete esfregou as mãos, respirando entre elas.

– Bem, eu costumava tentar substituir a dor de ter perdido Jenny por qualquer coisa que me afastasse... – começou a dizer.

Olhei para ele com carinho, na esperança de fazê-lo me contar mais detalhes sem ter de perguntar diretamente.

– Começou com chocolate e essas coisas... você sabe, essas porcarias. No início, quando virei um desabrigado, até tinha algum dinheiro, mas gastava tudo que me caía nas mãos em chocolate.

Isso me surpreendeu. Pensei na barra de Snickers que tinha dentro da bolsa de uma perspectiva bem diferente.

– Sentia tanto a falta dela que tinha de preencher aquele vazio de alguma forma, Si. Costumava me empanturrar no parque, barras e barras até ficar tão enjoado que a dor desaparecia, era substituída por outra diferente. – Ele parecia meio envergonhado.

Os meus dedos dos pés começavam a adormecer por causa do frio, apesar das botas pretas e grossas forradas de pele de carneiro que eu calçava. Estávamos em pleno inverno britânico, e o banco do estacionamento era um lugar inclemente. Eu tentara levá-lo para tomar uma bebida quente num café, mas acho que ele não suportaria uma ida ao Starbucks, com suas mamãezinhas esbeltas e cappuccinos espumantes com leite desnatado. Não podia censurá-lo; até eu me sentia inferior num lugar daqueles.

– Mas chegou uma hora em que aquilo já não era suficiente, e eu precisei de outra coisa para amortecer a dor. Por isso comecei a beber... Muito. Passei de uma garrafa de vez em quando a um estado de constante embriaguez.

Fiquei espantada com a eloquência dele; sabia se expressar muito bem. Acho que foi por isso que o achei tão intrigante. Reparei que precisava se barbear de novo.

– As pessoas que passavam às vezes me davam uma garrafa, e eu juntava dinheiro suficiente para comprar bebida, mas nunca o suficiente para me levar a outro lugar ou mesmo comprar algo decente para mim. Então a solução a curto prazo era diluir meus pensamentos...

Observei o nariz dele; era vermelho e inchado devido aos anos de excessos. Nunca reparara

nele antes. Tinha os olhos vermelhos, mas dava para perceber que ainda era jovem, devia ter uns 30 e poucos anos, acho.

– As garrafas de sidra já não me bastavam, então comecei a procurar coisas mais fortes. Você sabe, vodca e coisas assim. E daí vieram as drogas. Cocaína, claro, era caro demais, mas havia muita erva por aí, pilulas. Tomei de tudo. – Ele inspirou profundamente e me encarou, como se eu fosse delicada demais para ouvir o que aconteceria depois. E então prosseguiu: – Eu passava todo o meu tempo nesse mundo alucinado, onde tudo estava sempre girando, rodopiando e tremendo, e, quando o efeito começava a passar, percebia que ficaria de novo sóbrio e que a dor voltaria. – Ele riu calmamente, incrédulo ao recordar aquilo.

– Então, no fundo você estava se automedicando? – perguntei, enquanto um esquilo apareceu como uma flecha junto aos meus pés, roubou um pedaço de pão e fugiu correndo para uma árvore ali perto.

– Basicamente isso. As noites de sexta e sábado eram as piores. Eu ficava na porta dos bares, ouvindo a música e dançando. Algumas pessoas vinham dançar comigo; às vezes riam, às vezes choravam. Tornei-me uma espécie de atração para os bêbados quando eles saíam dos bares e das boates.

Imaginei o seu corpo pequeno se sacudindo ao ritmo de um baixo distante. Imaginei os bêbados apontando para ele e rindo. Imaginei as garotas de coração partido pegando em sua mão e afastando-se com ele na escuridão enquanto lágrimas escorriam por seus rostos. Podia imaginar tudo isso. Ele deve ter sido uma espécie de figura cômica para eles. Alguém para debochar e exibir para os amigos.

– Devo ter sido um perfeito idiota. As coisas que as pessoas costumavam dizer, Si... Magoava tanto, mas eu não ligava. Tinha uma música, uma música que Jenny e eu adorávamos. A gente colocava para tocar na cozinha e ficava dando voltas, como dois loucos. Foram alguns dos momentos mais felizes da minha vida. – Ele sorriu, e, só de olhar para ele, o frio que eu sentia sumiu.

– Ela se chamava “You Get What You Give”... – E parou, como se o que viesse depois fosse doloroso demais. Em seguida, começou a recitar a letra para si próprio: “A música está em você, não desista...”.

– Conheço essa música. Adoro! É do New Radicals, não é? – gritei, batendo palmas.

– Sim, é demais, não é? Bem, uma noite eu estava na porta do bar ali naquela esquina e ela começou a tocar, e eu estava tão doidão que pensei que Jenny estava comigo. Dancei, dancei, e achei que nunca ia terminar. Consegui até abraçá-la. – Seus olhos ficaram marejados, e ele fez como se estivesse abraçando uma garota. Sua garota.

O sofrimento dele era tão visível, tão tangível, como se bastasse espetar um alfinete para fazê-lo jorrar como água de dentro de um balão.

– O que aconteceu depois? – perguntei, tão envolvida na conversa que era como se nada mais existisse. Os prazos, o escritório, meu pai, Nick. Tudo isso parecia agora muito distante.

– A canção terminou e eu percebi que nada daquilo era real. De repente, a canção me proporcionara tanta alegria, despertara uma agonia tão profunda dentro de mim que nem mesmo minha bebedeira podia apagar. Por isso, continuei a dançar, mesmo no mais absoluto silêncio. Como um maluco. Para tentar me agarrar àquela sensação, entende?

Então ficamos por um momento em silêncio. De repente, me lembrei das músicas que Dan costumava compor para mim. Canções que ele tocava na guitarra, gravava no seu quarto e depois me enviava pelo correio em CDs coloridos. Ele morava a poucos minutos da minha casa, mas havia algo de romântico no correio – bem, isso era o que ele costumava dizer. Eu sabia como era quando ouvia uma dessas canções nos meus fones de ouvido no trem. Conhecía a sensação que me provocava bem no fundo do estômago. Quase conseguia sentir seu cheiro.

Na verdade, Dan era meio boboca. Não era meu marido, nem pai do meu filho, nem alguém com quem vivera e que perdera. Eu nem sequer o amava. Estava somente vendo no que ia dar. Ele era apenas esse cara idiota que me fazia chorar muito. Um rapaz que mentia e preenchia os vazios com um “Eu te amo” quando não sabia mais o que dizer.

Fiquei tão cheia das suas alterações de humor, do tempo que passava no banheiro e das mentiras, que me liberei dele. Me senti ótima. O fato de ser tão próxima de Nick fazia Dan parecer um Fusca estacionado ao lado de um Lamborghini. Virara uma farsa. Eu não podia permitir que aquilo prosseguisse, e, embora não tivesse nenhuma chance com Nick, tinha esperança de poder encontrar um homem como ele. Se é que havia alguém no mundo como Nick...

O lado bom de Dan era que ele compunha boa música... embora Nick discordasse completamente de mim com relação a isso. Comecei a pensar de novo em Dan, em seu penteado maluco e seu jeito extravagante de se vestir. Encolhi-me ligeiramente.

Olhei para o relógio. O tempo estava se esgotando, como sempre acontecia quando queria conversar com Pete.

– Bem, mas e então? Como está Nick? – perguntou ele, quebrando nosso silêncio introspectivo com algo mais trivial.

– Está ótimo, obrigada. A gente se desentendeu faz um tempo, e foi bem complicado. No começo nenhum de nós sabia como se comportar na presença do outro, mas depois ficou tudo bem. Ele está bem agora – disse eu, olhando para minha meia-calça e arrancando uma bolinha.

– Já contou para ele? Você sabe... sobre como se sente?

– Não, não, não, claro que não. Faço muito esforço para deixar isso de lado, sabe. Sinto que tem muita coisa em jogo.

Pete pareceu desapontado.

– Não quero meter o nariz onde não sou chamado, Sienna, mas acho que sei o que você sente por Nick. É amor, e é o tipo de amor que eu tive com Jenny. Não entendo como é que nenhum de vocês abre a boca para admitir. Desculpe, é só o que eu penso. – Ele parecia se sentir meio culpado e ligeiramente zangado também. Era uma combinação estranha.

– Acho que muita coisa aconteceu. Parece que ele sai com garotas em todo lugar – respondi. Eu sabia, ainda que não admitisse para mim mesma, que todos aqueles encontros, todas aquelas mulheres que entravam e saíam da vida dele, o tornavam ainda mais inalcançável. Sentia-me mais intimidada que nunca. Ele mal me falava delas, mas eu sabia de alguns poucos detalhes por trás de cada nome. Marie, uma médica de Finsbury Park; Lisa, uma designer gráfica de Surrey Quays; e, claro, Kate, uma artista atormentada do Soho.

– Olha, tenho de voltar para o escritório – falei, tirando um folhado quente da minha bolsa. – Toma, é para você.

Pete sorriu e pegou o embrulho, abrindo-o na minha frente e dando mordidas profundas e ávidas na massa folhada. Era o mínimo que eu podia fazer. Ele esfregou os dedos gordurosos nas calças, deixando manchas que pareciam marcas de pneus. O joelho esquerdo continuou limpo. Ah, bem...

Sentia-me constantemente culpada por não cuidar dele. Muitas vezes pensava em levá-lo para minha casa e dar-lhe um lugar onde pudesse descansar a cabeça, mas com meu pai, e o tamanho do nosso apartamento, seria um peso que nenhum de nós aguentaria levar. Entretanto, eu fazia o que podia – procurava albergues onde ele pudesse ficar, levava roupas, livros, alguma comida, e aquilo que eu tinha esperança que pudesse ser uma pequena luz no fim do túnel.

Ele me contara que conseguira livrar-se das drogas, embora eu não tivesse muita certeza disso. Aparentemente, também diminuíra a bebida. Pelo menos era o que ele me dissera. É verdade que já não havia latas de cerveja espalhadas pelo chão ao redor dele e ele estava com uma aparência melhor, se é que isso era possível naquela situação. Eu tinha muita esperança de que se recuperasse.

Gotas de chuva começaram a cair. O ar carregado da tempestade começava a me dar dor de cabeça.

– Muito obrigado, Sienna – respondeu ele, enquanto mastigava grandes porções de folhado. – Ah, meu Deus, está começando a chover. Esta noite vai ser bem fria – acrescentou, estremeando ao pensar naquilo e observar o céu cinzento. – Quem me dera ter um lugar para onde ir – prosseguiu, mastigando mais rápido à medida que a chuva começava a cair com força.

Quem me dera que ele pudesse ficar conosco, mas *não era possível*. Embora eu conversasse abertamente com Pete, não conseguia contar a ele sobre meu pai. Ele já tinha muito com o que se preocupar; não me parecia correto contar sobre os problemas dos outros. Mas, ao mesmo tempo, isso significava que não tinha uma boa desculpa para o fato de não lhe oferecer minha casa. Não queria que ele achasse que eu era egoísta, ou que não ligava.

– Desculpe, querida – disse ele, então. – Eu não devia me lamentar, não é? Não há nada que você possa fazer.

– Quem me dera houvesse, Pete... Vejo você depois. – Comecei a me afastar, pensando no quanto nossas vidas eram diferentes. Ainda assim, de alguma forma nos conhecemos no meio do caminho e encontramos um ponto em comum. Mesmo sendo um banco.

O calor irrompeu pela porta quando entrei, fazendo minhas lentes de contato grudarem-se em meus olhos como cacos de vidro.

– Sienna, querida, o que você estava fazendo com aquele homem no frio? – perguntou Sandra, num tom agudo e inquisitório. Os telefones tocavam freneticamente, mas ela os ignorava.

Odeio o jeito carinhoso como ela me trata: “querida”, “amor”, “chuchu”, esse tipo de coisa. Dá a impressão de que ela é uma pessoa boa e atenciosa, mas quando me meti em problemas ela não demonstrou a menor vontade de me ajudar. Ao contrário, me denunciou. Eu não confiava nela, mas, como tinha de manter a paz, cerrava os dentes e levava aquela conversa boba.

– Você vai acabar doente se continuar assim – falou, terminando a frase com um beicinho rosa-brilhante. Céus, como ela é irritante.

– Não tem problema, estou com muitas camadas de roupa. – Sorri, sem convencer, puxando

minha blusa, que, sinceramente, de pouco me valia naquele frio. Era um daqueles modelos finos de malha larga, com um desenho de buracos artísticos nos braços. Como a maioria das minhas peças de roupa, apaixonei-me por ela ao fazer compras num sábado sem sequer pensar se era prática ou não. Um pouco como o meu gosto por homens.

– Está bem, querida, acredito em você. – E retribuiu o sorriso fingido. – Ah, o Nick deixou isto aqui para você. – Com um olhar malicioso, passou-me um papel por cima do tampo de vidro.

Tirei o papel da mão dela e subi as escadas, abrindo-o rapidamente na tranquilidade do corredor. O papel estava selado com fita adesiva para que as palavras dele não fossem lidas por olhos indiscretos. Meu coração dançava, leve. Adoro a letra dele.

Tive de ir a uma reunião, Pinguim, então pensei em lhe escrever isto quando estava saindo...

Que tal uma partida de jogos retrô hoje à noite?

Comprei um Sega Mega Drive no eBay e estou louco pra relembrar os velhos tempos.

Manda uma mensagem pra mim...

Adoro você.

Seu Nick preferido

Beijos

Não havia outros Nicks na minha vida, mas, mesmo que houvesse uma centena, ambos sabíamos que ele seria o melhor.

Essa coisa de “Pinguim” era nova...

Isso provavelmente geraria horas de riso desenfreado; eu sabia bem como ele era, sempre me fazia rir. Mas isso era inusitado. Aquele recado parecia tão arrojado, era diferente... De repente, me senti muito animada. Um sorriso de orelha a orelha se formou em meu rosto. Eu tirara a sorte grande – sabia o que aquilo significava. Eu nunca fora à casa dele, e aquele bilhete parecia muito pessoal. Talvez, enfim, algo pudesse acontecer...

O que eu ia vestir? Depilei as pernas? Ao menos teria tempo de depilar as pernas? Merda. Merda. Merda. Peguei o celular e disse a ele que o veria às oito.

Nick

Eu andava esperando aquela encomenda como se ela contivesse um órgão vital. Era muito empolgante. Sega Mega Drive: a maldição dos meus anos na universidade. Eu ficava noites e noites agarrado àquilo, viciado, enquanto os prazos dos trabalhos se esgotavam. Que tempo maravilhoso foi aquele.

Não sei como consegui terminar a universidade sem nenhuma lesão por esforço repetitivo nos polegares, com nota boa na disciplina de Estudos Clássicos e com a habilidade de me alimentar por uma semana com apenas cinco libras. Felizmente, superei minha obsessão antes da pós-graduação como artista gráfico.

Agarrei o controle, sentindo as familiares curvas do plástico preto. Era básica. Básica e grosseira, e eu adorava aquilo. Tinha apenas dois botões vermelhos e uma grande fenda em cima para encaixar os jogos. Os consoles de hoje em dia podem preparar um chá e limpar sua bunda

ao mesmo tempo.

O melhor é que Sienna viria, e eu mal podia esperar que ela chegasse. Tínhamos falado desses consoles havia uns meses na feira de games, e quando eu tinha 21 anos, e, aniquilava os inimigos pixelizados do Street Fighter, ela era adolescente e saltava nas plataformas do Donkey Kong. Era perfeito.

Ela devia estar para chegar, por isso comecei a servir a comida chinesa que encomendara. O prato preferido dela era carne desfiada; o meu era frango agri-doce. Já sabia que ela também iria querer comer do meu, por isso pedira a mais.

Ouvi uma leve batida na porta, três batidas suaves. O ar frio da noite encheu o corredor quando abri a porta para ela.

– Sienna! – gritei, como se estivesse surpreso ao vê-la, puxando-a para os meus braços num grande abraço. Seu corpo pequeno estava escondido debaixo de um elegante casaco de inverno, que ela tirou enquanto se dirigia para a cozinha. A presença dela era como um furacão em miniatura. Eu nunca conseguia acompanhá-la.

– Oba! Você comprou a minha preferida! – gritou ela, agarrando uma grande garrafa de sidra para dividirmos. Levamos aquela mercadoria preciosa para a sala, onde fechamos as cortinas e nos isolamos do mundo. Agora éramos apenas eu e minha garota preferida.

Um pequeno abajur no canto da sala era tudo de que precisávamos; a TV emitia uma luz azul tremulante e nós esperávamos a diversão começar.

– Então, seu pai está bem hoje? – perguntei, rasgando um saco de salgadinho de camarão e espalhando vários pelo tapete.

– Está, ele está ótimo, Nick. Acho que ficou contente por me ver sair de casa, assim ele tem um pouco de paz. – Ao responder, ela endireitou as costas; obviamente nossa discussão ainda estava fresca em sua mente. Começou a enfiar garfadas de comida na boca. A garota tem apetite. Adoro isso nela.

Abri a sidra e enchi os copos, o líquido gelado imediatamente criando uma camada fina de gotículas no lado de fora. Não sabia o que fazer primeiro: beber um trago, me empanturrar de comida ou revelar a Sienna o que sentia. (Embora me perguntasse se conseguiria mesmo criar coragem para fazer esta última coisa.) Que maravilha.

– Nick, ultimamente tenho voltado a falar com o Pete, sabe...

– Quem é Pete?

– Aquele sem-teto que costuma ficar no banco do estacionamento do trabalho.

– Por que continua a falar com ele, Si? Você quase se meteu numa enrascada por causa disso.

– Eu sei, eu sei, mas me sinto mal por não tê-lo convidado para viver uns tempos comigo e com meu pai. Já faz algum tempo que penso nisso.

De repente, fiquei pasmo com ela. Sentada ao meu lado estava uma garota de 20 e poucos anos que parecia ter mais espaço em seu coração para preocupar-se com os outros do que qualquer pessoa que eu tivesse conhecido. Já era difícil tomar conta do pai; ela não devia estar se preocupando em consertar a vida de todo mundo. Estava em sintonia com o mundo, era tão adulta para alguém tão jovem que me assustava um pouco. No entanto, eu não podia deixar de pensar que aquela ideia dela era um tanto ingênua...

– Eu entendo a sua ideia, mas não seria complicado demais para você e seu pai? – perguntei.

– O problema é justamente esse. Seria mesmo muito complicado. O apartamento é pequeno, e a vida já é muito difícil para ele. Ainda assim, me sinto mal com essa situação. – Ela me fitou, procurando respostas na minha cara assombrada, como tantas vezes fazia.

Sienna era tão bondosa que eu estava convencido de que ela passava a maior parte do tempo se sentindo culpada. Não fosse pelo pai e pelas limitações de espaço, ela provavelmente teria a casa cheia de desabrigados, cachorros vira-latas, gatinhos, pombos e idosos solitários que ajudava a subir nos ônibus. Era ridículo.

Eu não sabia muito sobre o tal sem-teto, mas sabia que ele era um sortudo por ter Sienna em sua vida. Apesar de ser bonita, não havia nela um pingote de arrogância. E eu sabia por quê: Sienna era tão linda que as pessoas nem diziam nada para ela. Como ela não saberia? Era o que provavelmente pensavam. Era óbvio demais.

– Bem, tenho dois jogos: Donkey Kong e Street Fighter. Você escolhe – falei, mudando de assunto, sentindo necessidade de jogar para longe a dura realidade da vida e substituí-la pelos violentos jogos eletrônicos dos anos 80.

Ela deu uma risadinha e escolheu Donkey Kong. Eu já previa. Enfiei desastradamente o jogo no console, sentindo o impacto familiar quando ele se encaixou nos mecanismos internos. Tomei dois goles grandes de sidra e atirei meu tênis para o canto da sala, quase derrubando um abajur. Céus, eu era um idiota. Mas parecia que ela gostava disso, fazia com que soltasse aquela gargalhada tão profunda que era difícil parar.

Agarrei-me ao controle como uma criança recém-nascida, tentando entender como se jogava aquilo. Já se passara muito tempo, e minha memória falhava. Sienna parecia concentradamente a postos, mordiscando o lábio inferior e fitando a tela granulada com os olhos se apertando. Ela não podia ganhar. Isso arrasaria de tal forma meu orgulho que este talvez nunca mais se recuperasse. Seria quase tão grave quanto aquele episódio com o pai dela, e aquilo já fora suficientemente embaraçoso. Tive de evitá-la pelo menos uma semana depois disso. Não, os jogos eram o meu território...

– Então vamos lá, Si – declarei, propondo um brinde com a taça. Ela retribuiu o gesto e se instalou no canto do sofá. As horas seguintes foram uma mistura de sidra e risos. Ela tentou me distrair de todas as maneiras possíveis e imaginárias, inclusive tapando minha cara com o suéter. Mas ainda assim acabei com ela. A ordem do universo fora restaurada, e eu era novamente um homem feliz. Foram tantos gritos histéricos que me surpreendi pelo fato de os vizinhos não terem começado a bater na parede.

O relógio já marcava uma da manhã quando enfiamos o máximo de roupa que conseguimos e fomos até o jardim. Eu levava nas mãos dois cubas livres e um grande e grosso charuto.

Sentamos lado a lado em cima de uma toalha que estendi no deque, e ela apoiou a cabeça no meu ombro. Encaixava perfeitamente. O frio cortante fez o corpo dela estremecer como um cachorrinho, e então pus meu braço esquerdo em volta dela, apertando-a com força. Dei uma tragada no charuto, expelindo a fumaça em anéis pequenos e perfeitos. Talvez, se me esforçasse, conseguiria dizer que a amava usando sinais de fumaça...

Não. Era uma tolice. E impossível. Sienna precisava de mim na vida dela. De repente, vi-me voltando atrás na ideia de, por fim, revelar a ela o que sentia. Toda a minha autopersuasão desapareceu tão rapidamente que eu mal conseguia ouvir as palavras que vinham me

martelando a cabeça. Nunca quis ser aquele que lhe partiria o coração, que a desiludiria, que chegaria atrasado para o jantar ou lhe roubaria o espaço na cama. Nunca quis ser a pessoa que a faria chorar, ou que se revelasse uma decepção. Ela era importante demais para que eu fizesse algo assim. Apesar de achar que poderia amá-la melhor que qualquer outra pessoa neste mundo, não confiava que fosse... bom o suficiente.

– Passa isso para cá, seu tonto – disse ela, arrancando o charuto dos meus dedos.

Observei-a enquanto a fumaça brotava de seus lábios. Parecia tão pura que o contraste entre seu rosto e a fumaça saindo em espirais de sua boca ganhava um toque artístico. Eu poderia tirar uma foto daquele momento e expor numa galeria, e todo mundo ficaria maravilhado. Quem é aquela garota? O que ela tem? De onde ela veio?

– O que foi, Nick? Está tudo bem? – Ela se virou para mim. Nossos rostos estavam a milímetros de distância, e o hálito dela era fresco. Teria sido o momento perfeito para beijá-la. Mas simplesmente não consegui.

– Tudo bem, cara, só estou relaxando.

Cara? Que merda era essa? “Cara” era como a chamava quando estava assustado e precisava que fosse minha amiga. “Cara” não era a mulher por quem eu suspirava todos os dias desde que vira seu rosto pela primeira vez me espreitando por cima de um jornal.

– Tem alguma garota interessante na sua vida neste momento? – perguntou ela, voltando seu perfil delicado para a lua, que boiava no céu como suspensa por um fio invisível.

– Tem sim, acho que sim... – respondi, repassando os últimos encontros que tivera.

Não estava dizendo toda a verdade, elas não eram assim tão interessantes. Uma delas tentou me arrastar para trás de uma caçamba de lixo, querendo sexo logo no primeiro encontro. Outra tinha obviamente vários namorados e me encarou como mais um brinquedo, o que eu até toparia, mas não me entusiasmei o suficiente. E depois teve Kate... A bela e torturada Kate. Eu não me dera conta de que, naquela noite em Brixton, levava para casa uma boneca quebrada; tudo o que eu queria era uma noite de diversão, mas ela precisava de conserto e esperava que eu fizesse isso. Kate era, na verdade, o que tive de mais próximo de um relacionamento sério nos últimos tempos, mas tinha algo que me segurava. Estava farto de segurar seu rosto e dizer que ela era linda, cansado dos telefonemas chorosos às três da madrugada. Eu devia ter encarado aquela noite louca como um presságio; havia algo no desespero dessa paixão que indicava a nossa vulnerabilidade partilhada. Eu estava magoado por causa da discussão com Sienna e precisava de uma distração, e Kate necessitava de alguém que a fizesse sentir-se bonita de novo. Foi o que fiz, e isso funcionou como uma droga para ela.

– Quem é, Nick? – Senti o corpo dela ficar tenso; supus que estivesse com frio. Não falávamos muito daquelas coisas.

– Bem, Kate é encantadora. Mas não sei se consigo lidar com os dramas dela. Ela me deixa meio sufocado, na verdade, mas não posso simplesmente deixar que ela se vire sozinha. Já estou muito envolvido com a situação... – Fiz uma pausa, ao perceber que soava como um canalha.

– Isso parece errado para você? – perguntou, dessa vez de um jeito tranquilo, enquanto puxava o casaco para cobrir os joelhos.

Sentia o cheiro de seus cabelos; um aroma delicioso de maçã.

– Não, não parece. Acho que até gosto dela, mas a realidade é demais para mim. Ela não é minha namorada... mas praticamente se impôs assim. A impressão que tenho é de não ter muita escolha.

Fiquei surpreso como as palavras me jorraram daquele jeito. Agora que conversava com Sienna, meus pensamentos fluíam de forma clara e ordenada, quando tinham estado boiando desordenadamente como uma sopa de letrinhas em minha cabeça.

– Acho que você devia se esforçar mais, Nick. Acho que ela pode precisar de você. Às vezes as pessoas precisam da gente, e isso assusta tanto que as afastamos, quando, na verdade, só o que queremos é estar mais perto. – Ela olhou para mim e de repente senti nos ombros o peso de uma nova responsabilidade. Uma que eu tentara negar, mas Sienna colocara tudo de um modo tão simples que achei que me não percebera algo que era tão óbvio.

– Bem, é melhor eu ir embora, meu querido – disse ela, olhando para o relógio de repente.

O frio se infiltrou dentro da minha roupa quando o corpo quente dela se afastou de mim. Já era muito tarde, e eu previa que ir ao trabalho seria uma verdadeira luta na manhã seguinte. Minha cabeça girava.

– Você pode chamar um táxi? – Ela levantou o rosto para mim ao luar.

– Claro. Se você quiser, pode ficar no quarto de hóspedes.

– Não, obrigada, Nick, é melhor eu voltar para casa. – Ela se dirigiu até a sala, e eu a segui. Ouvi quando se sentou de novo no sofá e abriu a porta da geladeira para pegar água gelada.

– Já chamo o táxi, só um segundo, Sienna – gritei no corredor, mas não ouvi resposta.

Comecei a remexer nos papéis em cima da bancada da cozinha, à procura do telefone do táxi, frustrado com a minha própria desorganização. Depois de alguns minutos, encontrei um cartão. Peguei o telefone e fui para a sala, mas me surpreendi quando a vi deitada no sofá, dormindo profundamente. Que rápido, pensei. Ela devia estar exausta.

Não sabia bem o que fazer, então fiquei ali olhando para ela por alguns minutos.

Seu belo rosto estava iluminado pela luz azul do protetor de tela da televisão, e ela parecia muito serena.

Fiquei pensando no pai dela e se não seria ruim ela não estar lá de manhã, mas sabia que o assistente social sempre aparecia quando Sienna saía para o trabalho e deduzi que ele ficaria bem. Era uma situação difícil de avaliar.

Achei melhor não a perturbar, então subi, peguei o edredom da minha cama e o levei, tomando cuidado para não tropeçar na ponta e cair pelas escadas, chegando lá embaixo todo enrolado nele. Era exatamente o tipo de coisa que aconteceria comigo. Coloquei-o suavemente por cima dela, reparando em suas costelas subindo e descendo enquanto dormia e em seguida regressei em silêncio ao meu quarto.

Deitei-me sob um lençol fino. Estava frio, mas eu não me importava. Sabia que Sienna estava ali, segura e aquecida debaixo do meu edredom, mesmo eu não estando lá com ela. Enquanto tentava adormecer, pensei na minha vida e no quanto eu progredira depois de ter me separado de Amélia. *Quanto disso se devia a Sienna?*, pensei. O simples fato de tê-la por perto já era uma bênção que me fazia beliscar a mim próprio. Lentamente deslizei para a terra dos sonhos, despertando algumas vezes quando minhas pernas tremiam, até que por fim me perdi na

reconfortante névoa do sono.

Acho que eram umas três da manhã quando vislumbrei a silhueta de Sienna na escuridão do meu quarto. Eu mal a distinguia. Despertei dos meus sonhos com o ruído da porta se abrindo, e com um olho espreitei enquanto ela pairava ali, como um fantasma. Será que era sonâmbula? Fiquei quieto, fingindo dormir, tentando perceber o que se passava afinal. Ela ficou parada por uns minutos; meu coração batia com tanta força que eu conseguia escutá-lo no travesseiro.

Deveria falar alguma coisa? Ir até ela? Já ouvira dizer que os sonâmbulos podiam atacar se os acordássemos... Percebi mais um movimento e então ela sentou na beira da cama, soltando um suspiro. Era um suspiro de infelicidade, eu já a conhecia bem. Mais uma pausa. E depois, silêncio. A escuridão da noite. Estendeu o edredom sobre a cama suavemente para não me acordar e se enfiou por baixo dele. O cabelo comprido fez ruído na almofada, e uma fina mecha me roçava o pescoço.

Sienna

Era quase uma da manhã, e a sidra fazia efeito. Eu sentia aquela tonteira gostosa e suave, numa linha tênue que separava o alegre do bêbado. Todas as minhas preocupações pareciam bem distantes. Éramos apenas eu e Nick na casa dele e nada mais importava. Nada mesmo.

Jogamos Donkey Kong durante horas, e foi uma ótima distração para a tensão que vinha crescendo entre nós. Mas, agora que o jogo estava desligado, eu é que estava completamente acesa. A atração que sentia por ele nesse momento era tão avassaladora que me assustava.

– Está a fim de fumar um charuto? – perguntou ele, no corredor, como se eu já tivesse respondido que sim. Vestia um casaco acolchoado marrom escuro com uma faixa verde nos braços. Era um daqueles casacos estilosos que se viam em Londres nos homens que preferem usar fones de ouvido enormes em vez daqueles pequenos, leem o *Independent* e mantêm seus tênis coloridos perigosamente limpos. Ele tinha esse visual. E isso me deixava louca.

Ele também arranjou um casaco para mim, um Helly Hansen preto, vários números acima do meu, que me deixava com cara de quem ia fazer uma viagem de esqui. O cheiro da loção pós-barba dele me inundou quando puxei o fecho para cima. Mal pude conter-me para não pegar seu rosto e beijá-lo, ali mesmo no corredor.

Nick preparou dois cubas libres na cozinha antes de sairmos e escolheu um charuto grande e grosso dentre uma seleção de cinco que tinha num armário junto à porta dos fundos. Também pegou uma toalha, que estendeu sobre o deque lá fora. O ar estava tão frio que tive de subir o fecho do casaco até o pescoço, mas o álcool fornecia uma camada extra de proteção.

Nós nos sentamos, e Nick acendeu o charuto, o cheiro intenso se espalhando à nossa volta. A lua estava tão brilhante que parecia que alguém deixara acesa uma daquelas lâmpadas econômicas, criando um ambiente que mais parecia um cenário de filme de vampiro.

Comecei a tremer ligeiramente e fui arrastando o traseiro pela toalha para captar o calor dele. Estar perto assim era tão torturante que me dava vontade de chorar, mas ao mesmo tempo me deixava feliz. Era agriçoce.

Nick pôs o braço à minha volta e me apertou, ao mesmo tempo em que começou a exalar a fumaça em pequenos anéis. Eles ficavam maiores e mais suaves à medida que subiam fluando no ar fresco da noite. Ele parecia profundamente concentrado em seus pensamentos. Alheio. Distante. Pedi o charuto a ele, tirando-o da mão antes que ele pensasse em responder. Sabia que

era um atrevimento, mas eu estava nervosa. Bem lá no fundo, sabia que, se não ficássemos juntos naquela noite, sob a lua cheia e o céu estrelado, isso provavelmente nunca aconteceria.

O silêncio continuava, então perguntei se estava tudo bem, virando-me para ele de um jeito que nossos narizes quase se tocavam. Sentia nos lábios o calor da respiração dele e o fitei nos olhos. Poderia beijá-lo. Poderia mesmo. Naquele. Instante. Bem, vamos lá, pensei. Vai...

Mas foi tarde demais; ele quebrou o silêncio:

– Tudo bem, cara, só estou relaxando.

Cara? Perdi a deixa, e ele me chamou de cara. Droga.

Perguntei se tinha alguém na vida dele, na esperança de que isso trouxesse o assunto à tona, com a minha respiração criando baforadas brancas no ar gélido.

– Tem sim, acho que sim... – respondeu, estreitando ligeiramente os olhos para impedir que a fumaça entrasse.

Ah, Deus, aposto que era alguém que eu não conhecia. Talvez ele estivesse prestes a entrar numa relação.

– Quem é, Nick? – perguntei, desesperada para sair daquele tormento. Espero não ter dado muita bandeira. Ele começou a falar de Kate. Já ouvira falar dela por alto algumas vezes. Acho que se conheceram numa noite dessas em que ele foi a Brixton, quando as coisas entre nós estavam meio esquisitas depois daquela discussão, mas ele a descrevera como uma “alma torturada” quando a mencionou em conversas anteriores. Alma torturada. Aquilo não me soou como algo com que ele tivesse de lidar.

Perguntei calmamente se lhe parecia errado estar com ela e puxei o casaco para cobrir os joelhos. Agora que falávamos de outra mulher, o frio parecia penetrar todos os meus ossos.

– Não, não parece. Acho que até gosto dela, mas a realidade é demais para mim. Ela não é minha namorada... mas praticamente se impôs assim. A impressão que tenho é de não ter muita escolha.

Fiquei espantada por ouvi-lo falar daquilo com tanta sinceridade. Por alguma razão, sempre nos esquivávamos de contar detalhes de nossas relações. Sempre achei que era porque Nick era muito reservado nesses assuntos. E de minha parte era porque queria que ele soubesse que eu estava disponível se ele alguma vez sentisse o mesmo. Nada mau, não?

De repente, fiquei preocupada que ele tivesse percebido o que eu sentia. Comecei a recuar a fim de me proteger e disse coisas para aproximá-lo de Kate, na esperança desesperada e secreta de que ele simplesmente dissesse: “Há outra pessoa... é você”. Imediatamente, senti uma ponta de culpa. Essa tal de Kate, fosse quem fosse, poderia ser adorável. Por que eu desejaria estragar a relação deles? Era detestável e não tinha nada a ver comigo.

Quando vi, estava falando mais besteiras.

– Acho que você devia se esforçar mais, Nick. Acho que ela pode precisar de você. Às vezes as pessoas precisam da gente e isso assusta tanto que as afastamos, quando, na verdade, só o que queremos é estar mais perto.

Irônico, não era? Eu tinha esperança de que aquele fosse nosso momento, e no entanto estávamos ali, falando de outra pessoa...

O aroma de maçã do cabelo dela se infiltrou instantaneamente em minhas narinas. Era muito excitante. Prendi a respiração quando ela se deitou no colchão ao meu lado. Um... Dois... Três... Quatro... Sentia os pulmões a ponto de arrebentar. Sempre fui muito ruim em segurar a respiração, pois uma vez participei de uma travessia a nado pela escola e fui segurado debaixo da água por Luke Coceira (melhor não questionar o apelido). Agora, sempre que sou tomado por um ataque de soluços vejo aquele rostinho zangado dele bem na minha frente antes de mergulhar minha cabeça na água e quase me matar. Acho que chamam isso de trauma por associação.

Soltei o ar lenta e silenciosamente quando ela virou o corpo na minha direção, e mais uma vez pude sentir o calor que emanava dela tal como acontecera no jardim. Meu coração batia agora tão depressa que até me senti mal. Sentia no travesseiro o cheiro do charuto que fumamos, e aquilo me deixou ainda pior. A sidra e a comida chinesa brigavam em meu estômago. Ah, Deus. Por que é que a mera presença dela me fazia sentir como se estivesse me desfazendo em pedaços? E o que diabos ela estava fazendo?

Continuei empenhado em meu papel de adormecido para poder virar as costas para ela. Puxei o edredom para mim, assim ela acharia que eu realmente estava dormindo. O corpo dela se afastou de novo. Eu não sabia bem como é que me fazer de morto poderia ajudar naquela situação, mas me parecia a única coisa certa a fazer.

Sim, fugir de tudo aquilo era definitivamente melhor que encarar. Já escolhera aquela opção tantas vezes, e sempre funcionara. Meus sentidos estavam tão intensificados pela adrenalina que eu estava a um milhão de quilômetros de conseguir adormecer. Tinha os olhos arregalados e os pelos das pernas e braços arrepiados. Pelo som da respiração de Sienna, igualmente acelerada, calculei que estivesse deitada de barriga para cima. Também soava estressada.

Pensa em outra coisa, Nick. Vamos lá, qualquer coisa... Balas, elásticos, máquinas de fax... Sienna, bela Sienna... Torradeiras quebradas, manuais de instrução, furões... Mas Sienna está aqui... Correias de transmissão, WD-40, bolinhos... Minha Sienna...

Droga. Era óbvio que não estava funcionando, então deixei minha mente vagar até o lugar que eu queria. Pensei em como seria agir com coragem. Ou seja, não ser eu. Sabia que nunca me aproveitaria dela, mas, se tivesse colhões no lugar de uvas-passas aquela noite, talvez pudesse me virar e puxá-la para mim com meu braço direito. Sim, seria ótimo. Podia passar o meu braço por sua cintura fina e puxá-la por debaixo dos lençóis até ficarmos de narizes colados.

E, talvez, naquele meu cenário idílico, ela não gritasse “Eca, Nick! O que você pensa que está fazendo?”. Não me batesse na cabeça com a meia, mas ficaria quieta e permitiria repousar seus lábios nos meus.

Como isso já se arrastava havia tanto tempo, nenhum de nós se arriscaria a se lançar num beijo assim, de cara; ficaríamos apenas ali deitados de início, vendo como era. Talvez alguns minutos se passassem e eu pudesse sentir sua respiração em meu rosto. Aproveitaria cada segundo como se fosse o verdadeiro sentido da vida, aqueles momentos que fazem o mundo girar. Então, talvez, se eu tivesse muita sorte, ela beijaria meu lábio inferior e diria o quanto também me amava e sempre amara...

O cenário era tão parecido com um sonho que doía nas profundezas do meu ser. Doía de verdade. Aquilo era mesmo amor. Sem dúvida. Era disso que aqueles poetas falavam na literatura antiga que me deixava sem jeito quando eu tinha 14 anos e o rosto cheio de espinhas e

fantasiava com a Srta. Rogers nas minhas aulas de literatura inglesa. Era isso. Era um amor avassalador, estonteante, que me acelerava o coração. Aquele tipo de amor que atinge cada uma das nossas terminações nervosas e nos deixa quase loucos. Aquele ao qual não podia me render com facilidade, pois já doía muito antes mesmo de começar.

A realidade é que o amor da minha vida estava deitado de barriga para cima na minha cama às três e meia da madrugada, e eu fingia que dormia. Que grande herói eu era. Saia, Homem-Aranha. Onde é que você se enfiou? Hein?

A escuridão preenchia cada canto do quarto. Meus olhos esquadrihavam o espaço à minha frente, mas era como se uma venda preta tivesse sido amarrada em volta deles. Não havia nada além do espaço escuro como breu.

Então, de repente, aconteceu. Senti uma mão macia que se moveu sob os lençóis e enlaçou minha cintura. Não era um sonho, Nick, não era um sonho. Estava efetivamente acontecendo. Os músculos do meu estômago se contraíram tanto que pareciam uma fileira de pedras na praia. Bem, isso deixava claro que eu estava acordado, certo?

Tentei descontrair a barriga, mas simplesmente não conseguia, e então pensei que aquela tensão não me prejudicaria e desencanei. Imaginei o que ela estaria fazendo. Devia mesmo ser sonâmbula... E então ela se agarrou à minha barriga, puxou o corpo por trás do meu, enfiando as pernas debaixo das minhas. Uau.

Parecíamos duas colheres aconchegadas na gaveta dos talheres. Era isso. Mais de um ano após nos conhecermos, ela finalmente quebrara o gelo. Será que ela tinha noção do que estava fazendo? Como eu não queria estragar tudo, continuei imóvel. Segurar sua mão ou tentar beijá-la poderia ser, nessa fase, ir longe demais.

Os lábios dela tocaram de leve a parte de trás do meu pescoço e eu senti meu coração incendiar.

Calma. Paz. Silêncio. Um suspiro sonoro escapou de seus pulmões quando ela finalmente adormeceu, tremendo as pernas como acontecia comigo.

Não dormi nada. Era como se todos os meus aniversários acontecessem ao mesmo tempo.

Pensei a quem contaria primeiro. Ross? Sim, tinha de ser ele. Merecia uma medalha depois de ter aguentado minhas angústias e lamúrias. Poderia ligar para ele e dizer como quem não quer nada que eu e Sienna tínhamos enfim nos entendido, como eu sempre soubera que aconteceria. Ele provavelmente me tiraria o couro, mas ficaria feliz por mim.

Eu poderia ligar para minha mãe e ela finalmente acreditaria que não sou gay (ela começara a se preocupar com essa possibilidade desde que eu e Amélia nos separamos e eu nunca mais levei ninguém que se parecesse com uma companheira estável aos nossos encontros familiares formais).

As meninas da recepção também iriam adorar. Havia tempos que andavam me provocando.

Uau. Sienna, minha namorada. Festas de Natal, reuniões de trabalho, bar mitzvah, o que quer que fosse. Eu e Sienna contra o mundo. Conta conjunta no banco. Algodão egípcio. Um cartão das lojas Tesco... Minha bela e maravilhosa garota.

Aquelas três horas e meia na cama com o braço de Sienna me enlaçando foram possivelmente as mais felizes que já vivi. Teve aquela vez em que andei de camelo na África, e

minha primeira grande promoção. Ah, e não posso esquecer a maratona de três horas e meia (foi um espetáculo)... Mas nada superava aquilo.

Ela não podia estar dormindo; uma pessoa não abraça a outra durante o sono. Era mesmo real.

O sol se erguia lentamente por trás das cortinas, e eu permanecia imóvel, entusiasmado com o que ela diria quando acordasse. Poderia ser algo como: “Bom dia, Nick, espero que você não se importe com eu ter feito isto... Faz tempo que queria dizer...”, ou até: “Não fale nada, Nick, só me beije...” Sim, bem que eu gostava da segunda hipótese. Vamos considerar essa. Sabia que daria certo. Sempre tive algo dentro de mim que me dizia que nos entenderíamos. Desde o início.

Então, por volta de 6h55, ela se virou para o outro lado enquanto dormia. Merda.

Agora que o braço dela se afastara de meu corpo, a pequena faixa de pele antes coberta estava fria e, bem, despida. Quero dizer, estava despida, mas agora era ainda pior. Eu a perdera. Tudo bem, pensei. Ela acordaria daqui a pouco, e poderíamos conversar, e eu lhe explicaria quanto tempo havia que eu a amava e todas as trapalhadas que dissera e fizera e por quê. Como daquela vez em que disse que ela me lembrava minha irmã. Sem dúvida, essa seria a primeira coisa que eu explicaria.

Às 7h10, o alarme do telefone dela tocou, rasgando a glória da calma matinal e o início de nossa nova vida.

– Merda, merda, merda – exclamou, sentando-se rapidamente na cama, com o edredom enrolado em volta do peito como se estivesse nua. Não estava. A franja dela estava espetada no ar numa série de ângulos estranhos, e ela tinha um vinco no rosto feito pela costura da almofada. Mergulhou na lateral da cama procurando atabalhoadamente o telefone, silenciando-o com algo que me pareceu um soco. Dei um pulo.

– Droga, Nick, desculpe. Não sei por que vim para a sua cama. Minha cabeça está doendo. Que merda! – exclamou outra vez. Uma longa série de palavrões e arrependimento. Tinha as bochechas enrubescidas.

Virei-me para ela, sem acreditar que estava ouvindo aquilo e percebendo de repente que estava de samba-canção e que a glória da manhã me provocara uma ereção que parecia uma tenda xadrez na parte sul do acampamento das cuecas. Era um pesadelo.

Aquela situação já se tornara uma saga interminável de desgosto, e eu não tinha certeza se conseguiria aguentar aquilo por muito mais tempo. Era um vai e volta, dá e tira, yin e yang, mas tudo misturado. Era como se tivesse sido puxado de cima de um cavalo bem alto na Terra da Felicidade e caído sobre um monte de merda de cachorro, de cara para baixo. Na verdade, tinha até entrado um pouco na boca. Com certeza.

– Nick, por favor, me desculpe por ter vindo para a sua cama. Eu trabalho com você, pelo amor de Deus. Acho que bebi demais, às vezes fico sonâmbula – disse ela, me puxando pelo braço, com ar de culpa.

Puxei meu braço de volta bruscamente, já irritado, mas tentando não demonstrar.

– Ah, Si, nem me dei conta de que você estava aqui – menti, quase certo de que ela ouvira os estilhaços do meu coração caindo no chão. – De qualquer maneira, estava muito frio ontem à noite, então, está tranquilo – acrescentei, retirando subitamente meu corpo para o outro lado da cama e pegando uma calça para tentar ocultar o meu tesão.

Eu continuava sem camisa. Droga. Onde estava a minha camiseta? Tateei o chão e encontrei uma, batendo a cabeça em cheio na ponta da porta aberta do armário ao me levantar. Devia ter dado ouvidos à minha mãe no quesito não deixar portas abertas. Era o tipo de dor que nos deixava pensando se nosso crânio não teria afundado e deixado o cérebro sair para dar uma volta.

– Merda! – gritei. Aquilo doeu para caramba. Apertei os dentes com tanta força que tive medo de que se partissem e saltassem da boca como moedas de um cofrinho.

– Nick! O que aconteceu? – gritou Sienna, e entrei correndo no banheiro, fechando a porta. Sentei no vaso e segurei a cabeça, agarrando-a com força para deter a dor latejante. Respire. Vamos lá, apenas respire. Estava completamente tomado por uma fúria humilhante. Lágrimas de dor e frustração começaram a brotar dos meus olhos. Sentia-me um perfeito idiota. Era uma mistura de raiva e profunda desilusão, e eu não sabia o que doía mais: isso ou a cabeça. Meu Deus, bastou ela colocar o braço em volta da minha cintura, e eu já me imaginava fazendo as compras da semana com ela. Que IDIOTA! Para um cara já quase nos 30, eu conseguia ser tremendamente ingênuo. Era isso. Era um sinal. Estava na hora de acordar para a realidade.

Ouvi uma batida suave na porta, como se um pequeno anjo pedisse para entrar. Era difícil ficar com raiva de Sienna durante muito tempo, mas a minha vergonha prolongava a amargura que sentia. Ardia como um corte recente e não ia desaparecer.

– Nick por favor, saia. Estou preocupada com você. – Houve uma longa pausa enquanto eu ponderava se a situação ainda poderia piorar. – Nick? – repetiu ela, em voz baixa.

Olhei minha cara no espelho e vi um idiota com os olhos vermelhos de sangue. Meu cabelo estava achatado no alto da cabeça, com algumas mechas arrepiadas atrás, como antenas. Tentei juntar os pedaços de orgulho masculino espalhados à minha volta e fui até a porta. Abri-a lentamente, espreitando por uma fresta entre o batente e a porta de pinho.

Sienna enfiou o braço e me puxou em sua direção. Foi um ataque furtivo e não tive como evitar.

– Vem aqui – disse ela, apertando meu corpo. Tentei afastar seu braços, mas não consegui.

Ela passou os dedos suavemente pela minha cabeça, e senti uma pontada que me encheu os olhos de lágrimas quando ela encostou no lugar machucado. Uma série de arrepios percorreu meu corpo. Eu estava me sentindo completamente exposto.

– Ah, chuchuzinho, tem um galo aqui – disse ela, me puxando ainda mais para o lado dela.

Sorri por dentro junto ao pescoço dela, apesar de estar chateado. Era um apelido carinhoso que ouvimos uma vez no metrô e que me deu vontade de dar gargalhada. Agora estava quase amenizada a agonia do meu ego em frangalhos.

– Estou bem, Si. Não precisa exagerar – retruquei, ainda fingindo não ter percebido o lance do braço. Se não conseguisse lidar com um pequeno galo na cabeça, minha masculinidade rolaria ladeira abaixo.

– Tem certeza? – Ela endireitou o corpo e me encarou; dava para ver o medo nos seus olhos. Ela sabia que eu sabia. Eu sabia que ela sabia.

Sua pele estava fresca logo pela manhã, apesar da bebedeira e do tabaco na noite anterior. Quanto a mim, certamente tinha o aspecto e o cheiro de um saquinho de chá usado. Mechas de seu cabelo escuro caíram na frente do rosto; parecia que ela me olhava por entre folhas grossas

pontiagudas de uma planta tropical. Era bonita de doer.

Por alguns instantes, ficamos ali, em pé, nos olhando fixamente. Foi então que as coisas mudaram. Aquele instante entre Sienna e eu foi o início de uma mudança em nosso relacionamento. Eu tinha de deixar de amá-la.

“Já não é hora de você, sabe, desistir?”

Sienna

– Então eu simplesmente adormeci com o braço em volta dele – falei para uma mesa de jovens fascinadas, metade das quais de queixo caído. Parecia um campo de minigolfe, só que com garotas bonitas e sem as plantas de plástico e os macacos empalhados.

Chocada, Elouise largou a colher na tigela de sopa de batata e alho-poró, assustando-se com as gotículas que respingaram em seu rosto. Ela as limpou imediatamente com a manga da blusa, os olhos ainda cravados em mim.

– E ele não te agarrou? – murmurou ela, descrente, como se essa fosse uma ideia absurda. Um fiapo de alho-poró ainda pendia de seu lábio inferior.

– Não – disse eu, baixinho, empurrando um pedaço de batata na tigela com a colher e mordendo a boca. Era um péssimo hábito meu e algo que eu só fazia quando estava muito estressada.

Fiquei brincando com a comida. A frustração era audível – um suspiro aqui, um “ihhh” ali. As mulheres estavam de luto. Bom, pelo menos as mulheres nessa sala estavam.

– Ele nem me retribuiu o carinho. Eu sei que ele estava acordado porque o coração dele batia muito depressa no peito, e ele estava fazendo aquele som que os homens fazem quando fingem que estão dormindo. – Dei um suspiro. – O que me deu na cabeça?

Meus olhos perscrutaram a coleção de mulheres reunidas diante de mim. Eu esperava por respostas que dessem um fim a esse desencontro de uma vez por todas.

Lydia lentamente pegou a garrafa de vinho e me serviu uma taça do tamanho de uma banheira. Aceitei de bom grado.

– Ah, Sienna – murmurou, balançando a cabeça, compadecida, enquanto as últimas gotas caíam do gargalo da garrafa.

– Mãããããã! – veio um grito estridente lá de cima, cortando o clima na hora certa. Aquelas caras tristes estavam começando a me dar pânico.

– Sim, querido? – El reclinou-se na cadeira, os cachos loiros caindo sobre os ombros quando ela inclinou a cabeça.

Aguardamos em silêncio.

– Quero que você pinte minhas unhas – disse a voz inocente do filhinho da minha melhor amiga, que parecia estar na escada.

Ela corou.

– Desculpem, meninas. Eu volto já – anunciou ela, levantando-se depressa e correndo escada acima em seus glamorosos sapatos de salto.

O resto da mesa continuou seu protesto silencioso de preocupação. Lydia olhava para mim com uma expressão embriagada de pena, com os cachos ruivos caindo sobre os ombros e repousando na regata verde-oliva complementada por um delicado colar de prata. Eu jurara

nunca contar a ela o que sentia por Nick, mas ela me surpreendera chorando no toalete uma vez, e eu não posso mentir para salvar minha vida. Eu tinha meleca no lábio superior e tudo mais. Ela fora surpreendentemente boa, na verdade, sem espalhar esse mexerico escandaloso para ninguém. Eu até duvidava que Dill soubesse. Eu apresentara Lydia a minhas amigas, e agora ela era convidada para tudo que planejávamos em grupo.

Tess corria o dedo indicador pelo fio de uma das facas, com seu narizinho perfeito apontado para a brilhante mesa de vidro. Ela era uma coreana estonteante que eu conhecera num ponto de táxi em Clapham há dois ou três anos. Compartilhamos um percurso embriagado na volta para a zona oeste de Londres e desde então viramos amigas. Ela acabara de se formar na faculdade e estava à caça de emprego, o estresse se mostrando em pequenas rugas sob seus olhos. Eu sabia que ela se daria bem.

Depois, meu olhar voltou-se para Penny, que quase tinha uma lágrima nos olhos. Seu cabelo loiro ondulado estava preso num coque moderno e casual, e a maquiagem de seus olhos me deu inveja instantânea. Ela era uma criatura glamourosa que trabalhava num consultório dentário de gente famosa em Kensington, e sempre nos contava fofocas sobre as frescuras das estrelas diante da cuspeira. Mas *como* será que ela faz aquela coisa com o rímel? Fiquei pensando nisso por alguns instantes e depois sorri para ela. Seu nível de envolvimento emocional com o desastre que é minha vida amorosa me deixava mal. Ela parecia profundamente triste.

Antes que eu percebesse, Elouise estava descendo as escadas, com seu jeans rasgado colado à sua figura esguia. Seus olhos azuis cintilantes escondiam certo constrangimento, e nós automaticamente percebemos que não devíamos mencionar o caso das unhas pintadas. Ela o encobriu com um sorriso adorável, aquele que derrete os corações dos homens do sudeste de Londres. Só é preciso um único sorriso de Elouise para os homens ficarem caidinhos por ela. Já vi isso acontecer em todos os lugares a que vamos juntos – caixas e garçons, todos reduzidos a babões subservientes, desesperados para conseguir seu telefone e garantir o cobiçado primeiro encontro.

– Desculpem, meninas – exclamou ela, afundando no assento, esbaforida. – E então, o que aconteceu depois? – Ela virou-se para mim, todas as meninas inclinaram a cabeça para o centro da mesa, e eu recomecei minha trágica história de amor.

Respirei fundo e continuei:

– Bem, como ele não retribuiu o carinho, senti que tinha cometido um erro enorme, então, quando eu acordei, de manhã, me desculpei por ter ido para a cama dele. – Fiquei envergonhada, meu rosto ficou roxo. – Eu fiz aquele número tipo “bebi demais, sonambulismo”, vocês sabem... – Dei umas batidinhas na minha taça de vinho com o dedo e levei-a à boca para dar um gole colossal e atenuar minha dor.

– E você mencionou o *carinho*? – disse Tess, recostando-se na cadeira, retraída com a humilhação de tudo aquilo.

Até mesmo Lydia agora desnudava seus perfeitos dentes brancos em compaixão, como se estivesse assistindo a algum tipo de malabarismo que dera errado.

– Não. Eu achei que, se fingisse que não tinha acontecido, ele ia pensar que eu fiz aquilo tudo enquanto dormia, ou porque estava bêbada, ou os dois – retruquei, na defensiva. – Pelo menos agora eu conheço a posição dele.

Houve mais silêncio.

– Caguei tudo de vez, não foi? – perguntei.

Penny inclinou-se para a frente e apertou minha mão.

– Não seja boba. E aquela vez em que eu trai meu ex com o irmão dele sem saber que eles eram parentes? Isso sim é que é cagar de vez – disse ela, rindo entre os dentes, obviamente muito orgulhosa de sua traquinagem.

– Eles eram gêmeos idênticos, pelo amor de Deus! – ganiu Tess, segurando os cotovelos. A mesa inteira caiu na gargalhada. – E não tem nada a ver com essa situação. Sienna é uma boa moça! – prosseguiu, fingindo ralar com Penny. Adoro minhas amigas.

– Mas a coisa ficou pior... – recomecei.

O timer do fogão fez um ruído alto no fundo, como se tentasse colocar um fim nessa fábula antes que ela ficasse ainda pior. Nós todas o ignoramos.

– Ele começou a se vestir assim que acordou. Estava pegando uma camiseta do chão e, quando levantou, bateu a cabeça na porta do armário. Com muita, muita força. Depois ele se trancou no banheiro – arrematei, levando as mãos à boca, numa tentativa de me esconder atrás delas.

Elas todas ficaram boquiabertas.

– Vocês dois são mesmo um par de idiotas, não são? – disse Penny, agora começando a rir.

A risada dela foi ficando tão forte que acabou contagiando todo mundo. Era óbvio que ela estava tentando parar, cravando as unhas pintadas de preto no rosto. Eu adorava vê-la rir daquele jeito, mesmo que fosse à minha custa.

Lydia foi a próxima, abanando os braços numa tentativa de pedir desculpas. Depois, foi a vez de Tess gargalhar. Elouise foi a última, mas foi com tudo, e com um ronco seguido de um ar de surpresa por ter sido capaz de produzir tal som.

– Meninas! – gritei. – Por favor! Foi horrível, tá bom? – pleiteei um pouco de seriedade, mas foi em vão.

Meus olhos estavam cheios de lágrimas, em parte porque eu me enfiara na cama com um homem que claramente não sentia o mesmo, e em parte porque tudo era tão farsesco que *estava* se tornando uma piada. Mesmo assim, doía um pouco ver as meninas rindo.

Acontece que Nick é um sujeito tão legal que vai continuar fingindo que estava dormindo, mas eu sei que não estava. E eu sou tão covarde que vou fingir acreditar nessa mentira, e vamos todos viver felizes para sempre.

Quando as gargalhadas amainaram e eu já recebera um sorriso de desculpas de cada uma das minhas amigas, voltamos à coisa séria. Foi Penny quem teve a coragem de balbuciar esta breve, mas brutalmente sincera frase:

– Já não é hora de você sabe, desistir?

Pronto. Ela jogara aquilo na mesa em meio a elegantes taças de vinho e guardanapos amassados. Ela pulara toda a baboseira do tipo “talvez ele se sinta intimidado”, “talvez ele goste tanto de você que se sinta assustado” e chutado direto ao gol. El arregalou os olhos, olhando para ela como se fosse gritar “Não diga isso!” e dando um tapinha na perna dela.

Elas esperaram pela minha reação, que poderia ser uma de muitas:

1) Ficar muito ofendida, sair correndo do jantar e ignorar minhas amigas pelos próximos seis meses.

2) Ficar muito ofendida, mas permanecer no jantar e começar a falar de Nick novamente, numa tentativa desesperada de desafiar este conselho cruel.

3) Desatar a chorar.

O que eu fiz, na verdade, foi respirar fundo, sorrir e dizer simplesmente:

– Sim.

Porque, sim, era hora de desistir. Vinha sendo *mesmo* um doloroso e longo fiasco. Uma grande “gafe”, os jornais chamariam. Uma mancada. Um desastre total à altura dos grandes vacilos históricos.

Nick era homem. Um homem bom, mas um homem. E os homens são criaturas altamente sexuais. Todos os meus amigos homens reforçam a ideia de que pensar sobre sexo ou assuntos relacionados ao sexo era uma das cinco coisas que eles mais faziam todos os dias, vindo logo depois de respirar e um pouco antes de comer. Era um negócio muito sério. Eu sabia que isso era uma generalização, mas, se um homem gosta de uma mulher, ele não finge estar dormindo se ela coloca o braço em volta dele na cama.

Não, não finge. Ele saltaria sobre ela como se ela fosse o último *bagel* de Nova York. Ou, no mínimo, ele entraria em pânico, lhe daria um beijinho e saltaria sobre ela da próxima vez, quando tivesse superado suas inseguranças. Então, Sienna Walker, era hora de cair na real.

– Sim? – disse Elouise, inclinando-se na minha direção e estreitando os lindos olhos. – Então você vai simplesmente desistir do homem que ama?

Ah, o mito do homem que você ama... Aqueles clichês do tipo “vá pegá-lo”, “lute pelo seu homem”, “diga o que você quer”.

– Para falar a verdade, vou, sim.

Porque meu nível de obsessão por Nick já estava beirando o “boboca” ou “perseguidora” (dependendo de como se olhasse a coisa) e isso me não fazia sentir muito confiante ou atraente. Portanto, era um ótimo momento para desistir.

Lydia ficou cabisbaixa.

– Ele ficou tão mais feliz desde que conheceu você, Si. Não sei explicar.

Penny intrometeu-se.

– Mas talvez seja só amizade, Lyds. Eu realmente acho que ele já devia ter falado ou feito alguma coisa a esta altura. Não há como negar que eles têm uma amizade especial, mas acho que ele não vê as coisas como Sienna vê.

Ai! Seja forte. Era como se cada uma das minhas unhas estivesse sendo puxada por uma máquina de tortura hidráulica, mas eu a respeitava por isso. Eu precisava ouvir a verdade.

– Hum, não sei – disse Lydia, sem dúvida começando a sentir-se um pouco enervada pela brutal ausência de esperança de Penny com a situação.

– O que você acha, El? – Virei-me para a minha melhor amiga no mundo. A opinião dela selaria o acordo.

– Eu acho, minha linda amiga, que você deve seguir em frente. Não estou dizendo que ele não gosta de você, só acho que a situação está ruim para você. Ele está claramente um pouco confuso – concluiu ela, meio nervosa.

É, era isso. O *post-mortem* acabara. O veredito? Supere.

Mais algumas taças de vinho, e uma noite de bate-papo gostoso passou no que pareceram segundos. Falamos sobre a queda do filho de Louise por pintar as unhas de rosa, o que estava causando problemas com os outros meninos da escola. Falamos sobre a pressão de procurar um emprego, a competição, das carreiras. Falamos sobre os prós e contras de casar muito jovem. Falamos até sobre aposentadorias e hipotecas, olha só (embora aposentadorias e hipotecas estivessem ainda muito distantes). A mente de uma mulher de 20 e poucos anos é um lugar assustado e confuso, isso eu posso afirmar, mas acho que todas nós saímos de lá sentindo que algumas coisas haviam sido escolhidas, analisadas e organizadas de um modo melhor do que estavam.

Eu, certamente, senti. Eu tinha um plano para seguir. Fui pensando sobre a minha ideia a caminho de casa, remoendo-a na cabeça e olhando-a de ângulos diversos para ter mais clareza.

Saí da casa de Louise para o ar frio da madrugada de sábado e calcei um par de luvas cinza com botões em formato de coração que meu pai me dera de presente de Natal. Uma raposa olhou para mim por alguns segundos e escapuliu correndo para dentro dos arbustos.

Nick Redland é só mais um cara. Nick Redland é só mais um cara. Nick Redland é só mais um cara.

Esse era meu novo mantra. Imaginei-me escrevendo essa sentença num quadro negro até preenchê-lo, na cobertura do bolo, até pintá-la numa parede num beco sujo de Londres, e acidentalmente tornar-me uma heroína mundial da arte urbana.

Eu poderia treinar-me para sair dessa. Como um fumante, eu poderia parar de fumar. Como um alcoólatra, eu poderia abandonar a garrafa. Como apaixonada, eu podia aprender a redesenhar a rota para meu coração, de modo que outra pessoa tivesse uma chance, por mínima que fosse, de navegá-lo. Eu *podia* fazer isso.

E essa não era a única coisa, pensei, enquanto apertava bem meu casaco sobre o corpo, espantando o frio causticante que me penetrava a pele. Eu começaria a comer muito bem. Saladas no almoço, sucos de fruta e iogurte diet. Eu começaria a frequentar a academia. Sim, parecia uma ótima ideia – quatro vezes por semana seria bom.

Eu começaria a ler os livros inteligentes de papai em vez dos livros bobinhos que lia, e poderíamos aprender os dois ao mesmo tempo. Trabalho – sim, eu começaria a trabalhar mais. Até o final do ano seguinte, eu teria uma promoção. E pararia de roer as unhas, de fumar charutos no fim de semana, de beber muito álcool, beber muita cafeína, ficar na cama até meio-dia, e deixar o cabelo crescer por três meses antes de cortar.

Eu começaria uma vida nova e melhor e poderia até ser que eu fizesse as unhas regularmente. Em seis meses, haveria uma Sienna Walker nova e melhorada, com pernas mais finas, cabelo mais brilhante e macio e um salário melhor.

Boa noite.

No sábado, papai me acordou à uma da tarde com um croissant de chocolate e um *espresso*

duplo.

Que Deus o abençoe por pensar em mim, mas não era assim que eu deveria começar. Eu deveria acordar hoje de manhã e descobrir que um par de asas havia brotado nas minhas costas durante meu pacífico repouso. Depois, essas asas deviam me carregar até a academia, onde eu malhariá com firmeza por duas horas sem suar nem uma gotinha.

Mas tudo bem. Eu comeria aquilo e depois recomeria.

– Bom dia, Si – disse ele, contornando a porta com hesitação e carregando uma bandeja. Aquilo me preocupou um pouco. Ele não só era narcoléptico, mas também sua calça estava comprida demais, com muito tecido dobrando embaixo de seus pés. Eu tinha intenção de levá-las ao alfaiate que ficava próximo ao meu trabalho havia semanas e, em silêncio, me repreendi por ainda não ter providenciado isso, sentindo-me culpada por minha mente ter estado tão ocupada recentemente. Papai e bebidas quentes não eram uma combinação ideal, como Nick descobriria. Nick Nick, por quem eu não estou mais apaixonada.

– Como foi ontem à noite? – perguntou ele, aninhando-se no canto da cama, sua frágil figura engolida por uma camisa de xadrez vermelha. Seu rosto parecia bem descansado esta manhã; ele parecia bem acordado. Era bom ver aquilo. Ele começara a tomar um novo medicamento e eu tinha grandes esperanças de que sua vida pudesse mudar. Mesmo assim, havia sempre um novo remédio, uma nova experiência, mas nada muito revolucionário até agora. Tínhamos uma consulta no hospital em breve.

– Foi ótima, obrigada, papai. Nós nos divertimos muito – eu disse, entre bocejos, enfiando as pernas debaixo do bumbum e começando a consumir as guloseimas proibidas. A primeira onda de culpa me invadiu. – Falamos sobre muitas coisas, bebemos vinho, e o jantar estava uma delícia. Foi ótimo – repeti, com um pouco de massa folhada voando da minha boca para o chão.

Meu pai sorriu, e eu fiquei imaginando se ele sentia saudade de seus velhos amigos. Eles vinham visitá-lo de vez em quando, mas era difícil para eles o verem dormir toda vez que contavam uma piada. Na verdade, eles já não vinham com tanta frequência ultimamente. Eu esperava que não se esquecessem dele.

– E então, quando vai convidar Nick novamente? Adoro quando ele vem tomar chá – perguntou meu pai, com um genuíno ar de esperança nos olhos.

Era difícil. Parecido com explicar o divórcio a uma criança.

– Bem, pai, pode ser que ele não apareça tanto – comecei, rasgando a massa até algumas migalhas de chocolate rolaem para minhas pernas. Eu as coletei delicadamente para elas não virarem pontinhos pegajosos de sujeira marrom. Senti que ele estava alerta o bastante para ser capaz de ter uma conversa séria.

– Por quê, Sienna? Você não brigou com ele de novo, brigou? – indagou ele, já parecendo em pânico. Eu podia ver a primeira onda de cataplexia espetando seu corpo. Ele se firmou, inclinando-se para a frente e colocando as mãos na cômoda. Um frasco de perfume bamboleou e voltou à sua posição. Talvez eu estivesse errada sobre ele estar alerta esta manhã...

– Não, não, é claro que não – apressei-me a garantir, e depois imaginando o que dizer a seguir. Ele não tinha ideia do que eu sentia por Nick.

Nick costumava vir umas duas vezes por mês para jantar conosco, e depois se seguia uma longa e profunda conversa sobre algo a que meu pai assistira num documentário ou encontrara

quando buscava novas e fantásticas informações no Google. As visitas eram especiais para mim e para meu pai, mas por razões muito diferentes. Eu achava que, embora Nick devesse continuar a vir, suas visitas deveriam ser um pouco menos frequentes. Eu realmente precisava começar a esfriar minha relação com ele.

– É que ele está ocupado com algumas coisas neste momento, então pode ser difícil que ele venha com tanta frequência. Mas ele virá, sim, papai. – Tentei confortá-lo, mas ele já caíra na minha cama, de cabeça sobre o edredom de listras verdes.

Sentei-me e olhei para ele, segurando meu café e sentindo o calor em minhas mãos. Dei-me conta, de modo súbito e pungente, do quanto eu amava meu pai e de como nosso mundinho era singular e estranho. Enquanto crescia, fui aprendendo a compreender nossa diferença e a sentir-me feliz por sermos quem somos. Mas era impossível não reconhecer o quanto ele era bizarro. Aqui estava eu, conversando com meu pai que acaba de apagar aos pés da minha cama, e que mesmo assim era capaz de ouvir e lembrar-se de tudo o que eu dissesse.

Quanto à reação de meu pai às novidades sobre Nick, foi adorável, mas também foi duro para mim. Eu queria me afastar de Nick, e papai tinha de aceitar isso. Eu fiz tanto por meu pai, e esperava que ele pudesse me ajudar nessa hora.

Larguei a caneca azul-bebê na mesa de cabeceira, virei o corpo dele para que respirasse mais confortavelmente e continuei falando, dando tapinhas leves em sua mão direita o tempo todo. Eu sabia que ele assimilaria tudo, apesar de seu estado de exaustão.

– Para ser sincera, pai, preciso conversar com você sobre uma coisa – continuei, encolhendo as pernas até o queixo.

Obviamente meu pai não esboçava reação, então eu continuei com a minha história.

– Sabe quando você conheceu a mamãe, você disse que se apaixonou por ela de cara? – perguntei, sabendo que, naquelas circunstâncias, seria inútil perguntar qualquer coisa. – Bom, basicamente, vou ser corajosa e contar para você que me apaixonei por Nick no instante em que o vi. E, bem, acho que ele não sente a mesma coisa. – Minha revelação estava me deixando um pouco enjoada. Era angustiante abrir meu coração daquele jeito, mesmo que ele estivesse alerta.

Olhei para ele; sua boca estava escancarada. Dava para ver o contorno de seus olhos pairando sob as pálpebras fechadas. O que eu estava fazendo, contando a meu pai sobre isso? Eu me perguntei, detendo-me por alguns segundos antes de contar mais um pouco da minha história. Acho que era para isso que serviam as mães, na verdade, mas a minha não estava lá, então eu tinha de fazê-lo com meu pai em coma.

– E não é culpa dele, pai, é claro, então não fique bravo. Porque ele sempre será meu amigo, e ele sempre quis o melhor para mim... – Olhei para a janela. Estava começando a chover. Senti um nó na garganta. De repente me senti muito sozinha, e essa confissão estava me deixando mais emocional do que eu esperava.

– No fundo, embora ele continue a ser um amigo para mim, preciso aceitar o fato de que ele nunca será mais que isso. Então, acho que é necessário um pouco de distância. Espero que você compreenda.

O silêncio agora parecia ensurdecedor.

– E ele gosta muito de você, papai. Ele vai voltar. Ele me disse que queria conversar com você sobre os ciclos de colheita da próxima vez, porque ele encontrou umas fotos de uma fazenda em

Minnesota, ou algo assim.

Papai continuava deitado, provavelmente gritando algum conselho ou palavra de conforto em sua cabeça, mas não adiantava. Ele não conseguia vocalizá-la.

Inclinei a cabeça e olhei para ele. Talvez ele durma por muito tempo, pensei, ciente de que ele já deveria ter acordado se fosse um acesso rápido. Seu cabelo estava começando a rarear, e eu senti uma pontada de medo ao pensar em como minha vida andara depressa até agora, e em todas as coisas que eu queria ver, fazer e conquistar no resto dela.

A chuva começou a apertar tanto que eu podia ouvi-la batendo na vidraça. Uma lágrima grande rolou de meu olho direito e correu até meu lábio, mas eu me sentia entorpecida. Limpei-a com a língua, sentindo seu conhecido gosto de sal. Que bagunça. Que terrível bagunça. Comecei a pensar em minha mãe, e o que ela diria sobre tudo isso se estivesse aqui. Mas eu nem podia imaginar. Não tinha ideia de quem ela era agora, ou como reagiria a esse tipo de coisa.

Minha mãe, Kim, secretária, chocou toda a família ao abandonar papai quando a narcolepsia foi diagnosticada, e eu fiquei imaginando, ainda muito jovem, como ela conseguira nos deixar daquele jeito. Só recentemente vim a perceber que desenvolvi não somente um ressentimento arrasador por causa disso, mas também um complexo sobre se sou ou não difícil de amar. Agora estou mais velha, vejo bebês de vizinhos e filhas de amigos mais velhos virarem meninas, e depois adolescentes, e fico me perguntando como ela pôde ter ido embora depois de ter me conhecido todo o tempo que conheceu. Eu era uma criança difícil? Era egoísta? Não pode ter sido só pela doença de papai – outras famílias passam por coisas parecidas. Por tabela, presumi que deveria ter alguma coisa a ver comigo...

Suponho que eu não poderia culpá-la por ter se frustrado tão profundamente com a doença de papai. Eu sei, porque às vezes eu fico... Admitir isso sempre me corrói de culpa.

Sabe, ele não era assim quando eles se conheceram. Ele era um homem alto e magro, com cabelo castanho-escuro, olhos azuis brilhantes e um sorriso caloroso. Eu vi fotos de como ele era; tinha um ar atrevido. Mal dá para ver a semelhança agora, exceto pelo sorriso. Mas depois tudo ficou um pouco estranho: papai dormia no chão de shopping centers, cochilava em banheiros de supermercados e geralmente se sentia cansado demais para fazer o que quer que fosse. Era o oposto do vibrante jovem que Kim conhecera num festival de música, usando um chapéu de palha de lado e galochas verdes.

Todos, a princípio, achavam que era preguiça. Mesmo só tendo cinco anos de idade, comecei a perceber. Todos os outros pais eram ativos e ambiciosos, enquanto o meu estava se afundando num buraco. Nos estágios iniciais da doença, todos negávamos o fato, cientes de que ele estava perdendo o controle, mas atribuindo isso a uma fase de cansaço que demorava a passar. Mas, se você olhar para trás com atenção, os sinais de alerta foram muitos. Ele me disse que certa vez desmaiara e caíra no chão quando brincava de esconde-esconde na escola, aos sete anos; costumava adormecer durante as aulas na faculdade e tinha o hábito de continuar dormindo mesmo quando o despertador tocava.

Ainda assim, todos tratavam a situação como uma peculiaridade: homens jovens sempre precisam se esforçar para sair da cama de manhã, e o desmaio podia ser uma variedade de coisas. Talvez ele precisasse de férias, nós sempre pensávamos. Ou de uma mudança na dieta, ou quem sabe de uma cama nova? Até a depressão foi ventilada como uma possibilidade. Sabíamos que havia gente que ficava na cama por dias seguidos, na esperança de acordar e ver que a sombra negra que pairava no canto da sala desaparecera.

Mas, depois de inúmeras visitas a nutricionistas, especialistas em fitoterapia e até espiritualistas, todos ficaram desorientados. Exceto minha mãe, que achava que ele estava inventando desculpas para furtar-se às responsabilidades da vida. Uma doença que faz as pessoas dormirem sem motivo aparente? Impossível.

O consumo de centenas de vitaminas e suplementos diferentes não deu certo, e em quatro anos ele não conseguia mais funcionar dentro do mundo moderno. Foi uma espiral descendente, e eu cresci dentro dela. Minhas primeiras lembranças de papai foram ofuscadas por sua inexplicável doença.

As brigas eram terríveis. Eu costumava ficar na cama tremendo e ouvindo o quebrar de pratos e soluções enquanto mamãe chamava papai de “a criatura mais indolente e horrível que ela tivera o desprazer de conhecer”. Nunca esquecerei essas palavras. Eu só tinha nove anos, mas sabia que era sério.

Lembrei-me dos olhos manchados de minha mãe escondidos atrás dos óculos escuros quando ela me levava de carro para a escola, com o nariz vermelho e lustroso sobressaindo entre camadas de cabelo castanho. Seus ombros estavam sempre tensos e curvados quando ela dirigia. É a lembrança mais nítida que tenho dela em termos de aparência. Não é uma lembrança alegre. A maioria das minhas lembranças anteriores a esta é um pouco confusa, como se eu tivesse ficado tão brava com ela que as apaguei todas. Ela também tinha o hábito de morder o lábio inferior com fúria até ele sangrar. “É só uma rachadura do frio, querida”, dizia. Outra mentira para disfarçar a verdade.

Quanto eu tinha dez anos, papai não conseguia rir nem chorar sem desmoronar no chão, sofã ou calçada e cair em sono profundo. Por fim, todos se conscientizaram de que havia algo muito errado. Os médicos franziam os olhos através de seus óculos de aros finos, neurologistas faziam anotações inúteis e vazias, e o caso dele foi passando pelos melhores especialistas do país. Ninguém encontrava respostas.

Ele passava a maior parte do tempo em máquinas de escanear ou plugado a uma rede de fios, mas o estudo frenético das linhas e gráficos vacilantes provou ser nada além de um enigma impossível. A narcolepsia era conhecida, mas não muito bem, e um grande número de profissionais da medicina nunca ouvira falar dela. O ressentimento entre mamãe e papai ficou pior. No fim, não havia mais beijos, abraços ou passeios. A foto do casamento deles foi virada para a parede. Eles continuavam me dizendo que estava tudo bem, mas eu sabia que a unidade familiar estava se corroendo e logo desabaria sobre o oceano como um chalé pequeno e deserto à beira de um abismo em erosão.

Não deve ter sido uma surpresa tão terrível que papai tenha desenvolvido um interesse não natural por documentários da Sky; gravando tudo, assistindo a tudo várias vezes. Sua fascinação pelo mundo exterior começou ali e depois se espalhou para sua escrita, em centenas de cadernos, nos quais ele explorava a sensação de que as coisas deviam despertar, conforme suas lembranças ficavam cada vez mais fracas. Ele vem escrevendo nesses cadernos praticamente desde que ficou doente de verdade. Havia caixas de cadernos no quarto dele, todos etiquetados na frente e organizados em ordem cronológica. Eu os comprava para que ele pudesse escrever os pesadelos e visões que acompanham sua cataplexia, sobre suas frustrações e medos.

Era uma tarde úmida de domingo quando papai descobriu. Ele me contou quando eu fiquei um pouco mais velha.

Um documentário americano chamado *Sleep Wake* estava passando na TV; ele desenhara um

círculo em torno de seu nome na programação com caneta vermelha, e ticado duas vezes para garantir. Ele até programara um despertador para lembrá-lo, e colocou uma fita de vídeo para gravá-lo.

A sequência de abertura mostrava verdejantes campos à luz do sol, lembrando os créditos de abertura da série *Os Pioneiros*. Um carneiro fofinho entrava pulando naquele cenário natural e pum. Pronto. A criatura desfalectia, inerte, como se tivesse morrido. Papai disse que era hilariante, mas também profundamente triste, os dois ao mesmo tempo. O carneiro logo voltou a dar pulos, mas depois de alguns minutos estava novamente no chão, com os quatro cascos se contraindo.

Papai sentou-se sozinho diante da TV, eu estava na casa de uma amiga, e mamãe estava fofocando com uma vizinha e tomando uma garrafa de vinho. O programa continuou, e papai tremeu diante da repugnante familiaridade do que via. O espectador era apresentado a Martha, de Illinois, que não era capaz de ficar acordada por mais que cinco horas por dia, desmaiando onde quer que estivesse. Mas ela era obesa, absolutamente doentia e repulsiva. Ele não queria pertencer ao mundo dela. Ele não era *daquele jeito*...

Mais dois outros estudos de casos, e papai tinha a sua resposta: narcolepsia. Depois disso, ele não perdeu tempo. Na manhã seguinte, vestiu-se sozinho e pediu que mamãe o levasse ao consultório do médico. Dessa vez ele colocou uma camisa; ele queria ser levado a sério. Lembro-me claramente desse episódio.

Papai arrastou-se vagarosamente da porta da entrada até o banco da frente da nossa van, agarrando-se à estrutura da porta em determinado momento para não cair. Já se espalhara a notícia de que havia algo errado, que ele tinha alguma doença muito diferente. Ele desmaiara no nosso jardim da frente algumas vezes. As pessoas falam. Os vizinhos ficaram parados em seus jardins, olhando para ele. Jack não, mas ele de vez em quando nos olhava de modo estranho. Ele não era fofoqueiro, mas era possível ver que, ao seu modo, ele ficara curioso sobre o que ouvira cochicharem por sobre as cercas e portões quando ia comprar pão e leite.

Mamãe cumpriu o pequeno trajeto até o consultório, notando uma fita de vídeo nas mãos de papai, que tinha os dedos brancos de tanto apertá-la. Eu estava sentada no banco de trás.

– Mas que diabos é isso, George? – perguntou ela, com seu desdém costumeiro.

– Creio que sei o que está acontecendo – respondeu ele. – Acho que tenho narcolepsia.

– Narco o quê? – disse ela, jogando a franja para trás de modo indignado. Ela estendeu a mão direita no ar com raiva, as unhas com manicure perfeita cintilando feito lâminas afiadas. O comentário foi seguido por um profundo suspiro e depois por mais silêncio.

A espera para falar com o médico pareceu durar uma eternidade. Mamãe folheava com irritação as páginas brilhantes da revista *Hello!* praticamente sem ler os artigos. Tentei falar com papai, mas ele não se mostrou muito receptivo. Lembro-me de ter notado, pela primeira vez, as rugas profundas em sua testa. Ele estava envelhecendo. Ele tamborilava com os dedos na fita de vídeo, e uma senhora de idade olhou para ele com expressão severa do outro lado do corredor, visivelmente irritada.

– Senhor Walker? – chamou a recepcionista mignon de trás de sua divisória de vidro. Era agora. Papai levantou-se, mas estava com um ar muito cansado. Mamãe e eu sabíamos aonde aquilo poderia dar. Ele tentou se firmar e procurou respirar fundo o ar rançoso da sala de espera,

numa tentativa de não cruzar o limite, mas era tarde demais. A força foi arrancada de suas pernas como uma toalha de mesa sendo arrancada de um banquete. O corpo de papai despencou no chão, a cabeça quase batendo na quina de uma mesa de madeira, atingindo o tapete com um baque oco e forte. Mamãe caiu de joelhos para levantar a cabeça dele, e por um segundo parecia que eles estavam como sempre esperei que ficassem. Juntos.

A sala de espera virou um caos. As dez pessoas presentes deram um pulo e formaram uma roda em torno de papai, mamãe e eu; um clima de pânico sequestrara o espaço.

– Por favor, por favor, podem se afastar? – implorei. Eu odiava aquilo e toda aquela humilhação. Também ficava assustada. Eu estava mais que acostumada a distanciar curiosos do corpo inerte de papai no piso sujo de lugares públicos.

– Ele não parece bem – disse uma bisbilhoteira, a mesma que olhara para ele com desprezo um pouco antes. Ela colocou os óculos vermelhos na ponta do nariz para poder olhar melhor.

– Ele deve estar tendo um ataque! – gritou outro, tão alto que até uma senhora quase surda que estava no canto da sala se assustou.

Alguém surgiu com um copo de água fria e uma bolacha de chocolate, e ficou andando de lá para cá no fundo da sala.

– Muito bem, já chega! – gritou mamãe, e sua voz quebrou a histeria instaurada na pequena sala de espera feito uma faca. A confusão de mexericos e falatório estancou.

De repente, mamãe começou a chorar.

– Este, gente, é meu marido! – gritou ela. Dei um puxão no seu braço para que ela parasse, ciente de que um grande ataque de nervos estava prestes a acontecer. Até os funcionários da recepção esticavam seus pescoços feito corujas, empurrando uns aos outros na saleta para poder olhar melhor, seus crachás arrastando no balcão de vidro. Parecia um desastre de trem, e eu poderia puxar o braço dela quanto quisesse que não conseguiria detê-la.

– Este homem era a pessoa mais incrível que eu já conheci – começou mamãe, com a voz vacilante em meio àquela loucura. – Ele me fez sentir a mulher mais linda do mundo. Ele era alegre, ambicioso, cheio de energia... – Eu sabia que mamãe estava consciente da plateia reunida, mas certo amortecimento em seus olhos indicava a perda total de controle. Ao falar, ela jogava os braços para o teto, com o pulso cheio de pulseiras a tilintar umas contra as outras. Fiquei vermelha.

– Este homem, meu marido, está muito mal. Nenhum de nós sabe o que é, e eu não consigo aguentar, não consigo... Não consigo mais. Ele não é o homem com quem me casei. Por favor, alguém me ajude! – E pronto, o show terminou, e ela se enrolou numa bola no chão ao lado do corpo aparentemente sem vida de papai. Era como uma cena de crime. Algo se perdera, dera errado, se desagregara, e aquela pequena família não estava conseguindo juntar os pedaços. Mamãe e papai eram como crianças. Eu tinha de limpar a sujeira.

A mulher séria de óculos esticou o braço sobre as costas de mamãe e a esfregou com carinho. Ninguém sabia o que dizer. Alguns, menos curiosos, voltaram para suas cadeiras forradas de poliéster e mergulharam em jornais; talvez os resultados dos jogos ou as ações da bolsa pudessem apartá-los da nua vulnerabilidade dessa explosão emocional. Outros chegaram mais perto da ação, com olhar de tristeza genuína e expressão de preocupação.

Fizeram chá, abriram espaço e papai acabou voltando a si. Os olhos dele estavam cheios de

lágrimas. Ele ouvira tudo. Ele sentou-se e tentou apertar a mão de mamãe, mas ela a puxou. Eu vi. Nunca esquecerei aquilo.

Depois de alguns minutos, quando papai estava pronto, ele avançou, um tanto confuso, até o consultório, com uma mão agarrando a barra aparafusada na parede e a outra ainda segurando a fita de vídeo.

Nós já conhecíamos bem a doutora. Rebecca Knowles era uma médica jovem, que devia ter se formado há pouco mais de cinco anos. Ela tinha um rosto delicado em formato de coração, e cabelo dourado-escuro, puxado para trás por uma fita preta. Parecia tímida, mas estava longe disso. Ela sempre expressava sua frustração com a piora da condição de papai, apoiando a cabeça nas mãos sobre a mesa. Era um caso tão incomum, e ela não conseguira resolvê-lo. Ela admitira que ele estava se tornando uma obsessão, em meio à rotina de costelas quebradas e infecções de garganta.

– Eu sei qual é o problema – disse papai, empurrando o vídeo para ela. Sentei-me numa cadeira ao lado dele. Mamãe não estava à vista.

A Dra. Knowles sentou-se ereta na cadeira com um ar incrédulo no rosto, presumidamente imaginando, a princípio, que raio poderia ser o diagnóstico de papai, e depois onde ela encontraria um velho videocassete para ver aquela fita.

Ela não disse nada, só colocou o dedo indicador no ar, como se tentasse sentir onde o velho e alquebrado aparelho poderia estar. Ela se movia para a direita e para a esquerda, claramente pensando enquanto andava. De repente, voou na direção de um armário e tirou de lá uma TV com cara de velha que tinha um aparelho de vídeo embutido, cujo fio bateu numa pilha de papéis, que caíram todos ao chão. Em um minuto, mais ou menos, ela já o ligara e introduzira a fita, que de bom grado aceitou o desafio, mastigando as engrenagens com ávida satisfação.

O silêncio tomou conta da sala enquanto testem unhávamos pela primeira vez qual seria a grande descoberta. Depois ficamos sabendo que mamãe estava trancada no toailete do fim do corredor, afogando-se freneticamente num cigarro.

Lembro-me de olhar para a Dra. Knowles; ela chorava.

– É claro – ficava repetindo sem parar.

Papai estava certo.

Depois disso, nunca mais vimos mamãe.

Nick

Havia uma nova garota na redação.

Notei de cara, porque nosso escritório é bem pequeno e basicamente cheio de gente feia, e ela é linda.

O nome dela é Chloe. Estou tecnicamente liberado para gostar de “novas garotas”, porque enfim terminei minha história com Kate. Foi difícil, mas eu não aguentava mais. Não estava sendo bom para nenhum de nós. Fiquei triste por alguns dias, mas o alívio foi a sensação mais forte. Ela não ficou muito impressionada, é claro... Mas eu sei que, com o tempo, ela vai ver que era o melhor a fazer.

Acho que é muito cedo para eu pensar em outra pessoa, mas sou homem. Não podemos evitar

prestar atenção quando uma fêmea estonteante fica se pavoneando no escritório. Sou solteiro, e, agora que finalmente percebi que as coisas com Sienna nunca passarão de uma amizade, estou livre.

Tudo começou meio assim. Por volta das dez da manhã de hoje, eu já alimentara Dill, servira chá a todos e trocara algumas letras do teclado de Tom quando ouvi uma voz à porta.

– Oi! Você é Nick Redland?

A voz me fez tirar os olhos do monitor, levantar a cabeça e ver que ela vinha de um rosto pálido com faiscantes olhos castanhos envoltos numa brilhante cabeleira loira. A cabeleira loira era pontuada por esparsas e pequeninas tranças e parecia bem desarrumada. Cabelo de cama, acho que era como as revistas o chamavam... mas que seja. E a voz saía de um par de lábios cheios e em formato de coração.

O rosto era incomum, para dizer a verdade. Não instantaneamente deslumbrante, mas um rosto que ia crescendo. O que eu quero dizer é que levou algumas horas para que eu gostasse dela, não foi aquela atração imediata que normalmente se materializa quando vejo uma mulher de quem gosto. Para ser sincero, achei que a aparência dela era um pouco esquisita, no começo. Meio felina. Ela tinha um ar puro, mas muito safado, do qual eu acabei decidindo gostar.

– É, sou Nick – respondi com um sorriso, levantando-me e apertando a mão dela. Era macia e delgada.

– Ah, ótimo – disse ela, entrando na sala. Tirei o chapéu de feltro da cabeça, me sentindo ligeiramente envergonhado dele.

Ela usava um delicado vestido azul-marinho com meias cinza e botas pretas. Seu cabelo era muito mais comprido do que eu percebera de pronto. De frente, ele só chegava até os ombros, mas, quando ela se virou, ele caiu até suas costas. A maquiagem preta manchada em seus olhos os acentuava ainda mais.

– Sou Chloe. Estou aqui só por uma semana, como assistente editorial; é um estágio.

Fiquei surpreso. A ideia de a empresa prover os recursos e o tempo para contratar estagiários parecia muito improvável, considerando que eu quase tinha de me fantasiar de empregada francesa e implorar para Ant cada vez que precisava de um novo cartucho de tinta para a impressora. Na verdade, fora implantada uma nova regra que afirmava que não iríamos mais contratar nenhum estagiário. Cartas foram rasgadas e jogadas no lixo. E-mails foram deletados. Foi tudo muito brutal. Ant disse que era porque não tínhamos tempo de treiná-los, visto que tinham sido feitas algumas demissões, e que nosso foco deveria ser inteiramente o nosso próprio trabalho. O que houve com isso?

– Ah, tudo bem, ótimo – falei, ainda confuso. Olhei pela porta para a sala de Ant. Ele se recostou na cadeira e me deu um sorriso bajulador. Nojento...

– Então, você é o artista, certo? – perguntou ela, nervosa. O que mais um cara com aparência imunda, nos seus 20 e tantos anos, e precisando urgentemente fazer a barba poderia ser?

– Sim, ele mesmo. O que exatamente você vai fazer durante sua semana aqui, Chloe? – inquiri, recostando-me na mesa e notando uma mancha de sujeira nos meus imaculados Tiger Onitsuka. Droga. Eu já tenho esses tênis há oito meses e conseguira mantê-los sem uma sujeirinha.

– Bom, estou aqui para auxiliar a todos, na verdade. Espero conseguir bastante experiência que

me ajude a conseguir um emprego, mas é difícil entrar no mercado hoje. E acho que vou fazer muito chá também. – Ela sorriu.

Pelo menos ela era realista.

– E o que você costuma fazer? – perguntei.

– Eu me cadastrei numa agência, e eles estão procurando algo permanente na área de publicidade. Acabo de terminar meu mestrado. Foi bem difícil – admitiu, brincando com umas pulseiras de aparência antiga em seu pulso esquerdo.

– Bom, desejo muita sorte para você, Chloe, e foi um prazer conhecê-la – falei, tentando passar-lhe um pouco de força positiva. Eu me lembrava do meu começo de carreira e sabia como ele pode nos deixar arrasados. Cartas amassadas de várias tentativas falidas, e o gosto amargo da rejeição com meu café da manhã. Entrevistas humilhantes com jovens pretensiosos e arrogantes, contratados porque eram conhecidos do diretor.

– Já conheceu a turma? – perguntei.

– Sim, quase todos, só preciso conhecer Sienna, acho... Ela trabalha no editorial, não é? Ela ainda não chegou, acho que está fazendo uma entrevista ou algo assim.

– Ah, sim, Sienna – disse eu, com ar de familiaridade. Eu estava desesperadamente tentando não demonstrar que buscava esquecê-la, tendo-a amado tanto por quase dois anos.

Inclinei-me para a frente para falar com Chloe; ela cheirava a especiarias, e eu pensei por um momento o quanto adorava mulheres e seus cheiros exóticos e joias excêntricas, e como é possível lembrar-se de alguém como se essa pessoa estivesse ao seu lado quando se sente uma fragrância familiar no metrô...

– Sienna vai cuidar bem de você. A mesa dela é aquela ali. – Virei Chloe para o outro lado e apontei na direção da mesa vazia. Ela estava coberta com fotografias de garotas sorridentes de 20 e poucos anos em vários clubes noturnos e bares glamourosos, com Sienna normalmente enfiada no meio delas, usando alguma combinação incrível de roupas que ela jogara em cima do corpo.

Senti uma breve onda de tristeza mais uma vez. Era como se eu tivesse perdido alguma coisa quando tomei a decisão de me afastar. Em muitos aspectos, eu estava sofrendo por perder a esperança. Esperança de que um dia pudéssemos ficar juntos. Eu passara a maior parte do fim de semana vegetando em casa e assistindo a filmes antigos com um pacote de Marlboro Lights e uma caixa de cerveja como companhia.

– Ah, ótimo. Não vejo a hora de conhecê-la. Até já – disse Chloe, e saiu da minha sala contorcendo-se feito uma gata. Ela rebolava um bocado. De propósito. Hummm...

Até que enfim alguma coisa nova e empolgante no trabalho. Mesmo que seja só por uma semana. Veio na hora certa, e o fato de ela estar indo embora em breve também era ótimo. Significava que eu poderia convidá-la para sair, me divertir um pouco, o que fosse. Ela estava fazendo estágio, então isso não iria de encontro à minha regra de não sair com colegas de trabalho, porque dentro de uma semana ela não seria mais uma colega de trabalho. Ah!

Uma pequena barra laranja piscou do lado direito da minha tela. Era uma mensagem instantânea de Anthony.

– QUE TAL?

Letras maiúsculas. A marca de um louco.

Fiz-me de bobo. Mais uma vez.

– Que tal o quê? – respondi.

– A NOVATA, PANACA.

Que grosseria.

– Sim, ela parece legal. Eu pensei que não íamos mais contratar estagiárias. As regras mudaram?

Eu o vi recostar-se na cadeira e coçar a nuca.

– NÃO ÍAMOS. ELA VEIO AQUI NA SEMANA PASSADA, DISSE À RECEPCIONISTA QUE TINHA UMA REUNIÃO COMIGO, ENTÃO EU DESCI E FALEI COM ELA. ELA CONSEGUIU ME PERSUADIR. NÃO DÁ PARA DIZER NÃO A TAMANHA DETERMINAÇÃO, E, ALÉM DE TUDO, ELA É GOSTOSA, NICK. ABRA OS OLHOS E APRECIE A PAISAGEM.

Meu Deus, isso era tão pouco profissional. Deletei qualquer traço daquela conversa e abri uma nova janela. Eu odiava vulgaridades no trabalho e gracejos sexistas, e não queria participar daquilo.

Tentei voltar a desenhar, mas foram duas horas difíceis e altamente improdutivas. Minha mente estava bloqueada. Onde *estava* Sienna? Já era quase meio-dia, e ela ainda não chegara à mesa. Na verdade, eu não tinha notícias dela desde o fim de semana, e nós havíamos passado por aquela situação constrangedora na noite de quinta. Eu esperava que o pai dela estivesse bem e que nada tivesse acontecido.

Nós nos falávamos todo dia no trabalho, é claro, mas eu tomei uma firme decisão. Eu tinha de manter alguma distância. As coisas iam mudar. Eu estava de volta à ativa, precisava começar a sair novamente, encontrar alguém para me distrair, comer melhor, me exercitar mais. Mudar. Quem sabe eu poderia finalmente aprender a tocar violão, ou entrar para o time de futebol local, algo que eu vinha querendo havia tanto tempo...

Olhei para cima e vi Chloe me encarando pelo vidro. Ela logo virou o rosto quando me viu. Foi então que me dei conta de que ela era mesmo muito sexy, e os pensamentos sobre Sienna fugiram da minha mente. Mas eu não queria parecer o pervertido do escritório. Fechei a persiana e a porta. Com sorte, todo mundo ia pensar que eu estava criando algo tão incrível que precisava de silêncio total e solidão para fazê-lo. A realidade da situação era que eu estava desenhando círculos em toda a tela, preenchendo-os com cores aleatórias e depois as deletando repetidamente.

Eu não conseguia deixar de pensar em Sienna e em onde ela poderia estar. Acabei baixando a cabeça até o tempo da mesa e tentei me recompor. Por que ela não estava aqui? E se tivesse acontecido alguma coisa? E se ela tivesse saído de noite e sido abduzida e ninguém tivesse notado? E se ela tivesse se apaixonado perdidamente no fim de semana por algum americano e pegado o avião para Los Angeles sem contar para ninguém? Ora, por favor, Nick...

Bateram de leve na porta. Não era Sienna, porque ela tinha um modo específico de bater e eu o reconheceria a um quilômetro de distância.

– Entre – disse eu, com tristeza, subitamente percebendo como devo ter soado arrasado. Sem

perceber, estiquei minha camiseta para endireitar-me e fazer cara de valente.

O cabelo loiro de cama estava à minha porta mais uma vez.

– Me desculpe, Nick, sou eu de novo. Ant já me deu um briefing para entregar a você, espero que tudo bem... – disse ela, baixinho.

– Sim, é claro, eu tenho de trabalhar, não é? – Eu ri, logo deletando a janela de garranchos que estava criando em meu estado de paranoia. Acho que talvez ela tenha visto. – Sente-se. – Bati com a mão na cadeira vazia ao meu lado.

– Ah, tá bem – falou ela, ficando levemente corada ao tirar uma folha A4 de um envelope de papel pardo.

Coloquei o cotovelo esquerdo sobre a mesa e virei o corpo para ela. Ela mostrava covinhas adoráveis quando sorria. Meu olho rapidamente captou uma alça de sutiã muito sexy saindo do vestido. Era de renda preta com o que parecia ser um toque de seda azul. Uau!

– Então, eu falei por telefone com a empresa. É um grupo de esportes ao ar livre, e eles estão promovendo jogos de treinamento radical na copa das árvores em todo o país.

Ela correu a unha página abaixo. Fiquei pensando como seria senti-la percorrendo minhas costas. Por Deus, Nick, pare com isso.

– Tom vai experimentar e escrever sobre isso para a revista *WeekEnd*, então precisamos criar algumas páginas e ilustrações para acompanhar as fotos – continuou. – Ant quer que você decida o formato. Precisamos disso para quarta-feira às cinco da tarde no máximo. Hum, acho que é só isso, mesmo...

Ela se virou e olhou para mim e um arrepio me percorreu a espinha. Grasnei feito um adolescente quando tentei falar. Merda. Que mico. Ela olhou para o próprio colo e sorriu.

Por fim, consegui pronunciar as palavras.

– Muito bem, ótimo, obrigado. Eu aviso se tiver algum problema, e você transmite a ele. – Ela era uma gata. Sem dúvida.

– Legal. Falo com você mais tarde.

Mais uma vez, ela saiu da sala requebrando e fechou cuidadosamente a porta.

Minha mente ficou a mil. Sexo com Chloe na minha sala. Porta trancada, persianas fechadas. Empurrando tudo de cima da mesa para o chão ao estilo cinematográfico, incluindo meu Mac de 3 mil libras, e deitando-a nela. Hum.

Ai, meu Deus. Eu era tão mau quanto todos eles. Outra barra laranja piscou na parte inferior da minha tela. Era Tom. Era óbvio que ele não conseguira trocar seu teclado depois de minhas melhorias desta manhã.

VO+CE T*AA FIM DELA~~NE? POR&UE+SE NÃO+V#CE SÓ+PODE SER G*Y.

– Vá se danar! – escrevi.

Sienna

Tique.

Taque.

Tique.

T.

A.

Q.

U.

E.

Estava ansiosa para que o relógio batesse logo cinco horas. Eu chegara havia apenas algumas horas, por causa de uma entrevista na parte da manhã no centro, mas o dia demorara muito a passar. Eu não via a hora de começar a minha vida nova e melhorada, que incluía me tornar uma coelhinha sexy da academia.

É. Eu estava pronta. Matrícula na academia caríssima? OK.

Barras de cereais? OK. Toalhinha fofinha? OK. Roupa de ginástica com ótimo caimento (sim, é possível)? OK.

No domingo eu fora a uma parte tranquila de Covent Garden e descobrira uma loja de artigos para balé lindamente misteriosa. Consegui encontrar uma roupa que tinha certo estilo, não me apertava o corpo feito uma embalagem a vácuo e não realçava demais as partes íntimas. Era quase um milagre.

Mas não aconteceu sem muita luta. A mulher da loja era assustadora; na verdade, risquem isso, ela era apavorante. Uma ex-dançarina de balé profissional, dava para ver no instante em que se olhava para ela, com sua estrutura rija, mas graciosa, e lábios que faziam biquinho.

– Olá, querida – ronronou, arrastando as sapatilhas sobre o piso de madeira conforme ia de um lado para o outro.

Urru.

– Ah, oi. É, eu queria...

– PARE – disse ela, interrompendo-me em voz alta e com um dedo cheirando a tabaco empurrado com força contra minha boca.

Mas o que é isso? Eu consegui me ver de soslaio no espelho. Eu parecia aterrorizada. Como eu poderia sair dali? Olhei para a esquerda e para a direita, esquerda e direita, mas ela me encurralou entre um espelho alto e um tutu extremamente áspero. Eu meio que estava esperando ver o pé de um cinegrafista aparecendo por debaixo de uma das cortinas dos provadores antes de ele saltar e dizer: “Pegadinha!”

– É casada? – perguntou ela, com uma sobrancelha aguda e preta apontando para o teto. Seus lábios, que começavam a parecer o traseiro de um gato, faziam beicinho a fim de criar um efeito que você só costuma ver nas vilãs dos filmes da Disney.

– Ah, não, mas não sei o que isso tem a ver com...

Mais uma vez, imediatamente cortada.

– Por quê? – inquireu a voz aguda.

– Como? Por quê o quê? – respondi, começando a ficar um pouco na defensiva. Eu só saí para

comprar roupa de ginástica, não para ser inquirida sobre meus fracassos românticos.

– Por que você não é casada? Você é linda – disse ela, raivosamente, mudando o peso para sua perna esquerda enquanto me olhava de cima a baixo.

Eu corei. Eu estava brava, lisonjeada e constrangida, tudo ao mesmo tempo. E ela, tenho certeza, era completamente biruta.

– Olhe para você – disse ela, quase explodindo de fúria. Ela virou o espelho de corpo inteiro para mim, e eu me confrontei com minha própria imagem aterrorizada. Era um pouco parecido com aqueles programas de TV que mudam o visual das pessoas, só que ainda mais rude e humilhante. Pelo menos ela ainda não começara a apalpar meus seios. Minha Nossa, não havia mais ninguém na loja. Ela poderia me matar e me vender para o bar da esquina como carne barata. Mas lá estava eu, uma pobre jovem assustada e encurralada sob o crivo dessa mulher estranha.

Eis os dados essenciais. Sienna Walker, 1,60 metro de altura, 60 quilos, cabelo preto comprido, tênis preto e rosa de cano alto e um belo cardigã de malha grossa cobrindo o jeans de corte masculino. Uma garota comum e discreta de 20 e poucos anos completamente fora das tendências da moda londrina. E daí?

– Quer saber por que você não é casada? – perguntou, chegando mais perto do meu rosto. Um odor rançoso de Chanel Nº5 me bombardeou as narinas. Uh!

– Porque sou jovem, ocupada e não me esforço nem um pouco? – respondi, venenosa. Eu claramente me deparara com uma dessas professoras à moda antiga que achavam que a vida devia começar e terminar lavando as cuecas sujas do marido com uma barra de sabão de gordura de baleia e uma máquina de lavar quebrada. Não concordo, minha senhora.

– Não, é claro que não – ela gritou, sacudindo a mão direita no ar empoeirado e por pouco não atingindo meu nariz com uma unha afiada e vermelha. A coisa estava certamente descambando para uma agressão.

Ela foi para trás de mim, e eu notei que seu cabelo grisalho e ralo estava empinado num coque que parecia querer cair de sua cabeça. Era semelhante a um pompom. Eu deveria ter saído correndo da loja, mas fiquei curiosa; talvez até um pouco masoquista. Aonde ela queria chegar?

– É tudo por causa disso – murmurou, em desprezo, puxando o tecido flácido de minha calça jeans e esticando um braço do meu cardigã, deixando-o pender solto do meu pulso. Depois, ela foi para o meu lado esquerdo. – E disso – continuou, levantando uma mecha de meu cabelo malcuidado no ar e largando-a como se fosse a cauda de um rato.

Bom, ela tinha certa razão. Minha manutenção andava bem baixa esses tempos, mas ainda assim...

– Roupas assim são um insulto ao presente que é ser mulher – disse ela, com verdadeira convicção. – Qual é o seu nome?

– Sienna – respondi, ainda me sentindo um tanto irritada com a intrusão.

– Você, Sienna, é uma mulher de beleza impressionante. Você foi abençoada com um presente. – Ela passou o dedo indicador sob meu queixo e levantou meu rosto até eu sentir o calor das luzes do teto nas pálpebras. Eu esperava que ela não falasse daquele jeito com todas as clientes.

– É muita bondade sua. Acho que agora preciso ir... Eu só queria umas roupas de ginástica... – continuei, começando a me virar para a porta e para o mínimo de normalidade.

– Não. Não deve.

Ah, não. Eu ia definitivamente virar hambúrguer. Ninguém sabia onde eu estava. Meu rosto apareceria em cartazes por todo o país.

– Por quê? – perguntei, me sentindo mais do que um pouquinho agressiva. Decidi que não devo ter medo dessa mulher, mesmo que ela pareça um pedaço de couro velho.

– Quero dar-lhe isto – ela disse, afastando uma pesada cortina de veludo de um canto da parede e revelando o que devia ser um dos vestidos mais bonitos que eu já vi na vida. Sem brincadeira.

A luz tênue lançava sombras escuras sobre faixas de tecido verde-esmeralda. Na hora, eu não consegui distinguir de que material ele era feito. Eu só sabia que era o tipo de textura com a qual eu só sonhara quando era criança, ansiando transformar-me numa princesa, como nosso filmes.

Ele tinha um elegante decote nas costas, que mergulhava num acentuado V. Depois, ele fluía numa saia ondulada, que eu imaginei que formaria uma cauda, como num vestido de noiva. Mas ele obviamente não era um vestido de noiva. Era um vestido de profunda sedução. Era, na verdade, sensual. As proporções eram perfeitas, a cor era perfeita, o corte era perfeito.

E aquela era uma técnica de venda muito sorrateira... Eu não ia comprar aquilo, decidi, virando-me para a porta outra vez. Eu mal podia esperar para contar às garotas sobre o meu encontro maluco com essa mulher.

– O que acha? – Ela sorriu, atraindo-me de volta.

– Bom, é deslumbrante, mas eu vim aqui comprar um conjunto para ginástica, então, se eu pudesse dar uma olhada geral, seria ótimo. – Eu estava tentando ao máximo ser educada.

Ela balançou a cabeça, frustrada, e empurrou bruscamente o traje na minha direção. Rodando-o no ar, ela o depositou em meus braços, que eu esticara por reflexo para assegurar que ele não caísse no chão.

Seus olhos estavam tão vivos, tão faiscantes, que pareciam querer irromper em chamas.

Camadas de seda verde ondulavam nas minhas mãos. Fiquei sem fôlego. Ele era antigo, mas atual. Vintage, mas moderníssimo. Rachel Zoe teria me caçado pela rua e me arrancado os olhos com um palito para pegá-lo. Era de arrasar, e provavelmente caríssimo.

– Sim, como eu disse, é lindo. Mas eu realmente tenho de ir – disse eu, olhando para o vestido. Mas o amor já se instaurara. Eu mordera a isca, a linha e o chumbo.

– É seu. Quero que fique com ele – falou, com sua frieza subitamente se derretendo num sorriso largo e caloroso. – Ele era meu, Sienna. Eu me apaixonei na noite em que o usei e me casei logo depois. Venho esperando pela moça certa para ostentá-lo, e eu tive uma sensação sobre você. Acho que precisa dele.

Eu não podia acreditar que estava ouvindo aquelas palavras. Será que essa senhora não tinha uma filha, sobrinha ou algo assim? Fiquei me perguntando.

– A senhora não tem alguém da família a quem possa doá-lo? – Meu olhar a perscrutou enquanto empurrava o traje de volta para ela. E se ela fosse doente mental? Talvez eu devesse

chamar a polícia.

– Não. E sem mais perguntas. É o seu número, dá para ver. Quero que o leve para casa, pendure-o cuidadosamente e aguarde o momento de usá-lo. E eu lhe prometo que ele mudará a sua vida, Sienna. Mas, até o dia em que for usá-lo, sempre que se sentir por baixo, ou inferior, ou oprimida pelo mundo, quero que se imagine usando-o. Sei que as coisas estão difíceis para você, posso ver em seus olhos. Sempre que as coisas ficarem difíceis, quero que se imagine usando *este* vestido... – Os olhos dela se estreitaram de pura paixão pelo que estava dizendo. De repente, me dei conta de uma pitada de russo em seu sotaque que eu não conseguira distinguir antes.

Fosse ela movida pela loucura ou não, eu não podia ser rude com essa mulher. Eu simplesmente não fui criada assim. Eu também não poderia sair da loja levando aquele vestido.

– Escute – disse eu, colocando minhas mãos sobre as dela e puxando-a para que sentasse numa das duas cadeiras dobráveis, começando a sentir uma preocupação genuína com a situação. Uma mulher de meia-idade entrou, fazendo barulho com a porta, mas imediatamente fugiu ao perceber que estávamos num momento de intimidade.

– Olha, é muita bondade sua, e fico tocada pelo seu gesto. Acho que sua história é linda e inspiradora, e a senhora obviamente preza muito a autoconfiança. Mas eu não posso aceitar. Mas eu vou, sim, dar uma olhada na sua grande seleção de roupas de ginástica. – Comecei a andar vagarosamente para o outro lado da loja, correndo a mão pelo corrimão empoeirado e sorrindo amarelo.

– Hum. Muito bem, faça como quiser, Sienna – disse ela, com expressão indignada. Ela recostou-se na cadeira e cruzou as pernas, mal-humorada, revelando um tornozelo magro como o joelho de um bode.

Ah, ótimo. Eu ia acabar comprando a loja toda só de pena. Na verdade, as coisas não eram de todo ruins, pensei, começando a vasculhar os cabides com atenção. Ela deve escolher seu estoque com muito cuidado. Os cabides eram velhos, mas as roupas eram novas; tinha até um pouco da linha de ginástica de Stella McCartney, que era difícil de encontrar. Não fiquei muito inspirada pelas ofertas de outras lojas. Coisas feias, muito apertadas, muito largas... Tudo ali era muito bonito e tornava a ideia de ir à academia mais atraente.

Certo. Eu podia sair dessa situação muito facilmente. Faria minhas compras de ginástica aqui. Eu levaria as sacolas e sairia dali viva, minha nova amiga ficaria com seu lindo vestido e tudo se acabaria bem.

– Fique à vontade e olhe tudo, querida. Sabe onde me encontrar. – Ela desapareceu numa alcova escura atrás do caixa, e sua voz foi ficando bem mais baixa conforme ela era envolvida pela escuridão.

Experimentar essas roupas não seria uma boa ideia. Eu só escolhi algumas das melhores peças em tamanho P e comecei a empilhá-las sobre o balcão enquanto olhava outras. Eu podia ouvir minha nova amiga embrulhando cuidadosamente os itens em papel de seda. O farfalhar do papel ecoava pela loja e chegava aos meus ouvidos.

Meus olhos notaram a fotografia emoldurada de uma deslumbrante bailarina. Ela parecia um pouco familiar.

– É a senhora? – perguntei, dando um passo para trás de surpresa.

– Sim, sou eu, querida. Eu nos meus tempos áureos. Eu tinha 19 anos nessa fotografia. Nunca

pensei que terminaria vendendo roupas para balé e ginástica, mas sabe como é. Eu me apresentei no mundo todo, sabe... – A voz dela ficou mais forte e, de repente, ela estava parada bem ao meu lado com as duas mãos nos meus ombros. Um calafrio percorreu-me a espinha novamente, como o que eu sentira quando meu pai desmaiou em minha cama. Mais uma vez, fui lembrada do inevitável avanço da idade, e como ele transforma uma beleza como essa, borrando as feições até que ela se pareça com algo muito diferente. Não necessariamente ruim, só diferente. Isso me assustava. Fazia-me querer agarrar-me aos momentos de minha juventude e ter certeza de vivê-los até que não houvesse nada mais a extrair deles.

– Ele não está muito longe, sabe, Sienna? – declarou ela, agora bem baixinho.

– Desculpe, não sei do que está falando – eu disse, arremessada novamente a um estado de perplexidade.

– Seu homem. Ele virá até você. Tudo vai se resolver. – Os olhos dela encontraram os meus, e senti de novo um frio na espinha.

Meu Deus, que esquisito. Mas ela, com certeza, era doida e, como astróloga, frustrantemente vaga. Você vai respirar hoje. Em algum momento nas próximas 48 horas, você dormirá. Você trocará os lençóis nos próximos 15 dias... Bom, enfim. Ridículo.

Ele pode ser o leiteiro que deve cinco libras a papai. Ele pode ser o meu tio, que prometeu ligar no ano passado e desistiu de tentar. Mas *ele* também pode ser, sabe, Nick.

Muito bem. Preciso sair daqui, pensei. Tirei uma nota de 20 libras da bolsa e saí da loja com minhas sacolas. Que mulher estranha. Fiquei pensando na loucura da situação enquanto abria caminho pela multidão do centro da cidade.

Casais abraçados se encostavam nos muros e placas de trânsito; crianças risonhas corriam entre pilares e latas de lixo; vagabundos solitários olhavam para bolos maravilhosos e roupas luxuosamente confeccionadas nas vitrines reluzentes e sorriam para aquela beleza toda.

Havia algo realmente especial no ar hoje, e isso só fortalecia meu caso de amor com Londres. Eu andara tão empolgada com Nick nos últimos tempos que meus pensamentos haviam sido totalmente absorvidos por ele. Tínhamos passado tanto tempo juntos e, enfim, eu agora tinha um pouco para mim. Com ele, explorarei mais o que está à minha volta, serei mais independente. Esta era a única cidade em que você podia encontrar uma seleção tão vasta de gente excêntrica, como eu estava encontrando essa tarde.

Quando cheguei em casa, comecei a tirar minhas roupas novas das sacolas douradas e a desembulhar com cuidado o papel de seda. Nas lojas de esportes comuns você não recebia esse tipo de tratamento.

Quando tirei o último pacote da sacola, ele parecia mais pesado do que os outros. Estranho... rasguei o papel e vislumbrei algo verde. Um pouco de seda escorreu como água do buraco que eu fizera.

Ah, meu Deus, era o vestido.

Eu o ergui no ar e senti a saia cair e roçar no chão.

– Uau, Sienna. Que coisa mais linda. – Veio a voz de meu pai, que estava atrás de mim se apoiando no caixilho de madeira da porta. – Onde vai usá-lo? Vai a alguma festa? – perguntou, com ar extasiado.

– Não, papai. Eu nem o comprei. Eu não sei ao certo o que fazer. Uma mulher que eu não conheço me deu este vestido hoje, ela realmente queria que eu ficasse com ele. – Eu suspirei ao recostar-me na cama, sentindo ondas de culpa e alegria ao mesmo tempo.

– Você vai ficar linda com ele, Si. – Ele parou por um minuto, parecendo ter muito orgulho de mim. Eu não sabia por quê. Eu não fizera nada de bom.

Incerta quanto ao que fazer com o vestido, enfiei um cabide macio por debaixo das alças e pendurei-o na maçaneta do meu guarda-roupa. Papai e eu ficamos lá parados a admirá-lo, como se fosse uma pintura no Louvre.

Será que eu era o tipo de garota que poderia fazer jus a um vestido desse calibre? Eu realmente achava que não, mas agora teria a enorme responsabilidade de fazê-lo. Era um desperdício ele ficar comigo, na verdade. Era como se a lembrança nítida da juventude de uma mulher estivesse agora pendurada no meu quarto, ansiando por ser revivida por meio de alguma história de amor impossível. O que tornava tudo pior era que eu não tinha mais certeza se ainda acreditava no amor...

O vestido ficou na minha cabeça o dia inteiro. Eu conseguira esquecê-lo na última hora, mas agora, quando eu olhava para a minha roupa de ginástica, pensava novamente sobre este presente lindo e inesperado, dado a mim por uma ex-bailarina que eu nem conhecia. Uma bailarina que arrebatou as pessoas ao rodopiar em palcos do mundo todo. Eu não sabia ao certo se devia ir correndo à loja devolvê-lo.

Conheci uma moça hoje que *poderia* usar um vestido como esse, e isso tornava as coisas ainda piores. O nome dela era Chloe. *Ela*, sim, era linda.

Ele está estagiando no escritório e ficará apenas por uma semana. Ela tem uma enorme cabeleira loira e louca, e um rosto lindo de verdade. Ela também tem aquele ar de menina safada e má, embora ao mesmo tempo pareça um anjo.

Ela é o tipo de garota que faz até a mulher mais confiante se olhar no espelho e perceber novas falhas, então não era de surpreender que eu estivesse me sentindo tão inadequada.

Graças a Deus, ela só vai ficar uma semana, pensei.

Quando se é tão linda, as pessoas podem presumir coisas sobre você antes de a conhecerem. Eu não sabia como ela arrancara um cargo do Ant, sabendo que ele é flexível como uma régua de madeira, mas acho que a aparência dela deve ter ajudado. Ela pode ser uma moça muito boa, com talento e motivação incríveis, mas acho que nunca saberei. Garotas assim conseguem as coisas que querem na vida, pensei.

Olhei no espelho para o meu longo cabelo castanho, que caía desganhado sobre meus ombros porque não via um corte havia algum tempo. Olhei para minha pele pálida, que eu nunca tive a energia ou o tempo de bronzear artificialmente. Minhas unhas era eu mesma quem pintava, e o esmalte começara a descascar. Minhas sobrancelhas precisavam ser retocadas.

Eu não era selvagem. Eu nem era sexy assim. Eu não era como Chloe.

“Se pudesse voltar no tempo, daria tudo a ela.”

Nick

A palavra inglesa *temp* é abreviação de temporário. Até fui ver no dicionário.

1) adj. 1. que dura por tempo limitado; existe ou é válido por um determinado período (somente); não permanente; provisório; feito para suprir uma necessidade passageira.

Quando conheci Chloe Rogers, há três semanas, achei que ela ficaria conosco durante uma semana. Seria temporário. Não havia dúvidas e, mesmo que Ant decidisse criar uma vaga extra de assistente editorial, não seria necessariamente ela a preenchê-la.

Há muita competição lá fora. Imaginei que haveria todo um processo de entrevistas para o qual apareceria um monte de jornalistas rejeitados com caras infelizes que, excepcionalmente, teriam se barbeado/vestido um terno/disfarçado a habitual expressão mal-humorada para disputar a vaga.

Mas lá estava ela, em toda a sua glória sensual. Em sua própria mesa, sendo sexy, dia após dia. É terrivelmente perturbador. O primeiro e-mail desta manhã era mais ou menos assim:

Para: Redland, Nick

De: Rogers, Chloe

Assunto: Precisa-se de passeio por Balham

Texto:

Nick,

Já faz três semanas que estou nesta empresa e não conheço Balham muito bem.

Não faço ideia de quais cafés fazem os melhores sanduíches de camarão, em que bares servem a melhor cerveja e não cheiram a xixi, nem de como evitar os mendigos das redondezas.

Você acha que pode me ajudar?

Que tal uma visita monitorada? Estritamente de colega para colega, claro...

Bjs

Chloe

Aquilo sim era dar em cima. Posso ser bastante distraído no que diz respeito a mulheres, mas até eu sou capaz de sacar as pistas deixadas nesta mensagem. Até a tentativa de disfarçar com aquela história de “estritamente de colega para colega”.

Ainda assim. Adoro isso, e ela é muito engraçada também. Mulheres divertidas são ainda mais atraentes do que as que são somente atraentes.

Preparei os dedos e digitei a resposta, com aquele friozinho no estômago típico de quem vislumbrava um novo caso amoroso.

Para: Rogers, Chloe

De: Redland, Nick

Assunto: RE: Precisa-se de passeio por Balham

Texto:

Chloe,

Bem, com certeza posso dar um jeito de fazer um passeio rápido por Balham na hora do almoço. Como está sua agenda hoje? O resto da semana está meio caótico...

Não posso garantir a você tanta informação sobre a população local dos sem-teto, mas se você se refere a mendigos é só manter distância do nosso estacionamento.

Quanto ao assunto dos bares e sanduiches de camarão, pode contar comigo. Na verdade, vamos fazer os dois. Conheço um bar ótimo, que não cheira a urina e serve entradas excelentes.

Busco você (na sua mesa) à uma?

Nick

Mas nada de *beijos*. Ela pôs *beijos*, mas eu não me deixaria ser fisgado assim tão facilmente. Ia me fazer de difícil. Estava tentando agir de acordo com minhas próprias regras e evitar romances no trabalho, mas isto seria só uma diversão – pelo menos foi o que disse a mim mesmo.

Uau, ela já respondera.

Para: Redland, Nick

De: Rogers, Chloe

Assunto: RE: re: Precisa-se de passeio por Balham

Texto:

Nick

Então, até logo. Não se atrase.

BJS

Chloe

Dessa vez *beijos* em maiúsculas, muito bem.

Recostei-me na cadeira e olhei para minha última ilustração. Fiquei bastante satisfeito com ela. Estava bem além dos rabiscos frustrados do início do ano. Na verdade, eu estava bem satisfeito com a vida.

Ultimamente vinha me sentindo muito inspirado, não sabia bem por quê. Devia ser porque estava aceitando as coisas tal como eram e aproveitando a vida. Passara muito tempo encanado pensando que minha perspectiva de vida pré-30 não estava correndo de acordo com o planejado e no quanto amava Sienna. Mas, de alguma forma, eu conseguira colocar tudo isso de lado e aprendera a viver um dia de cada vez.

Basicamente, consistia em saber aproveitar a viagem. Foi o que me disse um desconhecido no ônibus há algumas semanas, e, embora me parecesse irônico na hora, agora compreendo perfeitamente bem. Será que eu queria chegar aos 80 e me arrependeu do tempo que perdi me preocupando com o futuro nos 20 ou 30 anos, quando, na verdade, as coisas até que estavam bem? Não posso imaginar nada pior. O que estou aprendendo, aos poucos, é a equilibrar as coisas. Trabalhar com afinco, ser ambicioso, batalhador, mas também relaxar e aceitar quando as coisas não correm conforme o planejado. Se nos esforçamos todos os dias para melhorar, então o que mais podemos fazer?

Contudo, ainda não consegui deixar de amar Sienna. Eu a adoro. Olhar para ela ainda me derrete as profundezas da alma. A mera presença dela me eleva mais o espírito do que qualquer outra pessoa que conheço. Pensar nela me enche de felicidade. O que temos é único. Mas aceitei o fato de que ela nunca será minha, e então só me resta amá-la a distância e seguir em frente. Está funcionando. Sério. Finalmente, estou tendo paz.

No início, foi duro afastar-me de algo do qual dependia tanto. Era muito estranho no começo. Tive uma série de sonhos loucos com ela; eu estava num lugar qualquer – uma estação de trem, um supermercado, um centro comercial –, e a via sempre. Podia jurar que era ela e então cutucava seu ombro, mas, quando ela se virava, o rosto era apenas um borrão indefinido. Uma vez, estava numa biblioteca e a via entre as prateleiras de livros. Tentava dizer-lhe que a amava, mas ela não sabia quem eu era.

Em várias noites, acordei suando frio. Muitas vezes, meus dedos pairaram sobre o nome dela na lista de contatos do meu celular. Uma vez até escrevi uma carta para ela, mas ficou ruim e a joguei no lixo. Sentia que estava enlouquecendo.

Agora, percebo que a estava purgando. E agora, ela se foi. Não literalmente, claro – ainda nos vemos, ainda saímos juntos, mas muito menos. Quando estamos juntos, vou jantar com ela e George na casa deles. É menos doloroso assim e o pai dela adora.

O desejo agora é mais como um incômodo silencioso do que o fogo intenso que costumava ser. Agora posso sair com outras mulheres. Posso olhar para elas e apreciá-las. É como se tivesse retirado a venda dos olhos e me libertado – e estou adorando. Posso realmente *desejar* qualquer outra pessoa.

E, neste momento, desejo Chloe Rogers. Não do modo “Vamos jogar xadrez, passear a pé pelo parque e tomar um café e uns pãezinhos”. Meu desejo é passar um fim de semana picante com Chloe, daqueles em que só se sai do hotel se o alarme de incêndio disparar. Oh, não...

Eram 11 horas, era minha vez de fazer o café e também a hora da pegadinha semanal em Tom. Já fazia tempo... Havia uma promoção à vista, por isso eu estava me comportando melhor que de costume e também trabalhando muitas horas a mais.

Saí da minha mesa e me dirigi à redação, com meus tênis azul-celeste se arrastando sobre o carpete de poliéster arranhado. Dava para ouvir o som das pessoas teclando rapidamente e falando baixinho no telefone pela sala; todo mundo profundamente concentrado, incluindo Sienna, tão debruçada sobre o monitor do computador que me perguntei se não estava na hora de ela marcar uma consulta no oftalmologista.

Chloe estava sentada em frente a ela; sorriu para mim e baixou o olhar para o teclado. Dei-lhe meu sorriso especial, aquele que reservo para as garotas de quem estou a fim. Muitas vezes recebo de volta um olhar de desprezo e horror, mas ela ajeitou o cabelo atrás da orelha e mexeu

na ponta dos cabelos. A princípio, aquilo era um bom sinal, certo? Mulheres mexem no cabelo quando estão a fim de alguém. Fato.

– Buu! – cutuquei os ombros de Sienna com os dedos indicadores, e ela quase bateu a cabeça no monitor com o susto.

– Pô, Nick! – gritei ela, me dando um tapa na barriga e me olhando enfurecida.

Puxei uma cadeira, sentei ao lado dela e comecei a fechar indiscriminadamente todas as janelas da tela, dentre elas um animado leilão no eBay por um par de botas de couro.

– Nick, pare com isso! – sussurrou ela, afastando minhas mãos e com isso derrubando um pequeno copo de água. Ela começou a rir.

Tentei ajudar a secar a água, mas acidentalmente empurrei quase toda para o colo dela. Ela deu um pulo com o choque da água fria que encharcava seu vestido e me lançou outro olhar diabólico que rapidamente se transformou em sorriso.

– O que você quer? – perguntou-me, enquanto voltava seu rosto sorridente para mim e com a mão esquerda me respingava o cabelo de água. Sienna nunca conseguia se zangar de verdade comigo.

Ela estava linda hoje, com um vestido florido justo, meia-calça e botas. O cabelo estava ainda mais comprido. Me espantei ao ver quanto crescera desde que a conhecera.

– Na verdade, não quero nada, Si. Só queria chatear você um pouquinho e acho que consegui. Quando é que vamos explorar a cidade? Já faz muito tempo... – Fiz minha cara de magoado. Aprendera a fazer aquilo com a cadela da minha avó, Suki, que era mimada. Especialista em obter tudo que queria, Suki tinha talentos que eu queria adquirir.

Mas não estava brincando quando falei que já fazia muito tempo. Era verdade. Fazia parte da estratégia de dar um tempo, mas talvez já fosse demais.

– Hum, deixe-me ver. – Ela pegou sua agenda cor de vinho e começou a folhear as páginas nervosamente. Caíram alguns recibos e depois o cartão de visita de um cara. Gostaria de saber quem era...

– Parece que estou ocupada... bem... para o resto da vida... Desculpe, amigo! – Ela encolheu os ombros e um sorriso atrevido iluminou seu rosto. Afundei a cabeça e suspirei.

– Só estava brincando, querido. Vou mandar um SMS pra você com os fins de semana que tenho livres e marcamos qualquer coisa – acrescentou, colocando a mão em meu braço. – Tenho sentido sua falta – cochichou em meu ouvido, parecendo arrependida logo em seguida.

Reparei que Chloe espreitava por cima da divisória; assim que seu olhar encontrou o meu, ela o desviou para o monitor.

Afastei-me ligeiramente de Sienna, ciente de que nossa proximidade era um pouco estranha. Não era a coisa certa a fazer se eu pretendia alguma coisa com Chloe.

Quando fui levantar, inclinei-me na direção de Sienna e afastei de sua pequena e perfeita orelha um pouco de cabelo castanho brilhante.

– Também sinto saudade de você, Si – falei, tão baixinho que mais pareceu um sopro, e me afastei.

Senti um vazio profundo e tangível retornar. Vamos lá, Nick. Seja forte, por favor. Você estava

se saindo tão bem, disse a mim mesmo.

– Nick! – Ouvi uma voz familiar gritando por mim quando me dirigia à cozinha. O chamado de Tom me distraiu de minha súbita espiral descendente.

Meu amigo desengonçado me enlaçou pela cintura enquanto nos dirigíamos à cozinha, rebolando como uma mulher. Morria de vergonha quando ele fazia aquilo. Era uma provocação à uma senhora de meia-idade chamada Délia, que era do tipo homofóbica e convencida de que eu e Tom tínhamos um caso. Délia, que estava de pé junto à chaleira elétrica, atirou a colher na pia e saiu dali irritada. O preconceito certamente continuava bem vivo em algumas pessoas...

– Está a fim de comer um hambúrguer no almoço? – perguntou Tom, retirando uma série de canecas do armário.

– Não dá, amigo, desculpe mesmo – respondi, pegando a verde para mim. Adorava aquela caneca. O pai de Sienna me dera.

Tom, de longe, atirou os saquinhos de chá para a fileira de xícaras, errando a maioria.

– Reunião? – perguntou

– Não.

– Vai bater uma?

– Não.

– Cagar?

– Não.

– Consulta?

– Não.

– Mulher? – foi seu último palpite, acertando em cheio.

– Não.

– Ah, vai. Só pode ser mulher – arriscou, passando a mão ossuda pelo cabelo que caía, quase cobrindo o rosto, se ele não se cuidasse.

– Não, de jeito nenhum. Tenho o direito de querer um pouco de sossego em vez de ficar tomando conta de você. Aliás, falando em mulher, já deu um chega pra lá naquela Fiona, ou seja lá como ela se chama? – perguntei, rindo e espetando um garfo nele.

– Não, Nick. Na verdade, está indo bem – retrucou, saindo teatralmente da cozinha com um dos sapatos desamarrados. Ele era bem esquisito.

Peguei o saco de açúcar que estava na prateleira de baixo e enchi a caneca dele com três quartos de açúcar puro e depois disfarcei com o saquinho de chá, leite e um pouquinho de água. Ele ia adorar.

Uns minutos mais tarde, deixei aquela bomba de açúcar na mesa de Tom.

– Está aqui, cara – disse eu, tomando cuidado para não bater a xícara com muita força na mesa.

– Obrigado, Nick – agradeceu, sem afastar os olhos do computador.

Saí de fininho para a minha sala.

Segundos mais tarde ouvi um grito de “Argh” e um som alto de algo sendo batido com força, parecendo o som de uma caneca lotada de açúcar sendo lançada numa superfície de madeira.

– OK, basta! – gritou, entrando intempestivamente na minha sala. Já estava rindo. – Isto é pra você, Nick – Jogou o braço para a frente, e uma onda de água me submergiu, encharcando minha cara, camiseta e o pior, meu colo. Nem deu tempo de desviar. Que desgraçado...

Tom ficou ali parado com o copo de plástico vazio na mão, com muito menos água dentro do que segundos atrás. Sua expressão era de pura alegria, e o sorriso transmitia ao mesmo tempo espanto, prazer e medo. Como se nem pudesse acreditar no que fizera. Um pouco como a primeira vez em que você enfrenta o gozador da escola, embora na primeira vez em que fiz isso acabei levando um soco na boca dentro do vestiário antes mesmo de ter tido a chance de rir. Era preciso dar crédito ao rapaz. Já fazia tempo que aturava minhas provocações. Por sorte, Ant saíra para uma reunião, pois, por menos profissional que ele possa ser, duvido que achasse graça naquilo.

Uma pequena multidão já se juntara à porta da minha sala; podia ouvir um monte de risinhos.

– Boa vingança, Tom.

Fiquei de pé e apertei sua mão. Ele estava claramente bem nervoso. Em seguida, peguei a lata de lixo e despejei por cima da cabeça dele, as folhas de papel flutuando enquanto caíam no chão e uma casca de banana pendurada no nariz dele. Ah, agora sim...

Sienna

– Muito bem, tem certeza de que está preparada?

Pete estava de pé na minha frente, com as mãos em meus ombros. A barba no queixo dele estava crescendo e engrossando rapidamente. O lábio inferior tinha uma ferida, resultado da tentativa de abrir com a boca a embalagem de plástico de um cadeado que tinham dado a ele para sua mochila. Parecia que brigara.

– Estou. Como nunca estive antes. Tenho duas horas de almoço hoje, por isso não há problema. – Comecei a caminhar, puxando o braço dele até que se enlaçasse no meu.

O verão fora muito quente este ano, o que, esperava eu, tinha tornado as coisas um pouco mais fáceis para ele. Ele me contou que passava a maioria das noites em seu jardim público preferido de Balham, debaixo da maior árvore, com seus livros mais queridos, os de Dan Brown e Bill Bryson. Embora eu ainda preferisse minha cama de casal, era um alívio saber que ele estava relativamente feliz, apesar das circunstâncias.

Caminhamos depressa, lado a lado. Eu usava um jeans escuro justo, sandálias de salto alto e uma blusa preta justa. Ele vestia seu habitual conjunto de camiseta desbotada e calça cargo marrom. Havia um buraco enorme no joelho direito.

– Você não está com vergonha de andar comigo assim? – perguntou Pete. Senti o braço dele ficar tenso quando o puxei para perto de mim.

– Não, claro que não. Porque eu teria vergonha? – Fiz de conta que não sabia do que ele falava. Queria muito que ele aproveitasse bem o tempo comigo. Ultimamente, ele não tivera muitos momentos como aquele. Não queria que se sentisse marginalizado. Queria que se sentisse parte de algo.

– Ora, porque sou um sem-teto e tenho má aparência. E, na verdade, isso não é muito comum. Pessoas como você, bem... não costumam andar com pessoas como eu, é só isso – ele disse, calmamente.

– Mas aí é que está. Pessoas como eu e pessoas como você são iguais – retruquei, sorrindo para ele enquanto o sol incidia sobre nossas cabeças.

Pete também sorriu.

– Quanto a isso não sei, Si. Já não sei de nada. Mas obrigado – concluiu, enquanto jogava o chiclete no lixo.

– E então, o que vai me mostrar? – perguntei. Não fazia a mínima ideia do que seria. Podiam me chamar de louca por ir sozinha sabe-se lá aonde com um sem-teto que mal conhecia. Mas eu tinha uma sensação boa em relação a ele.

– Ainda não posso dizer, mas juro que são só dez minutos a pé até lá. – Ele parecia muito animado, com indícios de sua juventude tomando conta da pele acinzentada de seu rosto. Pela primeira vez havia um brilho rosado em sua face.

Tinham lhe dado algumas peças de roupa novas no centro aonde ele vai às quintas-feiras, mas aquela camiseta já estava bem surrada e, por algum motivo, ele estava usando aquela calça rasgada quando eu sabia que ele tinha uma bem melhor na mochila. Por outro lado, usava os tênis Merrell quase novos que encontrei para ele na loja beneficente, que pareciam bem mais limpos do que as botas que costumava usar.

– OK, vou confiar em você... Comprei uma coisa para você – contei, enfiando a mão na bolsa. Aquilo sim era comida boa.

– O que é?

Não ia deixá-lo esperando; podia estragar com o calor. Passei para ele o almoço embrulhado em papel-alumínio, que ele abriu com o entusiasmo ávido de sempre.

– Ah, Sienna, sanduíche de salmão e cream cheese... Adoro isso! – Ele puxou meu braço em direção a seu corpo ossudo e sorriu. Enfiou metade do sanduíche na boca; restos brancos de queijo grudaram-se em sua barba por fazer.

– Obrigado – agradeceu, como sempre fazia, embora não fosse necessário.

– Eu sabia que você gostava. Você me disse há algumas semanas.

Permanecemos um pouco em silêncio, enquanto ele comia sofregamente seu almoço pelo caminho. As pessoas ficavam olhando, mas ignorei, e felizmente Pete parecia distraído. O sol do meio-dia lançava seu brilho sobre tudo. Deixava as pessoas mais atraentes e as árvores, mais altas e exuberantes. Bancas de fruta que no inverno pareciam sombrias e escuras agora eram luminosas e promissoras. Tudo era tão colorido que meus olhos mal conseguiam assimilar.

Percorremos as ruas do sudoeste de Londres formando um par para lá de incomum. Um total contraste entre os tênis de caminhada dele e minhas sandálias de salto. Alguns trechos de nossa caminhada eram repletos de pessoas ocupadas em suas tarefas diárias; em outros não havia mais que um cão e seu dono idoso em seu passeio diário ao parque.

Passamos por uma sequência de casas altas. Eram tão belas que só vendendo meus órgãos no eBay poderia sonhar em ser dona de uma delas. Poderia, no máximo, pagar uma porta basculante para gatos numa daquelas casas, nada além disso. Erguiam-se ostensivamente contra

o céu azul, rendilhado de rastros brancos deixados por aviões.

Algumas das casas tinham quatro andares, contando o porão, no subsolo. Era o tipo de casa que eu começava a decorar mentalmente quando passava por uma. Almofadas. Montes de almofadas. Teria uma grande cama de dossel com uma colcha maravilhosa e talvez um pequeno assento branco junto à janela, onde haveria ainda mais almofadas. Se tivesse muita sorte, teria uma daquelas cozinhas de mármore com gavetas com ferragens que não batem quando as fechamos. Meu pai teria um andar só para ele com um banheiro privativo e tudo seria perfeito. A gente poderia até ter uma grande geladeira americana com dispenser de gelo. Um dispenser de gelo é sempre sinal de que se subiu na vida...

– Estamos quase lá, Si – disse Pete, caminhando mais rápido agora. Ele me despertou de meus devaneios e provavelmente foi melhor assim. Sonhos são só sonhos.

– Calma, soldado – falei, fazendo esforço para acompanhá-lo. Tentei imaginar aonde daria aquela caminhada.

Então, de repente, Pete se deteve no fim da rua. A Ridley Way cruzava com a North Avenue. O rosto dele se franziu, ganhando uma expressão estranha, e percebi que ele já não estava tão feliz.

– O que houve? – perguntei, segurando sua mão, logo percebendo que ele se debatia com alguma coisa.

– Sabe, Sienna... Isto vai ser difícil, mas eu tinha de trazer você aqui. É a primeira vez que volto, sabe, a primeira vez em muito tempo... – Ele baixou o olhar para as rachaduras na calçada.

– Não sei do que você está falando, mas seja o que for, Pete, estou aqui. OK?

Ele se moveu para a frente, me puxando para que o acompanhasse. Sua respiração começou a se acelerar e senti sua mão áspera tremer ligeiramente. O que é que estava acontecendo, afinal? Ele andava cada vez mais depressa agora, com a cabeça direcionada para a frente como um touro em investida. As árvores, as latas de lixo, os cachorros e gatos passavam por nós como se estivéssemos dentro de um trem. Tive de apressar o passo para conseguir acompanhá-lo.

Então paramos junto a uma casa ligeiramente menor, e ele se virou de frente para ela. Fiz o mesmo. Olhou para cima e respirou profundamente. Na minha frente estava uma casinha distinta com um jardim pequeno e bonito cheio de flores coloridas e vasos em estilo mediterrâneo. A alvenaria e a luz do sol conferiam um brilho acolhedor e convidativo. As janelas traziam uma decoração branca em estilo dinamarquês. Era adorável.

– O que é isto, Pete?

Ele respirou profundamente mais uma vez, com os olhos marejados de lágrimas. Uniu as mãos como se fosse rezar, levando-as à boca ao mesmo tempo que pigarreava.

– Esta era minha casa, Sienna. Foi onde eu e Jenny vivemos antes de... Você sabe, antes.

Peguei de novo em sua mão, encaixando meus dedos nos dele e apertando com força.

Foi uma tremenda revelação. Era muito comovedor que ele tivesse me trazido até ali e, eu sabia, muito importante para ele.

Na entrada da garagem havia um Ford Fiesta vermelho estacionado e me perguntei se os novos donos estariam em casa. Tentava imaginar como seriam.

– Desculpe ter arrastado você até aqui para ver isto, Si, mas queria mostrar a você como era minha vida antes. Como era fantástica e quanto amor havia nela – explicou, com uma lágrima escorrendo pelo rosto.

Enxuguei-a.

– Muito obrigada por me mostrar – eu disse, enquanto o som dos carros e pássaros se sobrepunha à minha voz por instantes.

Ele esfregou a cara com os punhos cerrados e deu uma forte fungada, sem desviar por nenhum segundo os olhos da casa.

– Conte mais, Pete. Conte para mim como era cada quarto e como era viver aqui – pedi, na esperança de que aquilo tivesse um efeito libertador.

– Bem, está vendo aquele quarto lá em cima? – Ele apontou para o quarto no canto superior direito da casa. Quase dava para ver a parte de trás de uma televisão por trás das grossas cortinas de renda. – Era o nosso quarto. Aos domingos de manhã, eu dava um pulo na loja e comprava um litro de suco de laranja e dois folhados de chocolate e levava como café da manhã para ela, na cama. Ela gostava do chá com um cubo de açúcar, e de pedacinhos de polpa no suco de laranja. – Ele fungou de novo, ruidosamente.

– Que amor, Pete. Você é um bom partido! – exclamei, sentindo um nó na garganta, tão grande e duro como um pedaço de pão. Tinha a terrível sensação de que também desataria a chorar, mas não podia permitir que isso acontecesse. Eu tive de ser muito forte.

– Jenny era muito linda de manhã – prosseguiu. – Ela tinha esse hábito engraçado de não conseguir dormir sem meias, mas dizia que eu tinha de tirar as minhas porque achava que os homens pareciam corujas de meias e cueca.

Dei uma risadinha, simpatizando com a lógica dela. – Conte mais – pedi, num sussurro.

– Bem, aquele quarto no andar de baixo... era a nossa sala. A gente tinha um coelho de estimação. Ela queria ter filhos, mas eu era um bobo idiota que não me sentia adulto o bastante, então um dia ela chegou em casa com um coelho. Ele ficava no jardim a maior parte do tempo, mas de noite ela o colocava no sofá e fazia carinho nas orelhas dele. – Grossas lágrimas escorriam de novo por seu rosto. – E agora eu daria tudo para tê-la de volta, mesmo com aquele coelho boboca. Ela o chamava de Derek – Ele sorriu um pouco, superando a dor.

Rapidamente limpei uma lágrima do canto do meu olho. Vamos lá, Sienna.

Agente firme.

– Se fosse hoje, eu teria filhos com ela, Si. Meu Deus, claro que teria, dúzias deles. Se pudesse voltar no tempo, daria tudo a ela. – Seu soluçar foi ficando cada vez mais alto. Um carteiro me fitou quando passava; fiz um gesto de que estava tudo bem, e ele prosseguiu em seu trajeto.

– E aquele quarto ali? – perguntei, apontando para outra janela, onde agora havia um gato preto sentado olhando aquele casal estranho na calçada lá fora.

– Era a cozinha. Ela trabalhava na mesa por horas à noite. Era tão trabalhadora, Jenny. Enquanto ela trabalhava, eu preparava para ela o melhor jantar que podia. Trazia o que tinha de melhor no supermercado, do setor mais sofisticado. – Ele fez uma pausa. – Quando eu estava cozinhando, dava um pouco para ela provar numa colher de pau e depois beijava sua cabeça.

Dava para imaginar aquilo tudo. Ali, em frente àquela casa que eu nunca vira, conseguia ver

nitidamente Pete e Jenny em cada um dos quartos, tão perdidamente apaixonados que a expressão ganhava novo sentido. Olhei atentamente as casas em volta imaginando que histórias conteriam, o que aquelas paredes teriam visto. Quantas lágrimas teriam sido derramadas sobre o carpete. Quanto sangue teria jorrado. Quanto amor teria sido feito.

– E o jardim dos fundos, será que conseguimos ver? – Comecei a contornar o caminho da entrada, puxando Pete comigo.

– Não sei se podemos fazer isso, Sienna. – Ele estancou, apoiando todo o seu peso numa das pernas.

– Vamos lá, Pete. Se alguém aparecer, eu cuido disso – garanti, e ele me seguiu, relutante.

Ficamos na ponta dos pés e espiamos por cima de uma cerca marrom-escura que cheirava como se uma camada de verniz tivesse sido aplicada recentemente. Um esquilo passou correndo por cima da madeira como um trapezista, equilibrando-se com sua cauda felpuda e os olhos saltados.

A grama estava alta e o mato crescia denso e emaranhado como uma juba embaraçada. Uma bola de futebol murcha deteriorava ao sol. Foi então que Pete começou a chorar de fato.

Passsei a mão pelas costas dele e amparei seu corpo. Esperei e esperei. Aquilo levaria o tempo que fosse preciso.

– O que aconteceu aqui, Pete?

Ele se recompôs.

– Foi aqui que a pedi em casamento. – Reparei que ele agarrava com força a fotografia plastificada de Jenny. – E ela disse que sim, muitas vezes, e pela primeira vez na vida me senti um verdadeiro rei. E sou um idiota, porque, quando ela morreu, eu bebi, bebi e fumei coisas idiotas, tomei pilulas e me afastei de todo mundo que poderia me ajudar, e agora perdi tudo.

Ficamos ali por alguns minutos, simplesmente olhando o jardim. Quando se sentiu pronto, afastamo-nos da casa. Descemos a rua em silêncio, para longe dos carteiros, dos cachorros, das latas de lixo e das árvores.

– Muito obrigado, Sienna. Desculpe ter chorado daquela maneira. – Ele parecia envergonhado.

– Pete, não seja bobo. Estou muito grata por ter me deixado ver sua antiga casa. É muito bonita... e sabe o que mais?

– O quê?

– Um dia você vai voltar a ter uma casa assim. Tenho certeza.

De volta ao centro de Balham, levei-o ao meu café preferido, onde o café era forte e as flores, de verdade. Era luminoso, arejado e acolhedor, exatamente o que precisávamos.

– Um café de filtro, um com leite e dois daqueles bolos, por favor – pedi, me recostando na cadeira e apontando para dois dos mais apetitosos cupcakes que já vira na vida.

Pete parecia meio constrangido, fechando o pulôver mais limpo que tinha para esconder a camiseta surrada. Passou as mãos pelo cabelo, tentando alisá-lo, e pressionou os papos debaixo dos olhos numa tentativa inútil de os disfarçar.

– Pete, você está ótimo, relaxe.

– O que está acontecendo com Nick?

Ah, meu Deus. A tão temida pergunta.

– Nada. Já disse para você faz tempo que vou seguir com a minha vida – expliquei, folheando distraidamente um exemplar do *Sun* deixado na mesa em frente à minha.

Preferia passar em revista dez anos de arquivos da seção de conselhos sentimentais do que falar sobre Nick

– Mesmo? Está mesmo seguindo com a sua vida? – perguntou no momento em que a garçonete trouxe os cafés. – Então, se ele contasse a você que tinha conhecido uma garota e se apaixonado por ela, estaria tudo bem para você? – perguntou, com os olhos fixos nos meus.

A imagem de Chloe surgiu imediatamente à minha frente, logo seguida por várias cenas de Nick olhando para ela no trabalho. Olhares furtivos e sorrateiros. Pernas longas. Peitos perfeitos. *Aquele* cabelo. Ela usa um perfume divino. Um ar angelical. Aposto que nem mesmo tem celulite. Sem dúvida é o pior que podia me acontecer, sendo bem sincera. Quem me dera ela fosse almoçar e caísse em algum um buraco.

Dane-se. É oficial. Tornei-me amarga.

– Sim. Para mim, estaria tudo bem.

– Sério?

– Sério.

– Tem certeza?

– Tenho, tenho certeza.

– Cem por cento?

– Está bem, está bem. Não, não e não. Não estaria nada bem! – Quase gritei para todo mundo no café. Duas mães que fofocavam pararam a conversa e me fitaram. Baixei a cabeça e corei, na esperança de conseguir escalar as páginas daquele jornal que estivera mentalmente esculhambando e me esconder em qualquer lugar entre as fotos de seios e a seção de esportes.

– Eu sabia! – gritou Pete, vitorioso. As pessoas continuaram nos encarando. – Muito bem, então vamos tomar uma providência – declarou, endireitando-se na cadeira, muito entusiasmado.

– Não vamos, não, Pete, porque acho que ele conheceu alguém. E ela ainda por cima trabalha comigo, fica andando por lá com suas meias-calças sexy, debruçando-se sobre a copiadora e carimbando o batom pelo maldito quadro branco, pelo amor de Deus! – Finalizei meu desabafo enfurecido me dando conta de que meu rosto fervia, meu coração batia acelerado e que aquela frase não fazia sentido nenhum.

– Espera um pouco... como assim? De quem você está falando?

– De Chloe. Tem uma garota nova lá no trabalho chamada Chloe, e ela parece saída das páginas da *Vogue*, é perfumada e, basicamente, é espetacular. – Uau, ciúme era uma coisa pouco atraente. Mas eu não conseguia evitar. Jorrava de dentro de mim, literalmente. O ciúme me atingia a alma, trazendo à tona todos os meus defeitos e os expondo na Tate. Até aquele momento, não percebera que me sentia assim. Dei uma mordida em meu cupcake, a cobertura de açúcar adocicando um pouco minha boca amarga.

– Isso não é lá muito bom – admitiu Pete, com um olhar solidário no rosto.

– Está tudo bem, desculpe. Não me dera conta de que estava tão mal até você perguntar. Vou ficar bem – falei. Tinha esperança de que, proferindo bastante as palavras, elas acabariam se tornando reais. Eu. Vou. Ficar. Bem. Tudo bem. Beleza. Superbem.

– Continuo achando que vocês dois vão ficar juntos – disse ele, otimista, devorando o biscoitinho de brinde.

Embora eu adorasse Pete e ele estivesse se transformando numa espécie de confidente, achava que ele vivia um pouco no mundo das nuvens. Elaborando sua própria perda através de mim e de Nick.

Através do hilariante número de comédia stand-up que era minha relação com Nick..

Nick

– Já se apaixonou alguma vez? – perguntou Chloe, mordiscando seu canudo e erguendo uma sobrancelha atrevida. Meu Deus, ela era sensual. Essa mulher é escandalosamente bela. Acho que um simples sorriso dela bastaria para lhe darem um lugar na primeira classe de um avião em vez da econômica.

Aquela era uma pergunta difícil, pensei, puxando um fio de alface que ficara preso de forma humilhante no canto da minha boca. Por que isso sempre acontecia nos sanduíches com salada? E por que isso sempre acontecia quando estávamos com alguém que nos interessava?

– Hum... já, acho que já. – Fiz uma pausa, olhando no fundo de seus hipnotizantes olhos castanhos.

– Acha que sim? Não é algo de que tem certeza? – Ela afastou um pedaço do cabelo da boca e continuou olhando minha expressão de pânico.

Ah, droga, eu estava sendo minuciosamente examinado.

– Bom, sabe como é. Já tive alguns relacionamentos sérios, por isso acho que sim. – Boa recuperação, Nick Vago e sem comprometimentos.

O que eu queria mesmo era gritar ao mundo que sim, que sabia o que era amar. Embora o amor mais profundo que eu já sentira por alguém tenha sido por uma pessoa que nem mesmo cheguei a beijar. Eu a amava, mas ela não me amava. Mas eu já superara isso, certo?

Estranhamente, o amor em questão estava passando bem em frente à janela do bar com um tipo de aspecto estranho. Eu o reconhecia, mas não sabia de onde. Ela tinha um largo sorriso estampado no rosto, e o cabelo brilhava sob o sol radiante. Quase me engasguei com o sanduíche.

– O que você está olhando? – quis saber Chloe, virando a cabeça no exato instante que Sienna desapareceu de vista.

– Ah, nada. E, hum... e você? – rebati, mandando a bola de volta para ela.

– Sim, com certeza, uma vez. Conheci um cara na facul – respondeu, olhando para dois camarões rejeitados que tinham caído do sanduíche no prato e que, por algum motivo, já não serviam para ser comidos. Quase conseguia ouvi-los me chamando debaixo da grossa camada de maionese. Queria espetar meu garfo e roubá-los, mas não se faz essas coisas quando se está com pessoas que não conhecemos tão bem. No entanto, sempre fiz isso com Sienna. Uma vez roubei uma asa de frango inteira, e ela não se importou.

– E você ainda, sabe... ama esse cara? – perguntei. Por favor, responda que não. Por favor. Seria minha típica falta de sorte se dissesse que ainda o amava, e neste momento eu queria distância de situações complicadas.

– Ah, não. Já faz décadas. Mas, sem dúvida, era amor. A gente sabe quando é.

Aquilo era muito interessante. Ela simplesmente sabia.

– O que você quer dizer com isso, que a gente sabe quando é? – perguntei, fingindo não estar particularmente interessado na resposta, quando, na verdade, estava desesperado por saber.

– Bem, vou ser sincera com você. Eu descreveria como uma necessidade louca e quase incontrolável de fazer parte da vida daquela pessoa. Uma paixão, na verdade. Sim, na verdade, a melhor forma de descrever é dizendo que, se você perdesse tudo, seu emprego, sua casa, seu carro, mas aquela pessoa continuasse do seu lado, nada daquilo teria importância. – Ela concluiu a sua descrição, mas manteve os olhos fixos nos meus.

Merda, e se ela estivesse me examinando à procura de falsidade, como se fosse um detector de mentiras humano? Comecei a suar. Não era possível que ela soubesse o que eu sentia por Sienna. Não tinha como. Era complicado, horrível e doloroso.

– Quer mais uma bebida? – Ela apontou para o bar com um braço elegante.

– Sim, claro, seria ótimo.

Observei quando ela levantou e se dirigiu ao amontoado de clientes que aproveitavam a hora do almoço para beber algo no bar xexelento, mas decididamente tranquilo, que eu escolhera. Reparei na costura que tinha na parte de trás de sua meia-calça e que subia diretamente até...

– Oi, amigo. – Uma voz cavernosa e grave interrompeu a minha viagem mental ao paraíso; vinha de um enorme ser animalesco e peludo se debruçando em minha direção sobre a mesa de madeira. Lá vem.

– Oi, cara, e aí? – perguntei, estufando o peito como um galo.

– Aquela lá é sua gata? – indagou, seu rosto bronzeado realçando um par de olhos azuis penetrantes. Ele apontou para Chloe, que estava longe o suficiente para não perceber nada.

Uma grossa corrente de ouro pendia de seu pescoço grosso como um tronco. Era o típico folgado de Londres, num terno elegante, cheirando a Joop. Aquele tipo de homem me irritava profundamente. Podia apostar que debaixo daquele terno Ted Baker falso havia uma tatuagem dizendo “Mãe”.

– Minha gata? Não, não. Ela não é minha namorada – respondi.

– Ótimo – retrucou, esfregando as mãos de contentamento e se dirigindo ao bar, gíngando como um leitão assado. Bem, pelo menos tivera a decência de perguntar.

Aquilo prometia. Obviamente, eu não queria que ela tivesse de lidar com aquela criatura horrível e lasciva, mas ao mesmo tempo ela estava longe de ser minha namorada. Não era nem mesmo aquele tipo de namorada para quem a gente telefona numa sexta-feira à noite, já bêbado. Vi quando ele ergueu uma sobrancelha para os amigos igualmente horríveis, que, por sua vez, o incitaram, rebolando e fazendo gracejos.

Nosso elegante pretendente deu um tapinha no ombro dela. Bebi o resto da minha cerveja e assisti ao confronto. Vi quando ela apontou para mim numa tentativa desesperada de fingir que

era comprometida. Infelizmente, não colou, e o nosso Sr. Darcy urbano continuou aplicando seus golpes mágicos. Toda aquela cena era terrível. Senti pena dela.

Foi então que ela arriscou. Ela não devia ter arriscado, considerando que eu fazia parte do time sênior da empresa onde ela trabalhava. A empresa onde ela trabalhava havia apenas três semanas. Na verdade, estava beirando o ridículo. Ela se virou com as bebidas e se dirigiu a mim através do salão do bar toda empertigada, rebolando de um jeito que deixou a maior parte da clientela babando. Até mesmo as mulheres. O Romeu estava prestes a segui-la de novo e então ela fez algo completamente louco. Beijou-me.

Não sei quem ficou mais chocado – ele ou eu. Mas foi o que ela fez, e, por sinal, maravilhosamente bem. Encaixou a mão na parte de trás do meu pescoço, me puxando para junto de seu rosto. Por um segundo, o mundo parou. Na realidade, acho que meu coração parou. Seus lábios maravilhosos e macios se fundiram aos meus, e ela moveu a mão da minha nuca e correu os dedos pelo meu queixo com barba por fazer.

Deve ter sido uma cena e tanto, pois tenho quase certeza de que estiquei os braços em pânico, com os dedos rijos e as pernas duras. Devo ter parecido uma mariposa apanhada numa teia de aranha.

Logo em seguida, quando percebi que não passava de uma encenação para livrar-se dele, deixei minhas mãos lentamente pousarem na cintura dela. Com certeza, ela acabaria com aquilo a qualquer instante.

Oh, não, esperem... Ela ainda estava me beijando. Ainda. Estava. Me. Beijando. E eu a beijava.

Merda. Aquilo era completamente inapropriado. A gente saíra apenas para comer um sanduíche de camarão, mas era tão envolvente... Meu estômago parecia ter mergulhado nas profundezas do chão do bar.

E sem mais nem menos ela se afastou, virou-se para ele e disse, resoluta: – Vaza!

Ele pareceu envergonhado, abatido e particularmente zangado comigo. Já via até as manchetes: CABEÇA DE HOMEM ESPETADA POR DARDOS EM ALVO DE BAR.

– Chloe! – sussurrei no ouvido dela. – Vai fazer com que eu leve uma surra, pelo amor de Deus. – Eu estava bravo com o que ela acabara de fazer, mas também muito excitado. Era uma mistura confusa. E a excitação já estava sem dúvida vencendo aquela queda de braço...

– O que foi? Só precisava que ele pensasse que eu tinha namorado – disse ela, tranquilamente, enquanto bebia um trago de sua Coca diet como se nada de extraordinário tivesse acontecido.

Jesus. Que louca. Mas bem que gostei. É melhor não contar a ninguém o que acontecera, pensei, deixando cair estrategicamente um guardanapo no colo.

“Eu posso ser anônima. Posso ser quem eu quiser.”

Sienna

Noite de terça. Esteira, 4,5 quilômetros, 295 calorias, 22 minutos e 40 segundos. Dois baldes de suor.

Me sentia um lixo.

A academia era sempre uma experiência mista. Arrasto-me até lá depois do trabalho debaixo de chuva, granizo, neve – qualquer intempérie, e fico de mau humor o caminho todo. Mas alguma coisa me faz continuar. Medo, acho.

Deixei a escola há cinco anos, e, desde então, a maioria das minhas amigas, com exceção de Elouise, engordou. E eu não estou falando de um pouquinho. Falo de queixos extras, estômagos novos e traseiros pululantes. Isso me deixa morrendo de medo. Então, como um hamster em transe, fico me movimentando nessas máquinas dentro de um armazém abafado e desejando que o tempo passe correndo para que eu possa assistir a *O Aprendiz* e pintar minhas unhas. Tenho certeza de que ninguém deve *gostar* de ir à academia, ou será que alguém gosta? Gosta?

Estou aqui há uma hora e pareço uma beterraba esquecida dentro de um Tupperware num dia de sol. Na esteira à minha esquerda está uma garota alta e magra com cabelo loiro muito comprido. Nem um fio dele grudado no rosto. Nem uma pontinha de calcinha aparecendo. E eu, ao lado dela, dava duro em cima daquela faixa preta, com pingos de suor escorrendo para meus olhos e me deixando temporariamente cega.

Os homens daqui me entretêm um pouquinho. Cheios de tatuagens, músculos inchados e dreadlocks. Alguns desses caras devem vir aqui todo dia, suponho. E eles fazem uma coisa muito estranha: eles sentam diante do espelho e ficam encarando a si mesmos enquanto levantam pesos. Olhando para *si mesmos*. A última coisa que eu quero ver neste lugar sou eu.

Comecei a pensar em coisas aleatórias enquanto entrava em transe na corrida, meus pés batendo forte na esteira. Tenho uma pilha enorme de roupas para passar. Nosso amaciante de roupas acabou. Papai precisa ir ao hospital na sexta-feira, e eu ainda não reservei o táxi. Adoro meu pai. Poxa, o aniversário de Elouise está logo aí. Meu bem, o que dar para você? Eu sempre me esquecia de gravar aquele CD de música para Nick. Ah, e tenho de convidar Chloe para tomar alguma coisa depois do trabalho, seria legal conhecê-la melhor. Mas aonde iríamos? E por aí eu ia...

O prazer da academia é que fico tão acabada que ninguém me incomoda. É uma alegria. Eu posso ser anônima. Posso ser quem eu quiser. Não tenho de esbarrar nas pessoas e conversar sobre o tempo, o preço dos selos ou as bizarrices de celebridades tolas. Tenho deliberadamente evitado falar com as pessoas, de modo que posso ser conhecida simplesmente como aquela moça excessivamente úmida e de cara brava a quem todo mundo evita. Me cabe perfeitamente.

– Ah, com licença? – Veio uma voz quase inaudível sobre as batidas da música que vinha do meu fone de ouvido.

Eu ignorei. Ele devia estar falando com a Britney Spears do meu lado.

– Hum, desculpe. Com licença. – Veio novamente a voz, mas agora mais alta. Um rosto

masculino de traços fortes estava bem diante de mim. Um homem que eu vejo aqui com frequência porque ele é dono da pequena, cara e ligeiramente pretensiosa boutique da academia.

Por Deus, ele está falando comigo. Puxei um dos fones da orelha, irritada, e olhei para ele.

– Olha, desculpe se a incomodo. É que eu notei uma coisa na sua marcha – disse ele, com sorriso atrevido estampado no rosto.

– Na minha o quê? – perguntei, começando freneticamente a diminuir o ritmo da máquina para conseguir respirar.

– Sua marcha. O modo como você corre. Acho que você tem pisada muito pronada. Espero que não se incomode... – Ele parecia envergonhado agora.

– Eu não tenho ideia do que você está falando – eu disse, bufando, e a cinta preta parou completamente. Sentia-me tonta e incomodada.

Ele obviamente não captou minha hostilidade, pois deu um pulo e subiu na esteira. Ele era musculoso feito o Popeye.

– Sou o diretor da academia. Eu me chamo Ben. Basicamente, tem tudo a ver com o modo como os pés tocam no chão. É perfeitamente normal – tentou me confortar, mas eu estava começando a ficar ofendida. Ele estava fazendo aquela coisa de elevar o tom da voz no fim das sentenças para sugerir que é uma pergunta, quando, na verdade, não é.

Era irritante.

– E o que há de errado com o modo como meus pés tocam o chão? – perguntei, na defensiva, secando o rosto com uma toalha fofa cor-de-rosa. Eu estava horrivelmente consciente do quanto estava suando em comparação com... bem, qualquer um. Droga, eu suava mais que os homens.

– Não é exatamente errado. Tem a ver com o alinhamento dos quadris e uma série de coisas, mas pode causar lesões, a menos que você use tênis especiais para corrigir o problema.

Ele era bem bonito, para falar a verdade, mas estava começando a parecer que queria me vender um par de tênis, então, ele podia ir passear.

– Olhe. Pode me acompanhar? – pediu.

Eu o segui, ainda irritada. Ele colocou o braço na parte inferior da minha coluna enquanto caminávamos, e eu tremi, quase tropeçando numa moça que fazia alongamento no solo.

– Olha só! Não dá para ver que eu estou incomodada e com calor? – gritei, um pouco arrogante.

– Isso é bom – sussurrou ele ao meu ouvido. – Significa que você está fazendo algum trabalho corporal, e isso é mais do que podemos dizer de algumas pessoas.

Uau. Essa era uma surpresa. Pensei que, como a maioria das pessoas aqui, ele me achava uma aberração da natureza e me evitaria a todo custo.

Ele me conduziu para uma mesa e estendeu o braço para puxar um arquivo. Eu estava começando a me sentir um pouco tonta, mas respirei fundo algumas vezes e continuei firme. Os músculos dos braços dele se flexionaram quando ele levantou a pesada pilha de documentos. Muito bem, ele era bonito. Mas, enfim... Ele estava criticando minhas pernas. Que tipo de homem começa a conversar com uma mulher criticando as pernas dela?

Ele folheava as páginas freneticamente, com uma longa franja caindo-lhe sobre o rosto e cobrindo-lhe a ponta do nariz romano perfeitamente reto.

– Ah, aqui está – informou, tirando uma folha de papel coberto de diagramas. – Olhe, é isso que suas pernas estão fazendo. Cerca de 30 por cento dos corredores têm este problema, mas ele pode ser facilmente corrigido com o calçado adequado. Com o calçado errado, você pode ter problemas aqui, aqui e aqui – acrescentou, apontando para as canelas, joelhos e quadris no desenho.

OK. Então, ele poderia não ser uma lata de lixo falante. Havia diagramas e tudo mais, e eles pareciam vagamente científicos porque apresentavam os nomes dos músculos.

Ele olhou para mim com um par de olhos verde-mar aguardando por uma reação. Eu estava enjoada por causa do exercício; meu coração começava a acelerar-se.

– Você está bem? – perguntou, pondo-se de pé e ficando na minha frente. Ele usava tênis que pareciam muito caros, e eu temia que eles em breve estivessem cobertos pelo meu almoço.

– Sim, sim, estou bem – retruquei. A sala estava começando a girar.

– Olhe, tenho uma banana na minha sacola, se você quiser. Talvez sua taxa de açúcar esteja muito baixa...

Mas ele não conseguiu terminar a frase, porque eu corri. E, enquanto eu corria, minhas pernas começaram a tremer, tudo foi ficando cada vez mais branco, e, quando dei por mim, estava debruçada sobre o vaso sanitário e segurava-o como se fosse minha tábua de salvação.

Eu estava enjoada. Muito enjoada. Não havia nada que eu pudesse fazer para disfarçar. Algumas pessoas fazem com que isso pareça uma tosse inconveniente, enquanto eu pareço estar rugindo de raiva. Embaraçoso.

O ácido azedo que havia em meu estômago me pinicava o nariz. Que nojo! Eu não vomitava havia séculos, e esquecera o quanto era horrível. Depois de alguns minutos, alguém bateu suavemente na porta. Minhas pernas tremiam feito um animal assustado no veterinário, e os músculos do meu estômago doíam.

– Oi. Meu nome é Naomi – ouviu-se numa voz feminina preocupada. – Sou umas das personal trainers daqui, e meu colega, Ben, me pediu para ver se você estava bem. Você não vomitou, vomitou? – perguntou, tímida.

É claro que eu vomitara. Londres inteira deve ter ouvido. A maioria das mulheres do vestiário devia ter saído aos berros de sutiã e calcinha e prontamente cancelado seus pagamentos. Limpei a garganta e sussurrei, entre lágrimas, ainda capaz de negar o óbvio.

– Não, não. Eu estou bem, obrigada. Me desculpe. Vou melhorar.

– Tudo bem. Se precisar de alguma coisa, estarei perto da recepção, certo?

Minha resposta foi um grunhido. Depois, quando me recompus, reuni forças para me levantar e meti a cabeça pela abertura da porta. Duas senhoras rapidamente deram as costas e ficaram mexendo em seus cadeados.

Depois de tomar uma ducha e lavar a humilhação, sentei-me no banco por algum tempo, e percebi que a única saída do prédio passava na frente de Ben. Não havia saídas secretas para gente que vomita e se sente humilhada demais para voltar a encarar o mundo. Se eu, um dia, for dona de uma academia, certamente vou colocar pelo menos uma daquelas saídas de emergência

na planta. Elas deveriam ser exigência obrigatória do governo.

Acanhadamente, chispei porta afora e mantive a cabeça abaixada o tempo todo, passando pelos homens que levantavam pesos, por Britney e pelo bebedouro, até sair para o ar úmido de verão. Parecia que chovera pesado.

Fugir. Talvez eu nunca mais voltasse. Parecia uma ótima ideia. Uma desculpa fantástica.

– Olá! – De repente, ouvi o grito distante de uma voz masculina conhecida. Ai, que saco!

– E aí, você está bem? – Era Ben. Por que será que ele se dera ao trabalho de me seguir até aqui? Poderia ser algum tipo de visão induzida pela febre, mas ele era lindo.

– Olha, eu me senti muito mal com o que aconteceu lá dentro. Eu não deveria ter feito você parar daquele jeito – disse ele, passando as mãos desajeitadamente pela calça de moletom azul-marinho. – Como você se chama?

– Sienna – respondi, desejando que fosse outra pessoa qualquer. Alguém que não tivesse feito papel de idiota. – Não se incomode. Estou tão envergonhada – acrescentei, agitando uma das mãos no ar e corando.

– Você pode aceitar isso? – perguntou. Como que do nada, ele tirou uma banana das costas e me lançou um olhar de culpa muito convincente. Ele não parecia nada mortificado pelos eventos desta noite, apenas muito compreensivo.

– Ah, não, Ben. Não posso aceitar. E, sinceramente, não vou conseguir comer nada agora. Mas é muito amável da sua parte. – Puxei meu grosso cardigã para cobrir o estômago, como se quisesse protegê-lo de qualquer comida. Olhei para minha calça jeans larga e meus tênis, percebendo como eu estava horrível.

– Bom, se não quer aceitar a banana, terá de aceitar isto. – Ele empurrou um pedaço de papel amassado para dentro da minha mão, sorriu e voltou para dentro da academia.

Belo traseiro, pensei. Quando ele desapareceu, abri o bilhete com cuidado. A mensagem curta e carinhosa estava rabiscada em tinta azul borrada, como se a esferográfica tivesse sido mordida e estava prestes a explodir na boca de algum pobre diabo. Era um pedido simples, acompanhado de um número de telefone: “ME LIGA”.

Eu sempre achei meio esquisito mandar mensagem de texto para um homem primeiro, e esta ocasião não era diferente. Na verdade, era pior. Era uma situação tão difícil que exigia um jantar e uma conversa com Elouise. Ademais, eu precisava dela para livrar-me da dor do incidente do vômito desta noite.

– Mande um torpedo para ele, Si. – Foi a resposta animada dela, que estava na cozinha americana.

Afundi-me no couro do sofá dela e suspirei. Uma espada de plástico me cutucou as costelas, e eu a tirei na caixa de brinquedos. – Eu... eu... não posso, El – murmurei, amassando o pedaço de papel e jogando-o na bolsa.

– E por que diabos você não pode? Ele é dono de uma academia, poxa vida, isso não é legal? – ralhou, aproximando-se de mim com uma colher de pau cheia de uma maravilhosa paella, com um camarão carnudo equilibrado em cima do arroz amarelo. El sabe fazer esse prato como ninguém, mas eu vomitara algumas horas antes, e estava me sentindo mais que frágil.

– Não, El, por favor – protestei, mas era tarde demais. A colher fora enfiada em minha boca,

enchendo-a com uma deliciosa explosão de sabores. Ela deve ter conseguido encontrar uma abertura entre as vogais “e” e “o” na minha sentença. O rosto de Elouise se iluminou e ela voltou dançando para a panela. De repente, minha fome voltou.

– Uau! Está ainda melhor que a última que você fez – disse, erguendo os dois polegares.

– Então qual é o problema em mandar um torpedo para esse cara? – insistiu.

Olhei para ela, que se movia pela cozinha, imponente, usando uma calça jeans apertadíssima e uma blusa sem mangas, e desejei ter só um pouco de sua autoconfiança. Elouise partia muitos corações, mas não de uma maneira maligna, de propósito. Isso fazia parte de ser Elouise Dalton. Se ela precisar montar uma tenda para uma festa, no dia seguinte aparecerão dez homens musculosos para montá-la. Se ela precisar consertar um abajur, haverá eletricitas fazendo fila em sua porta. Se houver um vazamento, de repente, todos os homens, incluindo o vigário do bairro, se candidatarão a encanador... Sacou? Ela é adorada, querida e ótima para falar sobre homens.

– Olha, eu não gosto de homens que ficam me seguindo, El. Ainda por cima, se der errado, eu vou ter de mudar de academia.

Tirei minhas botas e coloquei os pés no sofá.

– Você precisa pensar de modo um pouco mais romântico, minha linda. Experimente. Você é linda, ele vai ficar de quatro – ela disse, enquanto servia o jantar.

Minha boca começou a aguar.

– E o que eu escrevo? – perguntei, aceitando com gratidão meu prato dos céus e começando a devorá-lo.

– Só diga olá e o convide para sair.

– Para o quê? – perguntei, num grito agudo, e um camarãozinho caiu de minha colher e parou no meu colo. Peguei-o depressa o coloquei de volta no prato antes que ela notasse.

– Sim, Sienna, para sair. Você tem certeza de que já esqueceu Nick? – Ela olhou para mim, em dúvida.

– É claro, El. Esqueci, sim. Na verdade, vou mandar um torpedo para Ben agora mesmo. – Larguei o garfo e pesquei meu BlackBerry na bolsa, junto com o pedaço de papel com o número de Ben. Rascunhei uma mensagem. – Que tal assim: *Oi, aqui é Sienna, da academia. Vamos tomar alguma coisa qualquer hora? S bj.* – Pensei em incluir uma piada sobre meu abraço no vaso sanitário, mas achei que seria melhor esquecer aquilo.

– Sim, está ótimo, Si – respondeu Elouise, com aquela centelha nos olhos que me deixava ainda mais animada.

– Muito bem, vou enviar agora – falei, subitamente amarelando e salvando a mensagem como rascunho. Nossa, eu era patética. – Pronto! – Olhei para Elouise e dei meu melhor sorriso.

– Ótimo. Viu? Não foi tão difícil assim, foi?

Depois do jantar, corri para o banheiro e escovei os dentes com a escova que mantenho na casa de El para aquelas noites alcoólicas e preguiçosas em que eu não consigo voltar para casa. Eu parecia bem melhor agora, pensei, ao aproximar o rosto do espelho acima da pia. Minha pele estava recobrando a cor. Só Deus sabe o que acontecera na academia mais cedo.

El e eu conversamos por alguns minutos e depois eu saí para a noite úmida de verão para voltar para casa. No caminho até o apartamento, senti uma vibração em minha bolsa e tirei meu telefone, meio que esperando que fosse meu pai. Mas não, era um número que eu não conhecia...

Oi, Sienna. Adorei receber sua mensagem. É claro que quero sair para beber alguma coisa. Que tal quinta-feira à noite? Bjs. Ben

Que garota terrível. E como ela soube que eu estava mentindo? Algumas pessoas ficariam muito bravas, mas eu fiquei contente por ela ter feito aquilo. Mesmo.

Um sorriso se abriu no meu rosto. Era tão grande que eu nem sabia o que fazer comigo mesma. Mas o que eu vestiria?

Nick

– Vamos devagar, Nick

Foi isso que ela disse há menos de um ano, ao sugar um milk-shake à beira-mar. Foi uma conversa bem no começo de nosso relacionamento. Um pouco depois daquela emboscada no bar, e um pouco antes de eu achar adequado levá-la a casamentos e deixá-la usar minha escova de dentes. Foi mais ou menos no período em que íamos a jantares e coquetéis elegantes nas noites de sexta em vez de brigarmos pelos cabelos que entupiam o ralo.

Mas, sabe, aquela frase é um mau sinal, ela significa o oposto. As pessoas são geralmente muito ruins em levar as coisas devagar, a menos, é claro, que se trate de pagar faturas ou andar pela Rua Oxford quando se quer olhar todas as lojas. E elas são especialmente ruins em ir devagar nos relacionamentos.

Na verdade, eu vou além e digo que assim que você ouve a frase “Vamos devagar”, você deve saber que as coisas estão prestes a correr mais depressa.

E foi exatamente isso que aconteceu. Ela se instalou na minha casa. Há frascos de esmalte Chanel na mesa da sala, um depilador no banheiro, almofadas não explicadas no sofá e lingerie cuidadosamente guardada no meu quarto. É tudo um movimento estratégico de Chloe para que eu sinta que não posso viver sem ela.

Para ser franco, ela está fazendo um bom trabalho. Ela não mora comigo. Ela não tem uma cópia da chave. Ela certamente não está no seguro do meu carro. Mas está entrando lentamente no meu mundo. Parece uma vagarosa infiltração de coisas cor-de-rosa que cheiram bem, e quase todo dia eu encontro algo novo. Meu coração sempre acelera um pouco, mas eu acho mesmo que tenho de crescer. Este ano completo 30, poxa vida. Eu realmente preciso ser capaz de lidar com isso, e, se eu não conseguir lidar com uma criatura linda como Chloe compartilhando meu lar, então eu realmente não tenho mais jeito.

Ela gosta de dormir aqui quase toda noite, o que eu achei bem difícil no começo, mas agora adoro. Por ter ficado solteiro durante tanto tempo, tornei-me um pouco egoísta. Você quer fazer o que quiser, quando quiser e do modo que quiser.

Adoro sentir o calor dela ao meu lado a noite toda, e acordar com ela esfregando o nariz no meu peito. Ela é linda, e eu só espero que possamos ir longe. Além de tudo, sou louco por ela.

Mas há um grande problema nisso tudo. Sienna. Ultimamente, ela tem sido o motivo de muitas brigas. Ela não tem ideia de que isso está acontecendo. A mais espetacular de todas ocorreu esta noite, e foi mais ou menos assim:

– Sienna e eu estamos pensando em visitar aquela mostra de arte de rua sábado que vem, Chloe. Mal posso esperar. Você vai ficar com suas amigas mesmo no fim de semana? – falei, inocentemente, enquanto andávamos de carro por Balham.

Ela programara um spa de final de semana com as amigas, a maioria das quais eu não suporto. Eu secretamente esperava que algumas delas ficassem trancadas numa sauna e saíssem de lá muito menores e mais silenciosas do que são. Mas não Chloe, é claro.

Nuvens escuras imediatamente cobriram o rosto de minha namorada, dando-lhe aquele ar bravo que ela assume sempre que o nome de Sienna é mencionado. E não há motivo para tanto.

Eu já esqueci Sienna, e, além disso, nunca aconteceu nada entre nós.

– Vou sim, Nick – respondeu ela, abruptamente, olhando pela janela e esticando tanto o pescoço para o outro lado que era óbvio que estava tentando esconder alguma coisa. E ela também brincava com um anel no dedo, o que nunca era um bom sinal. Ela costumava fazer isso quando ficava muito brava.

Um silêncio frio se instalou no carro enquanto nos afastávamos de Balham, a caminho da zona oeste de Londres.

– Chloe, por favor. Você sabe que nós adoramos essas coisas. Qual é o problema? – respondi, notando como os pés dela apertavam com força o tapete do carro, o que parecia ser uma frustração contida.

Silêncio. Mais silêncio.

Encostei e parei o carro. Isso tinha de ser resolvido de uma vez por todas. Eu estava ficando um pouco cansado de seus silêncios de protesto toda vez que eu mencionava o nome da minha melhor amiga.

– Chloe, acho que precisamos conversar sobre isso – comecei, respirando fundo e mexendo num aromatizador de ar em formato de pera pendurado no espelho retrovisor.

– Não quero falar sobre isso – respondeu. Ela parecia estar apertando os dentes.

– Por favor, Chloe, olhe para mim. Qual é o problema? – Eu me inclinei e toquei-a no braço; ela o afastou bruscamente e enfiou-o dentro do cardigã da Zara que eu lhe dera de aniversário. Mas eu não o comprei para que ela pudesse esconder-se dentro dele quando estivesse brava comigo.

– Bom, não vamos a lugar nenhum se não conversarmos – declarei, colocando as mãos sobre a direção e reclinando o banco um pouco mais, para ficar mais confortável. Talvez ficássemos ali algum tempo, pensei.

Uma chuva fraca começou a cair; fiquei observando as gotículas apostando corrida até a parte inferior do vidro da frente. Era cativante. Passaram-se segundos, minutos...

Tum! A porta do passageiro bateu com força; a alavanca do câmbio bamboleou de medo. Virei-me e vi que o assento ocupado por Chloe estava vazio. Havia uma leve depressão no couro e ainda se sentia o calor do seu corpo nele. Ela saíra do carro e corraera para a rua, e eu só conseguia ver um lampejo de seu cabelo loiro a distância. Merda.

Saí do carro às pressas e comecei a correr, batendo a porta, trancando-a com o controle remoto e indo atrás dela na rua. A chuva estava forte agora, e eu podia sentir a umidade atravessando minha calça jeans. Meus tênis faziam barulho ao bater no cimento brilhante e minha camisa grudou na barriga. Chloe estava andando muito depressa, apesar dos saltos que usava. Ela nem olhou para trás. Nem uma vez.

– Chloe! – gritei, em meio aos transeuntes, esquivando-me de crianças e agachando para escapar das pontas de guarda-chuvas. Eu até empurrei uma mulher sem querer e me desculpei aos gritos enquanto corria de costas, e fui de encontro a uma banca de jornais e seu dono ranzinza. Nossa, que coisa chata.

Quando eu finalmente consegui alcançá-la, ela estava mal, com a maquiagem preta dos olhos escorrendo pelo rosto. Eu segurei sua mão, esperando que ela parasse, para que eu não tivesse

que continuar correndo debaixo daquele tempo horrível.

– Pare, Chloe, por favor. Pelo amor de Deus, o que há de errado com você? – Meu tom saiu mais irritado do que o pretendido, mas eu estava ficando muito frustrado com aquilo tudo.

– Comigo? Comigo, Nick? Está falando sério? – Ela deu as costas para mim novamente, descendo as escadas para o metrô.

Lá vamos nós de novo... Desci correndo as escadas, com as pernas se movendo tão depressa que a parte de cima do meu corpo não conseguia acompanhar, e eu fiquei receoso de escorregar e acabar me estatelando lá embaixo. Consegui alcançá-la. No pequeno espaço da bilheteria, todos podiam ouvir nossa discussão. Que maravilha.

– O quê, Chloe? Por Deus, eu não entendo o que está havendo! – gritei. Uma mulher magrela com rabo de cavalo bem apertado fez um som de reprovação e me olhou com raiva. A situação parecia muito pior do que realmente era.

– *Você* quer saber o que está acontecendo? – esbravejou, aproximando-se feito um tigre selvagem, com o dedo em riste. Bom, pelo menos ela mudara de direção. Percebi, de súbito, que ela estava falando sério e me apoiei na parede.

A essa altura, estávamos chamando bastante a atenção, então eu tentei acalmá-la com gestos de braço frenéticos. Seu cabelo estava embaraçado por causa da chuva, e suas tranças haviam grudado no pescoço e bochechas, mas ela continuava linda. Eu queria puxá-la para mim e beijá-la até ela não ficar mais brava, mas achei que não funcionaria dessa vez.

– Eu vou dizer o que está acontecendo. – Ela cerrou os dentes novamente e pressionou as palmas das mãos contra meu peito. Eu podia sentir o frio dos azulejos em minhas costas ensopadas.

As pessoas agora estavam nos olhando fixamente. Um grupo de garotos adolescentes achou muito divertida a cena: eu, ensopado, me curvando de medo sob a ameaça de minha namorada. Lágrimas escorriam de seus olhos, e foi então que eu me dei conta de que era algo muito sério.

– Você, Nick, está apaixonado por outra pessoa. – Ouviu-se um forte suspiro vindo da plateia. Era como Jerry Springer: The Underground. – Estou farta de ouvir sobre as coisas que vocês gostam de fazer juntos. Estou farta de ser informada do paradeiro dela a todo instante. Estou farta de ouvir sobre a cor preferida dela, ou sobre o sabor preferido de sorvete. Não me interessa se o pai dela está muito doente, e eu certamente não quero saber sobre essa merda de mostra de arte. Entendeu?

Muito bem, aquilo foi horrível. Uma senhora idosa tapou os ouvidos da neta.

Chloe estava, com certeza, ligeiramente menos atraente que de costume.

Uma onda de raiva me invadiu, mas eu tinha de ficar calmo. Ela estava totalmente errada. Eu não estava apaixonado por Sienna. Sim, tudo bem, eu já fora, mas não agora. Segurei as mãos dela e puxei-a para mim, apesar da fúria que estava sentindo. Eu só queria acabar com aquele show, mandar todo mundo sumir e lidar com isso em particular, como deveríamos ter feito desde o início.

A princípio, ela resistiu, com lágrimas copiosas rolando dos seus olhos, que agora estavam tão escuros que me assustavam. A cor que eu adorava agora parecia um mau presságio.

Eu podia sentir o corpo dela tremendo quando ela cedeu e me deixou abraçá-la contra meu

peito. Ela estava verdadeiramente muito brava, e eu não tinha a menor ideia de que se sentia assim.

– Chloe, pelo amor de Deus – sussurrei ao ouvido dela, afastando um punhado de cachos enopados de seu rosto e olhando para a multidão aglomerada com uma expressão de “vão se danar” no rosto. Alguns entenderam a sugestão e bendaram de volta para suas vidas, que devem parecer muito chatas em comparação a isso.

– Eu não amo Sienna desse jeito, OK? Mas você precisa entender que ela é muito importante como amiga. – Quando eu disse essas palavras, senti-a tremer contra meu peito e começar a chorar ainda mais forte. Mas eu tinha de ser honesto com ela. – Chloe, por favor. Há uma diferença real. Se Sienna e eu estivéssemos interessados um no outro, você não acha que já teria acontecido alguma coisa? Nós somos amigos há muito tempo, você tem de entender isso, querida. Se você não puder, então não sei se podemos... Você sabe... – Eu me detive, sem saber ao certo como terminaria uma sentença como essa.

Mas lá estava. O grande ultimato. Basicamente, ele afirmava que minha amizade com Sienna era mais importante que minha relação com Chloe. Eu deveria ter falado de outra maneira. Agora as palavras já haviam saído, e eu não podia chamá-las de volta. Eu sabia que não devia ter dito aquilo.

De fato, definitivamente não devia, porque o que veio a seguir foi doloroso. Envolveu a mão dela e o meu rosto. Um choque dos dois que deixou uma marca vermelha na minha bochecha com cinco dedos visíveis. Eu juro que ouvi palmas... Ai.

E assim, sem mais nem menos, ela se foi.

Ela não era aquele tipo de mulher, você sabe, que esbofeteia homens em público. Ela era deslumbrante, charmosa, uma flor delicada que era ocasionalmente irascível, mas normalmente a coisa mais doce que alguém teria a sorte de conhecer.

Aquilo foi o meu despertar, mesmo; me dei conta de que aquilo não era justo com ninguém. Com ela. Comigo. Com Sienna. Mas eu também não tinha vontade de mudar nada. Eu protegia com unhas e dentes minha amizade com Sienna. Eu lutara por ela, contra meus verdadeiros sentimentos, durante anos. Eu batalhara tanto para suprimir meus sentimentos, e conseguira. Eu não podia abrir mão dela.

Fiquei analisando tudo isso enquanto os dois últimos remanescentes da plateia me encaravam com profundo desprezo. Dei-lhes as costas e coloquei a mão no rosto, que latejava. Eram duas adolescentes vestindo roupas estilo hip-hop e rabos de cavalo enrolados no alto da cabeça. Elas me deram aquele olhar de pessoas que sabem tudo, quando obviamente não sabem de nada. Não em comparação com um adulto que já tivera vários relacionamentos na vida real. Só isso já era, por si, profundamente irritante.

Voltei para o carro parecendo um cachorro travesso, com a cauda enfiada entre as pernas e as orelhas totalmente caídas. Ela foi embora. Tentei ligar várias vezes, mas seu telefone estava desligado. Não queria ficar correndo atrás dela pela cidade inteira sendo que não fizera nada de errado. Odiava aquilo tudo. Ela não tinha ideia do tormento que eu passara com Sienna.

Eu estava furioso demais para dirigir. Travei as portas e acendi um cigarro de emergência de um maço que andava rolando no porta-luvas. A fumaça escoava pela pequena fresta da janela do passageiro.

Meu coração martelava no peito. Havia somente uma pessoa que poderia fazer-me sentir melhor nesse momento, e essa pessoa era Sienna. Peguei o telefone e pressionei o 2; ela estava na discagem rápida. O telefone chamou duas vezes, mas eu entrei em pânico e desliguei. Telefonar para ela agora seria totalmente impróprio, e eu certamente não podia contar o que aconteceu. Eu mantivera essas discussões em segredo. Seria tarde demais para explicar tudo agora.

Dei mais tragadas profundas no meu cigarro e exalei com força, a nicotina percorrendo meu corpo, me dando aquela conhecida excitação pela qual eu tanto ansiava em situações como essa. Foi então que me lembrei de Ross ter me dito naquela noite em Brixton que homens e mulheres não podiam ser amigos. Mas nós tínhamos conseguido, não é? É claro que Sienna não sentia nada por mim. Certamente que não. Eu sabia que ela não gostava de mim daquela maneira. E eu, por certo, colocara meus sentimentos de lado. Não, não fazia sentido.

Depois, quando meus batimentos cardíacos haviam diminuído um pouco, fui para casa, inspirando grandes golfadas de ar durante todo o caminho. Quando me aproximei da garagem, vi a silhueta de uma linda loira à minha porta. Minha linda loira. Graças a Deus.

Fiquei tão aliviado por vê-la ali. Agora eu teria a oportunidade de conversar com ela adequadamente. Saí do carro e caminhei na direção dela vagarosamente, um pouquinho nervoso por ela ter me batido com tanta força. Minha pele ainda doía.

– Nick... Ah, poxa vida, me desculpe – disse ela, vindo na minha direção e colocando a mão no meu rosto. Recuei quando ela tocou minha bochecha esquerda.

– Droga, Nick Não acredito que fiz isso. – Ela começou a tremer novamente, visivelmente alarmada com a força de sua reação.

Passamos as horas seguintes abrindo nossos corações e tomando chá com bolachas de chocolate na minha cozinha. Dei-lhe uma toalha, e ela se enxugou; liguei o aquecedor e esperava que pudéssemos esclarecer tudo.

– Só para eu entender, Nick. Você pode me contar tudo do começo, como vocês se conheceram e como ficaram tão próximos? Eu nunca conheci um homem e uma mulher que fossem... bem, tão bons amigos – disse Chloe, olhando para os próprios pés, que repousavam no piso de madeira. Suas meias estavam secando no aquecedor. Ela tirara a calça jeans ensopada e vestira meu short. Ficava bem melhor nela do que em mim.

– Por favor! – implorou, levantando os olhos na minha direção. Ela cruzou as pernas para ficar mais confortável.

Minha mente começou a voltar ao dia em que Sienna e eu nos vimos pela primeira vez. Eu provavelmente não deveria dizer a Chloe que me apaixonei por Sienna desde o instante em que a vi, por cima de um exemplar do *Metro*, justo quando eu achava que minha vida estava desmoronando. Que eu sentira que ela fora enviada para me resgatar. Que eu ainda acredito, até hoje, que ela é...

Não. Definitivamente, eu não deveria mencionar essas coisas.

– Está bem. Se estiver mesmo interessada – disse eu, servindo duas taças de vinho branco para substituir o chá. Era hora de mudar para algo mais forte.

– Bom, acho que tudo começou há uns dois anos e meio. Eu tinha voltado de Ibiza e peguei uma semana de licença porque fiquei doente. Ela tinha começado no escritório duas semanas

antes, então nós nos encontramos pela primeira vez quando eu voltei da licença. – Parei. Minha mente voltou para o momento em que as portas daquele elevador se abriram, e como tudo pareceu estar em câmera lenta. Como eu não conseguia acreditar na minha sorte quando a vi ali sentada.

– Tá, e como vocês ficaram amigos? – perguntou de pronto, com um ar de fascinação em suas delicadas feições.

– Umás duas semanas depois, Ant mandou nós dois para uma feira de games na Flórida. Ela foi como redatora, porque Tom estava doente. Sim, foi isso – lembro. Recostei-me na cadeira enquanto todas as lembranças me inundavam a mente. Vislumbres de seu cabelo quando corríamos de bar em bar; as luzes, as bebidas, a comida... A tentativa de carregá-la nos ombros que nos fez raspar os joelhos no chão e chorar de tanto rir.

– E o que aconteceu?

– Nada, Chloe. Mas nós nos demos muito bem. Ela é uma boa amiga, provavelmente minha melhor amiga. E eu tenho de ser sincero com você, é assim que é.

Ela pareceu muito desapontada, mas tenho de ter coragem. Se ela não conseguisse lidar com essa amizade, não era a pessoa certa para mim.

Embora eu tivesse mentido um pouquinho...

Mas era assunto meu. Era assunto meu que eu a tivesse amado no passado, e de mais ninguém.

– Então como vocês acabaram saindo juntos tantas vezes, e você indo jantar com o pai dela, e tudo isso? – Acho que ela estava começando a se acalmar, mas ainda parecia bastante preocupada. Ofereci-lhe um cigarro, e ela o colocou entre os lábios e acendeu um fósforo. O cheiro de nicotina inundou o ar.

– Bom, nós ficamos muito amigos quando fui deixar uma coisa na casa dela e ela não estava, mas o pai dela estava. Ela nunca tinha me contado que ele era doente, e ele desmaiou na minha frente. Eu achei que ele tinha morrido, Chloe. Vieram paramédicos e tudo. Depois, ela chegou, nós tivemos uma discussão feia, e ela acabou me contando tudo. Todo o estresse, todos os anos que ela vinha cuidando dele, tudo que ela tinha passado...

Chloe balançava a cabeça, em sinal de compreensão. Ela era uma boa pessoa, de verdade, só um pouco desvairada às vezes. E era esse comportamento meio animal o que eu achava mais excitante nela.

Ela pareceu aliviada... quase.

– Então, está dizendo que você nunca se insinuou para ela e que nada do gênero jamais aconteceu entre vocês? – Ela ficou me olhando fixamente, seus olhos me penetrando.

Um silêncio me encheu os ouvidos. Meu sangue gelou. Uma lembrança súbita me veio à cabeça, aquela noite estranha e sombria em que ela ficou agarrada a mim durante horas e eu senti que o mundo era meu. O corpo dela, seu calor, estava tudo tão distante agora. Mas a colisão na volta à terra fora uma das experiências mais dolorosas de toda a minha existência, e eu ainda podia senti-la, assim como sinto a pancada em meu rosto.

– Nunca aconteceu nada, Chloe. – Contar a ela sobre aquela noite não tornaria as coisas melhores. Para ninguém.

Chloe se aquietou e passou o dedo na borda de sua taça, tentando fazê-la soar. Ela parecia

cansada, mas suas bochechas ainda estavam rosadas.

– Eu amo você, Nick – disse, carinhosa. Era a primeira vez que ela dizia isso. Meu coração parou, e eu senti o calor do medo e da alegria, tudo ao mesmo tempo.

Já fazia algum tempo que ela dissera aquela sentença: “Vamos devagar”. Essa mesmo.

E eu me lembrei exatamente de onde ficamos na praia naquele dia em Brighton, e do cheiro trazido pelo vento. Ela bebeu um milk-shake de banana e eu, de chocolate, e eu fiquei tão feliz por ela ter dito aquilo, porque significava que eu tinha tempo, mais tempo para acertar minha cabeça.

Mesmo assim, aqui estava eu, meses depois, suando como sempre suei desde o instante em que ela entrou na minha vida.

Eu não consegui dizer o mesmo. Eu ainda não sentia. Mas isso não era ruim, porque eu sabia que sentia muito. Eu tinha fé. Eu adorava Chloe; eu idolatrava o chão que ela pisava, o modo como ela deixava as pessoas deslumbradas quando saía, ativa, de uma sala, o modo como me beijava. Eu estava tão perto, mas ainda precisava de mais tempo...

Eu poderia ter dito várias coisas a seguir que resultariam em outra bofetada, ou em ficar solteiro, ou ambos. Por exemplo: a) Mesmo? B) Nossa, o que eu posso dizer? Ou ainda pior... c) Obrigado. Mas eu sou mais esperto, e escolho a opção d), que é ir até ela, beijá-la e carregá-la para cima.

Pela primeira vez naquela noite, ela riu.

“É uma caixinha que levo comigo para todo lado...”

Nick

O grande dia chegara. Meu aniversário. Trinta anos. O imponderável número que passei uma década receando e ansiando em igual medida.

Receando porque tinha aquela sensação de “Ah, meu Deus, só me restam alguns anos para me tornar alguém bem especial”, e ansiando caso um dia acordasse e constatasse que eu já era alguém bem especial.

De início, a realidade não foi nada especial.

Acordei às oito da manhã, o que foi um bom começo. Estava vivo. Era um dia de outono agradável e ensolarado. Abri a janela para deixar entrar o ar; era fresco e gelado, e eu adorava. Um esquilo saltou graciosamente para um galho, quase ao alcance da minha mão, antes de espalhar pela casca grossa e rugosa da árvore. Um idoso passeava com seu cachorro na rua lá embaixo, com um largo sorriso no rosto.

Chloe não estava em minha cama. Lembrei-me de que a expulsara deliberadamente na eventualidade de eu ter alguma espécie de ataque de pânico e acabar tendo de respirar dentro de um saco de papel.

A primeira grande constatação foi que todos os meus membros estavam em perfeitas condições. Não havia nenhuma necessidade urgente de converter meu depósito do jardim em oficina de marcenaria ou de começar a registrar em planilhas os pássaros que avistava no jardim. Até ali, tudo bem.

O primeiro passo foi dirigir-me ao banheiro. Minhas articulações não rangiam; todos os movimentos estavam fluidos como sempre tinham sido. Caminhei cautelosamente em direção ao espelho e observei meu reflexo. Ufa. Não me transformara no meu pai, por mais bonito que ele seja. Continuava com os mesmos quatro fios de cabelo branco do dia anterior, e nenhuma ruga a mais em volta dos olhos. Tudo corria bem.

Meu telefone tocou, então disparei de volta ao quarto para atender, batendo o pé numa caixa cheia de livros. Infelizmente, continuava desastrado. Senti os olhos marejarem.

– Feliz aniversário, bonitão – disse a voz ronronante de Chloe. Minha cabeça imediatamente se encheu de imagens dela usando lingerie. Era bom. Logo me arrependi de tê-la mandado embora na noite passada. Podia estar tendo as primeiras relações sexuais de minha verdadeira vida adulta. Talvez agora comece a ser bom nisso...

– Bom dia, Chloe. Como você está, minha linda? – perguntei, enfiando-me de novo na cama, debaixo dos lençóis.

Eu avisara no trabalho que tiraria o dia de folga. Não era algo que faria normalmente, mas tive medo de ter um treco e não queria que isso acontecesse no terceiro andar de um escritório em Balham. É bem alto. Pensei que lidaria bem com isso tudo – você sabe, aquela história de aproveitar a viagem. Mas passara a última semana dos meus 29 anos num estado de ansiedade aguda. Será que fui louco o bastante? Será que fui louco demais? Deveria ter feito alguma coisa de modo diferente? Será que fora um idiota egoísta?

– Estou ótima, obrigada, Nick – A voz de Chloe interrompeu o meu raciocínio. – Vou visitar você esta noite para levar sua surpresa de aniversário... pode ser? – Ela baixou o tom de voz; aparentemente, minha surpresa seria ou infeliz ou sexy. Desejei que fosse a segunda.

Na verdade, não estava para grandes agitos. Só queria que o dia acabasse para então começar a me preocupar com a chegada dos 40. Seria uma tarefa para 10 anos, e eu precisava de toda a força que pudesse reunir.

– Claro, está ótimo. Mal posso esperar para ver você – respondi, em seguida desligando o telefone e puxando os lençóis macios para debaixo do nariz. Tinham o cheiro dela. Que delícia.

E agora, o que eu faria? Gostaria muito de ver Sienna. Na realidade, isso me deixava muito nervoso. Embora desejasse que meu trigésimo aniversário passasse despercebido nos livros de registros como um dos dias mais discretos e irrelevantes da história, ficaria magoado se Sienna não fizesse parte dele. Era bom que eu me mantivesse a distância, mas hoje eu precisava dela. Ela não planejara nada comigo. Nada. Havia semanas que não fazíamos praticamente nada juntos.

Ouvi uma batida forte na porta. Tentando imaginar quem poderia ser, saltei da cama, me embrulhei num grosso roupão azul e desci as escadas na ponta dos pés. Através do vidro, vi o contorno borrado de um carteiro. Foi denunciado pelo casaco vermelho-vivo e pela faixa refletora amarela.

Ah, céus. Vai ver que minha mãe me enviou de novo um de seus bolos caseiros, que na maioria das vezes chegavam amassados e desfeitos e traziam na cobertura alguma fotografia horrível de quando eu era um bebê desdentado e usava fraldas gigantes. Abri a porta e espreitei pela fresta.

– Tudo bem, amigo? – disse uma agradável voz masculina.

– Olá – respondi, num tom levemente receoso.

– Isto é para você. Pode assinar aqui, por favor? – Passou para mim uma daquelas pranchetas com uma caneta fininha, que faz nosso nome parecer ter sido escrito sob efeito de anestesia.

Ele me entregou uma caixa pesada, embrulhada no tradicional papel marrom. Sim, era sem dúvida um bolo. Deus a abençoe. Já imaginava que foto horrível ela teria posto esta vez. Pareciam piorar a cada ano que passava; talvez tivesse caprichado e escolhido aquela em que eu mostrava para a câmera uma meleca recém-tirada do nariz. Ai...

Levei a caixa para a sala e preparei um chá. Não estava com muita pressa de abri-lo. Comecei a pensar de novo em Sienna. Na verdade, era só com ela que eu tinha vontade de estar. Ela me acompanhara durante o pior de minha angústia existencial pré-30; riu de mim quando foi adequado e me abraçou quando as coisas se tornavam um pouco difíceis. Ela era maravilhosa, mas onde será que se metera?

Levei a caneca de volta para a sala e comecei a abrir a pequena pilha de cartões que tinham sido deixados na caixa de correio nas últimas semanas. Havia um da minha tia-avó Polly, endereçado ao “Meu querido sobrinho Daniel, no seu trigésimo segundo aniversário”. Bem, pelo menos ela se lembrara da data. Pensei que deveria fazer uma visita em breve. Provavelmente, era em parte culpa minha que ela achasse que meu nome era Daniel; ultimamente eu andava meio preocupado. De qualquer forma, 32...

O próximo era do trabalho. Todo mundo assinara, até Dill. Fiquei emocionado. Coloquei num

lugar de honra em cima da prateleira da lareira. Depois havia outro de Ross e do pessoal: eles tinham colado uma fotografia do grupo nas nossas férias em Ibiza havia dois anos e meio. Estávamos rosados de tanto sol e cerveja. Sorri. Dentro havia um monte de mensagens bobas e esdrachadas e a promessa de uma noite com tudo grátis. Até que não seria assim tão ruim...

Reconheci a letra do seguinte, mas não tinha certeza de quem seria. Rasguei apressadamente o envelope e me deparei com o nome Amélia assinado embaixo, em tinta preta. Ah, meu Deus. Aquilo é que era volta ao passado. Lembrei daquela manhã em que ela desmoronou do lado de fora da porta, chorando, e me perguntei se agora seria feliz. Esperava que sim. Esperava realmente, já que eu era.

O último postal era da minha mãe, do meu pai, da minha irmã e da cachorra. Era muito longo e bem sentimental e me deu um nó na garganta do qual tratei de me livrar. Dizia até que tinham orgulho de mim. De mim! Por quê? Não pude deixar de reparar na frase mais abaixo, onde se lia: “PS: Você tem de vir este fim de semana para buscar seu bolo. Eu não conseguiria suportar que meus esforços culinários chegassem às suas mãos em migalhas”.

Que estranho. Olhei desconfiado para a caixa marrom pousada em cima da mesa. Reparando bem, era bastante grande. E pesada. Grande demais para um bolo. Comecei a ficar preocupado. Podia ter sido enviado por qualquer um. Podia ser um pacote de anthrax enviado por alguém que eu tivesse irritado inadvertidamente um dia qualquer.

Coloquei o pacote no colo e comecei a rasgar o embrulho, destapando uma grande caixa de sapato. Bebi mais um gole de chá e abri a caixa. Lá dentro se encontrava outra caixa, embrulhada em jornal; dessa vez era uma caixa da Topshop. Desembrulhei-a. Debaixo dessa camada havia outro papel de embrulho cor-de-rosa e mais uma embalagem menor. Já estava sacando o que era aquilo. Na minha idade, não ia cair naquele tipo de brincadeira...

Continuei a rasgar camadas e mais camadas até chegar a um livro pesado de capa dura. Um livro preto. Aquilo estava me deixando meio nervoso. Abri cautelosamente o livro e me deparei com um recorte de jornal amarelado. Olhei mais de perto e distingi a foto de um esquilo fazendo esqui aquático. Por baixo, escrito a mão, lia-se: “Tudo começou num trem...”.

Caraca! Era de Sienna. Uma sensação agradável e calorosa percorreu meu corpo e me lembrei da primeira vez que olhei nos olhos dela. Comecei a tremer um pouco ao virar a página seguinte.

Logo me dei conta de que ela criara um livro. Um livro inteiro, só para mim. O título era *A História de Sienna e Nick*. Era a coisa mais tocante e profunda que alguém já fizera por mim. Voltei a sentir um nó na garganta e foi como se o tempo tivesse parado. Já não ouvia o barulho da rua lá fora, era como se o mundo estivesse no *mute*. O gesto de Sienna me acertou em cheio para logo depois me abraçar com firmeza.

Estava tudo no livro: entradas de cinema, cartões de embarque, todas as fotografias que tiramos juntos, minicartazes dos nossos filmes preferidos. Tinha letras de música, histórias engraçadas... Cada um dos momentos felizes que tivemos a sorte de viver em nossa curta relação estavam ali, distribuídos por todas as páginas, harmoniosamente dispostos com amor e carinho.

Notei que os pelos de meus braços se arrepiaram. Aquela sensação familiar voltava a me percorrer e li de novo o livro, desde a primeira página.

Coloquei os pés na mesa de centro e me deixei embarcar numa viagem, recordando tudo que

acontecera desde que a conheci. Com o indicador, contornei o rosto dela numa das fotos que tiramos numa cabine de instantâneos na Flórida. Ela estava sentada ao meu colo e ria. Meu Deus, ela era demais.

Quando a conheci, ela era uma criança, na verdade, mas muito mais preparada para enfrentar o mundo do que eu estava ou virei a estar algum dia, espero.

Conseguia sentir seu cheiro. Conseguia sentir seu gosto. Conseguia sentir o calor dela bem ao meu lado. Tenho vergonha de admitir, mas uma lágrima enorme caiu de meu olho direito e escorreu pelo rosto. Uma lágrima de felicidade. Pela primeira vez na vida outra pessoa, Sienna Walker, pegara um dos dias mais assustadores de minha existência e o transformara num dos mais felizes, e nem sequer estava aqui...

Peguei o telefone com a mão tremendo e pressionei a tecla dois, com o coração aos saltos.

– Olá, Nick – respondeu ela, soando como se tivesse um sorriso enorme no rosto.

– Sienna, que demais. Obrigado. Muito obrigado. Você nem imagina... quanto... quanto... ahhh... – Eu nem conseguia falar, mas esperava que ela tivesse compreendido. Percebi que tinha a cabeça baixa, apoiada entre as mãos, e o telefone estava preso entre a orelha direita e o ombro.

– Parabéns, querido – respondeu ela, com o afeto de sempre na voz ressoando pela linha metálica.

– Não precisava fazer isso. Deve ter levado um século para fazer. Mas está incrível, Si – afirmei, sentindo-me de repente muito nervoso. Intimidado pela grandiosidade dela. Seguii-se uma curta pausa enquanto eu a ouvia se deslocar para o banheiro feminino, presumi.

– Sei que isso pode parecer cafona – começou, inspirando profundamente –, mas adoro você, Nick Redland. Você me ajudou em muita coisa. Estaria perdida sem você. Portanto, era o mínimo que podia fazer. Obrigada por estar sempre presente. – Ela parecia nervosa.

Suas palavras me tocaram fundo.

– Preciso ver você, Sienna. – Simplesmente saiu da minha boca. Foi involuntário. A frase saiu por ser a coisa mais natural do mundo.

– A gente vai ser ver em breve, prometo. Olha, tenho de ir. Tenha um fantástico trigésimo aniversário, Nick, e tenha orgulho do que você é.

E foi isso. A ligação terminou. Olhei para as fotografias de Sienna e eu numa cabine de instantâneos de um supermercado e, pela primeira vez em muito tempo, tive orgulho de ser quem sou.

Sienna

Já se passaram 882 dias desde que conheci Nick Redland. São cerca de dois anos e cinco meses de felicidade, e estou documentando esses momentos num grande livro preto.

– Passa a cola, por favor, Sienna. – Ouvi o meu pai pedir educadamente, segurando na mão uma entrada de cinema. Uma lantejoulas azul estava colada em seu queixo.

– Está aqui pai – respondi, passando uma bandeja com cola artística especial que não fica craquelada quando seca.

– Esta ideia é ótima – afirmou ele, com um sorriso radiante, enquanto alisava cuidadosamente

o líquido viscoso sobre as costas do papel e o pressionava no cartão branco pregueado. – Ele vai adorar – acrescentou, ainda mais entusiasmado que eu.

Estava tão feliz por ele estar me ajudando. Era algo legal que podíamos fazer juntos. E fazer coisas juntos hoje em dia estava bastante complicado, pois ele era incapaz de sair de casa por um minuto que fosse sem desequilibrar-se e desfalecer.

Nosso filme preferido, *Bonequinha de Luxo*, estava passando na tela imensa da televisão ao fundo. O som estava tão baixo que quase não dava para perceber o sotaque carregado da personagem de Hepburn, mas era possível ver seu rosto lindo respingado pela chuva enquanto percorria as ruas à procura do Gato. Aquela era a melhor parte. Holly Golightly acabaria por se ver envolvida num encontro ardente com o homem que amava junto com seu gato amarelo debaixo de lençóis de chuva artificial. Ah... o meu olhar se voltou para a janela. Aqui também chovia, mas era muito menos romântico.

– De onde você tirou essa ideia? – Quis saber meu pai, enquanto enrolava as mangas de seu largo pulôver azul até os cotovelos. Eu montara para ele um ninho de almofadas no sofá, e ele estava sentado, para que, quando desfalecesse, caísse sobre uma superfície macia. Não se, mas quando. Era muito cansativo para ele.

– Bem, eu não sabia o que dar para ele de aniversário; é uma data importante, obviamente. Presentes sem graça ou uma bugiganga qualquer não seriam legais. – Estiquei o braço até a pilha de recordações e peguei uma tira de fotos tiradas numa cabine na Flórida. Eu estava sentada no colo de Nick, e ele me cutucou com os dedos nas costelas, o que me fez soltar uma gargalhada quando a máquina disparou. Meu Deus, como eu o adorava. – Então, uma noite eu estava na cama pensando em todos os momentos divertidos que tivemos e reparei que meu quarto estava cheio de pedaços de papel, fotos, bilhetes e coisas desse tipo das nossas várias aventuras. Levantei e juntei aquilo tudo e foi aí que tive esta ideia.

– É o máximo, ele vai adorar – repetiu meu pai. – Vocês dois fazem um belo par, não fazem? – murmurou, pegando uma fotografia para olhar mais de perto.

– O que é isso? – perguntei. E ele virou a imagem. Era do Halloween de dois anos antes; a gente se fantasiara de Batman e Robin.

– Tem uma coisa que me preocupa um pouco – ele começou a dizer, dando um grande gole na caneca de chá.

Lá vai ele...

– Ele tem namorada, certo?

– Tem, Chloe. – Por sorte, a essa altura eu já superara meu ciúme, do contrário, teria me atirado de um penhasco em cima de uma scooter. Na verdade, ela parecia ser muito simpática, embora não a conhecesse muito bem. Ela parecia manter certa distância em relação a mim; o máximo que falávamos era quando me trazia uma caneca na vez dela de fazer o chá.

– Como você acha que ela vai reagir a isto? Hum? – sondou. Tinha aquela expressão que usava sempre que eu fazia algo meio condenável. Você sabe, algo que até se deixa passar, mas nem por isso deixa de ser pouco recomendável. Como guardar uma nota de dez libras que está entalada num caixa automático, andar de trem sem pagar ou esquecer de dar gorjeta num restaurante fino.

– Afinal de contas, você é apaixonada por Nick – falou meu pai.

– *Era apaixonada* – corriji imediatamente, frustrada, enquanto colava um ingresso de teatro numa das folhas.

– OK, *era*, desculpe. Acho que já faz tempo que você me contou isso – reconheceu, vasculhando uma pilha de bilhetes e recibos.

– Sim, eu *já* o amei, mas agora não. Além disso, estou com Ben. Acho que Chloe aceita muito bem que eu e Nick sejamos amigos. É disso que trata este livro. – Fitei meu pai.

Ele inspirou profundamente, como se combatesse o cansaço com uma nova dose de oxigênio.

– Está bem, Sienna. Sei que suas intenções são boas. Só que você é uma garota muito bonita, e acho que a maioria das mulheres encararia essa proximidade como algo, bem... altamente irritante.

Aquelas palavras me chocaram um pouco. Comparada a Chloe, eu me sentia uma criatura cheia de verrugas saída de uma toca de gambá. Ele não estava acusando nem sendo agressivo, apenas honesto, e é isso que eu adoro em meu pai.

– Obrigada. Mas não, não se preocupe. Vou ter cuidado com esse assunto. É importante que ele receba isto.

Olhei para ele quando segurava uma pena de pavão contra a luz de halogênio do teto; os tons azul-petróleo e verde se iluminaram, e ele sorriu.

– E isto? – Ele estendeu a pena em minha direção e passou na minha bochecha esquerda. Encolhi os ombros, protegendo o pescoço, pois fazia cócegas.

– Uma vez fomos a uma fazenda, só por diversão. Ele encontrou isto no chão e me deu.

– E Ben? – continuou meu pai, provocando.

– O que é que tem?

– Como é que ele se sente em relação ao fato de você e Nick serem tão bons amigos? Vocês já estão juntos há uns nove meses, não é?

– Ah... é, deve ser por aí... Não acho que ele se importe muito, pai. De qualquer forma, nossa relação não é muito séria, nem nos vemos tanto assim. Se ele tiver algum problema com isso, vai ter de engolir, não é? Não aguento homens ciumentos...

– Isto deve ter sido complicado para você, Sienna – refletiu ele, passando suavemente os dedos pelo círculo da pena. – Você sabe, amar alguém tanto assim e ter de, bem, guardar numa caixinha e fazer de conta que não existe.

Era uma forma excelente de descrever aquilo. Uma caixinha. Cheia de amor. Amor que eu nunca conseguira expressar verdadeiramente e por isso estava socando as paredes da caixa e gritando para que o soltassem.

– Sim, tem sido. É uma caixinha que levo comigo para todo lado, pois acho que o amor nunca desaparece totalmente.

Ouviu-se um baque suave. Meu pai caíra para trás sobre o monte de almofadas que eu instalara. Deus o abençoe.

Durante a tarde continuei a cortar, colar e prender os fragmentos dos últimos dois anos e meio da minha vida nas páginas do livro. O filme já terminara fazia tempo, e a sequência do menu do

DVD já se repetira 1 milhão de vezes. Normalmente isso teria me irritado, mas eu estava numa espécie de transe profundo. A chuva caía cada vez mais rápido e mais pesado à medida que a escuridão da noite puxava seu manto grosso e negro sobre a luz do dia. Faltavam apenas três dias para o trigésimo aniversário de Nick Rezei em silêncio para que estivesse sol nesse dia, para que ele, ao acordar, visse como a vida é, na verdade, boa. Que ele não tinha de se preocupar com todas as bobagens que povoavam sua cabeça, como carreira e idade.

No dia seguinte, fui aos correios. Sentia um frio no estômago e dificuldade em respirar. Eu ia mesmo fazer aquilo, não ia? Eu estava praticamente dizendo, com fotografias, lantejoulas, penas e cola, que o amava. Apenas como amiga, claro...

Havia uma senhora de cabelo grisalho do outro lado do balcão de vidro. Uma daquelas estranhas correntes que tilintavam saía dos óculos dela e dava a volta pelo pescoço. O que é que essas pessoas acham que vai acontecer com os óculos? Muito bizarro...

– Preciso de uma entrega especial, por favor. Preciso ter certeza de que isto chegará em boas condições ao seu destino – falei, séria.

Ela pareceu ligeiramente ofendida. Paciência. Dentro daquela caixa estavam as melhores recordações da minha vida, e eu não queria que fossem entregues por um cara qualquer chamado Bob que as abria, encolheria os ombros e as usaria como apoio para os pés.

Escrevi o nome e o endereço de Nick em maiúsculas, tendo o cuidado de colocar os números bem legíveis, e depois empurrei a encomenda na direção da mulher. De acordo com o crachá, ela se chamava Sue, mas não dava para confiar. Quando trabalhava num supermercado aos sábados de manhã usei durante anos um crachá onde estava escrito “Geoff” só porque não se deram ao trabalho de encomendar um com o nome Sienna.

Ela pesou a caixa. Tentei imaginar quanto pesaria o amor...

– São 5,90 libras, por favor – anunciou Sue, já de mão estendida, à espera.

Depositei a quantia certa na palma rechonchuda da mão dela e fitei-a nos olhos.

– Por favor, garanta que vá chegar em boas condições. Por favor.

– Sim, sim, irá. – Finalmente, ela abriu um sorriso. Acho que percebeu que tinha a ver com um rapaz.

A terça-feira chegou e passou. Não aconteceu nada de especial.

E então chegou quarta-feira. O dia de Nick. Não liguei para ele, nem mandei mensagem. Achei, sinceramente, que já fizera o suficiente.

– Bom dia, linda – disse Lydia, vindo em minha direção sobre um par de saltos incrivelmente altos, assim que saí do elevador. Só de olhar para eles, fiquei tonta.

– Você está linda, Lyds – elogiei-a, beijando suavemente seu rosto.

E estava mesmo. Seus cachos castanho-avermelhados caíam sobre um pulôver de malha cinza-escuro, preso na cintura por um cinto fino de couro brilhante. Na parte inferior, via-se uma calça preta de corte justo, estreita no tornozelo para fazer realçar os gloriosos sapatos. Parecia uma supermodelo. Olhei para o meu conjunto, que consistia em um jeans preto justo, um casaco de malha e um par de sapatilhas pretas. Era algo enfadonho, para não dizer pior.

– Você vai ter de me levar para fazer compras em breve – exclamei, na esperança de que um

pouquinho do estilo dela se incorporasse a mim se eu me sentasse bem perto.

Ela se inclinou na minha direção para falar-me ao ouvido, inundando o espaço com o seu perfume.

– Conheci um rapaz, Sienna. Bem, um homem. Um homem muito sexy. – E voltou a se afastar, unindo as mãos e dando risinhos.

– Que máximo! Conta mais. – Cheguei mais perto dela e segurei seus antebraços. Então era por isso que ela estava com aquela aparência tão espetacular hoje, pensei. Quer dizer, ela sempre teve boa aparência, mas dá para notar quando uma mulher está num momento de paixão. Esforça-se ainda mais. Unhas pintadas. Pernas depiladas. Hidratante perfumado...

– Ele trabalha num escritório no fundo da rua. A gente sempre se esbarrava no Starbucks, e na semana passada ele me ofereceu um café com leite e pediu o número do meu telefone. Ela olhou para os pés, corando ligeiramente.

– Que legal! – disse eu, entusiasmada.

E então meu celular tocou, me despertando do devaneio romântico com Lydia. Era Nick. Fiz um gesto de desculpas e fui para o corredor. Senti o estômago se revirar de nervoso. E se ele não tivesse gostado do livro, e se tivesse sido uma má ideia? Eu certamente não deveria me preocupar. Nick era do tipo artístico e criativo, que adorava essas coisas. Não era daqueles que evitavam lantejoulas com receio de perder a masculinidade.

– Olá, Nick! – respondi, me forçando a sorrir para que soasse animada em vez de terrivelmente assustada.

Ele tentou dizer qualquer coisa, mas não passou de uma frase estranha que incluiu as palavras “demais” e “ahhh” – se é que esta última conta como palavra. Achei que era bom sinal.

Imaginei o que ele estaria fazendo enquanto falava. Provavelmente teria a cabeça baixa, apoiada entre as mãos. É típico de Nick. Desejei um feliz aniversário a ele.

– Não precisava fazer isso. Deve ter levado um século para fazer. Está incrível, Si – afirmou ele.

Algo me passou pela cabeça. Sabia que tinha de dizer que o adorava, e para dizer isso com privacidade, fui correndo para o banheiro, na esperança de que não houvesse ninguém lá.

Saí sem pensar. OK, não era uma declaração de amor. Pode-se “adorar” um amigo. Mas ele tinha de saber o quanto eu o adorava. Foi o mais próximo que cheguei de me declarar perdidamente apaixonada por ele. Percebi então que ainda era isso que sentia. Que nunca deixara de amá-lo.

Minhas palavras foram:

– Adoro você, Nick Redland. Você me ajudou em muita coisa. Estaria perdida sem você. Portanto, era o mínimo que podia fazer. Obrigada por estar sempre presente. – Foi o que eu disse, porque era o que sentia. Preparar um livro de lembranças era o mínimo que podia fazer por ele. – A gente vai ser ver em breve, prometo. Olha, tenho que ir. Tenha um fantástico trigésimo aniversário, Nick, e tenha orgulho do que você é – acrescente.

De repente ouvi o som de saltos vindo de um cubículo mais adiante. Merda. Era Chloe. Eu podia ficar ali ou desaparecer. Ficar ali ou desaparecer.

Tarde demais. Ela saiu do cubículo com um sorriso desconfiado no rosto.

– O que foi isso? Você adora alguém? Quem é? – ela quis saber, enquanto tentava lavar as mãos com naturalidade, numa irritação indistigável.

Corei mais uma vez e enfiei o celular no bolso, como se assim pudesse ocultar toda a conversa, mas ela sem dúvida ouvira tudo. Sabia exatamente com quem eu estava falando.

– Ahhh... Eu estava só dando parabéns a Nick – expliquei, tentando parecer o mais natural possível.

– Deu um presente para ele? – perguntou, decidida, enquanto se dirigia ao secador de mãos.

Eu tinha de ser honesta.

– Não comprei nada, fiz um livro para ele... só com algumas fotos e bilhetes antigos, coisas assim. Estou sem dinheiro, então... – expliquei, tentando ser discreta, mas tendo de gritar por cima do barulho do secador, o que não ajudava muito. Quando desligou, ela se virou para mim com uma expressão furiosa estampada no rosto.

– Entendo – disse, virando-se e deixando o banheiro.

Nick

– Nick, tenho uma pergunta.

Era Tom, que estava na porta da minha sala com seu laptop e cara de preocupado. Usava uma camisa tomaz azul, cujos botões não estavam abotoados da forma correta, deixando um pedaço de tecido pendurado sobre a parte de cima do jeans. Achei melhor não dizer nada.

– Pode falar, cara. Entra. – Tirei uma pilha de revistas de cima da cadeira de visitas.

Tom fechou a porta atrás dele. Devia ser um assunto sério, provavelmente relacionado a mulheres.

Parecendo muito preocupado, inclinou-se para mim e empurrou o computador na minha direção.

– Bem, é um problema com o meu laptop.

Meu Deus, o que seria aquilo? Tentei entender. De qualquer forma, essas eram as responsabilidades de quem ocupava um cargo superior. Eu vinha aprendendo isso desde que fora promovido a coordenador do estúdio, logo abaixo de Ant. Parecia algo que deveria ter sido comemorado e anunciado aos quatro ventos, mas, na verdade, eu nem tivera um aumento. A empresa estava cortando o máximo possível de custos e aquele fora um último esforço para me manter na folha de pagamento, pois já era bem evidente que eu estava com vontade de mudar de ares. De qualquer forma, era uma ótima experiência e blá-blá-blá... Mas também implicava ter as pessoas sempre batendo à porta da minha sala com perguntas e acusações estranhas. Coisas importantes, como, você sabe, Terry ter escondido minha caneca preferida, e por aí vai.

– Qual é o problema?

Ele pigarreou. Falou num tom de voz calmo.

– Bem, está muito pesado. Muito mesmo. Está começando a ficar difícil trazer para o trabalho.

Fiquei perplexo. Desorientado. Desconcertado.

E então ele soltou essa: – Você acha que é por causa dos arquivos que pus aqui? Sabe, aquele material todo que andei baixando e salvando?

Cuspi minha bebida no colo.

– Você está me gozando, Tom? – reagi, erguendo as sobrancelhas e tendo um ataque de riso. Olhei no fundo dos olhos dele, na esperança de que aquilo não passasse de uma de suas brincadeiras.

Surpreso, endireitou-se na cadeira. Realmente surpreso.

– E quanto exatamente pesa um documento do Word? – provoqueei, já quase sem controle.

Mas ele não percebeu, e eu já não conseguia controlar o riso. Estava parecendo até crueldade.

– Saia da minha sala, Tom, por favor, antes que eu me mije todo! – Eu levantei e devolvi seu computador, fazendo de conta que quase caía no chão por causa de seu “peso”.

Só então ele entendeu e se deu conta do ridículo de sua pergunta. Ficou completamente vermelho.

– Ah, merda, Nick. Eu sou tão idiota. – Desatou a rir.

– Já disse, desaparece daqui antes que eu mande uma mensagem para a empresa toda.

Eu ri, empurrando porta afora com as mãos nas costas dele. Depois, me atirei de volta em minha cadeira e voltei a dar gargalhada. Era demais. A barriga até doía. Até senti um pouco de pena de Tom. Apesar de jovem, era extremamente limitado quando se tratava de tecnologia. Estamos falando de alguém que uma vez se levantou de seu lugar e fechou a janela mais perto de sua mesa depois de ter interpretado literalmente a orientação do apoio técnico por telefone.

Como era possível ele não saber aquilo? Ele era uma anomalia. Com certeza, faltara às aulas de Tecnologia da Informação. No entanto, apesar de sentir pena da ignorância dele, tinha de aproveitar aquilo ao máximo. Era uma oportunidade boa demais para ser desperdiçada, então me levantei de um salto e voltei a abrir a porta, dirigindo-me todo animado à redação.

– Tom? – chamei, sorridente.

– Sim – respondeu baixinho, erguendo o rosto por cima do monitor.

– Quanto pesa um arquivo de MP3? É que vou comprar uns álbuns no fim de semana e quero saber se preciso ir de carro. Ou talvez seja melhor pedir para entregarem em casa?

– Vá se ferrar! – gritou, também rindo.

Todo mundo ficou perplexo.

– Não se preocupe, gente, Tom só perdeu a cabeça por uns segundos. Ele vai contar pra vocês – gritei, enquanto apontava para ele com um sorriso.

De repente, o elevador se abriu e todo mundo desviou a atenção da minha gozação para lá, quando um enorme buquê de flores com pernas surgiu sob aquela faixa de luz. Caramba! Aquilo é que era declaração de amor. Havia flores vermelhas, flores cor-de-rosa, flores brancas, todas atadas por uma fita gigante e presas ao meio com um belo laço.

Olhei ao redor pela redação. Para quem poderiam ser? Eu não encomendara nada para Chloe. Olhei para ela antes que ficasse toda esperançosa e me senti, na mesma hora, um péssimo namorado.

Rhoda estava casada com o mesmo imbecil havia anos, então não era nem um pouco provável que fossem para ela.

Diane era amarga e estava sempre zangada, não merecia uma explosão de cores tão bela.

Lydia começara a sair com alguém muito recentemente. Decerto aquilo seria meio assustador, não?

Havia mais algumas garotas, mas eram muito discretas, e eu não sabia muito sobre elas.

Finalmente, revelou-se que as pernas pertenciam ao tipo magro que vinha entregar o buquê.

Parecia estar vergando debaixo de todo aquele peso. Segurava, junto ao rosto, um pequeno cartão, que lutava para ler com os olhos semicerrados e enrugados.

– Acho que se enganou de andar, amigo – disse eu, avançando na direção dele com as mãos unidas. Eu estava realmente tentando ajudar.

As cabeças das pessoas espreitavam por cima das divisórias, como suricatos entusiasmados.

– Não. Não. Aqui diz que é no terceiro andar. – Ele era ligeiramente estrábico. Voltou a olhar para o cartão. – Ah, aqui diz Sienna. Isso. Sienna Walker? – chamou, recuando um passo com as suas botas de bico de aço. Sua entrega era tudo menos romântica.

Meu coração afundou no peito. Merda. Eram do tal Ben. E eram de tirar o chapéu. Deviam ter custado uma fortuna... Mas a verdade é que ele está à frente daquela academia que é uma câmara de tortura tremendamente cara.

Vi que ela se encolheu assim que seu nome foi mencionado, e em poucos segundos todas as mulheres da sala desataram a correr na direção dela dando gritinhos como se estivessem num ensaio para o concerto de verão do coral. Ela ficou quase tão vermelha quanto Tom ficara e tentou esconder-se atrás do monitor.

Por que nunca me ocorreu fazer algo assim por uma mulher? Ou mesmo por ela, talvez? No tempo em que eu ainda não perdera a coragem...

O homem da entrega avançou a custo por entre a multidão de mulheres sussurrantes e depositou as flores nos braços dela.

– Assine aqui, por favor – pediu ele, abruptamente, deixando cair um cartão e uma esferográfica na mão dela.

Ela tentou como pôde rabiscar seu nome, mas as flores a impediam de fazer o que quer que fosse. Sienna detesta essas coisas. Sei disso. Detesta ser o centro das atenções, e era isso, sem dúvida, o que ela estava sendo no momento. Parecia que a sala entrara em câmera lenta e eu a estava observando de longe. Observando outro cara seduzir a garota que eu amava. Ou melhor, que eu amara. Merda.

Chloe olhou para mim e sorriu, esperançosa. Eu retribuí o sorriso. Aquilo ia render...

– O que diz? – gritou Lydia, que às vezes consegue falar bem alto. Ela tropeçou no próprio sapato, arrastou o telefone consigo e deteve-se segurando na mesa.

– Meninas, meninas. Por favor. Estou morrendo de vergonha. Esperem um minuto. – Sienna tirou o cartão das garras especialmente fortes de Delilah. Espirrou docemente e depois leu o cartão. Uma expressão de beleza cruzou sua fisionomia, e aquilo me aqueceu o coração. Estava feliz por ela. Sério. Sinceramente. Mais ou menos...

Lydia não aguentou mais; arrancou o papel cor-de-rosa da mão de Sienna e começou a ler em voz alta:

– “Para Sienna. Sei que não é seu aniversário, Dia dos Namorados, Natal, nem nenhum dia especial. Só quis enviar isto porque você é linda e eu sou o homem mais sortudo do mundo. Com amor, Ben. Beijo, beijo, beijo”. Tem três aqui, Si, não há dúvida de que ele a ama – declarou, cruzando os braços e fitando minha melhor amiga com um olhar de solidariedade feminina. De orgulho até.

Eu ainda não conhecia esse cara, mas achei que já estava na hora. Ele, sem dúvida, era um cara legal. Ou isso, ou era um tarado. Fosse o que fosse, eu tinha de averiguar. Quero dizer, conhecer.

Fechei a porta da minha sala e me sentei em silêncio. Pensando.

Refletindo. Desejando.

“Quero que você conheça meus pais.”

Sienna

Estou sublimemente feliz. Tão feliz que gostaria de saber tocar piano e cantar ao mesmo tempo, como Alicia Keys. Só assim eu conseguiria expressar essa alegria estonteante em vez de ficar rindo sozinha no trem como uma maluca. Ajudaria se eu não tivesse discutido com meu professor de piano sobre a localização do Dó central.

Sim, deu tudo errado quando eu tinha sete anos. Meu pai providenciou aulas para mim, mas ficou profundamente humilhado quando o Sr. Davis disse a ele que não podia continuar me ensinando, já que tínhamos “divergências artísticas”. É um modo educado de dizer, quando se tem uma garotinha arrogante de sete anos afirmando que você está errado sobre alguma coisa. Sobre algo que não é *negociável*.

Vejam, àquela altura eu não fazia nem ideia de que o Dó central era uma daquelas coisas preestabelecidas, como os horários e a tabela periódica. Realmente não está aberto à interpretação. E agora me arrependo, quando tudo que gostaria de fazer é me enfiar num vestido bem sensual e tocar piano para meu namorado tremendamente atraente no porão de um hotel chique. Que merda.

Ben é tudo aquilo que eu poderia desejar e mais ainda. É maduro, espontâneo, romântico e muito bom de cama.

E estávamos justamente na cama no domingo de manhã na casa dele, desfrutando de um momento de amor, o que se tornara um ponto alto, quase semanal, em nossa relação.

Eu literalmente venero o corpo dele. Fico perdida nos olhos dele. Ele é lindo.

E também é fantástico na cama. Os vizinhos poderiam confirmar isso, já que por mais de uma vez começaram a bater na parede aos gritos para que parássemos. OK, ele faz com que eu me sinta um pouco gorda, mas isso é sempre um risco quando se namora um homem atlético. Eles geralmente têm corpos lindos de morrer.

Apesar de toda essa alegria, ele me deixou chocada quando disse a famosa frase de três palavras.

Aquela com as palavras “você”, “eu” e “amo” e que não é preciso ser um gênio para colocar na ordem certa.

– Sienna, tem uma coisa que preciso dizer a você – sussurrou ao meu ouvido, com uma mão me agarrando o cabelo e outra na minha bunda. Tínhamos literalmente acabado de fazer sexo. Foi logo em seguida, eu ainda mal conseguia respirar. Toda nossa pele ainda se tocava. Estávamos nus demais para aquele tipo de intimidade, e aquilo me assustou.

Pressentindo o que aconteceria, entrei em pânico e tentei distraí-lo mergulhando embaixo do lençol e soprando sua barriga. Provavelmente a pior maneira de terminar um momento de paixão matinal. E também bastante difícil, porque o torso dele é rígido e musculoso, com uma textura de prateleira envernizada, o que não propicia uma boa reverberação na pele.

Ele me puxou para cima de novo até ficarmos olhos nos olhos e abriu a boca para falar.

– Ben, tive uma ideia – falei depressa, interrompendo antes que ele pudesse dizer algo. Merda, agora tinha mesmo de inventar alguma coisa para continuar. – Vamos jogar Monopólio!

– Não, Si, é muito demorado, complicado, e me faz lembrar como sou ruim em lidar com dinheiro. De qualquer forma, eu ia dizer...

– Ben, tenho de ir ao banheiro – gritei, saltando da cama e cobrindo minha bunda com as mãos antes de colocar apressadamente a calcinha e disparar para o banheiro, derrubando uma xícara de chá no caminho.

Abri a torneira para disfarçar o fato de ter mentido e molhei a cara com um jato de água fria. Vinha fugindo como um animal assustado, tentando evitar aquele momento. Não queria que ele dissesse aquilo, pois não era possível que ele sentisse de verdade. Sou muito difícil de amar. Gosto muito dele, mas...

– Sienna, sai daí, por favor. – A voz profunda do Ben vinha do outro lado da porta do banheiro após se passarem uns bons 15 minutos.

Abri a porta vagarosamente, e ele estava ali todo gostoso, de cueca e com cara de quem precisava desabafar. Inibida, cobri os seios com as mãos. Torcia para que ele achasse que o momento passara e que pudéssemos nos concentrar em tirar sua roupa novamente, mas a expressão no rosto dele me dizia o oposto.

– Café? – sugeri. – Posso preparar o café da manhã para você – repeti, já começando a descer a escada, com uma mão ainda grudada ao peito.

– Si, já tomamos café, lembra? – gritou, por cima do corrimão, com um sorriso perplexo no rosto.

Está bem, claro, eu não conseguiria me safar daquilo. Subi penosamente as escadas e me coloquei em frente a ele. Senti-me um esquilo acuado sob as luzes dos faróis.

– Sienna, você pode ficar quieta só um minuto? – exigiu, brincando.

– Sim, claro, o que é? – Notei que metade da minha calcinha estava enfiada na bunda. Tentei puxá-la discretamente com a mão que tinha livre.

Ele colocou os braços em volta da minha cintura e me puxou para seu peito.

– Eu amo você, Si – ele disse tranquilamente, colocando os dedos sob meu queixo e me beijando a boca com suavidade. Senti uma pontada no estômago, mas não foi de felicidade. Em vez da alegria que deveria inundar-me nesse momento, me senti enjoada. Enjoada de medo. Veio a imagem do rosto de minha mãe e aquelas vozes começaram a me ofender. As frases que eu me obrigara a levar a sério, por ser a única forma racional de explicar a partida da minha mãe.

Você é tão difícil de amar, Sienna...

Minhas pernas pareciam desintegrar-se sob mim. Eu estava, sem dúvida, perdendo o equilíbrio, mas ele era forte.

Bem, lá vamos nós, agora era para valer, mas eu nem de longe estava pronta para aquilo. Achei que o melhor a fazer era beijá-lo com sinceridade e paixão e levá-lo de volta para a cama. Dizer “obrigada” teria sido um desastre. Era um pouco como pegar o amor de alguém, gravar no disco rígido do nosso computador só para ter na memória e depois devolvê-lo todo arranhado.

Eu não poderia responder na mesma moeda porque ainda não chegara a esse patamar. Como já disse, me sinto muito feliz. Não poderíamos deixar as coisas assim por enquanto?

Quando ele me envia mensagens, sorrio como uma boba. Quando ele telefona, ando pelo corredor mexendo no cabelo e passando os dedos dos pés nas tábuas do chão. Quando me beija, sinto um frio no estômago. Quando penso nele, fico excitada. É maravilhoso, mas pode ser ainda um pouco cedo para o amor.

Sou muito cautelosa com a palavra *amor* porque sei bem o que significa. Já estive lá, já o fiz e sei quais são as implicações. Também sei de pessoas que dizem que amam outras pessoas sem que isso seja verdade, e que isso geralmente acaba em lágrimas e em ter de evitar certos bares, supermercados e cidades inteiras, nos casos mais extremos. Não serei nunca uma dessas pessoas. Recuso-me.

Ben rolou de novo para o seu travesseiro e suspirou, com o sol de inverno entrando pela janela e projetando uma linda luz em seu rosto. O peito dele é peludo, o que eu adoro. Aninhei-me nele e comecei a puxar suavemente os tufo de pelo com os dedos, como os macacos fazem. Levantei as pernas, envolvendo sua cintura com uma delas. Aquele tipo de proximidade, bem, não sei bem se alguma vez a senti. Poder ficar abraçada a alguém e permanecer em silêncio. Não falar nenhuma palavra.

– Sienna, preciso pedir uma coisa a você – anunciou num tom oficial, depois de pigarrear.

– Sim, querido?

– Quero que você conheça meus pais.

Opa. A segunda leva de suores frios começara. Eu nem digerira o fato de ele ter dito que me amava. Não podia dar um tempo para esta garota?

– Está bem. Claro, não vai ser problema nenhum. Obrigada, fico muito lisonjeada – consegui dizer.

– Bem, já estamos juntos há um ano, e a minha mãe sempre pergunta por você.

– E seu pai?

– Meu pai, na verdade, não liga para nada, a não ser tratar dos cavalos e da minha mãe.

Que fofo, pensei.

Ele rolou na minha direção e pôs seu braço na minha cintura, me puxando cada vez mais para ele até nossos rostos se tocarem. Eu me sentia ótima.

Talvez fosse isso. Talvez ele fosse o cara e, como acontece numa entrevista para um cargo importante, era realmente assustador, mas a coisa certa a fazer. Era preciso entrar para ganhar.

– E então, quando você está pensando em nos encontrarmos? – perguntei, olhando em seus olhos verdes, que me lembram o mar de um lugar de férias sensacional.

– Hoje?

Uau. Nem dava tempo de arranjar uma desculpa. Ele já sabia que eu estava livre, tínhamos combinado passar o dia juntos. Não tinha escapatória.

– Hoje? Está bem, parece perfeito. Mas então tenho de me arrumar; preciso estar bonita para conhecer seus pais. – Sorri.

De repente, fiquei nervosa. E se eles me detestassem? E se o puxassem para a cozinha para falar mal de mim? Pelo menos estava acontecendo tudo rápido como uma injeção, e eu não passaria semanas me inquietando e imaginando como o tudo seria.

– Bem, então é melhor começarmos a nos preparar – anunciou ele, saltando da cama e se embrulhando num roupão fino.

Tentei enrolar o mais que pude. Levei-o comigo para o chuveiro e foi uma excelente distração por pelo menos 20 minutos. Secar e arrumar o cabelo levou o dobro do tempo. Eu queria ficar deslumbrante. Ou, pelo menos, o mais próximo possível disso.

Achei um vestido preto que tinha comprado uns tempos antes e deixara na casa de Ben, com outras peças de roupa e acessórios, para saídas de última hora e idas a bares com os amigos. É acinturado e tem um decote que mostra o suficiente para ser feminino, sem exageros. Vesti-o com uma meia-calça cinza e um par de delicadas sapatilhas prateadas. O toque final foi um colar vintage comprido com uma gaiola em miniatura feita de arame. Ainda tinha as unhas pintadas de vermelho intenso.

Ben desistira e fora ver televisão enquanto esperava que eu emergisse do vapor do banheiro minimamente apresentável.

– Uau, você está linda, Sienna Walker – falou, beijando-me no rosto.

– Obrigada. – Olhei para o chão e corei.

– Então, minha linda, mexa esse traseiro sexy e vamos para o carro – exclamou, me conduzindo pela porta da frente. O vento frio atingiu meu rosto e puxei a echarpe, cobrindo metade da cabeça.

Os apartamentos, as lojas e os prédios de escritórios passavam rápido enquanto eu olhava do banco do passageiro. Lentamente, a quantidade de tipo malucos e perdidos começou a diminuir e os tons de verde chegaram para substituí-lo. Começaram os campos propriamente ditos, com cavalos, burros e tudo mais. Também vi lagoas cobertas de geada e gelo. Enquanto estávamos parados num semáforo, vi um pato pisando nervosamente uma lagoa antes de enfiar a pata na superfície da água gelada abaixo. Era lindo.

– Onde estamos indo, Ben?

– A Surrey. Eles vivem numa fazenda, Si; acho que já falei nisso há um tempo. São só meus pais, não tenho irmãos. Mas eles são meio doidos – alertou ele, com um sorriso e as mãos firmes no volante.

Eu não fazia ideia de como era crescer numa fazenda, ou mesmo ter uma mãe presente por mais de dez anos. Só de pensar naquilo, fiquei nervosa.

– Parece legal. Você ajudava na fazenda?

– Sim, a maior parte da minha infância passei ajudando. Quando não estava na escola, claro, mas fazia a minha parte antes e depois. Era um trabalho árduo.

Imaginei-o adolescente, acordando com as galinhas e ajudando num campo enlameado antes mesmo de começar a aula, enquanto a maior parte de nós ainda estava na cama com os nossos pais berrando às sete e meia para nos tirar de lá. Passei a olhar para ele com outros olhos.

Após o que pareceram ser horas, ele virou o carro esporte num caminho comprido e sinuoso. Teve de ir bem devagar pois era muito cheio de buracos. Ao fundo do caminho, à direita, surgiu

uma modesta, porém fabulosa, casa de fazenda, cercada de máquinas, algumas com jeito de abandonadas e outras reluzindo de novas.

Ben desligou o motor e olhou para mim.

– Vamos lá, minha querida. Eles vão adorar você.

Saí timidamente do carro e enfiei o pé esquerdo no meio de um poça funda e fria. Ops.

– Está tudo bem, Si? – Ben quis saber, olhando por cima do carro.

Aquilo era embaraçoso. Tentei fazer de conta que nada tinha acontecido, mas meu pé chapinhava ao caminhar.

– Vem cá, sua boba – disse ele, me conduzindo para uma pequena área coberta cheia de galochas e casacos verdes. Deixei meus sapatos numa grade para secarem e entrei na ponta dos pés na cozinha, atrás de Ben, que segurava a minha mão com força.

– Ben, meu querido – ouviu-se, numa voz de mulher, que presumi pertencer à mãe dele.

Apareceu uma mulher muito atraente que devia estar na casa dos 50 e que puxou para si meu namorado, abraçando-o. Tinha a aparência que eu esperava – muito bonita e bem vestida. Vestia um suéter de lã grosso marrom com jeans. Seu cabelo grisalho era bem penteado, e ela usava uma maquiagem leve que complementava perfeitamente sua beleza natural. As joias eram finas, de prata e discretas. Apenas uma pequena pulseira e um par de brincos em forma de gota.

Senti um vazio estranho no estômago. Sempre evitara mulheres como aquela porque me faziam lembrar minha mãe, de quem eu nunca esquecia – e que, acho, eu continuava a desejar que estivesse por perto... Na maioria das vezes, este era um assunto que eu conseguia evitar, sem contar o fato de já não conhecer minha própria mãe. Minha mãe, que virara as costas ao meu pai e a mim, deixando para trás apenas uma escova de dentes velha e algumas contas de cartão de crédito. Desde que partira, jurei que, se tivesse a sorte de ter filhos, nunca os abandonaria.

– Ah, uau, esta deve ser Sienna! – exclamou ela, aproximando-se lentamente de mim como se eu fosse um animal raro e exótico. Pousou as mãos nos meus ombros e deu um largo sorriso antes de inclinar-se e me beijar em ambas as faces à maneira continental. – Bem-vinda, Sienna. Por favor, entre. Já ouvimos falar tanto em você – prosseguiu, enquanto lançava a Ben um olhar encorajador.

Ele me ajudou a tirar o casaco e o pendurou na parte de trás da porta.

– Sienna, esta é a minha mãe, Lucy – falou Ben, parecendo ainda mais nervoso que eu.

O cheiro na cozinha era incrível; havia tachos e panelas fervendo e chiando em fogo baixo num forno Aga. Era exatamente como deveria ser uma cozinha rústica. Uma garrafa de vinho estava pousada em cima da mesa de madeira rodeada por diversos copos brilhantes. Percebi que me sentia muito confortável. Afinal, não era assim tão assustador.

– Um copo de vinho, Sienna? – perguntou Lucy, que, sem dúvida, percebeu que eu olhara para a garrafa.

– Ah, sim, por favor. Obrigada.

Passamos para a sala de estar, que mais uma vez parecia saída de um exemplar da revista *Country Life*. Emanava calor de uma lareira crepitante, em frente à qual vi um cachorro velho e preto com vários tufo de pelo branco espalhados pelo corpo. Levantou e imediatamente veio

cheirar-me freneticamente.

– Está tudo bem, Tara, senta – disse Lucy.

Não havia ainda sinais do pai de Ben. Apostei que seria simpático. Provavelmente todo fofo e roliço, com uma boina lisa de lã. Pelo menos foi o que presumi até que ouvi o rangido lento de uma grande cadeira que se virou, revelando um vulto escuro e sombrio. Levei um susto enorme.

– Ah, você está aí, pai. Já devia ter adivinhado.

O pai de Ben era um homem sisudo. Assustador, até. Era bastante delgado e tinha penteado uma fina camada de cabelo grisalho por cima da cabeça para esconder a calvície, na qual reparei imediatamente. Na mão direita, segurava um enorme copo de uísque. Era apenas uma da tarde e não me pareceu que fosse o primeiro. Usava roupas escuras e confundia-se na escuridão da sala, como uma sombra.

– Oi, Ben – disse ele, sem entusiasmo. Falava muito bem, mas sua voz grave arrastava-se, inebriada.

– Pai, esta é Sienna.

Ele respondeu com um resmungo. Céus, que grosso.

A cadela se remexeu desajeitadamente, olhou para mim e soltou um daqueles típicos suspiros profundos caninos antes de se revirar no carpete. Sinto sua dor, Tara, pensei. Sendo sincera, fiquei profundamente desapontada com a reação do pai de Ben, mas me esforcei ao máximo para não demonstrar.

– Hum... Pai. Sienna, minha namorada? – insistiu Ben, enquanto me fazia sinal para que me sentasse no sofá. Fiz sua vontade.

– Sim, eu sei – falou ele, me ignorando e se voltando para as chamas douradas.

– David. Não seja tão grosseiro – disparou Lucy, girando de novo a cadeira dele. Bruscamente. O uísque quase saltou do copo para o chão.

– Oh, pelo amor de Deus, querida. Eu sei quem é, não precisamos cantar e dançar e assustar a pobre moça, não é? E então, já lhe ofereceram um copo de vinho? – perguntou ele.

Ergui nervosamente o meu copo na direção da luz e sorri, simulando um brinde. Está tudo bem. Fique calma.

Lucy puxou uma cadeira e sentou à minha frente.

– E então, Sienna, me fale de você. – Ela recostou-se e sorriu, parecendo genuinamente feliz pelo filho não ter levado uma gótica cheia de piercings. Estava nitidamente fazendo um grande esforço para ser amável e acolhedora para compensar o porco ignorante com quem se casara.

– Bem, sou jornalista e moro na zona oeste de Londres. Escrevo para um monte de revistas diferentes e adoro o que faço.

– Malditos jornalistas – vociferou David, num tom antipático. – Seeeeeempre mentindo – concluiu, com as palavras soando ainda mais arrastadas, como se tivesse melado na boca. De repente, percebi que o pai do meu namorado estava bêbado.

Lucy ficou corada e me lançou um daqueles olhares tipo “não ligue para ele”, mas pareceu bastante constrangida com a situação. Ben estava visivelmente envergonhado.

Compreendi, então, que aquele homem tinha um grave problema com álcool e que talvez Ben não tivesse percebido a gravidade da situação. Pelo menos as críticas cáusticas de David não eram pessoais. Talvez Ben tivesse crescido com aquilo e achasse que era normal um homem comportar-se daquela forma. Não era, naturalmente.

A mãe dele, por outro lado, era adorável, e não pude evitar sentir pena dela. Como se alguém como ela tivesse sido a peça que faltara em minha vida. Se eu tivesse tido uma mãe por perto talvez meu pai não se sentisse tão triste com a vida. Às vezes ele fica bastante deprimido.

– Então, com quem você mora? – continuou ela, sondando com gentileza.

– Vivo com o meu pai, somos só eu e ele. Não tenho irmãos nem irmãs – respondi, esperando que ela não começasse a fazer muitas perguntas embaraçosas, mas tinha certeza de que Ben já a teria colocado a par da minha situação peculiar.

– Sienna, espero que não se importe que pergunte, mas Ben me disse que seu pai sofre de uma doença fascinante. Desculpe, eu, ah, quis dizer... – Ela gaguejou, tentando emendar e corando de leve. Pelo menos não ficou dando voltas em torno do assunto.

– Sim, ele sofre de narcolepsia...

– Narco o quê? – Fui rudemente interrompida pelo pai de Ben, que lançava salpicos de saliva ao falar.

– Fique quieto, pai – berrou Ben, visivelmente zangado.

– Não tem problema – disse eu, com calma, segurando discretamente a mão de Ben. Ele a apertou de volta em resposta. – É, em resumo, uma doença que afeta o sistema neurológico. É um problema de sono-vigília. Meu pai, George, também tem cataplexia, que é outra doença que costuma acompanhar a narcolepsia. Significa que o que desencadeia o sono são questões emocionais; então, quando ele sente uma emoção muito forte, desfalece. Portanto, em termos não científicos, isso quer dizer que ele dorme quase o tempo todo – concluí, inspirando profundamente aquele ar com cheiro de lenha.

Estava tão esfomeada que me sentia tonta. Tomei um pouco do vinho, consciente de que me subiria de imediato à cabeça, mas queria estar alerta o suficiente para lidar com o pai de Ben.

– Então, ele pode estar de pé e de repente cair no chão? – perguntou Lucy, com ambas as sobrancelhas erguidas, totalmente surpresa.

– Sim, é isso mesmo. Em qualquer lugar, a qualquer hora. Já se machucou muito sozinho. É uma preocupação constante, na verdade. Naturalmente, não pode trabalhar. Aos olhos do Estado, ele é inválido.

– Ah, suponho que está sugando o dinheiro que pagamos em impostos, como todos os outros com depressão e déficit de atenção e todas essas doenças inventadas que vocês têm hoje em dia. Basicamente, é só um preguiçoso crônico – resmungou o pai de Ben.

Aquela doeu. Cortante como uma faca.

Meu namorado explodiu. Na realidade, explodir era um eufemismo. Era como se alguém tivesse lançado um fósforo num barril de petróleo. Cheguei a ter um sobressalto, e meu coração disparou.

– OK, já chega! Já aguentei o suficiente. – Ele deu a volta para encarar o pai, que estava olhando para o outro lado. – Qual é a sua, pai? Eu trouxe Sienna aqui para conhecer você e minha

mãe. Ela é incrível, e sua ignorância é chocante. Ela é trabalhadora, paciente e amável, e você não faz ideia do que ela já passou – gritou Ben, se aproximando do rosto do pai até ficarem quase com os narizes colados. Ele respirava sofregamente e tinha as narinas dilatadas. Uma grande discussão parecia prestes a começar.

– Olha, deixa pra lá – falei, puxando seu corpo musculoso para longe do homem desdenhoso, sentado na cadeira. Aquilo tudo era um pouco chocante. Lucy, enquanto isso, escapulira para a cozinha.

Que desastre. Não poderia ter sido pior. Por que Ben me trouxe se sabia que o pai se comportaria daquela maneira? Eu tinha tantas perguntas a fazer. Fui sorratamente para a cozinha e deixei meu namorado e o pai entregues à discussão deles.

Mal se ouviam os gritos através da pesada porta de madeira que eu fechara atrás de mim. Lucy estava sentada no canto, tremendo por causa da tensão causada por aquilo tudo. Sentei suavemente ao seu lado.

– Lucy, não se preocupe. Por favor – implorei, colocando minha mão sobre a dela. A pele dela era macia e enrugada, tão delicada que se viam as veias por debaixo.

– Lamento muito, Sienna. Acho que o estamos perdendo – fungou.

– O que você quer dizer com “perdendo”?

– Acho que ele sofre de graves problemas mentais. Ultimamente, tem se comportado assim... é tudo muito recente. Não é o tempo todo; às vezes é meigo e amoroso, e então fica daquele jeito. Não é mais o homem com quem me casei. – Ela lançou os braços ao ar em desespero.

– Então, não é... o álcool? – perguntei, hesitante.

– Bem, o álcool tem um peso – admitiu, passando um dedo sobre o guardanapo. – Mas agora ele tem esses ataques em que diz disparates, começa a gritar. Há uns anos, nunca se comportaria assim, Sienna, nunca. Teria dado as boas-vindas a você, cozinhado para você. Teria sido o homem que costumava ser. Ele iria adorá-la... você é amorosa – terminou, erguendo os olhos para mim, esperançosa.

– Lamento muito que ele não esteja bem, Lucy. Sei o que é viver com alguém doente – falei, levantando-me. – Quer chá? – perguntei.

– Sim, por favor, querida.

Só ficamos mais algumas horas. Lucy e eu almoçamos juntas enquanto Ben se sentou com o pai e tentava entender o que, afinal, estava errado. O que se passara na cabeça dele? Procurou indícios e respostas no tom de voz zangado do pai e em suas expressões faciais. Deve ter sido bem difícil encarar.

– Sienna, peço mil desculpas – disse Ben, assim que entramos no carro. Já estava escuro, e meu sapato continuava úmido.

– Ben, por favor, não precisa. Sei que ele não teve a intenção. Sinto muito por você. Muito mesmo. – Virei-me para ele. À luz do luar, via o perfil daquele belo nariz.

– Não consigo acreditar. Não vou lá com tanta frequência, mas ele nunca tinha estado assim. Para ser sincero, até achei que minha mãe estava exagerando quando comentou sobre isso ao telefone outro dia, por isso até esqueci. – Ele olhou para baixo com ar culpado.

A volta para casa foi praticamente em silêncio. Não consegui ver os gansos nem os campos devido à escuridão, mas os imaginei. De repente, me dei conta de que estava numa relação de verdade, assustadora com os “eu amo você” e os complexos dramas familiares. Eu ficara assustada com o fato de conhecer uma família normal, mas percebi rapidamente que elas, na verdade, não existiam. Havia tantas unidades familiares por aí tentando seguir em frente sem as peças vitais da engrenagem que as fazem funcionar. Mãe, pai, as crianças e o cachorro. Lembrei de minha bela Elouise, criando sozinha seu menininho, uma guerreira solitária. Lembrei de mim e de meu pai. Estranhamente, me senti uma felizarda – felizarda por sermos apenas eu e meu pai, e por nos amarmos e nos compreendermos mutuamente.

Quando voltei para casa nessa noite, assisti a *Quando Paris Alucina* com meu pai, por escolha dele. Depois lhe preparei seu jantar favorito: massa ao pesto com queijo de cabra, e encomendei na Internet alguns livros para ele sobre colonialismo – era o que ele andava estudando. Também comprei mais alguns dos cadernos pretos nos quais ele gosta de escrever. Apesar de o dia ter azedado de maneira completamente inesperada, me trouxe à consciência um sentimento quase familiar: um sentimento de gratidão e a simplicidade da aceitação.

Nick

– Quero ver o livro.

– Que livro?

– Você sabe de que livro estou falando, Nick

– Não faço ideia. Se você está falando da Bíblia, nesta casa não tem nenhum exemplar – sorri ironicamente, e comecei a subir em cima de Chloe, que estava deitada no sofá de short e camiseta. Mordisquei seu pescoço, mas ela me afastou, brincando.

– Muito engraçado, Nick. Não estou falando da Bíblia, estou falando do livro que Sienna fez para você de presente de aniversário. – Ela ergueu uma sobranceira e me envolveu com uma perna comprida e macia.

– Ah, *esse* livro. Claro, sem problema. – Levantei e fui até meu quarto, caminhando vagarosamente como uma criança a caminho do dentista. Eu queria adiar a deflagração da próxima guerra mundial. Lá no fundo, pensava como ela descobrira. Eu não dissera nada. Já haviam se passado três meses desde o meu trigésimo aniversário, e o livro estava guardado numa de minhas gavetas debaixo de meias sem par e envelopes semiabertos com contas de cartões de crédito. Não estava propriamente escondido, mas não achei que Chloe fosse compreender, por isso não ficava sobre a mesa de centro. Eu estava meio nervoso, para ser sincero. Não por me sentir culpado, apenas por receio de que Chloe desaparecesse furiosa depois de me atirar um prato de curry na cara.

Ao abrir as grandes portas do guarda-roupas, reparei em cinco cabides com vestidos de Chloe. Aquilo era uma novidade, pensei. Abri a gaveta e tateei à procura do livro com os dedos entre um monte de meias e cuecas até que me deparei com as bordas do papel grosso. Ali estava ele.

Tirei-o com cuidado e levei para minha namorada, que agora estava enrolada numa manta e acendera algumas velas. Elas enchiam o espaço com um aroma de baunilha, o tipo de cheiro que só se teria em casa se houvesse uma mulher. Aquele tipo de noite era o meu favorito. Estava um frio de rachar lá fora, e eu, aquecido dentro de casa com minha linda namorada e comida delivery. Frango dansak, para ser mais preciso. Um prato que eu esperava não ver despejado em

mim.

– Não acha melhor esperar até comermos e tirarmos a mesa, Chloe? – perguntei, estremecendo só de pensar no molho de curry manchando as páginas e se infiltrando nas fotografias.

– Não. Acho que devemos ver já – respondeu ela, secamente.

Seu cabelo desalinhado estava preso para cima num rabo de cavalo, e uma das tranças se soltara e balançava junto ao rosto. Sentei ao lado dela no sofá, equilibrando o livro no meu joelho esquerdo e no joelho direito dela. Um imbecil sem talento estava choramingando como um animal moribundo no *X Factor 14*, então abaixei o volume da TV.

Meu coração acelerou. Aquilo era meio assustador. Como ela reagiria?

– Muito bem, vamos dar uma olhada nisso – afirmou ela, limpando os dedos na manta. Gostaria que ela não fizesse esse tipo de coisa.

Na primeira página, tinha o recorte do artigo do esquilo, algo que fiquei impressionado por Sienna ter guardado. Principalmente naquela época em que podíamos ter seguido caminhos separados e ter sido simplesmente colegas que não se gostassem tanto assim.

Chloe folheou suavemente o livro pelos próximos 15 minutos, enquanto fiquei sentado ao lado dela esperando pela explosão. Esperando o ataque de raiva e as lágrimas. Ela passou com o indicador por cima de algumas das fotos, leu os recibos e tickets, tentando manter uma expressão de calma e felicidade. Mas era falsa. Dava para ver.

Viu tudo: a cabine de fotos instantâneas, a viagem a Amsterdã e até o recibo da limpeza a seco de quando deixei cair frango com alho no colo dela num restaurante francês (uma longa história). Chegou ao fim, fechou duramente o livro, inspirou profundamente e se virou para a televisão. Silêncio.

– Ah, vamos lá, Chloe... – disse eu.

– O que você quer dizer com isso, vamos lá? Por que não me contou? – perguntou, com as lágrimas começando a pingar dos olhos.

A sensação de fatalidade me atingiu o estômago.

– Fiquei com medo que você fosse reagir assim, Chloe. Foi exatamente por isso que não contei. – Suspirei, percebendo que deixara tudo ainda pior.

Ela continuou olhando a televisão, enfiando um pedaço fofo de pão naan na boca enquanto o queixo estremeia. Mais uma lágrima gorda escorreu em seu rosto.

– É demais, Nick. Não gosto disso – falou, enxugando as lágrimas do rosto com a mão trêmula. As lágrimas agora caíam rapidamente.

Cheguei mais perto dela e envolvi seus ombros estreitos com meus braços, compreendendo a razão de aquilo incomodá-la, mas sabendo que não tinha culpa de nada.

– Ouça, querida, me desculpe por não ter mostrado para você. Ela não fez por mal. Olha, talvez você devesse tentar conhecer Sienna um pouco mais para compreender como ela realmente é. – Arrependi-me na mesma hora de ter dito aquilo.

– Você acha que a gente se daria bem? – ela perguntou, mas fiquei na dúvida se estava sendo sarcástica ou não.

Será que Chloe e Sienna se dariam bem? Chloe: loira, uma gata sexy com um temperamento de lava em ebulição e uma libido insaciável. Uma garota selvagem que gosta de beber e fumar. Sienna: um anjo de beleza natural (espantosa, na verdade) cujo maior ataque de fúria se deu quando alguém me roubou a carteira no Soho e a polícia não quis registrar a ocorrência. Mesmo assim, ela só elevou um pouco a voz e deu um murro na mesa. Apoia o pai e está sempre pronta a socorrer os amigos. Calma, dedicada e de confiança. O mais provável é que não se entendessem.

– Sim, claro que sim – respondi, torcendo para que mudássemos de assunto. De repente, imaginei as duas em vários cafês, comendo biscoitos e rindo do tamanho do meu pênis. Chloe até poderia contar para Sienna que eu peido durante o sono.

– Ótimo, muito bem, então vamos marcar qualquer coisa – disse ela. Estava falando sério.

– O quê? – perguntei.

– Qualquer coisa.

– OK – concordei, comendo um pedaço de frango embebido num molho delicioso.

– Você pode me dar o telefone dela?

– OK. Agora estou comendo, mas dou depois, está bem? – respondi, esperando desesperadamente que ela esquecesse o assunto.

Ela assentiu com a cabeça e aumentou o volume da TV, atacando meus ouvidos com a história de um pedreiro de Stoke que vivera grandes tragédias em sua vida pessoal e agora, para compensar, sentia necessidade de torturar o público britânico ao vivo.

– Tenho um filme bom para vermos – disse eu, assim que arrumei os pratos engordurados, satisfeito por não ter estourado uma discussão propriamente dita. Sentia uma pontada de culpa pelos milhares de calorias, mas tinha certeza absoluta de que queimaríamos algumas num par de horas de atividades esportivas debaixo do edredom. Bem, isto se Chloe não estivesse chateada...

– Parece ótimo – respondeu, jogando longe seus chinelos fofos. Aparentemente, a tempestade se dissipara.

Olhei para Chloe da porta e vi que estava ali deitada com um ar de felicidade no rosto. Talvez tivesse passado. Todo o drama se dissiparia e viraria uma bobagem dos tempos em que éramos jovens e tolos. Toda a dor e confusão desapareceriam nas trevas da memória. Eu encontrara minha garota. Ela encontrara seu homem. Simples assim.

– Chloe – chamei baixinho da porta da sala.

– Sim?

– Te amo.

Sienna

BIP.

Eram duas e meia da tarde, uma tarde de domingo para ser precisa, quando recebi a mensagem. A mensagem de paz de Chloe. Foi um choque, para dizer o mínimo.

Olá, Sienna. É Chloe. Nick me deu seu número. Espero que não se importe. Está livre para um café hoje à tarde? Bjs

Portanto, foi assim que acabei numa delicatessen cara na companhia dela, aquecendo as mãos num café latte. O lugar era, na maior parte, decorado com mármore verde e grandes balcões de vidro onde estava exposta uma seleção de carnes, queijos malcheirosos e estranhos pães enroscados como fitas de DNA. Havia inúmeros salames pendurados no teto atrás das caixas registradoras, e os funcionários pareciam verdadeiros aficionados em comida italiana, limpando as mãos ásperas em aventais brancos. Junto à vitrine, havia um freezer dourado com um exagero de sorvetes em cores vivas, com pedaços de chocolate, frutas secas e caramelos, brilhando sob luzes mornas. Era um típico lugar da moda londrino, vendendo coisas muito caras e cujo nome eu nem sabia pronunciar. Ainda assim, era um lugar agradável.

Chloe vestia um jeans justo azul-claro e uma camiseta de uma banda qualquer da qual eu nunca ouvira falar. Como eu já percebera, Chloe era bastante estilosa.

Eu estava um pouco nervosa com tudo aquilo, com medo de que ela comesse a me perguntar coisas sobre o episódio no banheiro no dia do aniversário do Nick. Quando ela, por acaso, me ouviu dizer ao namorado dela que eu o adorava. Desde então, nunca mais nos falamos, mas na hora ela ficou visivelmente enfurecida.

O café estava cheio de casais chiques, alguns com crianças vestidas com versões em miniatura de roupas de marca. Aquela, definitivamente, não era a minha praia. Pedimos um prato de biscoitos com pequenos corações de geleia no meio.

– O motivo de querer sair só nós duas foi, obviamente, por eu namorar seu melhor amigo e ter ouvido tantas coisas boas sobre você – revelou-me docemente, ao limpar algumas migalhas do lábio superior. – Não a conheço, mas gostaria muito de mudar isso. Trabalhamos juntas e tudo, mas quase não nos falamos. Na verdade, você é quase uma estranha.

Aquilo era amável, pensei, enquanto mordiscava a ponta de um dos biscoitos, que produzia milhares de migalhas. Talvez nem fôssemos falar do que aconteceu no banheiro. Eu tinha mesmo esperança de que não. Várias vezes pensei em ligar para ela, mas ela se antecipou. Eu torcia para que pudéssemos quebrar o gelo e pôr fim a todo aquele embaraço que acontecera entre nós.

– Obrigada. Fico muito feliz por você e por Nick. Agora que vocês estão juntos, ele parece estar mais tranquilo.

Ela sorriu, com um ar de conquista.

Reconheci aquela expressão. Era o aspecto que uma mulher tem quando descobriu o homem com quem quer ficar, o homem dos seus sonhos. Aquele que a inspira a ser uma pessoa melhor. E não posso censurá-la. Há anos que ele também é o homem com quem quero estar. É um excelente partido. E ela é muito sortuda.

– Você não se importa que eu e Nick sejamos... amigos? – perguntei, com o coração acelerado. Acredito na honestidade e não tenho medo de fazer perguntas como aquela.

Ela olhou para baixo, para o fundo da sua xícara, e mordeu o lábio. Era tão bonita que doía.

– Vou ter de ser franca com você, Sienna. Nem sempre estive tudo bem em relação a isso. Por vezes fui muito má com Nick por causa disso e protestei e tudo, preocupada com a possibilidade de haver algo mais do que amizade entre vocês.

Não abri a boca; parecia que estava vendo tudo através de um tubo. O ruído das pessoas ao nosso redor pareceu abrandar, e eu fiquei simplesmente olhando para a cara dela até começar a

enxergar em dobro. Agora havia duas à minha frente.

– Mas ele me assegurou muitas vezes que nunca sentiu nada disso por você, que são apenas amigos. – Chloe soava como se estivesse ironizando. Tive impressão de que estava debochando de mim, mas sabia que era só imaginação minha.

Só amigos. Senti uma dor profunda no estômago ao imaginá-lo abraçado a ela de noite dizendo que não era nada demais. Talvez até tivessem rido daquilo. De mim. Mas o que eu podia esperar? Claro que ele só poderia dizer isso. Era o que ele sentia. Eu sempre soubera, mas ouvi-la dizer isso doeu muito.

De repente, pensei em Ben e me senti culpada por ter ficado tão abalada com aquela desilusão.

– Claro, Chloe. Você não deve se preocupar comigo e com Nick. Ele é terrível mesmo, de qualquer forma – brinquei, tocando seu braço, rindo.

– Eu sei disso! – falou ela, dando uma gargalhada histérica e liberando toda a sua energia. Energia abastecida por amor, sem dúvida.

– Ele tem um monte de manias irritantes, Sienna. – Ela se inclinou para a frente e começou a cochichar. – Encaixa sempre a cabeça entre as mãos quando está estressado ou feliz... ou o que quer que seja, na verdade. E não se lava muito e, ah, esta é ótima, peida enquanto dorme! – Ao dizer isso, jogou a cabeça para trás e enxugou uma pequena lágrima de alegria. As pulseiras em seu pulso começaram a tilintar como sinos de vento.

Imaginei se ela o conhecia mesmo bem. Será que sabia qual era o livro preferido dele? E que gostava de passar as cuecas e arrumá-las por cores? E que tinha uma estranha preferência por torrada com mel e banana? Talvez o conhecesse melhor do que eu. Talvez eu, na realidade, já não o conhecesse assim tão bem...

Imaginei os dois se casando, e eu em algum lugar da igreja com um grande chapéu preto, como se estivesse de luto. E o padre perguntando se alguém conhecia algum impedimento legal, e eu tendo de permanecer de boca fechada com medo de gritar que ele era o amor da minha vida e que a certa altura ocorreria um erro. Um erro terrível.

Um arrepio me percorreu o corpo, e eu senti como se já não estivesse naquela sala. Era como se eu e a cadeira à qual estava presa estivessem se movendo rapidamente para trás, para longe dos biscoitos, do café e das carteiras Prada, rumo a um mundo desconhecido qualquer. Senti-me mal, como naquele dia na academia.

Vamos lá, Sienna. Vista o vestido. Imaginei que tirava o vestido verde do meu armário, entrava nele e fechava cuidadosamente o zíper das costas. Tentei me sentir alta, bela e orgulhosa de ser quem era. Uma mulher forte e segura.

– Sienna, você está bem? – A voz de Chloe me trouxe de volta à realidade, e percebi que ficara olhando a testa dela por um longo tempo em silêncio.

– Sim, desculpe, está tudo bem.

Mas não estava. Aquela sensação não ia simplesmente desaparecer. Uma sensação dolorida, fria e que formigava em todo o meu corpo, como se milhares de minúsculas agulhas me espetassem a pele.

– Na verdade, Chloe, não estou me sentindo muito bem. Preciso ir. – Levantei de repente, bati

com o joelho na mesa e as xícaras de café se chocaram, fazendo um barulho alto. Ah, merda, não queria fazer uma cena. Só queria sair dali.

– Sienna, querida. Espero que fique bem. – Ela estendeu o braço, mas já era tarde demais. Eu estava abrindo caminho pelo que me pareciam ser filas e filas de carrinhos de bebê formando uma parede. Em minha imaginação, eles estavam falando, rindo e zombando de mim.

Senti remorso por tê-la deixado ali, era uma garota simpática e amável. Não tinha culpa de ter se apaixonado por Nick, poderia acontecer com qualquer uma. Mas eu me sentia o veneno em pessoa, e, se passasse mais tempo com ela, a tornaria perigosa como eu. Uma pessoa má, que invejava o namorado de outra.

Corri pelas ruas e dobrei esquinas como se fossem páginas de um livro que desejasse desesperadamente terminar. As placas de trânsito eram meros borrões. Os rostos não tinham feições. As pessoas falavam, mas não produziam sons. Talvez eu estivesse enlouquecendo. Talvez devesse pedir ajuda. Por favor, alguém me ajude.

Meu coração batia forte, e eu sentia as pernas bambas. Só precisava escapar dali. Pisando no chão de cimento com minhas botas de salto alto, imaginava como seria simplesmente apanhar o trem para o aeroporto de Heathrow, voar para qualquer destino e nunca mais voltar.

Precisava falar com alguém, não importava quem. Desci para o metrô e fui para Covent Garden. Lá havia ainda mais gente, camadas espessas e profundas de estranhos para atravessar a muito custo. Desatei a correr rumo àquela estranha loja de roupas de dança onde estivera um tempo antes. Por mais louco que pudesse parecer, achei que poderia conversar com aquela senhora maluca. Talvez ela entendesse.

Dobrei mais uma esquina e corri para a vitrine da loja, mas a porta estava fechada. Lá dentro estava tudo escuro. Que estranho, pensei, enquanto recuperava o fôlego. Após alguns segundos, reparei num pedaço de papel branco amarrutado colado na vitrine. Colei o nariz no vidro e analisei a escrita irregular.

Estimados clientes,

A família Tarasov gostaria de agradecer a todos pela fidelidade e amabilidade para com nossa querida tia ao longo de todos esses anos.

É com pesar que comunicamos sua morte no dia 16 de outubro, após uma breve batalha contra o câncer.

Agradecemos novamente por todo o seu apoio.

Mark Tarasov

Li e reli o aviso milhares de vezes, e deixei escapar um profundo suspiro. Meus dedos estavam colados ao vidro, e pontos de condensação se formaram em volta deles. Deslizei-os até a parte de baixo da vitrine, deixando um rastro de suor com minhas mãos, até que me deixei cair no chão sujo.

“Vamos lá, amigo, não seja tímido.”

Nick

O cantor favorito de Sienna no mundo inteiro é um homem chamado John Legend. Geralmente eu acho o gosto musical dela assustador. Tanto que dar uma olhada no seu iPod é o bastante para que eu perca a vontade de comer. Mas, com relação a Legend, posso fazer uma exceção. A voz dele é tão incrível que você chega a duvidar que seja mesmo possível um ser humano criar um som daqueles.

Uma vez, fiquei me perguntando se ele seria um robô criado num estúdio obscuro de alguma gravadora onde eles mantinham os grandes nomes da música como refêns, amarrados com cordas e fita crepe, e extraíam através de canos o seu talento e o colocavam em tubos de ensaio. A voz de John Legend é feita de notas doces tão aveludadas em textura musical que você quase perde a capacidade de andar. Eu juro que minha calça caiu quando ouvi um CD dele na cozinha, uma vez. Ele deve ser um sucesso com as mulheres, é tudo o que posso dizer...

Ele não só canta como se fosse a última vez, mas também toca piano – e, meu Deus, como ele sabe lidar com um piano. Aposto que ele pode dar um concerto enquanto passa o fio dental nos dentes e apara as unhas dos pés.

Quando eu soube que ele ia tocar em Londres, reservei ingressos.

– Chloe, você quer ver John Legend? – perguntei, recostando-me na cadeira e olhando para o corredor. Eu podia vê-la passando creme nas pernas depois do banho, com uma toalha enrolada no corpo. Ela parecia um comercial, com a pele brilhando.

– Afe, não. Por que não convida Sienna? – Sua resposta ecoou pelo banheiro.

– OK.

Eu estava esperando que isso acontecesse? Eu sabia que Chloe ia achar John Legend totalmente ultrapassado.

– Si, tem um segundo? – sussurrei ao telefone, com a excitação me enchendo o peito.

– Sim, querido, o que é que há? – respondeu. Eu podia ouvir o pai dela conversando com alguém ao fundo.

– Tenho uma surpresa para você.

– O quê?

– Vou levá-la para sair na quinta-feira à noite, só você e eu. Você está livre, não é? Por favor, diga que está! – implorei, mexendo com um porta-copos na mesa de meu escritório. Era um porta-copos de plástico transparente com uma foto de Ross e eu abraçados tirada numa noite de muita bebedeira.

– Ah, parece muito interessante, Nick! – respondeu ela, antes de colocar a mão no bocal e verificar que havia alguém cuidando do pai.

– Sim, estou dentro! Já estou ansiosa, seja o que for – disse, rindo e desligando.

Fiquei tão contente que ela pudesse vir. Nossos relacionamentos tinham feito com que

passássemos muito pouco tempo juntos ultimamente. Essa seria nossa chance de nos divertir, como fazíamos antes de a vida ficar tão complicada.

A semana passou muito depressa, e, embora eu estivesse lotado de trabalho, só conseguia pensar na noite de quinta-feira. Eu sabia que ela iria adorar, e as coisas tinham andado complicadas com seu pai ultimamente, então ela precisava que alguém lhe fizesse uma coisa boa. Eu tinha o tipo de relação com Sienna que só me inspirava a ser uma pessoa melhor.

Era uma noite úmida de verão, e eu esperava por Sienna diante da Brixton Academy. As costas da minha camiseta estavam um pouco molhadas da viagem de metrô, e eu procurava aliviar o calor passando uma lata de Coca gelada na testa. Cambistas passavam de um lado para outro, com cigarros pendurados na boca, tentando vender ingressos para pessoas que já os possuíam. Acho que eles não sabiam direito o que estavam fazendo.

Cinco minutos se transformaram em dez, em 15. Sienna estava atrasada, e ela raramente se atrasa. Comecei a ficar preocupado. E se tivesse acontecido alguma coisa com o pai dela? Eu estava pensando se devia telefonar, quando subitamente ouço meu nome sendo gritado a distância. Levantei a cabeça e vi Sienna correndo na minha direção, com o cabelo esvoaçando ao vento e um sorriso deslumbrante no rosto. Ela usava um jeans colado ao corpo com tênis de cano alto e uma camiseta preta apertada. Mesmo vestida de modo tão simples, parecia uma modelo. Ora, ela pareceria uma modelo até se vestisse um saco de lixo; não tinha nada a ver com as roupas.

Os homens viravam a cabeça enquanto ela atravessava a multidão que se encontrava esperando na rua. Ela estava atraindo muita atenção, e eu me senti muito orgulhoso quando ela chegou e abriu os braços para mim como se não me visse havia anos. Ela cheirava bem. Seu cabelo tinha um perfume delicioso – tive vontade de enfiar o rosto nele. Mas não, eu não podia mais pensar nisso, então logo afastei esses pensamentos da cabeça.

– Agora olhe lá para cima, Sienna – eu disse quando finalmente consegui afastá-la do meu peito, apontando para o grande letreiro em estilo cinematográfico acima da entrada do teatro. Fiquei parado atrás dela com as duas mãos em seus ombros.

Lá estava, com letras pretas em negrito: JOHN LEGEND AO VIVO ESTA NOITE.

Ela abriu a boca e cobriu o rosto com as mãos. Uau, ela ficou muito emocionada. Eu achei que ela poderia ter adivinhado o que eu planejara e estragado a surpresa, mas sua reação parecia bem sincera.

– Ah, meu Deus, Nick, obrigada! – agradeceu, segurando minhas mãos e exibindo aquele sorriso megawatt para mim novamente.

– Então, vamos – disse eu, puxando-a em direção à entrada.

Enquanto andávamos, ela me deu um beijo no rosto. Um beijo de amiga, doce, de agradecimento. Eu queria arrancá-lo do rosto e colocá-lo numa moldura.

Uma mulher impaciente rasgou nossos ingressos ao meio e conduziu-nos através das portas duplas, e nós entramos na escuridão circular do espaço. O palco estava iluminado com tons de azul e verde. Era muito excitante.

Conseguimos chegar ao bar, onde me arrepiei ao pagar três vezes mais que o esperado por uma cerveja choca e uma taça de vinho agüado. Um famoso DJ, de quem eu nunca ouvira falar, estava fazendo o aquecimento, inundando a sala com batidas e baixos, enquanto ela enchia de

gente; ele estava tocando uma série de melodias hip-hop, que eu reconheci, mas não sabia as letras. De repente, me senti velho. Sienna, no entanto, acompanhava cada verso, movimentando seu corpo suavemente ao ritmo da música. Era bom vê-la feliz e relaxada.

– Como está George? – gritei acima do burburinho, espremendo os olhos por causa da luz estroboscópica que estava sendo testada bem diante deles.

– Não muito bem, Nick. Ele tem piorado muito nestes últimos tempos. Mudaram a medicação, e ele não está se dando muito bem. É por isso que eu quis ter certeza de que o amigo dele podia ficar lá esta noite, porque ele não está podendo ficar sozinho por enquanto.

Ela ficou na ponta dos pés para ver o palco, que estava sendo montado. Cinco integrantes da trupe, vestidos todos de preto, estavam ligando os fios em várias tomadas e dando tapinhas nos microfones.

Segurei a mão dela e a puxei até um ponto bem perto da frente.

– Sinto muito, Si. Posso fazer alguma coisa?

Eu percebi o absurdo do comentário imediatamente após fazê-lo. É claro que não havia nada que eu pudesse fazer. Eu queria poder fazer alguma coisa para melhorar a situação.

– Não, não. Você não pode fazer nada, obrigada. Mas ele gostaria de ver você em breve. Ele está pesquisando disfunções dos sentidos humanos agora, você sabe, gente que pode sentir o gosto das cores, cheirar sons, e coisas do tipo...

Ela revirou os olhos, falando com carinho.

– Isso certamente eu posso fazer.

Depois de ficarmos de pé por uma hora ouvindo o DJ, o Sr. Legend finalmente apareceu. Estava vestindo um terno cinza bem justo e tinha tão boa aparência que acho que todos os homens do recinto rangeram os dentes em uníssono quando suas namoradas quase desmaiaram. Por que levar a namorada a uma apresentação dele?

Havia um piano brilhante no meio do palco, esperando e desejando, como a maior parte das mulheres ali presentes, que o astro corresse a mãos hábeis por ele. Um pequeno coral gospel revelou-se no fundo do palco quando a cortina subiu. Eles tinham aqueles sorrisos integrais que você só vê em gente que vai cantar para afugentar as preocupações aos domingos bem cedinho, e não que fica na cama com uma bruta ressaca.

A sala ficou em silêncio, e ele elevou seu banquinho, tocando a primeira nota da noite. Ela reverberou, perfeita, pelo impecável sistema de som. Eu sabia que seria um show e tanto. Sienna estava tão empolgada que mal conseguia conter-se. A música me dava a mesma sensação de conforto interior que eu tenho quando estou com Sienna. Os dois juntos estavam incendiando meu coração.

Na metade da terceira música, a mão de Sienna roçou a minha, e eu pensei, por um segundo, que ela iria segurá-la. Fiquei em pânico por um instante, e depois percebi que foi só um acidente. Aquilo não estava sendo nada fácil. Depois de ir ao bar pela segunda vez, achei que poderia ser uma boa oportunidade de perguntar como estavam indo as coisas com Ben.

– Ah, estamos bem, sim, obrigada – sussurrou ao meu ouvido, mantendo os olhos firmes no palco.

– Muito bem? Perguntei tranquilamente, mesmo ciente de que a música poderia terminar a

qualquer instante, deixando-me sozinho gritando no escuro.

– Bom, é um pouco difícil. Parece que ele tem sérios problemas com a família que eu desconhecia, e, em vez de me deixar ajudar, ele se fecha. Ele parece um pouco distante às vezes, e eu não entendo por que não fala comigo, porque eu poderia ajudar, quem sabe. – Ela terminou, com os olhos espremidos sob as luzes faiscantes.

Distante? Como é que alguém conseguiria ficar distante de Sienna é algo que está além da minha compreensão.

– Estou certo de que ele logo vai voltar a ser o que era – respondi, otimista.

Ela fez um sinal positivo com a cabeça, e eu não pude deixar de notar como seu perfil era deslumbrante.

Eu estava me esforçando muito para ser positivo com relação ao assunto. Eu queria que Sienna fosse feliz, e Ben era, de longe, o homem que mais conseguiu fazê-la feliz. Os outros, francamente, tinham sido um desastre. Chegavam tarde nos aniversários, a chamavam pelo nome errado (sem brincadeira, uma vez ela foi chamada de Fiona), eram muito jovens e egocêntricos...

Voltamos a assistir ao show, quando uma coisa vergonhosa aconteceu. Eu quero dizer absolutamente, profundamente, totalmente constrangedora.

– Essa próxima música é para todas as pessoas apaixonadas – disse a voz do mito se dirigindo à plateia, com as mãos a postos nas teclas de marfim diante dele. – Me digam se estão apaixonados neste momento, Brixton! – gritou, levantando do piano e indo para o centro do palco.

O calor que vinha das luzes criava pequenas contas de suor em sua pele enquanto a multidão urrava. Ah, espera aí, certamente nem todo mundo no recinto estava apaixonado por alguém, não é? Ridículo.

Sienna e eu ficamos quietos, o que eu acho que foi ruim, olhando para trás. Ele segurava o microfone de modo casual na mão direita. Se fosse eu, teria começado a tremer como uma folha e ficaria lá parado num silêncio induzido pelo terror, sob a luz dos spots, enquanto todo mundo atirava suas bebidas em mim.

– E então, para terminar, eu queria cantar essa música para pessoas apaixonadas. Vocês acham que conseguem encontrar duas pessoas que se amam nesta sala? – gritou ele, agitando os braços no ar. Mais gente gritou. Uma mulher perto do palco desmaiou.

Nossa, ele era mesmo maneiro, pensei. Por que eu não consigo ser um pouco mais maneiro? Então, meus pensamentos foram interrompidos.

– Você aí, de camiseta azul. Quero que você venha até aqui – disse o cantor, agachando na frente do palco e sorrindo para o coitado que estava prestes a ser rebocado para o palco.

Mas que cara azarado, pensei, convencido. E então, que engraçado, ele está apontando na minha direção. E eu também estou usando camiseta azul. Puta merda...

– Sim, você, vem cá! – ele disse mais uma vez.

De repente, a multidão se abriu e ficamos somente eu e Sienna, isolados, boquiabertos como animais de fazenda escolhidos para o abate. O resto do rebanho se virou e ficou olhando para nós, sorrindo e berrando.

– Não, não, vocês não entendem, ela não é minha... – tentei falar, mas minha voz era um mero chiado. Meu peito começou a formigar e minhas pernas viraram geleia. Ah, não, eu ia desmaiar feito uma garota, não ia? Eu podia sentir meu rosto enchendo a enorme tela ao lado do palco, a câmera apontando direto para mim. Eles estavam gravando também? Merda, merda, merda.

– Vamos lá, amigo, não seja tímido – disse Legend mais uma vez, com seu pesado sotaque americano, o sorriso empreendedor ainda engessado na cara.

Quando eu percebi, já havia dois seguranças me conduzindo na direção do palco. Ah, droga. Joguei os braços na direção de Sienna, que ficou lá parada, sorrindo, com as mãos juntas diante do rosto, como se estivesse rezando. Muito obrigado, Si. Vou precisar mesmo de uma oração. Ela ia ficando cada vez mais distante.

– Gente, gente – sussurrei freneticamente para os guardas, tentando, de um modo terrivelmente britânico, não fazer um escândalo. – Vocês não entenderam, ela não é minha...

– Fica frio, cara – disse um deles, rindo para o outro. Eu não conseguia distinguir qual deles tinha o crânio mais polido. Era como ser levado para a minha própria execução por dois homens fortes como carvalhos com bolas de boliche como cabeças.

Enquanto ia sendo levado para o lado esquerdo do palco, onde ficava a escada, passamos pelo que pareciam ser dúzias de pessoas, todas batendo palmas e sorrindo, esperando algo muito romântico acontecer. Bom, elas podiam ir se danar. Eu tinha minha namorada, e Sienna tinha o namorado dela, e aquilo era tudo um grande engano.

Percebi que algo profundamente humilhante ia acontecer, e não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer. É. Eu, Nick Redland, estava prestes a ser içado para um palco diante de milhares de pessoas e gravado em vídeo fazendo papel de idiota. E eu tinha pago por aquilo. Eu tinha pago pela minha própria humilhação. Genial.

Eu sempre tivera medo dessa coisa de subir ao palco desde que fui escolhido no circo, aos cinco anos de idade, e prontamente atirado no colo de um palhaço. Foi horrível.

Chegamos à escada.

Um. Dois. Três. Quatro. Palco.

– Aqui está ele – disse o Sr. Legend, vindo na minha direção e pegando gentilmente no meu braço. Todos aplaudiram. Nossa, ele era bonito mesmo.

– Qual é o seu nome, irmão? – perguntou, antes de virar o microfone para a minha boca trêmula. Eu queria mordê-lo para ele parar de funcionar, mas seria um pouco esquisito. Eu acabaria saindo nos jornais se fizesse isso. Imaginei uma foto minha na primeira página com a boca cheia de metal e sangue, com fios saindo por entre os lábios.

– Nick – respondi, meio chateado.

– Bom, todos vocês, este é Nick. Cumprimentem Nick.

Toda a plateia gritou meu nome de volta para ele. Ah, merda. Eles agora sabiam meu nome.

Ele me puxou para diante do piano e se ajoelhou na direção das pessoas reunidas ali abaixo dele, os olhos perscrutando o lugar onde eu e Sienna estávamos.

– E aquela garota ali, de camiseta preta e jeans, é sua namorada, certo? – perguntou,

apontando para Sienna, que devia também estar se cagando de medo.

Um enorme holofote cruzou a plateia, tornando-a o centro da atenção e mergulhando minha cabeça tremelicante na total e anônima escuridão. Droga.

Sequei a testa com a mão e sussurrei no ouvido dele:

– Ei, cara, houve um engano, ela é só uma... – E, acreditem, fui interrompido mais uma vez.

– Qual é o seu nome, linda? – perguntou ele, levando a mão direita ao ouvido.

A boca dela ainda estava aberta, e ela o encarava com medo e fascinação. Fale, Sienna! Fale! Diga para ele que somos só amigos, pelo amor de Deus. Eu esperava poder transmitir essa mensagem para ela telepaticamente.

– Não consigo ouvir – disse Legend, parecendo um pouco assustado, temendo talvez ter escolhido o casal mais socialmente inepto do recinto.

– Sienna! – gritou ele, ignorando-me.

– Agora, Nick, eu vou tocar a próxima música para você e Sienna. – O rosto dela estava muito perto do meu agora.

Aquilo estava sendo filmado para o DVD ao vivo, que seria vendido no mundo inteiro. No planeta. Quer dizer que gente da China, Canadá, África, França, me veria aqui no palco perguntando-me se seria possível transformar meu corpo numa mala e me carregar para fora dali. Um falso sorriso surgiu no meu rosto.

– Sienna, venha até aqui, garota! – gritou ele, levantando os dois braços na direção das luzes escaldantes.

Ah, não. Vai ficar ainda pior. Eu vi os “armários” correndo para pegá-la e “ajudá-la” a subir ao palco. Num minuto, ela estava parada ao meu lado diante do mundo todo, com o braço em volta da minha cintura. Eu suava. Muito. As pessoas ululavam.

Chloe e Ben provavelmente veriam tudo isso. Alguém deixaria uma cópia na porta da casa da minha avó, e, depois de descobrir como funcionava o aparelho de DVD, ela imediatamente presumiria que eu era um traidor filho da mãe e nunca mais falaria comigo.

– Então, aqui está uma amostra do amor que está nessa casa hoje – disse Legend, dirigindo-se para o grande piano, deixando-nos agarrados um ao outro e tremendo.

A plateia rugiu. Assobios, gritos e mais mulheres desmaiando. Minha cabeça estava leve, como se fosse um balãozinho prestes a desprender-se de meus ombros.

– Estamos aqui para celebrar o amor, gente. É disso que fala a minha música, então uma salva de palmas para Nick e Sienna – disse ele, sorrindo, aparentemente crendo que ela e eu éramos um casal, e começou a tocar os primeiros acordes.

Um casal de verdade que dormia um ao lado do outro todas as noites, embrulhava os sanduíches juntos de manhã e dividia o chuveiro. Um casal de verdade que fazia *as coisas do amor*.

Sienna apertou minha cintura com força e sussurrou no meu ouvido:

– Tá bem, Nick. Isso aqui é, obviamente, muito ruim. Muito, muito ruim. Mas não podemos fazer nada. Então vamos relaxar, OK?

Ela se virou para mim e sorriu com aqueles olhos, aquelas bochechas e aqueles dentes, e eu subitamente senti que estava tudo bem. Eu queria beijá-la, diante de todo mundo. Ela era muito mais corajosa que eu, isso era certo.

– Esta aqui não é só para Nicke e Sienna, é para todos os que amam alguém. Então, um a um, quero que os casais acompanhem os nossos amigos aqui e dancem a minha música. Achem que conseguem fazer isso? – Ouviu-se uma gritaria imensa nesse momento.

Dançar? Espere aí. Eu não sei dançar. Rezei para que ele tocasse uma música lenta, e aí eu poderia trocar as pernas a esmo e poderia até enganar, a distância... E então ele começou a cantar. Foi lindo. Percebi que estava segurando Sienna com força. Então, ela se virou para mim, sob as luzes brancas, e colocou os braços em volta da minha cintura, com o cabelo brilhante lhe caindo sobre os ombros e cintilando. Meu coração batia tão forte, mas por um instante pareceu ralentar. Parecia que éramos só eu e ela, sozinhos. Como se seu cantor favorito neste mundo estivesse tocando num pequenino rádio no canto da sala.

Eu devia estar com um ar assustado, porque ela me deu um sorriso confortador e puxou meu corpo para perto do dela. Encaixamos perfeitamente. Ela era tão quente e linda. Abracei-a pela cintura e descansei o nariz em sua testa. Seu cabelo era perfumado, fresco, e sua pele era macia. Comecei a sorrir, mas ao mesmo tempo senti uma profunda tristeza enquanto dançávamos lentamente diante de milhares de pessoas. Eu não deveria estar fazendo isso. Aqui não era meu lugar. Minhas mãos não deviam estar na cintura dela. As de Ben, sim.

Um dia, Sienna se casaria, e eu teria de aceitar, vestir um terno com uma flor na lapela e sorrir o dia inteiro. Eu teria de assistir a outro homem desposando a mulher que amo.

Outros casais se juntaram a nós no palco. Graças a Deus, pensei. Havia todo tipo de gente dançando à nossa volta, e nós nos fundimos à cena como dois pontos num quadro de Roy Lichtenstein.

Podíamos ter nos soltado a essa altura e limpado as mãos nas calças, como se elas estivessem sujas. Mas não fizemos isso, continuamos a dançar, olhando bem dentro dos olhos um do outro enquanto as pessoas rodavam à nossa volta.

Idosos. Jovens. Altos. Baixos. Muita gente com uma só coisa em comum. Amor.

Sienna

Pete não estava no banco hoje na hora do almoço, como de costume. É estranho, mas não totalmente improvável. Ele adora o parque que fica aqui perto, e presumi que deveria estar lá.

O parque fica a cinco minutos a pé, então decidi ir até lá só para verificar. Era uma sexta-feira escaldante. Londres tinha aquela atmosfera em que todos os homens acham que podem passar de carro e assobiar para o bumbum das mulheres, e as pessoas acham que é aceitável usar óculos escuros no metrô. Nenhum dos dois é legal. Mesmo sob um calor de 30 graus.

Mas talvez esse calor extraordinário tenha sido a razão pela qual Pete fora ao parque, em vez de ficar sentado no tedioso estacionamento de nossa empresa. Eu não podia culpá-lo. Caminhei pelas ruas movimentadas que levavam até o parque; as pessoas vestiam roupas largas e coloridas e ostentavam largos sorrisos no rosto. Eu me sentia bem, e mal podia esperar para contar a Pete sobre o incidente no show de ontem à noite, e como fora engraçado. Eu sabia que ele adoraria essa história...

Ao me aproximar do parque, olhei para o enorme gramado que se estendia diante de mim. O interminável campo de verde luxuriante estava lindo. Dei uma grande golfada do ar de verão, deixando que ele enchesse meus pulmões por completo.

Nas ocasiões em que Pete e eu tínhamos ido ao parque, sempre sentávamos numa enorme árvore caída. É uma forma linda, cheia de buracos de onde esquilos e passarinhos entram e saem, como se estivessem brincando de esconde-esconde. Aposto que ele estaria lá. Meus tênis afundaram na grama macia, e eu me arrependi de não ter colocado sandálias hoje. Eu ia sentir muito calor sentada no sol.

Depois de algumas voltas, serpenteando por entre crianças que riam e casais que se beijavam romanticamente entre as margaridas, consegui ver a árvore. Mas não havia ninguém lá.

Meu coração ficou apertado. Eu estava ansiosa para vê-lo. Nossos breves encontros tinham se tornado uma parte muito importante da minha vida. Apesar da ausência dele, fui sentar-me na árvore por alguns minutos, antes de tudo para recuperar o fôlego, e depois para pensar se continuaria procurando por ele. Talvez ele quisesse um pouco de privacidade hoje.

Levantei-me e comecei a caminhar de volta para o escritório, mas alguma coisa me chamou a atenção quando eu me aproximava da rua. A figura de um homem, de pé sob uma árvore e olhando através dos galhos na direção do luminoso céu azul.

Normalmente isso não me interessaria, mas ele estava se balançando e sua linguagem corporal tinha algo de excêntrico. A outra coisa era a estrutura do homem. Eu o reconheceria em qualquer lugar. Eu tinha certeza de que era Pete...

Protegi os olhos do sol; era difícil ter certeza, tendo que espreme-los. Ele continuava balançando o corpo, os braços estendidos. Não. Talvez não fosse... Comecei a voltar para a rua, mas algo me fez parar. O homem se virou para olhar para mim e rapidamente voltou a cabeça para o outro lado, andando na direção oposta. Definitivamente, era Pete.

Comecei a correr na direção dele. Enquanto se afastava, ele ficava virando a cabeça para trás, mas sem olhar nos meus olhos, como se estivesse tentando fugir sem perceber que eu estava lá.

– Pete! – gritei, mas ele continuou a fugir. Aquilo era muito estranho. Não era do feitio dele. – Pete! – chamei novamente, mais alto. As pessoas ficaram olhando quando eu corri na direção dele, mas eu nem liguei.

Finalmente, ele parou de costas para mim. Alcancei-o e bati com a mão em seu ombro.

– Pete! O que foi isso? Por que está fugindo de mim? – gritei, tentando fazer parecer que eu estava mais entretida do que irritada. E eu certamente estava irritada.

Ele baixou a cabeça, como se tivesse sido preso roubando uma loja.

– Pete, olhe para mim. O que está havendo? – implorei, começando a ficar um pouco nervosa.

De repente, um cheiro de cerveja me penetrou as narinas. Estava vindo dele. Era por isso que ele estava balançando.

Ele levantou a cabeça e deu meia-volta, com uma expressão de vergonha no rosto. Seus olhos tinham aquela aparência lavada de quem bebera. Muito. Ele manteve a boca lacrada. Meu coração começou a acelerar. Ele parecia tão estranho. Fiquei um pouco assustada, para ser sincera. Parecia que ele nunca me vira antes.

– Olha, Sienna, eu... eu tenho de ir – disse ele, enrolando a fala e tropeçando violentamente ao

dar um passo adiante. Minha respiração parou quando eu notei que alguns dentes de baixo estavam faltando. Foi um choque enorme. O pesadelo de quando alguém de quem você gosta muito se machuca e você não consegue entender direito a situação. Mas que diabos estava acontecendo?

Fiquei parada observando ele se afastar de mim aos tropeços, prendendo o pé numa toca de coelho e quase caindo de joelhos. Eu não podia simplesmente abandoná-lo assim. Alguma coisa muito séria devia ter acontecido.

– Pete, por favor! Quer sentar e conversar um pouco comigo? – implorei, correndo até ele mais uma vez e puxando seu braço até que seus joelhos cederam e ele aterrissou ao meu lado sobre a grama viçosa.

Havia duas coisas importantes visíveis aqui. A primeira era que ele estava com raiva. Muita raiva. A segunda eram os dentes. A falta de dentes em sua boca. Dentes que estavam presentes e certinhos da última vez que havíamos nos visto. Eu podia ficar brava por ele estar tão bêbado. Eu podia pular na garganta dele e gritar com ele, mas isso não levaria a nada. Eu tinha de ter muito cuidado com a maneira como lidaria com aquilo.

– Ah, por favor, Sienna. Não posso ficar sozinho? Eu só quero ficar sozinho, por favor – resmungou, apertando os olhos por causa do sol e arrancando um punhado de grama, como uma criança brava.

Escolhi ignorar o que ele disse.

– Algo muito estranho aconteceu ontem à noite, Pete – disse eu, cruzando as pernas e esperando que, se pudesse atraí-lo para um assunto diferente, ele se acalmasse e confiasse em mim o bastante para me contar o que aconteceu.

– O que foi, Si? – perguntou, irritado, deixando-se cair de costas e encarando o céu azul. Ele pegou um pauzinho de madeira do chão, já lascado numa ponta, e começou a mordê-lo. Estremeci por dentro de pensar onde aquilo poderia ter estado. Ele não pareceu dar a mínima.

– Bom, Nick me levou para ver um show do meu cantor favorito. John Legend – comecei, perguntando-me se era uma estratégia inteligente.

Pete rolou para o lado, de costas para mim. Ele usava uma calça jeans, que cortara na altura do joelho para transformar em bermuda, que combinou com uma camiseta promocional estampada com a cara de um cachorrinho. Ele quase tinha estilo, tipo “ganhei isto e não tinha escolha”.

– Conte mais – disse ele, sarcástico, atirando o pauzinho quebrado bem longe. De repente, imaginei algum pobre terrier morrendo engasgado com aquilo, então corri para recolhê-lo e o coloquei no lixo. Pete deu um suspiro bravo quando eu voltei e continuei a minha história.

– Bom, tudo ia bem, mas então o cantor achou que éramos um casal e nos pediu para subir no palco enquanto ele cantava uma música romântica. – Fiz uma careta novamente, como fizera muitas vezes hoje ao contar para minhas amigas sobre o mais recente “incidente”. De repente, percebi que falar sobre mim e Nick e meus problemas, não era uma boa maneira de distraí-lo. Tinha, na verdade, parecido algo muito egoísta. Eu só não sabia como lidar com a situação. Ele grunhiu bem alto.

Estiquei as pernas para a frente e olhei para meus tênis vermelho-vivo, pensando em como a tentativa de contar essa história estava indo mal. Decidi parar.

Pensando no que faria em seguida, comecei a mexer na língua de um dos tênis, que tinha um emblema vintage da Adidas.

– Como estão as coisas com o seu namorado? – perguntou Pete, com atrevimento, tirando um pacote de amendoim do bolso do jeans. Ele cuspiu um pedaço de chiclete antes de jogar a primeira carga de amendoins na boca. Estava mesmo cheirando a bar. Seu tom era carregado de desprezo, mas escolhi responder a pergunta.

– Não estão ótimas. Fomos visitar os pais dele no inverno, acho que eu já contei para você, não? – Pete fez um sinal afirmativo com a cabeça. – Bom, eu venho tentando apoiá-lo, mas ele tem me rechaçado estes últimos tempos – eu disse, sentindo a tristeza me consumir. O odor de cerveja me penetrou nas narinas novamente.

– Acha que tem algo a ver com a sua proximidade com Nick? – perguntou Pete, num tom incisivo e acusador que fez minha respiração parar na garganta.

Tirei meus óculos escuros da bolsa e coloquei-os, arrastando meu cardigã para debaixo da cabeça, procurando um pouco de conforto. De repente, senti que estava na defensiva. Pete tinha sempre “jogado no meu time” o tempo todo. Agora era como se me odiasse.

– É difícil dizer. Ele sempre tratou o assunto com tanta indiferença. Como se nem se incomodasse. Eu venho me esforçando, tentando apoiá-lo, mas não sei se consigo continuar insistindo.

Percebi como aquilo soara fatalista. Como se fosse o começo do fim. O começo do último capítulo. Eu tinha absoluta certeza de que, se Ben me amara, ele não me amava mais, e que talvez ele fosse covarde demais para me dizer e se afastar. Ninguém, exceto papai, consegue me amar por tanto tempo, e ele não tem como ir embora. Ele não tem muita escolha.

Pete grunhiu novamente e em seguida soluçou duas vezes, com as costelas escapando para fora da camiseta. Uma pontada de culpa me atingiu, pois me dei conta de que ele dormia na rua havia muito tempo, e que eu não fizera nada para melhorar a vida dele, exceto trazer-lhe guloseimas e chateá-lo com histórias lamuriosas de minha excessivamente complexa vida amorosa.

– Enfim, chega de falar de mim. O que aconteceu com você? – perguntei, rolando para encará-lo e olhando para os dentes.

Ele suspirou com raiva e não disse nada.

– Acontece, Pete... É difícil dizer, mas você está com cheiro forte de cerveja hoje. – Olhei diretamente nos olhos dele.

O fato de ele aparentar ter deixado todos os vícios me deixara deslumbrada. Fora tranquilo demais, mas fiquei devastada com a ideia de que ele poderia estar escondendo de mim que bebia, e que ele conseguisse ser tão falso na minha cara. Todos precisamos de vícios. Nick fuma às vezes, meu pai tem um interesse nada saudável por chocolate, eu sou chegada a comprar tudo o que vejo quando as coisas ficam feias... Mas, quando a única coisa que você tem na vida para confortá-lo é a empolgação que lhe dá uma lata de cerveja, posso imaginar que deve ser muito difícil jogá-la no lixo. O pior é que eu meio que o compreendia, mas ao mesmo tempo temia por ele. Temia também a minha própria ingenuidade.

Ele curvou a cabeça de vergonha e nada disse, mas seu corpo disse tudo.

– Vem cá – falei, estendendo a mão gentilmente na direção do queixo dele. Seu lábio inferior parecia bem machucado. O cheiro do álcool era pungente agora. Com cuidado, abaixei seu lábio; ele estremeceu ligeiramente e em seguida deu um tapa na minha mão, espantando-a como se ela fosse uma mosca. Dei um pulo. Qualquer calma que pudéssemos ter conquistado se foi, pois ele agora parecia bravo como estivera quando corri atrás dele.

– O que aconteceu, Pete? – Lágrimas começaram a brotar imediatamente de meus olhos quando vi a agressão novamente em seu rosto. Como naquela vez, com a fotografia...

– Você é só uma menina! – vociferou, sentando-se depressa, equilibrando os cotovelos nos joelhos e enterrando o rosto nas mãos. – Que merda você pode saber sobre a dureza da vida, hein? Você, com suas roupas chiques e seu bom emprego e sua confortável vidinha caseira! – Ele travou o maxilar, com raiva.

As palavras dele me dilaceraram. Eu não sabia o que dizer, então fiquei em silêncio por um ou dois minutos.

– Alguém bateu em você, Pete? – acabei perguntando.

Ele virou o rosto para mim novamente, a fúria estampada nas feições, e piscou com força, um tique engraçado que ele adquirira no último ano. Olhei seu lábio mais de perto; estava roxo-escuro.

– É claro que me bateram, Sienna. Por quê, você acha que eu dei de cara com uma maldita árvore ou algo assim? – rebateu.

Dei um pequeno pulo e senti um enorme aperto na garganta. Comecei a suar. Os olhos dele estavam cravados em mim. Eu podia ver sua raiva queimando por dentro, como uma chama. Era aterrador.

– E, sim, Sienna, eu estou puto. Me deram a maior surra ontem à noite, e hoje eu bebi o máximo de cerveja que consegui, tá bom? Está feliz agora? – Ele cuspiu com força na grama.

– Não, não estou feliz, Pete. Estou muito...

Mas ele me interrompeu novamente.

– Não há nada que uma garotinha boba como você possa fazer para ajudar, então por que não para de ficar tentando, hein?

Aquilo já era demais para mim.

– Só me conte o que aconteceu, e eu vou embora – afirmei, com a voz tremendo de medo.

– Quer saber o que aconteceu? Quer conhecer o mundo real? Tá bom, então eu vou contar, mas espero que você agente, Sienna. Eu estava dormindo debaixo daquele grande carvalho ali e uns garotos chegaram perto de mim. Eles ficaram rindo de mim, e um deles me deu um chute na barriga, sem mais nem menos. Eles tentaram levar minha mochila, mas a foto de Jenny estava lá dentro, então eu a puxei com muita força. Eu nem percebi a força que tinha feito, e um dos garotos foi atirado no chão. E aí eu percebi que eles não eram garotos, eles tinham seus 19, 20 anos. Meus dentes caíram com um soco. Eu os cuspi perto da árvore. Tá certo? – Ele respirava com dificuldade.

Fiquei imaginando os garotos. Os insultos. Os palavrões. As risadas. Eu já vira aquilo na televisão, em filmes violentos.

– Vá embora, Sienna! Não quero você perto de mim agora – ele ordenou, olhando ao longe.

Meus olhos ficaram cheios de lágrimas, e eu me senti exatamente assim, uma garotinha boba. Senti raiva também. Ele não tinha ideia do que eu já passara. Eu não tinha uma vidinha confortável. Longe disso.

– A gente se vê – murmurei, com um nó na garganta, coloquei-me rapidamente de pé e fui embora, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Eu estava furiosa. Furiosa com Pete por ter falado daquele jeito comigo. Furiosa comigo mesma por ter me metido com coisas que eram maiores do que eu. E furiosa com os miseráveis que o tinham machucado.

Eu já fora uma garotinha. O “boba” se resumiu a tentar convencer um estranho a comprar sidra para mim no supermercado, pisar numa minhoca para ver se ela realmente se transformava em duas, ou pedir que Elouise me furasse as orelhas, e *não* a bater nas pessoas e arrancar-lhes os dentes. Enxuguei as lágrimas e tentei me recompor enquanto voltava para o escritório. Eu estava tremendo.

O ar-condicionado me atingiu feito uma muralha de gelo quando passei pela recepção; senti a garganta pegar. Era a vez de Sandra, lá sentada com uma blusa laranja, lendo uma revista. Seu batom cor-de-rosa e pulseiras douradas me lembraram do tipo de mulher que se vê na Costa do Sol, mexendo na salada de frutas numa cantina de hotel, com os maridos de peitos peludos a tiracolo.

– Olá. Por onde andou, hein? – perguntou, quase sem levantar a cabeça da revista cafona.

– Ah, eu estava no parque com Pete – respondi, esperando que ela não fizesse muitas perguntas e virando a cabeça para que não percebesse meus olhos inchados. Ela trabalha na recepção, é claro que faria perguntas. Ela acha que é da sua conta saber tudo sobre quem entra e sai.

– Quem é Pete, querida? Seu novo namorado? – Ela levantou uma sobrancelha de atrevimento.

– Não. É aquele sem-teto.

Subitamente, ganhei toda a atenção dela. A revista foi colocada na mesa.

– Ah, você não continua andando com *ele*, não é? Eu achei que fosse esperta o bastante para ficar longe dele – disse ela, com desdém e fazendo beicinho.

Essa reação me incomodou ainda mais, então apertei o botão do elevador e torci para ele vir logo. Eu sabia que, se continuasse conversando, surtaria.

– Desculpe, Sandra, eu só... – murmurei evasivamente. Ela não chegou a ouvir o resto da frase porque não valia a pena terminá-la. Eu ficava assustada com a ignorância de certas pessoas.

Eu queria mudar o mundo. Queria torná-lo melhor. Papai sempre diz que isso é próprio da idade e que depois de um tempo você acaba desistindo de coisas assim e só se importa com o que vai fazer para o jantar e quantos saquinhos de chá ainda restam no armário. Mas eu ainda não tinha chegado a esse ponto. Eu faria alguma coisa boa para Pete.

No instante em que eu voltei para a minha mesa, comecei a buscar informações na Internet. Havia montes e montes de informações disponíveis: relatórios, diretrizes governamentais,

informações de financiamento, estudos de casos, estatísticas... mas eu só procurava um número de telefone. Alguém que pudesse nos ajudar. E eu quero dizer ajudar mesmo. Não nos dar panfletos que levam a lugar nenhum.

Foi então que eu peguei o telefone e liguei para a maior instituição de caridade de Londres que lida com desabrigados.

– Olá. Sim, meu nome é Sienna. Sienna Walker. Eu tenho um amigo que é desabrigado, e nós precisamos de ajuda...

“Olha, isso não muda nada, OK?”

Nick

Vou convidar Chloe para morar comigo. Sim. Já decidi.

Ainda estou assustado com as coisas dela por toda a casa. Ainda não estou totalmente à vontade vendo frascos elaborados de creme labial, ou seja lá o que for que eles contenham, espalhados pelo banheiro. Mas eu sei que gosto dela de verdade, então decidi enfrentar meu medo. E ainda temo ser abandonado novamente, como Amélia me abandonou. É algo que não sai da minha cabeça, mas não é lógico, certo? Você não pode colocar todo mundo no mesmo saco.

Eu vejo a coisa de modo parecido com fazer bungee-jump ou rafting. Eu sei que vai ser bom para mim. Eu sei que é o melhor. Então, eu vou fazer.

Tenho certeza absoluta de que amo Chloe. Bom, quase absoluta. Eu já disse isso algumas vezes e não senti o pânico que tomou conta de mim nas vezes anteriores, e percebi, em retrospectiva, que antes não era verdadeiro. Eu adoro tê-la ao meu lado a noite toda. Adoro quando cozinhamos juntos. Adoro ver sua linda silhueta através do vidro do box quando estou me barbeando. Adoro tudo.

Então, se este é meu último medo, é hora de posicionar os pés na ponta do trampolim, olhar para a água brilhando lá embaixo e pular. Mergulhar de verdade, até lavar todo esse medo e bobagens. Tudo.

Certamente, é normal sentir uma certa tremedeira acerca desse tipo de coisa. A maioria das pessoas sente, eu espero. Especialmente quando você está convidando alguém para fazer de sua casa o lar dessa pessoa. Sua casa, onde você pode se dar os luxos e prazeres que quiser, sem ninguém para espiar. Sanduíches com estranhas combinações, lavar pratos com a flanela quando não tem mais esponja, e estocar papel higiênico, uma lata de picles e algumas balas de hortelã no seu quarto caso haja alguma emergência nacional e os supermercados fiquem cheios de abobados comprando tudo. Bom, *nunca se sabe*...

E eu sei, eu sei. Eu tinha essa coisa com relacionamentos no local de trabalho, mas tudo correu sempre tão bem que nunca me pareceu um bom motivo para deixá-la... Chloe já fica aqui a maior parte do tempo, então a única coisa a fazer é encher este saquinho de ansiedade com um movimento grande e ousado. E já é hora de eu crescer. Tenho consciência disso.

Além de tudo, acho que é um movimento que irá afastar qualquer resquício de angústia com relação a Sienna. Não posso passar o resto da vida ansiando e desejando e nunca fazendo as coisas do modo certo porque estou atado a alguma paixão impossível. De qualquer maneira, eu já planejei tudo. Esta não será a parte final da cura. Se Chloe vier morar comigo, não poderei ficar babando no nosso livro de fotos, nem ficar com o dedo pendurado em cima do botão de número 2 do telefone por 25 minutos.

Mas, antes de pedir Chloe oficialmente, decidi que devo aconselhar-me com Sienna. Afinal, ela é a minha melhor amiga.

Pedi que ela me encontrasse no Alexandra Palace, um dos meus parques favoritos em

Londres. Do alto, é possível ver o que parece ser a cidade inteira espalhada diante de você, como um quadro perfeito. Às vezes fico sentado aqui e imagino que os edifícios e colinas foram desenhados a carvão, de modo que só podemos ver os contornos e curvas. Imagino como seria tentar recriá-la graficamente, mas acho que eu nunca lhe faria justiça. Fotógrafos tentam captar este cenário e vendê-lo em molduras grossas nas esquinas, mas nada supera estar aqui e usar os próprios olhos. Este seria um ótimo lugar para colocar meus demônios para dormir de uma vez por todas, e eu não podia pensar em outra pessoa para me ajudar. Meu lindo diabrete.

Fiz uns sanduíches hoje de manhã para comê-los na colina. A geladeira estava cheia de presunto velho, cheddar mofado e picles com novas formas de vida acampando dentro do frasco. Ora, se fosse só para mim, eu tiraria os pedaços esquisitos do cheddar e faria um trabalho de escavação no picles, mas era para Sienna também. Eu tinha plena consciência do quanto ela era exigente. Ela era boa demais para os meus sanduíches rançosos de meu tempo de estudante e, lamentavelmente, de meu tempo atual. Acabei decidindo picar um pepino relativamente fresco e um pouco das sobras de frango do jantar de ontem. Não ficou um primor.

Ainda pensando na batalha que travara para cortar o pão com uma rêsaca brutal e uma faca cega, contemplava Sienna esticada sobre uma toalha de praia vintage do Danger Mouse. Os sanduíches, na verdade, nunca chegaram ao parque. Senti uma pontada de culpa ao lembrar de quando pensei bem, pouco antes de encontrar com ela, atirei os sanduíches numa lata de lixo da estação de metrô e fui correndo para uma lanchonete chique comprar outros. Odeio desperdícios, e isso foi um *grande* desperdício.

Seu cabelo castanho comprido estava brilhante, revelando tons de vermelho profundo que só se mostravam sob o sol. Óculos escuros enormes e modernos estavam apoiados desajeitadamente sobre o nariz, pois sua cabeça descansava no chão. Eu tive de me conter para não endireitar seu corpo delicadamente e tirá-los de seu rosto para que ela pudesse dormir mais confortável, porque era só isso de que ela precisava, na verdade. Peguei-me olhando para o corpo dela, meus olhos detendo-se em seus quadris, que apareciam um pouco por baixo de uma regata azul-marinho da Franklin & Marshall, que subira quando ela se atirara ao gramado.

Vamos lá, Nick. Seja forte. Este deveria ser um movimento importante que mudaria minha vida; eu não permitiria que desejos infantis de meu passado atrapalhassem. Eu poderia finalmente fechar o livro de Sienna e minha história de amor unilateral, literal e metaforicamente. Ela não se importaria. Ademais, ela tem o Ben, e ela nunca me viu do jeito que eu a vejo. Se visse, sei que estaríamos sentados em minha sala de estar neste momento, abraçando-nos bem apertado e assistindo a reprises de nossas comédias preferidas.

Ficamos lá quietos por algum tempo. Depois, Sienna apoiou os óculos na cabeça, abriu os olhos azuis da cor do mar e levantou uma sobrancelha para mim.

– Nossa, o que foi? Minha calcinha está aparecendo? Estou usando uma calcinha horrível hoje... – continuou, puxando o elástico da ceroula ofensiva. Eu nem a notara, mas agora que ela a mencionou, parecia mesmo estar no osso.

– Então, preparei um rango bem chique, Si – informei, tirando as surpresas culinárias embrulhadas em papel pardo da minha mochila. Sienna sentou-se prontamente, cruzando as pernas e esfregando as mãos de empolgação.

Rasguei a embalagem barulhenta para revelar sanduíches de brie com mirtilo, que tinham praticamente a mesma aparência de quando os comprei, numa lanchonete orgânica muito cara. Será que ela não ia perceber? Senti um arrepio por dentro ao ter um flashback de culpa. Eu não

somente estava fingindo que preparara eu mesmo aquela comida, mas também a voz de minha mãe repicava em meus ouvidos, as coisas que ela dizia quando me dava sermões, quando menino, sobre todas as pessoas que passam fome no mundo... Lá estivera eu, meia hora antes, no balcão de uma lanchonete orgânica cara, entregando uma nota de dez libras novinha. E não recebi muito troco.

– Fui eu que fiz – disse, orgulhoso, rapidamente amassando um guardanapo com o logo da lanchonete e jogando-o para trás quando ela não estava olhando. Por que eu sentia a necessidade de mentir sobre coisas desse tipo para ela? Para impressioná-la? Mesmo depois de tanto tempo? Era patético, sinceramente.

– Uau, parecem uma delícia – respondeu Sienna, com os olhos ainda mais brilhantes que de costume. Acho que consegui escapar...

– Bom, eu fiz umas coisinhas ontem à noite, também – disse ela, com aquele sorriso deslumbrante estampado no rosto sardento. De uma mochila Puma, ela sacou uma torta de banana caseira. A ela se seguiram uma salada pequena cheia de tomates-cereja gordinhos que estavam quase bufando sob o calor de 30 graus. Ao lado da salada, um quiche fresquinho que parecia muito macio descansava confortavelmente sobre uma bolsa de gelo azul. Aquilo era algo típico de Sienna, gentil e atenciosa. Ela devia ter tido de arrancar aquilo de George à força de manhã. Isso explicaria o pedacinho de torta que faltava.

– Está com uma cara ótima, Si. Obrigado. – Ela ainda conseguira sobrepujar-me, mesmo com meu caríssimo subterfúgio.

– E então, o que nos traz aqui? – perguntou ela, parecendo animada para saber as novidades que eu tinha para contar.

– Bom, algo muito grande vai acontecer. Mas eu só precisava perguntar para você antes, porque estou um pouco assustado, para falar a verdade. E você é minha melhor amiga, Si, e eu preciso que me diga se estou fazendo a coisa certa.

Percebi o quanto soara carente. Mas eu realmente estava carente. Até escolher que calça eu ia vestir era difícil sem ela. Eu lhe perguntava tudo, desde a quantidade de cebola que deveria colocar num prato até que sapatos eu deveria usar para sair com uma garota (parece que, se você escolher o sapato errado, pode ser fatal).

– OK. – Ela sorriu, tirando um lenço de papel da bolsa e secando os lábios. – Manda brasa.

– Muito bem, vou contar – avisei.

Notei que ela largou a comida e colocou os braços para trás, para firmar o corpo. Em seguida, recolocou os óculos escuros.

– Vou convidar Chloe para morar comigo.

Lentamente, ela parou de mastigar até seu rosto ficar totalmente imóvel. Ela não disse palavra.

– Si? – exclamei, ligeiramente chocado com a reação dela.

– Ah, me desculpe. Desculpe, Nick Estou muito cansada, sabe? Nossa, mas é... é fantástico! – gritou, dando um pulo na minha direção e me envolvendo nos braços com a delicadeza e a fineza de um filhote de tigre. Ela quase me derrubou.

Senti um nó crescendo na garganta. Um nó duro bem no meio do pescoço, como se eu tivesse tentado engolir uma pedra e ela tivesse ficado entalada ali, e não houvesse nada a fazer. Eu a

abraçei por alguns instantes. Ficamos ali juntos pelo que pareceu uma eternidade; não senti que foi mal, nem errado. Ela ficou tão feliz por mim, e isso era lindo.

O silêncio estava me assustando um pouco, então comecei a preencher as lacunas com comentários sobre qual empresa de mudanças devíamos usar para trazer as coisas dela, e onde poderíamos comprar almofadas, porque ela parecia querer mais almofadas.

Um casal de idosos passou por nós e sorriu. Por cima do ombro de Sienna, vi um helicóptero no topo de um prédio comercial altíssimo; lembrou-me de quando eu era pequeno e tinha uma obsessão por “cópteros” – pelo menos era assim que meu pai dizia que eu os chamava. E aqui estava eu, um homem adulto com problemas, preocupações e responsabilidades de adulto, olhando para um helicóptero de verdade daqui do meu pedaço de grama favorito.

Foi somente quando Sienna finalmente mudou de posição e voltou a sentar-se que eu percebi que havia um fio de umidade em seu rosto. Uma linha perfeita, como se tivesse sido pintada com um pincel fino.

Seus óculos eram tão escuros que eu não conseguia ver-lhe os olhos. Ela olhou para o seu sanduíche.

– Si? Você está bem? – perguntei, percebendo que ela deve ter ficado todo aquele tempo agarrada em mim porque não queria que eu a visse chorando.

– Sim, estou sim, é claro. E então, o que vai fazer no resto do fim de semana? – perguntou-me, subitamente achando sua salada muito interessante, olhando com atenção para as folhas de alface como se tivesse deixado seu cartão de crédito cair ali.

– Por favor, Si – disse baixinho, arrastando meu traseiro na direção do dela e sentando ao seu lado, de modo que nossos braços e pernas se tocavam.

– Bom, eu não sei o que você vai fazer, mas eu vou comprar mais alguns livros para o papai, e depois vou ver uma mostra, e depois... e depois... – E depois ela começou a chorar. E meu estômago a revirar-se. Merda.

– Desculpe – falou entre soluços, com respirações curtas. Ela ainda não tirara os óculos escuros, então enfiou um lenço de papel por baixo das lentes, tentando desesperadamente secar seus sentimentos. – Eu só fiquei feliz por você. Fiquei emocionada por você ter encontrado a mulher certa, entende? – Ela fungou e olhou para mim.

Retribuí o olhar.

– Então, você acha que estou fazendo a coisa certa? – Ainda bem que as lágrimas dela eram de felicidade.

– Sim, seu babaca! – gritou, empurrando-me de brincadeira e fazendo com que eu tombasse para a esquerda e perdesse ligeiramente o equilíbrio.

– Mas não me esqueça, Sienna, por favor. Ainda podemos nos ver muito. Chloe adora você. Nada precisa mudar. Você promete que nada vai mudar? – Virei-me para olhar para ela, esperando que ela fizesse esse juramento e que tudo ficaria bem. Percebi que havia um tom de desespero na minha voz. Eu até fiz um movimento com as mãos e com o rosto para imitar nossas noites jogando Donkey Kong e fumando charuto. Ela olhou para o outro lado, feito um animal ferido, e permaneceu em silêncio.

– Si, por favor? Nada vai mudar, OK? O acordo é esse. – Bati com o dedo indicador na mão

dela. Mas o que significava aquilo? Eu poderia ter começado agarrando a calça dela e puxando-a, como uma criança.

– As coisas vão mudar, Nick. Mas é melhor assim – disse ela, enfim, depois de inspirar profundamente o doce ar de verão. Eu quase podia senti-la fugindo de mim; eu queria ficar agarrado a ela para que não se transformasse em areia e escorregasse por entre meus dedos.

– Como assim? Não vão, não – disse eu, começando a sentir que estava implorando.

– Não é justo, Nick. Não é justo com Chloe. Não estou dizendo que não podemos ser grandes amigos, mas, se vocês dois vão assumir um compromisso sério, as coisas passam para outro nível. Entende o que eu quero dizer? – Ela abriu a mão direita sobre o joelho, revelando a pele alva que não fora tocada pelo sol.

Eu conhecia o toque daquelas mãos. Elas eram quentes e macias, porque eu já as segurara uma vez, quando ela ficara triste. Eu as abri a à força no carro havia muito tempo, quando ela caiu sobre o cimento, e limpei as gotas de sangue. Não havia deixado marcas. Nenhuma cicatriz. Nós saramos incrivelmente bem, pensei.

– Não, não entendo o que você quer dizer – respondi, começando a sentir novamente aquele nó na garganta. Caíam fora, emoções idiotas.

– Olha, eu sei que você e eu somos só amigos e sempre fomos. Mas eu não gostaria disso se morasse com você. Compreende?

Eu não podia acreditar no que ela estava dizendo. As palavras foram jorrando da boca dela tão facilmente como “Fique com o troco” ou “Sem maionese, obrigada”.

Uma bola de futebol surgiu do nada e me bateu do lado da cabeça. Meu ouvido começou a zumbir. Joguei-a de volta com irritação, com um pouco mais de força do que queria. Este era um momento vital, importante demais para ser interrompido por objetos voadores lançados por crianças com pais deprimidos.

Sienna virou bruscamente a cabeça, acompanhando a bola que cortou o ar e foi cair na água, quase matando de susto um pobre pato, que grasnou e saiu batendo as asas.

– Nick! Você jogou a bola no lago! Eles não vão conseguir pegá-la! – gritou para mim, brava.

– Não estou nem aí, Sienna. Isso aqui é importante. – Puxei suavemente o braço dela, que começava a levantar-se para pegá-la.

Ela aterrissou ao meu lado como um balão preso a um cordão. Eu podia ouvir as crianças mimadas choramingando como se estivessem bem perto de mim. Desliguei-as.

– Isso não muda nada, OK? – disse eu, com um novo ímpeto de determinação. – Ela praticamente já mora comigo e mesmo assim ainda fazemos tudo que fazíamos antes. Vai dar tudo certo.

Uma dor terrível me retorceu o estômago. Era uma sensação bem familiar, e parecia uma maldição. Como se tivessem anunciado no rádio que o mundo ia acabar, e deixassem a agulha cair numa música dos N-Dubz e a tocassem sem parar enquanto todos se juntavam para beber até morrer. Era ruim a esse ponto.

– Não, Nick. Não é justo com ela – insistiu, deitando-se na grama e enroscando-se feito uma bola. Ela só fazia aquilo quando estava verdadeiramente triste. Ela costumava fazê-lo quando Daniel House agia como um cretino, o que ocorria quase o tempo todo.

– Mas não existe nada entre nós, Si. Nada que nos faça sentir culpados – menti, tentando convencê-la de que estava tudo bem. Eu acho que, secretamente, esperava que ela me dissesse que *existia* alguma coisa. Que existia algo mais entre nós do que um metro de grama viçosa e o ar abafado de verão, que estava tão pesado que era quase possível pegá-lo com uma colher.

Deitei-me ao lado dela, levantando um pouco minha camiseta, pois o sol agora incidia sobre nós, implacável e imponderável como os spots do palco em que subimos naquela vez. Ela puxou uma grossa mecha de cabelo para cima dos olhos.

– Si, você está feliz de verdade por mim? – Rolei o corpo e encarei-a, esperando que ela parasse de me afastar.

– Sim, Nick Estou emocionada. Ela é incrível. Vocês dois têm muita sorte – respondeu.

Com sinceridade. De verdade. Eu sabia que ela falava de coração.

– E você vai parar com esse papo bobo sobre nós, não vai? – perguntei.

Ela não disse nada.

Sienna

É segunda-feira e as coisas não vão bem.

Segundas-feiras já são ruins sem nada de ruim acontecer. Tem mais gente no trem do que em qualquer outro dia da semana, os croissants da loja da esquina sempre acabam antes de eu chegar lá, e é o dia da reunião editorial, em que Ant consegue esmagar todas as nossas ambições jornalísticas numa hora. Mesmo num dia ensolarado como hoje, tudo parece uma porcaria.

E nesta segunda-feira eu acordei cerca de cinco minutos mais tarde, lembrei do que acontecera no sábado e me senti ainda mais acabada. Sim. Houve um abençoado período de 300 segundos em que eu me esqueci o que acontecera dois dias antes. Quando me lembrei, estava escovando os dentes e mordi o cabo da escova de tanta frustração.

Tudo começou por volta das nove da manhã, quando recebi um torpedo do Nick me pedindo para encontrá-lo no Alexandra Palace porque ele tinha “uma coisa para me perguntar”. Eu achei que era agora, sabe? Aquele momento pelo qual eu vinha esperando havia tanto tempo, em que ele escolheria um lugar que tivesse uma linda vista de Londres, num dia de sol, para me dizer que só conseguia pensar em mim.

Rapidamente, preparei uma salada linda, e, por mais estranho que pareça, papai e eu tínhamos feito um quiche e uma sobremesa na noite anterior, só para nos entreter. Ele insistiu que eu as levasse comigo, o que me deixou desconfortável.

– Nunca se sabe o que ele poderá dizer a você, Sienna – disse meu pai, premonitivamente, ao embrulhar a comida. Ele era meio enigmático, às vezes.

– O que quer dizer? – perguntei, subitamente pensando que ele sabia de algo que eu não sabia.

– Não sei... só tenho um pressentimento. E eu vou passar o dia comendo isso tudo e engordando, então, por favor, leve com você e divida com ele – acrescentou, cortando um pedaço da torta de banana para guardar para si.

– De qualquer maneira, estou muito envolvido com essa história de escrever. Quero colocar muita coisa no papel hoje e não preciso de você limpando a casa – prosseguiu, me cutucando de brincadeira e apontando para a pequena pilha de cadernos pretos sobre o balcão da cozinha.

Eu não sabia direito o que estava escrito naqueles cadernos, eles eram muito particulares, mas o que eu sabia é que ele escrevia todas as coisas que queria ver e fazer, e como ele achava que deviam ser. Eu me perguntava se a imaginação dele se tornara superdesenvolvida para compensar sua incapacidade de vivenciar as coisas de modo real, assim como um morcego tem uma audição incrível para compensar sua cegueira.

– Vou escrever sobre como deve ser correr uma maratona – informou, sorrindo de orelha a orelha e segurando uma revista de corrida.

– Você vai ficar bem? – perguntei.

– É claro que vou, querida. Prometo que vou usar meu capacete – acrescentou, enfiando-o na cabeça, o que o fez parecer um figurante num daqueles programas de jogos de sábado à noite.

– Obrigada – falei. Beijei-o no rosto e saí.

Quando cheguei ao portão do parque, avistei Nick e ele parecia nervoso. Algo na atitude dele me dizia que eu não ia gostar das novidades. Ah, meu Deus, e se Chloe estivesse grávida? De repente, imaginei-me tendo que segurar essa criança e ainda parecer feliz. Ou será que eles iam se casar? Ah, Jesus, sim. Aposto que era isso. Ele estava naquela idade...

– Olá, magrela – disse ele, puxando-me para seus braços. Seu corpo estava tenso. Ele estava tenso. Por outro lado, talvez minha expectativa silenciosa estivesse certa dessa vez. Talvez ele dissesse algo sobre nós. Eu e ele... Algo bom. Maravilhoso, na verdade. Mas eu poderia estar errada. Talvez ele tivesse encontrado um novo emprego ou algo assim. Isso seria muito ruim. Em silêncio, disse a mim mesma para parar de especular com tanta avidez sobre o que ele tinha a me dizer.

Mas, aí, meu dia ensolarado acabou se diluindo num quadro noturno onde as cores todas haviam sumido, porque ele me contou que ia pedir para que Chloe fosse morar com ele. Coabitar. A estagiária virou permanente. Agora era oficial.

Fingi sentir o tipo de felicidade que você reserva para o colega que conseguiu a promoção que vocês dois disputaram, ou o sujeito que ganha 1 milhão de libras na raspadinha que comprou um segundo antes de você.

Nick deitou-se apoiado nos cotovelos, com o contorno de sua barriga lisa sutilmente à mostra através de uma camiseta de um verde profundo com um desenho gráfico abstrato. Seu rebelde cabelo escuro saía por baixo de um chapéu de feltro incrivelmente sexy, que lançava uma sombra sobre seu maxilar forte com barba por fazer.

Eu não sabia o que fazer, então pulei sobre ele e o abracei. A emoção me inundou feito uma onda enorme. Era algo avassalador. Eu o estava perdendo. Eu queria agarrar-me a ele antes que os deuses repentinamente descessem do céu, o pegassem e o levassem de mim. Para sempre.

Ele também me abraçou, e, quando as lágrimas começaram a chegar, senti meu peito tremer. Prendi a respiração para que ele não percebesse. Se ele não percebesse, então talvez não visse a água que jorrava de meus olhos e eu conseguiria escondê-la.

Nick continuou a falar sobre a grande decisão, como ela surgira, empresas de mudança baratas para as coisas de Chloe, plástico bolha. Mas, para mim, eram só palavras sem sentido.

Mas aí ele percebeu minhas lágrimas, e eu me afastei. Eu só conseguia pensar que nossas noites passadas junto jogando teriam de acabar. Não haveria mais sessões de Donkey Kong,

Street Fighter regadas a uns poucos Jack Daniels e Cocas, seguidas de um charuto com aroma de cereja compartilhado. Merda.

– Mas não me esqueça, Sienna, por favor. Ainda podemos nos ver muito. Chloe adora você. Nada precisa mudar. Você promete que nada vai mudar? — disse ele, mexendo os dedos como se estivesse diante de um comando imaginário, encolhendo-se um pouco como se tivesse lido meus pensamentos.

Lá no fundo, eu sabia que era o começo do fim. Mais cedo ou mais tarde, Nick teria de crescer, mas é que eu desejava que fosse comigo. Depois, imaginei as expressões de Chloe e de Ben, e senti-me culpada por meus pensamentos. Ben passaria o dia inteiro na rua, e eu iria encontrá-lo mais tarde, mas fiquei imaginando que Nick apareceria e diria que me amava, assim como eu sempre o amei. Se ele dissesse essas palavras, será que eu ainda pensaria em Ben?

Em breve, ele estaria tão empolgado com os domingos preguiçosos na cama com a namorada, cafeteiras e vestidos combinando que eu seria relevada à insignificância. De repente, imaginei um convite de casamento caindo sobre o capacho e produzindo um terrível estrondo. Nós estávamos a um centímetro um do outro naquele momento, mas parecia que a distância já começara a aumentar. Um abismo doloroso e entediante no qual nós acabaríamos caindo se nenhum de nós se pronunciasse logo.

Nick acendeu um cigarro, descontraído. Eu perdera muito tempo, e, agora que ele estava prestes a coabitar com a deslumbrante temporária da empresa, a quem eu menosprezara, achando que seria só mais uma namorada qualquer com quem ele não se comprometeria. Todas as outras garotas tinham chegado e partido, e era isso que eu esperava. Nunca podia imaginar que ele fosse se estabilizar. Ele era tão solto, havia algo verdadeiramente mágico nele, como se ele pudesse fazer qualquer coisa e ainda escapar ileso. Ele era um espírito livre, irritantemente incapaz de ficar com uma pessoa por muito tempo. Mas agora ele dizia que Chloe iria morar com ele.

Nick era, e sempre foi, super-humano para mim. Ele até fazia os sonolentos anéis de fumaça produzidos pelos Marlboro Lights que fumava parecerem bacanas – em qualquer outra pessoa, pareceria uma repulsiva chaminé de fábrica saindo da garganta, do tipo que deixa um cheiro insistente de ovo podre pairando sobre aquele pedaço da cidade. Pobre Chloe, ela não fizera nada de errado, só se apaixonara por um dos homens mais lindos que Londres já teve o prazer de abrigar. Ele era homem, ela era mulher, e aquela coisa toda, e esta era uma história de amor. Uma história de amor que não me incluía. Tive um pequeno papel dentro dela, mas um papel desagradável. Como naquela vez em que eles me colocaram para ser a parte traseira de um burrinho na festa de Natal da escola.

Foi Chloe quem interrompeu a cadeia de pensamentos que me mantinha sentada à mesa, mordendo com força o lábio e lembrando *daquele* sábado.

– Quer um chá, querida? – perguntou-me, surgindo do nada. Dei um pulo de susto.

– Ah, oi, Chloe. Estou legal, obrigada. Tenho uma reunião daqui a pouco e depois vou tirar a tarde de folga. – Eu não sabia por que estava dizendo aquilo para ela. Não tinha nada a ver com o chá.

– Vai folgar numa segunda-feira à tarde? Que excitante – respondeu, inclinando-se e sussurrando ao meu ouvido: – Tem uma entrevista de emprego?

– Ah, não, não. Só vou fazer um favor a um amigo – respondi, esperando que ela não pensasse

que eu estava falando de Nick, porque, pela primeira vez, eu não estava. Ela saiu valsando para a cozinha, saltitante. Perguntei-me se ele já contara a ela.

Quando a reunião terminou, saí do escritório e caminhei até a estação ferroviária de Balham, onde me encontraria com Laura. Eu estava nervosa. Meu coração pulava no peito. Eu sabia que era um passo enorme que poderia mudar a vida de Pete para sempre – e para melhor. Mas eu também sabia que junto com esse movimento vinha um risco. Um risco enorme. Eu havia visto, mais de uma vez, os ataques de fúria que o acometiam, e eu sabia que isso poderia terminar do mesmo modo. Era uma ousadia, e eu morria de medo de que ele me odiasse por fazer aquilo.

Abrindo caminho por entre as pessoas, avistei Laura parada ao lado das máquinas de bilhetes. Era possível localizá-la a um quilômetro de distância. Seu cabelo era loiro com dreads enormes em camadas azuis e vermelhas. Ela tinha uma aparência estranha, mas de maneira fascinante e bonita. Tinha um pequeno piercing no nariz e dentes curtos e brancos em meio a um rosto delicado. Um rosto quase delicado demais para estar cercado por tamanho volume de cabelo emaranhado.

– Olá, Sienna – disse ela, me abraçando.

Ela usava um jeans largo, regata preta e tênis de solado grosso. Era o tipo de garota por quem eu me sentia intimidada quando era adolescente, porque ela tinha muito estilo. Hoje, eu só olhava para ela e ficava imaginando seu passado, de onde ela viera e como viera parar nesse trabalho atípico. Uma assistente social que resgatava vidas das calçadas da cidade.

– Olá, Laura, eu lhe agradeço. Estou bastante nervosa – eu disse, percebendo que mexia freneticamente no cabelo.

– Não se preocupe. Vamos resolver tudo. Você sabe onde ele pode estar? – perguntou, inclinando a cabeça para um lado de modo inquisitivo, feito um cão. Ela tirou um enorme chiclete cor-de-rosa da boca e jogou-o numa lata de lixo próxima. Debaixo do braço, ela carregava uma pasta preta grossa com uma caneta grudada.

– Sim, tenho certeza de que vamos conseguir encontrá-lo. – Eu estava começando a me sentir enjoad.

Era aterrador. Será que eu estava fazendo a coisa certa?

– Lembra-se do que eu disse quando nos falamos por telefone? – perguntou-me, levantando uma sobrancelha para mim.

O telefonema. O telefonema... Já tinha um bom tempo, e eu passara por muito nervoso. Estava tudo meio nublado.

– Sobre como ele pode reagir? É muito comum que eles fiquem agressivos quando são abordados. Pessoas desabrigadas estão muito estabelecidas, de muitas maneiras; elas não conseguem ver uma saída, então criam um novo estilo de vida, um novo conjunto de atitudes. – Ela agitou os braços no ar ao dizer isso, como se quisesse enfatizar o drama da situação. – Eu só estou dizendo que pode exigir mais de uma tentativa, OK?

Mais de uma tentativa? Eu não estava tão certa de que aquilo era possível. E se ele nos rejeitar da primeira vez e nunca mais falar comigo? E se ele sair correndo e sumir sem eu ter oportunidade de explicar?

– Vamos – disse ela, puxando-me com calma para fora da estação.

– Acho que ele deve estar no parque aqui perto. Tem uma árvore de que ele gosta, uma árvore caída, na verdade, e eu sempre o encontro lá – disse eu, começando a tremer. A situação estava me deixando com os nervos à flor da pele. Eu podia sentir que minhas orelhas estavam vermelhas e minhas bochechas, coradas. Aquilo significava tanto para mim. Significava tudo.

– Então, se o encontrarmos, quero que você ande um pouco adiante de mim e diga a ele quem eu sou e que você nos contactou na instituição beneficente, está bem? Estarei bem atrás de você o tempo todo, e depois você deixa que eu assumo, certo? – Ela me olhava dentro dos olhos, como se essa parte fosse muito importante e eu realmente precisasse me controlar e ouvir.

– Está bem – respondi. Eu tinha de confiar nela. Essas pessoas sabem o que fazem. Eu aprendera tudo sobre como resolveríamos aquilo quando liguei para eles. Que, se Pete quisesse, poderia ir para um abrigo temporário, que não era uma maravilha, enquanto eles conseguiam um abrigo melhor. Depois, se ele quisesse ajudar a si próprio, poderia arranjar um emprego e moradia adequada. Eles o alimentariam no abrigo. Ele teria seu próprio quarto. Uma oportunidade.

Entramos timidamente no parque, que se estendia à nossa frente como um grande tapete verde. Virando algumas esquinas, avistamos a árvore caída e, para meu alívio, lá estava Pete sentado nela e mexendo com os pés um graveto. Caminhei na direção dele lentamente, com o medo parado na garganta. Ele só percebeu quando cheguei bem perto.

– Pete – falei, baixinho.

Ele estremeceu.

– Ah, olá, querida – respondeu, olhando, confuso, para a mulher atrás de mim antes de alguma coisa mudar em sua expressão e ele perceber que algo diferente estava acontecendo. Ajoelhei-me para ficar na altura dele e coloquei minha mão sobre a dele.

– Pete, não quero que fique bravo com... – tentei explicar, mas ele me interrompeu, inclinando-se e sussurrando ao meu ouvido, com a barba me roçando o rosto.

– Quem é a mulher com a prancheta, Si? Quem é ela? O que você fez? – Ele parecia zangado. Seus olhos se estreitaram, e a pele em volta deles se enrugou. Reconheci a mesma hostilidade da vez em que eu lhe pedi a foto e fiquei muito tempo com ela, e da vez em que eu perguntei sobre a briga. Eu sabia aonde aquilo iria dar. Minhas palavras ficaram presas na garganta.

Laura pareceu perceber e aproximou-se de fininho.

– Pete, meu nome é Laura e eu sou de uma instituição beneficente – disse ela, num tom carinhoso, estendendo a mão para ele.

Ele cuspiu no chão e grunhiu, esticando a camiseta por cima dos joelhos para esconder-se.

Cuspir e ficar furioso eram traços de um adolescente raivoso e assustado, longe do homem inteligente que eu aprendera a amar. Esse não era o Pete que eu conhecia, o Pete que eu queria que ela conhecesse. Este era o Pete cheio de fúria, que atirava latas de cerveja nas janelas dos escritórios. Eu esperava que fosse só o álcool naquela época, mas ele parecia sóbrio agora, mas ainda furioso. Eu só queria que ele mostrasse a ela quem ele realmente era: um indivíduo brilhante e amoroso que estava um pouco perdido. Vamos lá, Pete. Esta é a sua chance...

– O que você quer, Laura? – Ele levantou a voz e jogou os braços para o ar. – Quer me ajudar? Posso assegurar a você que não sou digno de ajuda. Eu me meti nessa confusão toda e posso sair

dela. Sozinho. – Ele puxou os joelhos para ainda mais perto do peito, o logo plástico no alto, esticando e descascando onde a tinta estava sendo puxada. Ele fechou os olhos bem apertados de frustração.

– Certo, acho que devemos esquecer isso. – Virei-me para Laura. Eu fiz tudo errado. Nunca deveria ter interferido. Laura me ignorou e foi sentar-se ao lado de Pete.

– Olhe, Pete. Eu só queria bater um papo com você, OK? Você não precisa fazer nada que não queira. Não vamos levá-lo a lugar nenhum, não vamos forçar nada. Você pode só conversar um pouco comigo? – Ela olhou para ele, mas ele manteve os olhos no chão, como se estivesse tentando comunicar-se com as minhocas. Mantive-me a distância, mas ouvindo cada palavra.

– Como tudo isso começou? Não se importa que eu anote, não é? – perguntou ela, indo direto ao ponto, puxando a esferográfica da prancheta e aprontando-se para escrever.

– Como você pode me ajudar? Ninguém pode me ajudar. Não existe nada de graça no mundo – murmurou ele, finalmente olhando para ela. Fiquei assustada. Aterrorizada, de fato, por ter cometido um erro tão grande. Um erro que estragaria três anos de uma delicada amizade.

Fez-se silêncio. Um silêncio profundo, longo e cavernoso. Um esquilo correu tronco abaixo, agarrando a casca com as unhas e mudando de posição nervosamente. Pete se distraiu observando cada movimento dele, e começou a rir sozinho. Mas era um riso estranho... Um riso esquisito, carregado de frustração.

De repente, ele pareceu acalmar-se, e depois de alguns minutos, disse:

– Minha esposa morreu. Foi aí que começou. – Ele recostou-se no tronco espinhoso e forçou a cabeça contra ele, olhando para a copa folhosa lá em cima, com raios de luz a cortando feito faixas de purpura.

– Eu estava no trabalho quando recebi o telefonema. Eu era organizador de eventos, sabe, shows e coisas assim. Eu nunca vou esquecer. O acidente ficou conhecido como o desastre ferroviário de Oakwood Park – Ele fez mais uma pausa, como fizera comigo tantas vezes. Era incrível como seu humor podia mudar tão depressa. – O trem descarrilou, e ela estava nele, você deve saber dos detalhes. Eu achei que era uma brincadeira, então eu só disse um monte de “nãos”. Depois, liguei a TV no noticiário e lá estava, pedaços de metal retorcido, a carcaça rasgada como se fosse um pedaço de papel. E eu sabia que minha linda esposa estava lá dentro, e eu não estava lá para salvá-la, protegê-la. – Seu tom voltou a ficar colérico enquanto recontava a história.

– Qual era o nome dela? – perguntou Laura.

– Jenny – disse Pete, num suspiro rouco, como se o simples fato de pronunciar a palavra o fizesse sangrar.

– Suponho que você vivia com ela. – Ela foi investigando mais fundo, rabiscando anotações no papel, a caneta arranhando a superfície com força. Eu podia ouvir cada letra.

– Sim. Alugávamos uma casa de um dormitório em Balham. Depois disso, não consegui mais trabalhar, não consegui fazer mais nada. Eu tentei, mas acabava fazendo tudo errado. Tudo desmoronou. Acabei sendo expulso da casa, e o resto você sabe... – Ele pareceu tão furioso ao dizer isso. Quase furioso consigo mesmo.

– Não sei, não, Pete. As pessoas são diferentes. Acha que pode me contar?

Ele correu as mãos pelo cabelo, a frustração fervendo mais uma vez, como se falar naquilo fosse a última coisa que ele queria fazer.

– Bom, eu comecei ficando na casa de amigos, familiares, você sabe. Mas, por mais que as pessoas lhe digam que você é sempre bem-vindo, não dura para sempre. Você começa a atrapalhar, deixar cereais na tigela por muito tempo, aí eles ficam duros e não dá pra lavar. Você faz coisas que incomodam as pessoas, e você faz coisas de um modo diferente daquele que elas estabeleceram, e aí elas não querem mais você.

... Comecei a me ofender com isso, porque eu estava um pouco amargo, e duro. Eu ficava bravo e sistematicamente puto com todo mundo que eu encontrava, até que eles me fecharam as portas. Foi então que dormi a primeira noite num banco. – Ele esticou as pernas, como se revivesse a sensação das ripas de madeira sob seus membros pela primeira vez.

Eu ouvia e pensava em toda aquela baboseira com Nick, na estupidez de meus sentimentos inúteis. Pensei em como passamos nosso tempo pensando que estávamos em perigo porque a torradeira ou a Digibox não fabricava mais o The X Factor quando existe gente que foi rejeitada por todo mundo. Comecei a me acalmar quando percebi que podíamos estar chegando a algum lugar. Mas eu estava errada.

– Olha, eu tentei, mas não quero falar nisso – disse Pete, secamente, voltando-se para olhar para Laura com os lábios ligeiramente trêmulos.

– Tem certeza de que não pode ficar mais uns minutinhos, Pete? – perguntou Laura, ficando um pouco mais tensa.

– Não. Não. Não vou ficar. Só me deixe em paz, está bem? – disse, levantando-se.

Ele andou até mim e me olhou nos olhos.

– Por quê, Sienna? Por que você vive tentando me ajudar? Fique longe de mim, está bem? – sussurrou e sumiu na distância.

Eu não podia com aquilo. A emoção estava me apertando a garganta novamente. Era provável que eu tivesse estragado tudo. Para sempre. Não queria que Laura me visse chorar, então apertei seu braço em agradecimento e afastei-me. Depressa.

“Gostaria que alguém tivesse fotografado.”

Nick

Era verde. O tom de verde mais bonito que já vira na vida. Um tom que me lembrava uma profunda, dolorosa e consumidora inveja. Era mais que uma cor, era um sentimento. Um impulso. E essa cor envolvia Sienna completamente, tocando suas curvas como a mão de um amante insaciável e escorrendo por seu corpo como uma cachoeira. Meu Deus.

Aquilo é que era um vestido. Fiquei imaginando onde é que ela o teria arrumado. Já fora arrastado por Chloe para a Oxford Street o suficiente para saber que não se vendiam coisas assim em cadeias de lojas de roupa. Meus olhos fizeram aquele efeito de câmara lenta que fazem às vezes quando ela entra num lugar. Sempre me pareceu um efeito meio fuleiro, mas acontecia de verdade.

Era nossa festa de Natal. Um evento meio brega que geralmente acabava em pelo menos um beijo embriagado entre duas pessoas que depois se arrependiam profundamente, e em pelo menos um triste espetáculo de dança descoordenada em cima de uma mesa bamba. Na verdade, no ano passado, Nigel, do departamento de vendas, acabou com uma perna engessada por causa disso. Já a mesa não teve tanta sorte. É um evento anual hediondo em que todos os funcionários da The Cube se embebedam e fingem que gostam uns dos outros, sussurrando todo tipo de coisa à mesa e se metendo em encrenca na segunda-feira seguinte por causa disso.

Dessa vez, todas as atenções se concentraram em Sienna, que apareceu com aquele vestido que deixou a todos com vontade de levá-la para a cama. Homens e mulheres. E o vestido parecia bem fora de propósito naquele restaurante anexo a um hotel barato. Mas não importava. Acho que todo mundo ficou contente por ela ter decidido usá-lo. Nunca o vira antes e já conhecia a maioria dos seus vestidos “de sair”. Imaginei de onde ele teria vindo.

Sienna agora tem 24 anos e é deslumbrante. Parece ficar cada vez melhor. Parece que tudo o que acontece em sua vida, coisas boas ou ruins, apenas acrescentam beleza a ela. Quase engasguei com a cerveja quando ela entrou com Ben; ele segurava sua mão com firmeza e me pareceu excepcionalmente nervoso. Esfregava a mão livre desajeitadamente no blazer e olhava muito para seus sapatos. Eram belos sapatos também... Presumo que Sienna os tenha escolhido. Homem nenhum escolheria sapatos assim sem a ajuda de uma mulher.

Ben é um cara de boa aparência, e nos demos muito bem nas poucas ocasiões em que nos encontramos. Foi um grande avanço comparado ao otário com quem ela saía antes, Daniel House. Preferiria arrancar cada pelo do meu corpo com uma pinça cega a ter de passar mais um minuto que fosse na companhia dele... Ben vestia uma camisa branca com uma gravata preta fina e um terno preto. Juntos, pareciam estar indo à estreia de um filme. Estavam bem demais para aquele salão de quinta junto à rodovia e para o hotel onde iríamos passar a noite.

O lugar era tão glamoroso como a dentadura da minha avó. Havia papel de seda vermelho desbotado em cima das 12 mesas. Estavam cobertas com decoração de mau gosto que parecia ter sido comprada na loja de bugigangas do bairro, incluindo lança-confetes, apitos e outros artefatos baratos. No centro de cada mesa havia duas garrafas de vinho barato – um tinto, outro branco – e um arranjo de flores sem graça. Uma pequena cabine de DJ estava instalada na outra ponta do salão, de onde se esperava que fossem bombar a qualquer momento os grandes

sucessos de Wham! acompanhados de luzes completamente fora do ritmo.

Olhando para Sienna e Ben parados à entrada enquanto as pessoas tagarelavam em volta deles, senti-me como se tivesse aparecido de pijama, apesar do cenário. Olhei para minha calça e vi uma pequena mancha onde deixara cair um pouco de cerveja. Que merda.

– O que você está olhando, querido? – perguntou Chloe, aparecendo com a cabeça em minha linha de visão ao voltar do banheiro.

Dei um pulo.

– Ah, nada. Olha, Sienna acabou de chegar com Ben – informei, num tom casual, como se tivesse acabado de vê-la quando na verdade já estava olhando para ela havia décadas. Ben devia, literalmente, beliscar-se todos os dias.

Chloe também estava linda, pensei, enquanto ela se sentava e tomava um copo de vinho um pouco rápido demais.

– Calma, Chloe – falei, esperando que não tivéssemos de enfrentar nenhuma cena durante a noite. Ela era particularmente perigosa quando bebia. Olhei para ela, sentada do outro lado da mesa, com uma expressão de culpa fingida no rosto e um vestido cor de pele que a fazia parecer muito mais angelical que na verdade era. Era um vestido com corpete que ela usava com salto alto e que realçava a panturrilha quando ela caminhava à minha frente. Aquilo me deixava louco. Ela é um perigo, como todas as outras mulheres.

Tive uma série de namoradas instáveis, e ela é a última de uma lista que se tornara preocupantemente longa. Lembrei de Amélia chorando em minha porta – um som que às vezes ainda me atormenta – e de Kate, que precisava de mim para dar-lhe a segurança que ela própria perdera, e pensei se não estivera prestando atenção nas pessoas erradas. Sim, desde que se mudara para minha casa, comecei a perceber de verdade quanto o Chloe é instável. Parece que sou como um ímã para mulheres assim. Aquela bofetada na cara meses atrás não foi nada. Era só um aperitivo.

Temos discussões, brigas durante as quais gritamos um com o outro como animais enlouquecidos até as primeiras horas da manhã. E então há o sexo, o sexo louco com “eu amo você”, “desculpe” e “nunca mais vamos brigar”. As mordidas, arranhões, beijos... Uma loucura total. É exaustivo. Não sei se aguento mais isso. Ela é ciumenta, possessiva, insegura e violenta, mas também é linda, carinhosa, amorosa e divertida. É uma faca de dois gumes. Doce e ácida. Sedutora.

– Nick, por que você está me olhando assim? – perguntou. Lambeu lenta e sedutoramente a ponta de uma faca que tinha um pouco de patê, um dos aperitivos colocados em nossa mesa.

– Ah, só porque você é linda – respondi, puxando suavemente a mão que segurava a lâmina na direção das torradinhas baratas e dos menus escritos no Word antes que ela resolvesse bifurcar a língua como uma serpente. Ela ficou nitidamente enternecida e passou a mão pela minha perna por debaixo da mesa.

– Pelo amor de Deus, Chloe, pare com isso! – sussurrei, brincando, apertando sua mão com força e me jogando para a frente, sentindo cócegas. Uma vela oscilou em cima da mesa e segurei-a bem na hora, embora tenha espirrado cera em cima do meu prato.

Depois de Sienna terminar o desfile real, apertando a mão de cada um e apresentando Ben, ela veio finalmente à nossa mesa.

– Oi, Lobinho – disse ela, se inclinando para me beijar suavemente na bochecha, com um sorriso bobo no rosto.

Seu cheiro preencheu o ar à minha volta, me deixando mudo por uns segundos até que me recompus e levantei para apertar a mão de Ben. Ela e Chloe se beijaram no rosto e logo estávamos sentados lado a lado com delicadas tigelas de sopa de alho-poró e batata à nossa frente.

Chloe lambia sugestivamente a colher sempre que as pessoas olhavam para baixo, para seus pratos. Dei um leve pontapé na canela dela esperando que parasse. Estava me deixando constrangido.

– E então, como vão as coisas no trabalho? – perguntou Ben a mim e a Chloe, com o mesmo sorriso que todo mundo dá quando descobre como nos conhecemos. Devem achar que é constrangedor. E estão certos. Mas fico muito contente por trabalharmos em departamentos diferentes. Viver com alguém e trabalhar diretamente com essa pessoa me deixaria louco.

– Está tudo bem, obrigado. E também estamos adorando morar juntos – respondi, pegando uma fatia de pão do cesto colocado no meio da mesa.

Não era bem assim. Começara muito bem, é verdade, mas agora eu não tinha como escapar às mudanças de humor dela. Não tinha onde esconder-me. Às vezes, chegava em casa e dava com ela de ótimo humor, cheia de alegria e amor. Outras vezes, ficava me perguntando se conseguiríamos passar a noite juntos...

– E vocês, já estão pensando em morar juntos? – perguntou Chloe, voltando-se para Sienna.

Estremeci ligeiramente. Era meio como perguntar quanto ganhavam ou se estavam planejando ter filhos. Simplesmente não se pergunta isso, mas aquilo era típico de Chloe.

– Ah... bem. Ah... não sei – respondeu Sienna, como se fosse a primeira vez em que pensava naquilo.

Ben intercedeu.

– Bem, na verdade talvez ainda seja um pouco cedo para isso, não é? – disse, virando para Sienna, que pareceu terrivelmente aliviada. Não pude deixar de notar o quanto a resposta dele foi cortante e brusca. Talvez fossem apenas um casal inteligente que dava tempo ao tempo. Quem dera também fôssemos assim, pensei ao olhar para Chloe, que soprava suavemente sua colher de sopa e sorria para mim ao mesmo tempo. Mas ela era tão sexy. Talvez desse certo...

Mais uma garrafa de vinho chegou à mesa, sendo prontamente dividida por todos. O álcool parecia estar fazendo efeito em Sienna mesmo antes de o segundo prato chegar. Ela tinha o olhar descontraindo e as faces rosadas.

– Nick, lembra daquela vez que fomos a Amsterdã? – perguntou-me, inclinando-se na minha direção e sorrindo. Seus belos dentes alinhados quase me ofuscaram quando eu começava a cortar o peru assado.

– Sim, claro que lembro – respondi, abrindo um largo sorriso, as memórias vindo à tona. Chloe me lançou seu olhar de insegurança. Ignorei-o.

– Lembra aquele cara esquisito que conhecemos? Sabe, aquele que disse que estava viajando pelo mundo à procura de casais e escrevendo histórias de amor sobre as pessoas com quem falava e que o inspiravam algo de especial?

– Deixe-me adivinhar... ele está escrevendo sobre você e Nick? – interrompeu Ben, com um sorriso afetado. Espantado, levantei subitamente a cabeça.

Chloe ficou de boca aberta, e Sienna lançou um olhar zangado para Ben. Ele pareceu terrivelmente envergonhado assim que as palavras escaparam de sua boca. Um tom rubro tomou conta de seu rosto.

– Não, Ben. O que eu ia dizer é que o livro dele foi publicado. Vi na Internet. – Ela pareceu ignorar o comentário dele, como se fosse insignificante, mas percebi que todos ficaram incomodados. Pensei se conseguiríamos nos recuperar. Como eu poderia conversar normalmente com Ben? Ficaria claro que aquilo o incomodava e agora também a expressão de Chloe ficara mais sombria. Seguiu-se um silêncio incômodo, que resolvi quebrar.

– Me desculpe – disse eu, virando-me para Ben, que estava sentado ao meu lado. – Por que você disse isso? Aonde você quer chegar?

Ele baixou a cabeça na direção do prato e respirou profundamente. Meu coração pareceu parar de bater quando me dei conta de que aquilo poderia se agravar e que eu não estava preparado para enfrentar aquilo.

– Desculpe, cara, não sei o que está acontecendo comigo. Chloe, me desculpe. Sinceramente, não sei por que eu disse isso. Sienna, me perdoe – concluiu, encolhendo os ombros como se tivesse pegado sem querer no meu guardanapo ou usado o garfo de sobremesa antes da hora. Um desliz sem importância.

– Não tem problema. Desde que esteja tudo bem – falei, olhando para Chloe para tranquilizá-la. Eu realmente só queria que aquela merda toda acabasse; parecia que só agora conseguira convencer Chloe de que Sienna e eu não tínhamos um caso.

Naquele instante, as conversas nas mesas em volta da nossa pareceram ficar mais altas; dava para ouvir as pessoas detonando seus lança-confetes e gargalhando estridentemente. Torci para que a energia da sala dissolvesse o horror daquele momento. Uma couve-de-bruxelas atravessou o ar e me acertou na nuca. Nem precisei olhar para saber que obviamente fora lançada por Tom, mas fiquei bastante satisfeito com a distração. Apanhei-a do chão e ameacei-o com ela, rindo sozinho quando me virei.

– Bem, Sienna, que fique entre nós, mas acho que em breve teremos um trabalho dos grandes – disse Chloe, inclinando-se para Si e sorrindo para ela. Uma mudança de assunto perfeita. Essa era minha garota.

– Sério? Me conta – respondeu Sienna, raspando o molho de carne do prato com um pedaço de pão.

– Acho que a Sarah... sabe, a editora da *SparkNotes*? Acho que ela vai sair daqui a uns meses, mas você não pode dizer a ninguém... – falou, baixando significativamente o tom de voz.

Enquanto as duas conversavam, aproveitei a oportunidade para falar com Ben. – Tem certeza de que está tudo bem, cara? – perguntei, com alguma audácia. Ainda não digerira o que ele acabara de dizer. Sienna sempre dera a entender que ele não se importava em absoluto com nossa amizade, por isso eu ficara meio espantado com aquele comentário.

– Não sei – respondeu calmamente, inclinando-se para a frente como se carregasse nos ombros todo o peso do mundo. Ah, merda. Lá vinha.

– Meu pai não está bem, Nick. Nada bem, mentalmente. Está sendo um pouco difícil, confesso. Acabo dizendo besteiras como aquela, sabe, sendo inconveniente com pessoas que não fizeram nada de errado para mim. Me sinto sozinho. Acho que ninguém pode entender – afirmou.

Eu admirava aquilo nele. Sua sinceridade. Dava para entender por que Sienna gostava dele.

– Lamento muito por isso. Sei como é quando se está estressado, perdemos a cabeça com coisas pequenas – disse eu, tentando trazer conforto de alguma forma.

Ele se aproximou de mim e baixou o tom de voz, mantendo um olho nas mulheres.

– Não a tenho tratado bem. Simplesmente não consigo estar em todo lugar ao mesmo tempo. Acho que não estou sendo suficientemente bom para ela.

Recuei um pouco, dando uma olhada em Chloe e Sienna esperando que não nos ouvissem. Uau. Aquilo sim era sinceridade. E uma grande responsabilidade para mim. Tudo o que eu dissesse nessa hora poderia ter um grande impacto no futuro de minha melhor amiga.

Olhei para ela com O Vestido, que caía sob o pescoço, revelando suas delicadas clavículas. Estava rindo com Chloe e brincando com uma mecha de cabelo. As duas estavam completamente envolvidas na conversa.

– Certo, OK... Ben, não quero dizer nada errado. O que você vai fazer? – perguntei, num sussurro, tão baixo que quase não se ouvia. Por um instante, ficamos olhos nos olhos. Quase conseguia ver o receio em suas pupilas.

– Deixá-la – falou, sem pestanejar.

Meu sangue gelou. Olhei rapidamente para Sienna, aterrorizado, rezando a Deus para que ela não tivesse ouvido, mas ela e Chloe continuavam absortas. Remexi-me na cadeira, sem jeito, tentando ser discreto. Tive vontade de sacudir seus ombros para botar algum juízo na cabeça. *Que ideia é essa, cara?* Senti culpa, mesmo não sendo eu quem dizia essas palavras. Como se não estivesse agindo corretamente com ela só por estar ouvindo aquilo.

– O quê? Ben, não, deixa disso. Tenho certeza de que vocês conseguem superar – supliquei, abominando a possibilidade de ela ficar magoada. Abandonada. Sozinha. – Ela gosta tanto de você, cara, vamos lá. – Eu já estava implorando.

Aquilo era tão inapropriado. Por que ele estava me revelando aquilo a apenas um metro de Sienna? A verdade é que, se você pudesse ter o orgulho de dizer que Sienna Walker era sua namorada, você nunca a deixaria. Você a encheria de beijos. Iria agarrá-la todas as noites. Faria *qualquer coisa...*

– Olha, não quero ofender você, mas você tem algum problema por eu e Sienna sermos tão próximos? Porque, para ser sincero, Chloe já teve. Mas agora ela sabe, sabe que não é... entende? – Eu lutava para concluir a frase, mas acho que ele entendeu a mensagem.

– Eu sei que não tem nada acontecendo, Nick – explicou, me encarando de novo. – Mas é difícil saber que você é o número dois, entende?

Foi como se o som tivesse sido desligado e o rosto dele se desfocasse bem em frente aos meus olhos.

– O que você quer dizer com isso? – Pousei o garfo na beira do prato, sentindo um frio no estômago. A fome desaparecera.

– Bem, eu sei que não há nada entre vocês, não se preocupe. O problema é que ela adora você, Nick. Ela adora você terrivelmente, você é o melhor amigo dela e para mim é muito difícil conviver com isso. – Ele me pareceu de novo envergonhado, mas fiquei profundamente impressionado com a sinceridade com que admitiu aquilo.

A franqueza dele é muito rara, mas revigorante. Como seria se todo mundo se comportasse assim? “Desculpe, mas deixei de sair com você porque quando você tirou a roupa sua bunda me assustou” ou “Fui para longe de você no trem porque seu hálito tem cheiro de traseiro de burro.” As pessoas ficariam chateadas...

Pigarreei para dizer alguma coisa, mas não sabia o que. Sentia o rosto arder. Sienna me *adora*? *Me adora terrivelmente*? *É difícil conviver com isso*? Eu estava mesmo ouvindo aquilo? Uma parte minha queria tirar aquilo da cabeça dele, mas outra tinha vontade de dar socos no ar de tanta alegria. Ben pegou a garrafa de vinho e despejou o resto que havia em meu copo, como se quisesse varrer da minha memória sua confissão.

Fiquei ali sentado por alguns segundos. Segundos que me pareceram longos minutos, e tremendamente embaraçosos. Não percebera quanto eu significava para ela. O que eu deveria dizer, pensei, quando uma música disco previsivelmente horrível entrou em ação, me salvando da intensidade dos meus sentimentos.

Senti que finalmente estava pronto para falar.

– Bom... certo. OK. Hum... Uau. – De repente notei que estava gaguejando mais que Hugh Grant em *Quatro Casamentos e um Funeral*. Fiquei frustrado só de ouvir minha hesitação. Tentei de novo. – De certa forma, isso é louvável, Ben... e, sim, Sienna e eu somos muito próximos. Mas não me parece que seja algo difícil de conviver... Admiro muito você, me dou super bem com você. Não quero que isto se torne um problema... Cara, ela gosta muito de você. – Ufa!

Ele pareceu aliviado, mas ainda assim perturbado. Sua expressão ainda apresentava sinais de preocupação. Era um homem assustado, e eu tinha o horrível pressentimento de que ainda estava prestes a fugir dela.

– Nick, Nick! Vem cá, você tem de ver o que a Lydia fez com as cenouras! – veio um grito urgente de Tom, que já estava tremendamente bêbado apesar de ainda ser cedo. Levantei a mão na direção dele quando ele colocou seu peso sobre meus ombros, debruçando-se em cima de mim, às gargalhadas.

– Tom, por favor... parece ótimo, mas estou aqui no meio de uma coisa... Daqui a pouco vou lá, está bem?

– Está bem, seus chatos de merda – falou ele, despenteando meu cabelo antes de ir embora tropeçando. Idiota.

– Seja como for. Deixa disso, Ben...

– Meu Deus, desculpe, Nick. Sou um idiota. Está tudo bem. Vou resolver isso. – Ele juntou os talheres no prato para indicar que já terminara de comer.

– Por favor, não a deixe. Por favor?

Mal acreditava que estava implorando daquele jeito. Simplesmente não suportava a ideia de vê-la sofrer. Especialmente quando a olhava do outro lado da mesa e a via sorrindo como uma estrela cintilante. Virei para ele, mas Ben desaparecera.

O resto da noite foi uma bruma ébria. Lydia construíra um homem nu com legumes, que depois percorreu o salão numa grande travessa quadrada. Quando chegou em nossa mesa, conseguiu deixá-lo cair, fazendo de mim o homem mais odiado da noite por arruinar a obra de arte dela. Felizmente, um cosmopolitan foi suficiente para que Lydia me perdoasse.

Tom conseguiu ficar tão embriagado que cantou *Barbie Girl* três vezes seguidas no karaokê, ainda assim levando a plateia ao delírio como se fosse Jon Bon Jovi. Eu e Chloe dançamos músicas lentas, com as minhas mãos em volta da cintura dela e me recordando da última vez que tinha dançado daquele jeito.

– O que aconteceu agora pouco, querido? – perguntou ela, envolvendo meu pescoço com uma mão e brincando com meu cabelo. Aquilo arrepiou todos os pelos das minhas costas.

– Hum, não sei... Não tenho certeza do que está acontecendo entre Ben e Sienna. Tentamos conversar sobre aquele comentário idiota que ele fez.

– Acho que é o tipo de coisa que eu falaria tempos atrás, quando eu agia como uma boba. – Ela revirou os olhos, lembrando do absurdo da situação. – Amo você, Nick Redland – disse ela, me dando um beijo no nariz.

– Também te amo – falei, satisfeito por ela estar feliz naquela noite. Talvez assim eu conseguisse dormir um pouco.

Mas não foi bem assim. Chloe me arrastou para nosso quarto do hotel e isso foi o fim da festa de Natal e o início de outra mais íntima. Tentei detê-la – achei feio sair assim tão cedo –, mas as coisas que ela ficava me sussurrando no ouvido não deixavam que eu me concentrasse em mais nada, então fugimos correndo escada acima, dando risada. Ela se esforçava para andar em cima do salto alto e acabei carregando-a sobre os ombros pelo resto do caminho, como um bombeiro.

Era cerca de uma da manhã e estávamos indo dormir quando ouvi no corredor algo que me pareceu alguém soluçando. E então... silêncio. Era estranho. Fiquei deitado por uns minutos achando que fora imaginação minha. Bom, quem quer que tivesse sido, já fora embora...

E então ouvi outra vez. Merda, parecia Sienna.

Afastei cuidadosamente o braço esguio de Chloe que envolvia meu tronco e o coloquei suavemente sobre o colchão. Fui na ponta dos pés até a porta, vesti uma camiseta que levava para usar de manhã e encostei o ouvido na superfície de madeira. Ainda estava ligeiramente bêbado, mas bem melhor que antes. O som parecia mais distante agora, então abri silenciosamente a porta e saí. Sim, sem dúvida era Sienna. Mas onde ela estava?

Dei a volta no corredor, o carpete vermelho me arranhando a planta dos pés. As paredes eram iluminadas por luminárias antiquadas em formato de concha. Horríveis. Apesar disso, o corredor estava bastante escuro, e meus olhos sonolentos tentavam se ajustar à pouca luz. Apoiei uma mão na parede e fui seguindo pelo tato. Não havia mais ninguém ali, e a única coisa que quebrava o silêncio era o som de angústia ali perto.

O soluçar diminuía e havia uma respiração mais pesada. Uma fumaça de cigarro preenchia o ar. Era imperdoável, pensei, já com os olhos meio irritados. Não era típico de Sienna... Meu Deus, talvez fosse outra pessoa qualquer, e eu estivesse prestes a ser obrigado a confortar alguém completamente por acaso. Poderia até ser que, acidentalmente, meu pinto acabasse aparecendo por baixo da cueca e isso deixasse a pessoa ainda mais traumatizada.

Dobrei mais uma esquina e através da espessa fumaça vi um pedaço de tecido verde e,

debaixo dele, Sienna. Ela estava ligeiramente iluminada pela luz verde da saída de emergência à esquerda dela.

– Quem está aí? – perguntou ela, num tom levemente embriagado. Tentou enxergar através da névoa, com um olho fechado e o rosto todo borrado de rimel. Uma mecha de cabelo encaracolado se soltara do coque. Pendia sobre o rosto, pairando ao redor do maxilar. Meu Deus.

Engatinhei pelo chão apoiado nos cotovelos.

– Emergência. Emergência. Tenho de salvar você deste inferno – falei, fazendo minha voz de robô.

Tinha um cigarro branco no meio dos dedos, a ponta brilhando intensamente naquela luz tênue. De alguma maneira, no meio daquele pesadelo, ela conseguiu rir.

Levantei do chão com esforço e sentei ao lado dela.

– Senhorita Walker. O que você está fazendo sozinha neste corredor? Onde está seu homem? O que aconteceu? – Puxei suas pernas de debaixo do vestido e as coloquei sobre meu colo.

– Não tenho mais homem – disse, com a voz embargada. Deu uma grande tragada no cigarro e depois o passou para mim.

Aquele idiota.

– O quê? O que aconteceu?

Obviamente, minha conversa encorajadora não tinha dado muito certo.

Ela encostou de novo na parede, o vestido apertando o pescoço devido ao modo como estava sentada.

– Ele disse que as coisas estão muito complicadas na vida dele neste momento e que não está me dando a atenção de que preciso – concluiu, pegando de novo o cigarro e dando mais uma tragada. Já estava chegando perigosamente perto das letras do filtro. Peguei-o de volta e o atirei por uma janela aberta próxima dali. Ela soluçou.

– Que merda, Sienna. Lamento muito – eu disse, colocando os braços dela em volta do meu pescoço.

– Tudo bem. Não é culpa sua – respondeu, com sua voz adorável, como uma Audrey Hepburn moderna.

– Bem, eu continuo adorando você, minha pandinha – falei, afagando seu cabelo junto à testa para confortá-la.

Ela não falou nada, mas me apertou um pouco mais.

– Será que algum dia vou encontrar um cara legal, Nick? Quer dizer, já tenho 24 anos, pelo amor de Deus – choramingou, sem a menor noção de quanto ainda era jovem e ainda tinha pela frente.

– Claro que vai. Você é uma garota maravilhosa, então acho que vai conseguir bem mais do que um “cara legal”. Legal é um termo bobó... – comecei. – É chato, parecido com um biscoito – disse, dando risada, completando a minha ideia e imitando minha voz ao mesmo tempo. Era uma expressão que eu já usado algumas vezes.

– Não, sério... O que eu vou fazer? – Ela olhou para mim com um ar inexpressivo. Era como

se já tivesse chorado tanto que não sobrara nada a não ser perguntas vazias.

– Gostaria de saber a resposta, Sienna. O homem com quem você vai se casar está andando por aí. Está vivo neste momento, em algum lugar. Pode estar na Austrália de mochila nas costas com os amigos; pode estar trabalhando num bar na China; pode ser um grande advogado americano; pode ser um músico; pode estar levando a vida em Londres neste exato momento... E um dia desses vocês se cruzam. – Ela sorriu ao me ouvir dizer isso, como se tivesse trazido algum consolo.

– Onde é o seu quarto? – continuei. – Não quero ver você aqui deitada, se intoxicando num corredor. Ainda por cima, esse vestido é lindíssimo. Si, você vai deixá-lo com cheiro de esgoto. Aliás, onde você o arrumou? – perguntei, passando o polegar sobre uma das manchas pretas no rosto dela. Borrava como carvão.

Ela riu novamente.

– Ah... É uma longa história. Bem, na verdade me disseram que este vestido mudaria minha vida, mas não era exatamente isso que eu tinha em mente. Meu quarto é o 204, acho – continuou, mudando rapidamente de assunto, apertando os olhos e envesgando ao olhar a chave que segurava em frente ao rosto. O que ela quis dizer com relação ao vestido? Não parecia estar dizendo coisa com coisa.

– Nick, não quero voltar para o quarto. Posso ficar aqui sozinha? Por favor? – Ela estava estranha. Mas as pessoas ficam mesmo estranhas quando estão magoadas e bêbadas.

– Não, nem pensar – afirmei, levantando e segurando-a em meus braços ao mesmo tempo. Era leve como uma pluma.

Com uma mão, ela retirou o elástico do cabelo, fazendo com que se desmanchasse e caísse, ao mesmo tempo que jogou a cabeça para trás, exausta. As compridas faixas de tecido faziam uma trilha atrás de nós, como a cauda de um dragão verde. Era lindo. Gostaria que alguém tivesse fotografado.

“Não me ligue. Nunca mais.”

Nick

Tudo começou com um prato. Chloe estava de pé na cozinha, segurando-o nas mãos quando voltei da rua. Saíra apenas para comprar grãos de cominho e pão e, quando menos espero, o maldito prato foi lançado pelo ar, errando por pouco minha orelha antes de espatifar-se em mil pedaços contra a parede atrás de mim.

– Que merda é essa, Chloe? – gritei, parado na entrada e tremendo de raiva. Foi aterrador. Quer dizer, um pouco de jogo duro e paixão inflamada era bastante divertido, mas aquilo era ridículo. Havia laranjas bem ali ao lado; ela bem que poderia ter pegado uma delas...

– Para mim, chega, Nick, já deu – gritou, segurando meu celular na mão e passando como um raio por mim em direção à escada. A tela brilhava no escuro, iluminando o rosto dela e transformando a doce e etérea Chloe no monstro de Frankenstein.

Eu não fazia a menor ideia de sobre o quê ela estava falando. Fiquei no corredor da entrada por uns instantes, gotas de chuva se infiltrando em meu cabelo e escorrendo pela minha testa. Apenas alguns minutos antes eu estava pagando no balcão da loja da esquina, falando do tempo e das últimas partidas de futebol. Não é que estivesse escapado para um bordel, ou me metido com alguma amante. Aquilo já estava me levando à loucura. E aquele prato era caro. Deixei os sacos no chão e subi a escada atrás dela.

Ela estava sentada na beira da cama, chorando. Chorando de raiva.

– Chloe, vamos lá – falei calmamente, sentando-me ao seu lado, mas ela me afastou. Com força. Senti o peito saltar quando ela me empurrou para trás.

– Não, fique longe de mim, seu merda! – berrou, agora tão alto que percebi que os vizinhos iam ouvir tudo. A maquiagem dela escorria pelo rosto. Estava com uma cara péssima.

– O que é que eu fiz? Há dez minutos você estava bem, Chloe, e agora parece até que assassinei seu gato. Como assim? Não aguento mais isso! – gritei em resposta, sabendo que perdera a paciência. Se é que ainda me restava alguma.

– Quer saber o que você fez? Não se faça de bobo! Leia isto – disse ela, esfregando a tela brilhante do meu celular em meu nariz, o que cancelou a mensagem imediatamente. E então passou por mim furiosa, deixando um rastro de raiva atrás dela.

Peguei o celular e chequei as mensagens recentes. Ah, que merda, era de Amélia:

Oi, Nick. Estou com muita saudade de você. Precisamos fazer algo em relação a esta situação. Liga para mim, por favor. Bjs, Amélia.

Depois de tanto tempo...

– E então, o que você tem a dizer em sua defesa? – falou, com a voz esganiçada, regressando ao quarto e batendo os saltos com força no chão de madeira. Eu estava chocado.

– Bem, simplesmente não me vou defender. Sim, é minha ex-namorada, de muitos anos atrás, e qual é o problema se ela ainda sente algo por mim? Não é culpa minha. – Tentei explicar calmamente, sabendo que era uma situação complicada, mas sem a menor vontade de assumir a

responsabilidade.

– Nem vem, Nick. Não acredito em você. Por que ela ainda tem seu número? E o que ela quer dizer com *esta situação*, hein? – Ela olhou fixamente nos meus olhos, respirando com tanta intensidade que os ombros dela subiam e desciam.

Aquilo era horrível.

– Pois é, ela me enviou um SMS. Eu não mando mensagens para ela desde que nós terminamos, ainda assim a culpa é minha? – perguntei, seguindo-a enquanto descia a escada balançando meu celular no ar. Era uma cena ridícula. Completamente louca. – E, Chloe, será que dá para você tirar a droga do sapato, por favor? Assim você vai esburacar o chão.

– Não vou tirar nada, Nick, porque já estou de saída – disse ela, fumegando de raiva e atravessando o corredor com uma mala enorme nas mãos.

– Ah, Chloe, isso é ridículo. O que você quer que eu diga? – Segui-a com os braços estendidos. Já estava começando a sentir-me bastante irritado. Nunca tinham desconfiado de mim dessa maneira. E também eu nunca lhe dera motivos para desconfiar de mim. Eu até compreendia que ela se preocupasse com Sienna, mas já fazia tempo que tínhamos superado isso.

Ela começou a atirar suas coisas na mala. As velas, as almofadas, aqueles trecos esquisitos, como uns seixos, que ela dispunha em potinhos. Aquilo ela podia levar. Olhei para ela e não vi a Chloe por quem me apaixonara, somente uma jovem zangada e insegura. Tive pena dela. Sempre houvera vestígios disso em sua personalidade, mas ela conseguira compensar com o amor selvagem que me dedicava. Eu a amava. Dizia isso a ela o tempo todo, sussurrava isso em seu ouvido à noite, escrevia em Post-its e os deixava em seu almoço. Eu a *amava*. Ou pelo menos pensava que sim.

– Então você vai embora, assim sem mais nem menos?

– Sim, sem mais nem menos – rebateu, quase chicoteando meu rosto.

Afundi no sofá enquanto ela esvaziava sistematicamente o espaço à minha volta. Se ela tentasse levar meu CD do Radiohead, juro que...

Meu lar. Minha garota. Os dois se separavam, e eu me sentia impotente.

– Chloe, você sabe que eu a amo. Não sei o que mais posso dizer. É alguma outra coisa? – perguntei, tentando suavizar sua fúria. Percebi que me zangar não ajudaria em nada; tinha de engolir o orgulho e tentar usar as palavras para convencê-la. Persuadi-la a se afastar daquele estúpido penhasco de onde estava prestes a pular.

– Bem, seus olhos sempre estiveram em outro lugar, Nick, por isso é melhor eu ir embora.

– O que você quer dizer com isso? – perguntei, genuinamente confuso.

– Quando vamos a restaurantes você fica olhando para as garçonetes, quando vamos ao parque você fica olhando outras garotas, e além disso tem todos aqueles presentes escondidos e telefonemas secretos para Sienna e agora essas mensagens íntimas... Você é um traidor idiota e horrível.

Aquelas palavras doeram como um soco. *Traidor idiota e horrível*. Nunca mulher alguma me dissera nada parecido. Lembrei de todas as refeições que tínhamos feito juntos e os dias no parque tomando sol. Eu olhara para outras garotas? Tenho certeza de que não... E não dava para

acreditar que ela estava outra vez falando de Sienna, já tínhamos discutido esse assunto um milhão de vezes. Eu estava completamente confuso, desorientado e agora bastante zangado.

Depois de ter guardado as coisas dela que estavam na sala, ela foi para o andar de cima. Até os DVDs que havíamos comprado juntos ela levou, mas achei que não valia a pena falar nada. Fiquei sentado durante uma hora ouvindo os passos dela lá em cima. Não sabia o que fazer. O que afinal eu poderia fazer? Queria que ela ficasse? Queria? Queria mesmo ser acusado de coisas que não fizera? Queria mais daquelas discussões loucas seguidas de sexo selvagem, como dois animais desorientados?

Eu precisava de Sienna. Ela saberia o que fazer. Ela sempre sabe o que fazer. Fiquei sentado por mais algum tempo e afundei a cabeça nos joelhos, torcendo para cair no sono e aquilo não passar de um sonho. Amélia, muito obrigado...

Um tempo depois, Chloe já empilhara algumas malas junto à porta da frente, umas quatro ao todo. De lá saíam saltos de sapato, cabides, garrafas, uma escova de dentes. Todos aqueles objetos que tanto tinham me assustado quando começaram a aparecer por todo o lado...

Então ela fez a última descida pela escada. Fui em sua direção, para poder conversar. Ainda parecia furiosa. Tentei puxá-la para mim, mas de novo ela me afastou, agitando os braços para se soltar de mim. Perdi a paciência.

– Chloe, estou muito chateado com isso. Nunca trai você. Por isso mesmo acho até que é melhor assim – falei, as palavras jorrando de minha boca.

Ela encostou outra vez o nariz no meu, franziu a cara e me disse suas últimas palavras:

– Não me ligue. Nunca mais.

Bem, isso ia ser interessante, considerando que trabalhávamos no mesmo lugar.

E assim foi. Pegou as malas, bateu a porta com força e ouvi as pedrinhas do estacionamento sendo esmagadas pelo pneu do carro dela quando deixou rapidamente minha casa e ganhou a rua.

Olhei para os grãos de cominho e para o pão tristemente enfiados dentro do saco azul na cozinha e pensei o que, afinal, eu devia fazer. Sentei nos primeiros degraus da escada e peguei o telefone com o dedo suspenso sobre o número 2. Tocou duas vezes e ouvi a voz dela.

– Sienna, posso passar aí?

Sienna

Nick chegou à minha casa por volta das oito da noite, com cara de cão abandonado. Um cão triste e abandonado. Um galgo, para ser mais precisa. Sempre achei que ele era um pouco parecido com essa raça...

– Entre, Nick – disse meu pai, ao abrir a porta, agarrado ao friso da parede para segurar-se melhor.

Assim que disse que Nick vinha, ele juntou um monte de livros sobre o Congo, sua mais recente obsessão. Tentei avisá-lo de que poderia não se tratar desse tipo de visita. Deu para perceber pelo tom de voz de Nick.

Estava sentada no sofá quando ouvi a porta bater. Levantei quando ele entrou, meio espantada por vê-lo tão ensoopado. Tinha gotas de chuva escorrendo por seu rosto e a franja estava espetada,

dando-lhe um ar de integrante de uma boy band.

– Nick, o que aconteceu? Vou buscar uma toalha – exclamei, dirigindo-me ao banheiro.

– Ah, bem, não se preocupe. Podemos conversar mais tarde – disse, sentando ao lado de meu pai, que imediatamente começou a mostrar os livros para ele. Passei-lhe uma toalha de rosto pink e voltei para o meu lugar. Fosse o que fosse que acontecera a Nick, era impossível perceber, pois começou logo a dar atenção ao que o meu pai aprendera nesse dia. O jeito que tinha com ele era incrível.

Preparei um chá e coloquei alguns biscoitos numa de nossas melhores travessas. O fato de ele estar aqui me trazia uma sensação de aconchego. Era uma sensação que eu quase nunca tinha.

Sentei na cadeira e fiquei assistindo aos dois enquanto viravam as páginas, apontavam para as fotos e examinavam as anotações de meu pai. Era como se nada mais no mundo interessasse. A lápis, ele desenhava mapas, gráficos e linhas de pensamento. Era incrível.

Pouco depois, quando meu pai foi até a geladeira buscar uma cerveja para Nick, aproveitei para falar com ele num tom suave.

– Nick, você está bem?

Ele levantou a cabeça para mim e pude ver em seus olhos. Algo de muito ruim acontecera.

– Não muito – respondeu, suspirando profundamente e esfregando o cabelo com a toalha.

A camiseta dele estava grudada no corpo e dava para ver o contorno de cada músculo. Pare, Sienna. Concentre-se.

– Chloe me deixou esta noite. Ela acha que eu a traio. – Ele olhou para a mesa, quase envergonhado. Tinha um olhar tão culpado que por um momento me perguntei se teria mesmo feito algo assim.

Inclinei-me para a frente para ficar mais perto dele.

– E você não fez isso, quer dizer, não a traiu, não é?

Meu pai voltou e sentou, observando-se. Suas pálpebras estavam começando a pesar sobre os olhos, como cortinas de um teatro.

– Não, não, claro que não. É ridículo, sério. Fui à loja comprar umas coisas para o jantar. Deixei o telefone na cozinha, Amélia me enviou uma mensagem completamente despropositada, e, é óbvio, Chloe a leu. – Ele parecia mortificado.

– Ah, meu caro. O que dizia? – perguntou meu pai, genuinamente preocupado.

Nick pegou um biscoito de chocolate e deu uma mordida, deixando uma marca perfeita de seus dentes.

– Que ela tinha saudades minhas, essas coisas. Sério, eu não falava com ela desde que nos separamos, e isso faz muito tempo.

– E o que Chloe disse? – perguntei a ele. Talvez tivesse sido somente uma daquelas discussões que eles tinham. Aquelas que pareciam ter com frequência...

– Basicamente, acusou-me de traí-la. Disse que eu estava sempre olhando para outras mulheres e coisas do gênero. Fez as malas e foi embora. – Ele se curvou ao contar aquilo.

– Lamento muito saber disso – disse meu pai, enquanto Nick bebia sua cerveja ansiosamente.

– O que você vai fazer? – quis saber, sentindo de repente um frio no estômago. Fiquei pensando por que me sentia assim. Bem, para ser sincera, até sabia. Embora eu desejasse que ele fosse feliz e se assentasse na vida, ao mesmo tempo sabia que podíamos voltar a ser o que éramos antes. Eu e Nick, nos divertindo... Eu sabia que estava sendo egoísta. Antes que ele conseguisse responder, meu pai falou.

– Pessoal, estou lutando para ficar acordado. Não leve a mal, Nick. Vou ter de ir para a cama – anunciou, deixando a cabeça cambalear para a frente por um momento antes de conseguir se recompor.

– Não tem problema, George. Obrigado por ouvir – brincou Nick, dando mais um gole de sua lata.

Dei a mão a meu pai e o acompanhei até o quarto, para evitar que caísse. Entrou pesadamente na cama e tomou seus comprimidos. Quando beijei seu rosto, ele disse algo estranho:

– Cuide dele, Si. Ele ama você. Você sabe disso, não sabe?

– O quê?

– Deixe... deixe pra lá – disse, já tremendamente cansado e deixando a cabeça tombar suavemente sobre a almofada.

Que estranho, pensei, enquanto o cobria com o edredom. Ele tinha um ar tão doce, pensei, enquanto fiquei ali olhando-o respirar por alguns instantes.

Quando retornei à sala, Nick passara para o sofá de dois lugares.

– Vem cá, Si – chamou ele, inclinando pesarosamente a cabeça.

– Ah, querido, não se preocupe. Nunca se sabe, talvez vocês ainda possam se entender. Não é? – perguntei, aconchegando-me ao lado dele.

O meu coração batia acelerado. Senti de repente aquele nervosismo que já sentira quando estava com Nick. Quando éramos só nós dois, fazendo qualquer coisa juntos. Ele puxou os meus ombros para baixo e repousei a cabeça no peito dele, envolvendo-o com meu braço direito e prendendo-o com força. Senti aquele calor invadir meu corpo. O coração dele também batia com intensidade, eu conseguia ouvir cada batida. Passei as mãos pelas costelas dele, que senti por baixo da camiseta úmida. Aquele cheiro familiar de Nick preencheu minhas narinas. Já fazia tempo que não ficávamos assim tão próximos. Ele não disse nada, apenas passava os dedos pelo meu cabelo. Era como se tocasse meu coração.

Aquela sensação dolorosa estava voltando. A dor que me atormentara durante anos. Eu conseguira me distrair com novos namorados, missões para alojar os sem-teto e alguns sérios, porém malsucedidos, esforços para obter uma promoção no trabalho. Agora ela estava de volta, e eu queria afastá-la. Não me sentia capaz de voltar a lidar com ela.

– Tem tido notícias de Ben? – perguntou Nick, de repente, enquanto afastava meus cabelos do pescoço. Aquilo me arrepiou as costas.

– Não. Já faz algum tempo. Eu achei que ele fosse voltar para mim correndo, mas isso nunca aconteceu, então acho que certamente posso desistir desse.

– Tem saudade dele? – quis saber.

Se tenho saudade dele? Fiquei pensando nisso... As semanas após à noite da festa de Natal em que Ben me deixou tinham sido passadas como se uma nuvem escura pairasse sobre minha cabeça. Sempre que o telefone tocava, tinha esperança de que fosse ele. Mas terminava sempre desapontada, e depois minha desilusão se transformou em raiva, amarga como café. Raiva porque ele dissera que me amava e me deixou. Ele não devia me amar de verdade, não é? Não se deixa quem se ama. Foi assim que descobri que minha mãe não me ama. De outra maneira, ela nunca teria sido capaz de fazer as malas e partir.

– Não mais. Ainda penso nele, mas acabou, não é? Não adianta insistir nisso.

Ele suspirou outra vez. O modo como passava as mãos pelo meu cabelo estava me dando sono. Eu me sentia tão relaxada que era como se todas as partes do corpo estivessem se afundando nele e no sofá como grãos de areia.

O relógio deu meia-noite.

– É melhor eu ir – disse ele, numa voz muito baixa.

O mero pensamento de que ele ia embora doía ainda mais. Não sabia por quê. E então, da minha boca saíram quatro pequenas palavras. Não foi planejado. – Por favor, não vá.

Nem acreditei que dissera aquilo. Tentei rapidamente consertar.

– Desculpe, não quis dizer isso. É claro que você deve ir embora... – Parei no meio, corando junto à camiseta macia dele e em seguida me afastando.

Ele ficou ali por uns momentos, olhando para mim. Era tão atraente que até doía. Continuava deixando meu coração acelerado como no dia em que o vi pela primeira vez no trem, quando instantaneamente o cataloguei como o homem mais belo do vagão, se não do mundo. Era uma constatação arrojada para uma garota de 22 anos que nunca fora mais longe que Paris numa excursão da escola. Ridículo, na verdade, não era?

Deu para perceber, antes de se levantar, que a mente dele estava num turbilhão.

– Desculpe, Si. Obrigado pelo convite, mas agora estou muito cansado mesmo. Acho que preciso ir para casa ordenar as ideias.

Fiquei envergonhada. Fizera de novo. Pelo amor de Deus. Igual àquela vez em que me pareceu uma excelente ideia ir para a cama e me enroscar nele.

– Não se preocupe. Na verdade, nem sei por que falei isso!

Ele me puxou para mais um abraço antes de calmamente ir embora, ainda com a cabeça abaixada, como um homem entristecido.

Nessa noite, não dormi bem. Nada bem.

Nick

Nick Trinta e dois anos. Solteiro.

Nick Trinta e dois anos. Solteiro.

Oh, lá vamos nós de novo, pensei, enquanto me sentava à mesa, aplicando o Photoshop num par de seios para um artigo sobre operação plástica. Que infeliz eu sou. Sou mesmo um infeliz. A ansiedade me corroía. Onde está sua mulher, Nick? Ah, não, você não é casado. Filhos? Claro que não. E aquele estúdio de arte que você tanto ambicionava? Só se for em sonho.

A porta da minha sala estava fechada e a persiana, abaixada. Estava trabalhando como uma criatura enfurecida e desfigurada que passara tanto tempo nas trevas que se transformaria em cinzas se colocasse um pé para fora.

Não queria ver Chloe andando para lá e para cá no escritório e olhando para mim como se eu tivesse acabado de sair da bunda de um pombo. Era por isso que fizera a mim mesmo aquela promessa sobre relacionamento com colegas de trabalho. Não seria surpresa se meu próximo chá contivesse arsênico dentro... Ela faltara uns dias ao trabalho depois de termos terminado, e eu bem que torcia para que nunca mais voltasse, mas voltou.

Uma mensagem instantânea na minha tela me tirou bruscamente da minha espiral de autopiedade. Era de Tom.

– DEIXA DISSO, CABEÇÃO. NÃO FICA TRISTE :-(

Suspirei e sorri. Era um bobo, mas gostava dele

– Vou ficar bem, Tom, relaxa. Vamos beber uma cerveja mais tarde. O que você acha?

– SIM, SIM E SIM. NA VERDADE, VAMOS BEBER SETE CERVEJAS E DORMIR EM ALGUMA CAÇAMBA POR AÍ. QUE TAL?

– Uma saída noturna perfeita.

– FALAMOS MAIS TARDE, CABEÇÃO.

Não pude deixar de sorrir ao pensar nas pessoas ao meu redor e no quanto eram fantásticas. Não fantásticas em termos de mudar o mundo, ou mesmo de mudar suas roupas íntimas, mas estava satisfeito por tê-las em minha vida. Tinha muita sorte em conhecê-las. Mesmo que jogassem coisas em mim e me chamassem de nomes relacionados com testículos.

Peguei o telefone para mandar um SMS para Ross:

Ross. Tom e eu vamos beber em Balham hoje à noite. A partir das seis no Sheep's Head. Você pode ir? Avise os rapazes. Nick.

Os rapazes. Pensei no que me teria levado a chamá-los assim. Acho que, no fundo, ainda somos rapazes, e ter passado dos 30 não mudara isso. Mesmo que agora a gente use sapatos almofadados com solas especiais e fechos de Velcro e tente não cair no ônibus, seremos sempre “os rapazes”. Algum dia, porém, este rapaz teria de crescer...

Eram quatro da tarde, faltava apenas uma hora para eu poder sair do trabalho e me divertir. Meu telefone tocou; era uma chamada interna. De repente, temi que fosse Chloe. Merda. Peguei o fone já tremendo, mas era Ant, graças a Deus. Nunca pensei que fosse ficar feliz em ouvir a voz dele.

– Nick, você pode passar na minha sala? – perguntou.

Oh, não. Provavelmente eu estava metido em algum problema, pensei, colocando o fone no gancho. Ia ter de passar pela redação. Passar pela minha ex, que provavelmente tentaria grampear meus lábios ou fazer furos extras no meu nariz. Cabeça erguida, Nick. Cabeça erguida. Senti uma pontada aguda de arrependimento pela tolice que fora não ter respeitado a regra de não sair com colegas de trabalho.

Abri a porta e atravessei a redação, com o coração batendo acelerado no peito. Dava para vê-la pelo canto do olho, mas não olhei. Não ia dar corda às mentiras dela. Após o que me pareceu

uma eternidade, alcancei finalmente as escadas que davam na sala dele. Aliviado, respirei fundo, mas estava bem curioso quanto ao que estaria por vir.

– Vamos, Nick, dá para você se apressar? – gritou ele, brincando, do alto de seu escritório, arruinando minha tentativa de ser discreto. Àquela altura, mesmo quem não tivesse me visto passar sorrateiramente agora sabia que eu estava ali.

Subi as escadas correndo e, ao chegar lá em cima, dei-me conta de que estava em péssima forma, pois fiquei quase sem fôlego. Ele vestia uma camisa azul-escuro com riscas horizontais, o que não favorecia nem um pouco sua barriga cada vez mais proeminente.

– Sente-se, Nick! – ordenou ele, com um sorriso tão largo que parecia ocupar todo o seu rosto. Quando acontecia de sorrir, era sem dúvida com vontade, mesmo que isso não acontecesse com frequência.

– O que foi, chefe? – perguntei, esticando as pernas e colocando as mãos no tronco.

– Duas coisas, na verdade. A primeira é perguntar a você por que está tão triste. – Ele empurrou na minha direção um prato de chocolates e biscoitos e tive a terrível sensação de que estava numa espécie de sessão de aconselhamento na direção. Mas as conversas de homem para homem dele acabavam sempre no ridículo.

– Eu, triste? Sério? – perguntei, fingindo não entender.

– É, você. Olha só para a sua cara, está precisando fazer a barba. E nem está mais passando suas roupas.

Ele tinha razão. Era Chloe quem costumava passar minha roupa.

– Vamos lá. Já soube de você e Chloe. – Enfiou um punhado de chocolate na boca, com ar de quem sabia tudo.

Não ia mesmo conseguir escapar, ia?

– Vou ficar bem. De qualquer jeito, já faz alguns dias...

– Semanas, Nick. Algumas semanas. E você está com cara de quem não toma banho desde então – disse, sem rodeios, cruzando os braços.

Eu *tomara* banho... e não fazia assim tanto tempo, ou será que fazia?

– Bem, tenho ótimas notícias para você. Ela vai embora.

Oh, graças a Deus, pensei. Tive vontade de gritar de alegria. Isso era fantástico.

Ocultei meus sentimentos.

– Que pena. Para onde ela está indo?

Ele espiou por cima de meu ombro numa tentativa desajeitada de verificar se ela não estava olhando, e então se inclinou na minha direção e sussurrou. – Não diga para ninguém, Nick.. E vai ser um choque. Ela está se mudando para ir viver com o antigo namorado, um cara que conheceu na universidade, ou coisa parecida. Penso que as “negociações” com certeza se iniciaram quando vocês ainda estavam juntos...

Que grande merda. Traído. Mais uma vez. Então era por isso que ela estava se comportando daquele jeito. Não sabia direito como lidar com aquilo. Minha mente foi de volta àquela primeira vez em que almoçamos, quando ela falou de amor e de como já o experimentara.

Eu estava furioso. Estava sendo invadido por uma fúria avassaladora e incontrolável e tudo que podia fazer era ficar sentado em frente ao meu chefe e ser “profissional”. Como é que ela se atrevia a me acusar de trai-la quando era exatamente o que ela estava fazendo com outro cara?

– Desculpe, cara. Não devia ser eu a contar isso a você, mas é que não aguento mais ver você nesse estado e acho que você está precisando de uma sacudida para seguir em frente, entende?

Assenti com a cabeça, mas o que eu realmente queria era descer as escadas correndo para confrontá-la. Ela tentara fazer parecer que a culpa por ela ter ido embora era toda minha, e quase me fez acreditar nisso. Eu já não entendia nada. Sentia que já não entendia ninguém...

– E a segunda coisa... – Ant interrompeu meus pensamentos na hora certa. Antes que eu implodisse de raiva e entrasse em combustão espontânea e destruísse a sala dele. Um pé dependurado no abajur de mesa e pedaços do meu corpo espalhados na cara dele.

– Sim, Ant, o que é?

– Sarah, a editora da SparkNotes, vai embora. Vai viajar.

Tive um flashback da festa de Natal e de como Chloe soubera daquilo muito tempo antes. Ora, Chloe. Mas o que isso tinha a ver comigo?

– Estou à procura de um novo editor. É um cargo importante. E tenho uma pessoa em mente, mas preciso que você me convença. – Ele sorriu de novo.

Já estava começando a pensar que afinal ele não era assim tão mau. Uma onda de entusiasmo percorreu meu corpo, ele devia estar falando de Sienna. Queria pular da cadeira e contar-lhe fervorosamente o quanto ela era maravilhosa. O quanto se esforçava. O quanto ela merecia aquilo mais que qualquer outra pessoa na empresa. OK, não era a editoria de uma grande publicação nacional, mas já era espantoso para uma garota de 25 anos que achava que não havia nada à sua frente a não ser administrar medicamentos e erguer paredes de almofadas.

As possibilidades começaram a pipocar em minha cabeça. Como ela ficaria em sua própria sala, como poderia trazer novos ares para a revista, como teria mais dinheiro para ela e o pai poderem ter uma vida melhor. De repente, mais que qualquer outra coisa, desejei que ela pudesse conquistar tudo aquilo.

Ele olhou para mim na expectativa.

– Bem, e então Nick, você conhece o trabalho dela melhor que eu. O que você acha? Ela está preparada?

– Meu Deus, Ant, se está. Está mais que preparada. Ela é uma superestrela, é talentosa, ela, ela é incrível... – fiz uma pausa, quase sem fôlego.

Ele ergueu uma sobrancelha, desconfiado.

– Está bem, cara, calma.

Fiquei corado. Sentia o rosto arder.

– Vá embora, saia daqui – ordenou, com um riso abafado.

– Vai escolhê-la, não vai? Vai, por favor, diga que sim – implorei, debruçado sobre a mesa dele, derrubando uma pilha de papéis no chão.

– Ainda não tenho certeza, Nick, mas, assim que souber, aviso você, combinado?

Provavelmente vou tratar disso amanhã.

– Combinado. Acho melhor assim – falei.

De repente, me sentia leve e fresco ao sair pela porta e descer as escadas. Imediatamente vi Sienna sentada em sua mesa escrevendo como uma maníaca. Estava tão entusiasmado. Chloe não estava lá, graças a Deus. Certamente fora preparar uma bebida, e então fui até Sienna e sussurrei em seu ouvido. Era estranho, há muito tempo eu não fazia aquilo.

– Olá, superestrela!

Ela deu um pulo e depois olhou em volta, nervosa, como se eu não devesse ficar perto dela no trabalho.

– Nick O que foi? – perguntou, rindo timidamente.

Pisquei para ela e me afastei, indo para a minha sala. Ela pareceu confusa por um momento e depois continuou a digitar. Estava tão feliz por ela. Precisava evitá-la, pois sabia que lhe contaria tudo se estivesse com ela.

As cinco horas chegaram e partiram. Abri lentamente as persianas para ver que 90 por cento das mesas estavam vazias, incluindo a dela. O silêncio reinava na redação. A luminária de luz fria estava falhando daquele jeito que dá dor de cabeça. Olhei para o elevador e fiquei lembrando do momento em que saí de lá e ela se tornou parte da minha vida.

Às cinco e meia da tarde me levantei e deixei o escritório. Ainda tinha algum tempo antes de encontrar os rapazes, então pensei que ficaria sentado no carro um pouco e ligaria para minha mãe. Já fazia tempo que não conversava devidamente com ela. Ainda havia sol, mas a luz já estava ficando mais tênue, com listras cor-de-rosa cortando o céu. Eu me sentira um trapo durante toda a tarde, mas agora me sentia mais feliz.

– Hum... com licença. – Uma voz profunda e áspera me tirou daquele momento. Sem dúvida, era um sotaque londrino, mas com um toque refinado. Assim como a pessoa que proferia aquilo. Olhei em volta, de pé junto ao carro. Quem poderia ser...?

De repente, um maltrapilho saiu lentamente do outro lado do carro. Tinha um ar de dar medo, mas era um rosto familiar... Embora eu não conseguisse lembrar exatamente... Aquilo me incomodava. Numa mão ele segurava uma lata de Coca-Cola, na outra um saco cheio de algo que parecia pesado. Livros, talvez? Parecia zangado. Oh, não. O que ele ia fazer comigo?

– Você é Nick? – perguntou, apontando para mim com a lata. Derramou um monte do líquido castanho no teto do meu carro, que efervesceu na pintura. Merda. Estaria bêbado?

– Hum, sim. Por quê?

– Preciso entrar no seu carro – disse, num tom atravessado.

Acho que não, amigo. Ele tinha cara de morador de rua. De jeito nenhum eu deixaria que um sem-teto doido entrasse no meu carro. Nem pensar. Eu lá tinha cara de ser mais um índice nas estatísticas criminais?

Mas sou muito idiota, apertei o botão errado do chaveiro e destranquei automaticamente as portas. Entrei em pânico, e o tempo que gastei olhando para o chaveiro retardou consideravelmente meu tempo de reação. Antes que tivesse oportunidade de apertar o botão que trancava, o sujeito já abria a porta do passageiro e entrara. Ah, merda.

Ele sentou no banco, olhando fixamente para a frente, e eu fiquei sem saber o que fazer por uns momentos, passando o peso de um pé para o outro, antes de ir correndo para o outro lado do carro. Agarreí-o pelo braço magro e tentei puxá-lo para fora com toda a minha força. Meu lábio superior começou a transpirar. Bem-vindo a Londres. Perigo em cada esquina. Por dentro, eu me xingava por não ter sido mais cauteloso.

Continuei a puxar, mas ele parecia ter criado raízes no lugar, com um pé firmemente ancorado no lugar para as pernas. Minhas mãos começaram a ficar suadas e escorregar na pele do braço dele. Eu não conseguia. Ouviram-se vários resmungos, não sei se meus ou dele.

– Pelo amor de Deus, sai daí! – gritei, na esperança de que alguém ouvisse e viesse ajudar.

– Não. Me ouça – disse ele, mas comecei de novo a tentar puxá-lo. Agora ele estava se agarrando no teto do carro, e era impossível arrastá-lo para fora. O carro balançava ligeiramente sob o peso da briga. Cheguei até a apoiar a perna na porta para fazer de alavanca, mas ele se agarrava com unhas e dentes e não cedia. Desisti, batendo as mãos nos joelhos, sem fôlego e pensando no que faria a seguir. Talvez pudesse dar um soco nele? Não sou um homem violento, mas era autodefesa, certo? Fechei a mão e me preparei.

– Quem é você, porra? – berrei, minha voz ecoando atrás de mim pelo estacionamento. Eu parecia uma garota.

– Amigo, dá para se acalmar? Sou Pete. Você me conhece.

Não fazia a mínima ideia de quem ele era. Pete. Pete. Quem seria ele? Olhei para ele com atenção. O rosto dele tinha aquele aspecto enrugado de quem passa muito tempo na rua; havia rugas ao redor dos olhos que o deixavam mais velho do que na verdade era. Vestia uma camiseta preta desbotada e um jeans cheio de buracos. Então caiu a ficha.

Era Pete de Sienna. O morador de rua com quem ela sempre conversava. Aquele cara com quem eu achava que ela perdia tempo. Mas estava com uma aparência muito melhor que antes – mais robusto, barbeado. Mas ainda não completamente *arrumado*... Fiquei totalmente confuso.

– Ah, droga, desculpe – estendi a mão, mas ele a recusou, zangado.

– Deve se desculpar mesmo, sua besta – bufou, agitando os ombros para a camiseta assentar-se de novo no lugar. – E agora, vai deixar que eu fique para que possamos conversar?

– Por quê? – perguntei, ainda um pouco abalado com aquele contratempo. Continuava sem saber o que ele queria de mim.

– Porque tenho algo para lhe dizer.

Um arrepio me percorreu a espinha. Por que ele queria falar comigo? O que estava acontecendo?

– Então está bem, diga – concedi, sentando-me no lugar do motorista.

Ele imediatamente ajustou o banco, colocando-o praticamente na posição deitada. Oh, por favor, sinta-se em casa. Depois, colocou os pés para cima apoiando os tênis sujos no console. Pelo amor de Deus... Até me arrepiei. Lavara o carro havia pouco tempo.

– O que você quer? – Eu sabia que ele era “amigo” de Sienna, ou o que quer que fosse, mas, se querem saber, comportava-se muito mal.

– É sobre Sienna – começou a dizer, virando-se para mim e me fitando nos olhos. Os olhos

dele me remetiam ao inverno, eram frios e penetrantes. De repente, perguntei-me como ele aguentara esse tempo todo.

– Então vamos lá, desembucha. Tenho de sair, amigo. – Eu estava doido por uma cerveja e não tinha tempo para aquilo. Nunca demonstrara muito interesse quando Sienna me falava dele. Agora me sentia mal por causa disso.

Ele suspirou e olhou para baixo, para o lugar dos pés, que estava agora cheio de marcas de sujeira marrom. Reparei que sua mão direita tremia ligeiramente. Parecia que estava bastante nervoso. O que me deixou bastante nervoso.

– Ela ama você.

– O quê?

– Eu disse que ela ama você.

– Quem?

– Sienna, pelo amor de Deus. Pensei que você fosse mais inteligente.

– Como é que você sabe?

– Ela me disse. Quer dizer, ela sempre me diz isso. O tempo todo. Ela sempre, sempre, amou você – dizendo isso, levantou abruptamente a mão direita e me respingou de novo com Coca-Cola.

Nem me incomodei. Queria abraçá-lo. Queria pegar aquele homem magrela nos braços e agarrá-lo com força por ter-me dado a melhor notícia da minha vida. Nunca me sentira tão feliz.

– Está brincando comigo?

– Não.

– Tem certeza?

– Sim.

Recostei-me com força no banco e passei as mãos pelo rosto.

– Por favor, me conte mais – implorei, virando para ele de novo e esperando que aquilo tudo não tivesse sido somente fruto da minha imaginação.

– Nem sei bem por onde começar. Ela ficaria furiosa se soubesse que estou fazendo isso. Espero estar fazendo a coisa certa.

Fiquei sem palavras, então só conseguia concordar com a cabeça. Agora ele podia pôr os pés sujos onde bem entendesse. Nem ia ligar se pisasse em minha camisa nova ou nas cortinas caras, desde que simplesmente *me contasse*...

– Ela está apaixonada por você desde que o conheceu e nunca superou isso. Bem, ela disse que estava tocando em frente quando estava com aquele cara... como ele se chamava mesmo?

– Ben – guinchei, depois de um pigarro.

– Isso, esse. Seja como for, eu já não aguentava mais. Eu perdi minha mulher, Nick. Ela morreu num acidente de trem. O tipo de amor que eu sei que ela sente por você é igual ao que eu tinha pela minha mulher, Jenny. Não podia fingir que não sabia e não fazer nada. Já tem cinco anos, pelo amor de Deus. – Ele inclinou a cabeça para trás e derramou as últimas gotas de Coca-Cola.

na garganta. – O que você tem a dizer? Fiquei com a impressão de que você também sentia algo por ela. Quer dizer, quem não sentiria? – Ele olhou para mim como tentando investigar. Esperançoso.

– Mas é claro que eu a amo – revelei, pousando as mãos com força no volante e acionando sem querer a buzina. Ambos demos um salto.

Eu estava completamente trêmulo. Tinha de me acalmar.

– O que... o que... o que vou fazer? – perguntei a ele, gaguejando.

– Diga a ela, pelo amor de Deus, e rápido está bem? Ela é um anjo – disse ele, sorrindo ao pensar em Sienna. – Você é um homem de sorte – acrescentou.

Eu concordava. De muita, muita sorte. Ia falar com os rapazes esta noite e amanhã falaria com ela. E ia fazer com que tudo fosse perfeito.

– Tem ideia do que ela fez por mim? – perguntou ele, meio emocionado.

– Não. Não. Na verdade, nem imagino. – Para ser sincero, eu ficara cheio de ouvi-la falar da preocupação que tinha por esse sujeito. Dizia a ela que já tinha muito com o que preocupar-se. Eu estivera tão envolvido com meus problemas nas últimas semanas que nem reparara que ela ainda se encontrava com ele.

– Ela me tirou das ruas, Nick. Arranjou para mim uma assistente social e agora já tenho um lugar onde dormir. Estou num albergue. E pode ser até que eu consiga emprego e um dia uma casa só para mim. E tudo graças a ela... Eu me sinto muito mal por nunca ter agradecido a ela tudo o que fez por mim. Da última vez em que nos vimos, brigamos feio. Não sei o que dizer para resolver as coisas, mas tinha de fazer algo por ela, assim como ela fez por mim... Vá atrás dela, Nick – ele disse, começando a abrir a porta.

– Espere, não vá embora. – Eu queria saber mais. Eu achava que já sabia tudo, mas nos bastidores ela salvara aquele homem do esquecimento frio. De uma vida de carência e fome.

– Você sabe o que fazer agora. Tenho de ir – falou e saiu rapidamente do carro, batendo a porta atrás de si. Vi quando pôs o saco no ombro e desapareceu na noite.

Ela me ama. Caí sobre o volante imaginando o que deveria fazer a seguir. Aquilo era muito especial. Tinha de esperar pelo momento certo. Fiquei ali sentado no carro por uns momentos. Uma parte minha queria cancelar o drinque e dirigir até qualquer lugar onde pudesse refletir.

Percebi que estava nervoso demais para dirigir, mas senti que podia voar.

“Foram os peitos. Eles me fizeram falar.”

Sienna

Éramos só Nicke eu sentados um diante do outro num banco. Eu não reconheci onde estávamos, mas sabia que era algum lugar em Londres. Era o começo de uma noite quente. Ele me trouxera aqui com uma fita preta cobrindo meus olhos, e eu fiquei espantada quando ele a soltou e eu vi uma cena típica de rua urbana que nada tinha de especial, exceto pelo fato de ele estar ali.

Mas eu não fiz perguntas. Eu confiava nele e em seu plano genial, fosse lá o raio que fosse. Ele estava com um olhar que eu nunca vira antes. Era excitação pincelada de medo, como se algo realmente grande estivesse prestes a acontecer. E, embora este banco ficasse numa rua suja em algum lugar da cidade, ele estava usando uma camisa que o fazia parecer parte de uma campanha da Burberry. Eu nunca o vira tão bonito. Na mão direita, ele tinha uma flor. Uma rosa vermelha enorme, de um tom chocante de carmim, que fazia tudo em torno dela parecer preto e branco, exceto pela pele úmida no rosto de Nick, que refletia as luzes de néon de uma série de lojas.

Meu coração começou a acelerar-se. O que estava acontecendo? Tentei falar, mas ele estendeu a mão na direção do meu rosto e colocou o dedão sobre a minha boca, arrastando a pele de meu lábio inferior na direção do queixo. Minha respiração parou na garganta. O trânsito em volta de nós ficou fora de foco, e as pessoas desapareceram quando ele se inclinou lentamente e tirou a mão, substituindo a pressão suave com sua própria boca. Não bem me beijando, mas quase. Tão perto. Eu. Podia. Simplesmente. Derreter. Ele começou a falar enquanto seus lábios eram pressionados contra os meus. Senti-me tonta.

– Sienna, eu só queria dizer que eu...

BIP BIP BIP. Nicke a rosa e o banco e os carros foram subitamente arrancados de mim como uma toalha de mesa arrancada da mesa de um banquete. O som foi tão agudo que me fez dar um pulo, e eu me apressei a silenciá-lo. Eu estava tão sonolenta que não conseguia enxergar, mas de alguma maneira eu consegui localizar meu telefone, que estava enfiado no emaranhado de lençóis. Bum. De volta à realidade.

Era sexta-feira. Seria, provavelmente, uma sexta como qualquer outra, pensei, rabugenta, percebendo que perdera “o beijo” de meu único sonho bom em meses. Depois de um café, aceitei mais a situação. Fora, é claro, só um sonho. Nick não me amava, eu sabia disso, e a vida continuava. Era hora de cair na real.

Papai estava especialmente falante esta manhã, o que me tirou de meu charco de autopiedade.

– É sexta-feira, Sienna – disse ele, ao se recostar no sofá segurando um grande mapa-múndi diante do rosto. O mapa cedeu no meio e fez um ruído seco quando ele bateu com o punho no centro para tentar endireitá-lo. A coisa parecia que ia engoli-lo dentro de suas entranhas.

– Sim, é mesmo, papai – retruquei. O que você está fazendo?

– Bom, estou mapeando os lugares que gostaria de visitar se eu conseguisse me levantar, sair e ir viajar. Estou imaginando aonde você e eu iríamos, minha pequena. E depois, eu vou escrever sobre nossa aventura, país por país. – Ele me olhou com seus olhos que pareciam contas. Os

quatro grandes cantos do mundo cederam perto de suas mãos e se dobraram em volta de seus braços.

Isso me doeu um pouco. Eu senti aquela pontada que sempre sinto com meu pai quando percebo que ele não somente aceita as cartas sujas que recebeu neste jogo, mas também se recusa a ser definido por elas. É uma mistura de tristeza penetrante e orgulho avassalador. Uma mistura confusa. Posso imaginar que seria bem mais fácil ficar com raiva e frustrado, e parar de se importar com tudo que estivesse além das paredes de nosso pequeno apartamento londrino. Mas, em vez de ficar amargo, ele explora as possibilidades como se realmente as vivesse. Ele faz isso com lápis HB, deixando as lascas do apontador para trás conforme escreve, as quais eu tenho de recolher com pá e escova. Palavras. Desenhos. Mapas. Eu não me importo.

– Uau, parece um projeto e tanto, papai. Podemos ir à Índia, por favor? – Sentei-me ao lado dele no sofá, apontando para meu destino escolhido com uma unha pintada com esmalte escuro. Ele passou o braço em volta da minha cintura e me apertou com força. Eu retribuí o aperto.

– É claro, Sienna. Aonde você quiser. Vou pesquisar todos os lugares no nosso roteiro: a comida, os cheiros, os costumes, tudo. E, dentro de alguns meses, você poderá ler tudo sobre nossas viagens. Podemos escolher cinco lugares cada um, você e eu, e eu quero as suas escolhas o mais rápido possível, por favor – concluiu, virando-se para me olhar como se aquilo fosse real. Como se fosse realmente acontecer. Eu queria apertá-lo bem forte e ficar assim por muito tempo. Mas eu estava atrasada, então, em vez disso, dei-lhe um beijo no rosto, enfiei o último pedacinho de torrada na boca e saí correndo para o trabalho.

– Adoro você, papai – eu disse, parando na soleira para olhar para ele por um instante, preparando-me para ser engolida pelo mundo real.

– Adoro você também, Sienna – respondeu, sem levantar os olhos do mapa.

Nunca havia tempo suficiente. A vida parecia estar fugindo de mim.

Escorrendo pelos meus dedos. Era só correr para o hospital, filas de café, reuniões no escritório e entrevistas. Um caos absoluto.

Assim que cheguei lá fora, percebi que era uma manhã de verão excepcionalmente linda, e a trivialidade de minha desesperança provocada por Nick começou a dissipar-se. Parecia que a cidade toda sorria, e eu era só um pedacinho dela, totalmente arrebatada pela majestade desse dia. Os pássaros cantavam lá em cima das árvores que se perfilavam na rua, árvores tão típicas dessa parte de Londres. Frutas e legumes frescos eram exibidos diante das mercearias perto da estação, em cores tão vibrantes que eu podia quase sentir seu gosto.

Senti-me privilegiada. Era impossível vivenciar uma manhã como essa e não ser feliz. Pensei em quanto ainda tinha diante de mim, e que um dia eu encontraria O Escolhido, e, se eu fosse realmente abençoada, poderia ter filhos lindos e felizes. É claro que isso ainda estava muito longe de acontecer, mas, assim, de repente, tudo parecia tão cheio de promessas.

Peguei meu café e um exemplar do *Metro* antes de entrar no trem. Estava cheio, com corpos se espremendo em todos os cantos, jornais dobrados sob os braços e cafés precariamente equilibrados nas esquadrias das janelas e nos bancos. Quando o abafado vagão deixou a estação, uma brisa tímida entrou por uma janela aberta próxima ao meu rosto. Ela passou seus dedos suavemente pela minha franja, fazendo-a subir e descer, como se alguém a puxasse com um barbante. Deu-me algum alívio daquela aglomeração matinal.

Respirei fundo algumas vezes e olhei à minha volta. Era uma daquelas manhãs em que, em vez de enfiar o rosto num livro ou num jornal, eu inspirava Londres e sentia quão incrível ela era. Endireitei-me no banco e absorvi a energia maluca da cidade. Os rostos diferentes, as coisas estranhas que você vê nas ruas, os sons e os cheiros.

Então, lembrei-me. Como se estivesse acontecendo novamente. Era como um flashback. Lembrei-me de ter olhado por sobre o jornal, cinco anos antes, e visto o homem mais lindo que meus olhos já viram, usando uma camiseta verde. Nós olhamos um para o outro por sobre as páginas e, na hora, eu não sabia, mas algo muito especial estava começando. Era uma história de amor. Mas não do modo como se espera.

Na maioria das histórias de amor, o homem e a mulher gostam um do outro de modo igual e acabam conseguindo superar seu medo/timidez e resolver tudo. Nesta história de amor, eu, Sienna Walker, amo Nick Redland há cinco anos. E o que eu tenho para mostrar? Amor, sim, mas de um tipo muito diferente. Amor que vem com a amizade, que vale quase mais, na verdade, porque amigos não fazem sexo, encham-se e depois ficam evitando um ao outro como se tivessem doenças contagiosas.

Eu podia vê-lo agora, com aquele seu sorriso deslumbrante revelando uma fileira de dentes brancos e perfeitos. Havia algo naquele sorriso que me fazia querer ficar olhando. E eu não parei de olhar, todo esse tempo... Percebi que estava fazendo uma expressão de idiota e olhando para uma senhora idosa acomodada à minha frente que não se parecia nada com Nick. Ela mudou de posição, incomodada. Meu café também estava esfriando, então eu me acalmei e tomei uns golinhos enquanto o trem estalava sobre os trilhos.

Eu me perguntava como ele estaria. Nós mal nos víamos ultimamente. Ele se distanciara desde que Chloe fora embora e parecia um pouco estranho ontem, subitamente se aproximando e me chamando de superestrela, e depois voltando para a sua sala, sem sair na hora costumeira. Superestrela? Acho que ele estava tendo outro de seus momentos de crise por causa do que acontecera com Chloe. Ele devia estar sentado, quieto, com a cabeça caída. Achei que era melhor não interrompê-lo. Ela é louca de abandoná-lo desse jeito. Por que alguém abandonaria Nick? Por quê?

Minha mente repassou o momento em que o perdi de vista e achei que nunca mais fosse voltar a vê-lo. Como eu joguei o copo no lixo e andei até o escritório, quase me esquecendo de que vira seu rosto. Mas o estranho é que foi seu rosto que me cumprimentou quando as portas do elevador se abriram... Ah, por favor, Sienna. Pense em outra coisa, para variar, está bem? Eu disse a mim mesma mais uma vez. Mas nunca dava certo.

Quando cheguei ao escritório, Nick ainda parecia estar com o humor estranho. Mas, em vez de parecer deprimido, como estava ontem, ele rodava pelo escritório como se suas pernas tivessem sido substituídas por molas.

– Bom dia, Si! – gritou, quando eu saí do elevador, cruzando a sala quase correndo na minha direção.

– Bom dia, Nick – falei, ligeiramente confusa com a brusca mudança em sua atitude nas últimas 24 horas. Talvez ela tivesse voltado para ele. Talvez eles tivessem colocado os pingos nos is. Ele transpirava aquela emoção incontrolável que só podia ser o resultado de horas e horas transando. Seu sorriso estava elétrico, como se alguém estivesse fazendo cócegas na sua nuca com um espanador.

Ele estava com boa aparência. Quer dizer, ele sempre tinha boa aparência, mas, desde que ele e Chloe se separaram, ele mergulhara num lamaçal onde parecia não haver aparelho de barbear nem ferro de passar. Acho que é desse jeito que as pessoas falam que ele ficou depois de Amélia também. Esta manhã ele estava usando uma camisa preta justa e calça cinza. Estava muito elegante. Se estava! E certamente tinha um toque feminino. Ele voltara a usar loção pós-barba. Aquela que me dá vontade de enfiar o rosto no seu pescoço e ficar lá até que o mundo pare de brigar e o preço do petróleo despenque.

– Por que esse sorriso todo, hein? – perguntei, afundando-me na cadeira e começando a folhear minha agenda.

– Nada, não, Si. Aliás, eu quero falar com você depois. – Ele começou a mexer com o fio do meu telefone desajeitadamente.

Dei um tapa na mão dele.

– Pare de fazer isso, vai torcer tudo. Por quê, o que foi?

Eu não aguentaria mais uma sessão de aconselhamento, dizendo a ele para acertar os pontos com Chloe se ele realmente a amasse, e aquela história toda. Era difícil dizer a ele para fazer uma coisa que eu queria desesperadamente que não acontecesse.

– Nada de mais. Será que podemos jantar hoje? Num restaurante legal, uma coisa assim? Tomar uns drinques.

Encarei-o diretamente nos olhos. Ele parecia tão inquieto e estranho que achei apropriado pegar em sua mão e puxá-lo para mim, sussurrando em seu ouvido:

– Nick, o que foi? Você quer tirar o dia de folga? Andou fumando maconha novamente?

– Não, Sienna, pelo amor de Deus. Será que não podemos só tomar uns drinques?

– Sim, é claro, mas você está esquisito hoje...

Ao afastar o rosto de mim, ele sorria como um palhaço doido. Ele cheirava tão bem que até doía. Eu não aguentaria aquilo novamente. Mais uma vez, não.

– Fique fria, eu estou bem. Eu só queria ir comer alguma coisa, tá bem? – reiterou, enfiando o pé direito debaixo da minha cadeira e girando uma das rodas.

Dei um tapinha na perna dele, acidentalmente tocando seus músculos. Afe!

– Muito bem, se meu pai estiver bem, podemos sair – eu disse, por fim, cedendo.

– Malvada – respondeu, contraindo o corpo, e voltando aos pulos para sua sala, feito um menino travesso. Estranho.

Eu achei que só Nick estava agindo de modo esquisito. Mas então Lydia veio falar comigo. Ela também estava se comportando de modo incrivelmente bizarro. Deve ter a ver com a sexta-feira.

– Olá, linda – ronronou, inclinando-se sobre minha mesa e brincando com o cabelo, com um estranho sorriso no rosto. Ela parecia ter grandes novidades. Algo do nível “Estou grávida”, ou “Vou participar do próximo *Big Brother*” – sabe, algo que pode mudar sua vida.

– E aí, como estão as coisas? – perguntei, meio concentrada na minha agenda e meio prestando atenção nos vastos peitos que transbordavam de sua blusa. Só Deus sabe como os

homens lidavam com aquilo. Agora eu estava totalmente distraída.

– Estou ótima, obrigada – disse ela. Depois, olhou para trás e puxou uma cadeira muito barulhenta, acidentalmente batendo com ela na perna da mesa e derrubando meu precário sistema de arquivos num só golpe.

– Eu soube de você e... – começou, quando subitamente Nick voltou e nos interrompeu, agarrando Lydia e puxando-a abruptamente no meio da sentença. A cadeira ficou girando sozinha no meio da sala.

Eu e quem? Fiquei observando os dois entrarem na sala dele e fecharem a porta com tanta força que as persianas tremeram contra a vidraça. Sei lá. Mais tarde descubro o que é.

Enquanto ligava meu computador, tentei lembrar o que tinha para fazer hoje. Minha agenda estava bem vazia... podia acabar sendo um dia chato. Mas parecia haver certo frenesi rolando entre as pessoas à minha volta. Papai estava planejando viagens ao redor do mundo, Nick estava à beira da histeria e Lydia sabia sobre mim e alguém, ou alguma coisa...

Levantei-me devagar e fui até o aquário de Dill, bem no meio do escritório, em cima de um armário de arquivos. Ele estaria normal. Ele não podia evitar. Ele não tinha memória para mudar de humor repentinamente. Inclinei-me para a frente e olhei através do vidro, roçando o nariz contra a superfície fria e lisa. Dill parecia tão solitário, pensei, vendo-o nadar pela água turva, passando pelo castelinho cor-de-rosa coberto de uma porcaria verde. Ele também parecia ter fome, então peguei uma pitada de comida de peixe nos dedos e salpiquei-a sobre a superfície. Ele imediatamente correu para cima e começou a pegá-la com a boquinha. Que lindinho. A luz do escritório refletia em seu corpo, mostrando um brilho dourado toda vez que ele se movia. Estava quase entrando em transe de olhar fixamente para o animal de estimação da casa quando vi um rosto do outro lado do vidro. Um rosto que me era tão familiar, mas que, através das camadas de vidro e de água, era esticado a proporções quase irreconhecíveis. Dill correu na direção do rosto esparramado contra o vidro do seu tanque e tentou tocá-lo com a boca.

– Nick, você é tão bobo – disse eu, recusando-me a me afastar do aquário porque havia uma coisa tão legal naquela cena. Era meu cenário romântico de aquário, exceto pelo mofo, as algas e, bem, pelo meu amigo Nick.

– Eu sei – disse ele, descolando a cara do vidro e esfregando as bochechas. – Desculpe ter puxado a Lydia daquele jeito – continuou, agora com a voz acabrunhada.

– É. Por que fez aquilo? Eu achei que ela ia me contar alguma fofoca – retruquei, com a voz ligeiramente mais alta dessa vez.

Subitamente, o rosto dele desapareceu e se materializou ao meu lado. Tive um sobressalto.

– E aí, quais as novidades? – perguntei, virando-me para ele.

– Ah, nada – disse ele, esfregando um lápis na cabeça antes de colocá-lo atrás da orelha. Ele escorregou para o outro lado, caindo no chão. Ele nunca faz isso. Mas o que será que está havendo?

– Enfim, Sienna, eu estava pensando que a gente podia ir ao Amis hoje à noite. Que tal?

O Amis. O Amis é um bar e restaurante muito sofisticado. Sofisticado do tipo que tem milhares de talheres, tigelas para lavar os dedos e guardanapos dobrados em forma de animais da floresta. Puta merda.

– O Amis? Mesmo? Você não que ir ao Sheep's Head, ou a algum lugar parecido? Ouvi dizer que, na happy hour do Naughty Step, você toma dois e paga um – falei, pendendo a cabeça para o lado e olhando nos olhos dele. Havia uma centelha a mais neles hoje; definitivamente, um toque de loucura.

– Não, não. Vamos ao Amis. Vou reservar mesa para as oito, está bem?

– Ah... OK. Parece ótimo – disse eu, observando-o distanciar-se e desaparecer em sua sala.

Meu Deus, mas o que eu iria vestir? Será que eu teria tempo de ir para casa, me arrumar e voltar a Balham para jantar? Ly dia olhou para mim e fez um sinal de positivo com a mão, colocando depois os dedos sobre a boca e fechando-a, imitando um zíper. Humm.

Por volta da hora do almoço, Chloe veio até a minha mesa. Ela também parecia nervosa. Seu cabelo estava muito encaracolado hoje; ela tirara as tranças, sua marca registrada. Estava usando um vestido azul-marinho e legging.

– Oi, Si – disse ela, sentando-se ao meu lado. Ela começou a cutucar o resto de esmalte cor-de-rosa de suas unhas. Senti-me a conselheira sentimental dos histéricos. Vamos lá. Puxe uma cadeira. Aja de modo estranho. Talvez eu deva comprar uma caixa de lenços de papel, umas flores secas, umas revistas de decoração.

– Olá, Chloe. Tudo bem? – perguntei, esperando que ela não fosse dar-me uma resposta sincera e dissesse simplesmente “Bem”. Eu decidira não me envolver muito na separação dela e de Nick. Era uma zona perigosa, e eu não queria ter nada a ver com isso, só dar meu apoio a Nick se ele precisasse. Minha lealdade era para com ele.

– Estou ótima, obrigada. Ant me pediu para dizer que ele quer ver você hoje de tarde, às três horas.

– Ah, não. Não é nada ruim, é? – perguntei, sentindo-me subitamente na fila do desemprego.

– Não. Mas não posso dizer, porque não sei sobre o que é. Ele só me pediu que a avisasse – disse ela, mordendo o lábio inferior e olhando para baixo.

– Chloe, você está bem? – perguntei, notando que ela parecia estar com vontade de chorar.

– Sim, sim. Eu só estou... estou... Não se preocupe – disse ela, virando a cabeça para olhar para a sala de Nick e desaparecendo quase tão repentinamente quanto chegou. Decidi não ir atrás dela.

Uma reunião com o Ant às três da tarde. Eu realmente esperava que não fosse ser demitida. Venho me dedicando tanto ultimamente. Eu só queria me destacar, mas, com todas as coisas de casa, eu me sentia afundando lentamente em pilhas e pilhas de roupa suja, roupa para passar e aparas de lápis. Eu sempre chegava tarde porque tinha de levar papai ao médico ou ao hospital. Às vezes, eu tinha de ligar e dizer que estava doente só para ficar em casa com ele. Talvez isso tudo não me fosse mais permitido...

Peguei o telefone e liguei para Nick.

– Nick, o que está acontecendo? Por que eu tenho uma reunião com Ant hoje às três da tarde? – perguntei, sussurrando e abaixando a cabeça para ninguém me ver. Eu brincava com a moldura prateada de uma foto que Elouise me comprara havia alguns meses; ela tinha nossos nomes gravados.

– Não tenho ideia do que seja, Si.

– Por favor.

– Não tenho.

– Nick...

– Sienna, eu não sei mesmo, tá bem?

– Nick Você é o braço direito dele. Por favor, me diga. Eu vou ser despedida?

– Eu tenho de desligar. Tem alguém batendo à porta – disse ele, imitando a voz de um robô, que eu sempre acho tão engraçada, mas não nesse momento.

– Nick, eu sei muito bem que não tem ninguém à sua porta. Eu estou vendo sua sala daqui, e se você desligar, eu vou...

E foi assim. Ele desligou. Sem terminar. Sem resolver. Droga.

Fiquei ansiosa o resto do dia. Meu estômago dava voltas. Minhas mãos tremiam. O que eu faria se perdesse o emprego? Como eu e papai conseguiríamos viver? Esses pensamentos ficaram pairando na minha cabeça até eu finalmente me sentar diante de Ant. Ele estava com os pés sobre a mesa e se reclinava tanto para trás que eu achei que um acidente era iminente. Esta não era a linguagem corporal de um assassino, mas foi um conforto passageiro.

– Muito bem, Sienna. Quer um chá? – perguntou, colocando os dois braços atrás de seu pescoço gordo.

Chá. Chá nunca é bom. Chá é usado para acalmar as pessoas. Como, por exemplo: “Tome uma xícara de chá e, ah, a propósito, seu coelho morreu nas mãos de uma raposa feroz ontem à noite”.

Uma caixa de lenços de papel encontrava-se diante de mim, com um pedacinho branco escapando para fora, como se me convidasse, dizendo “Vá em frente, já faz algum tempo, chore, *use-me*”.

– O que está havendo, Ant? – perguntei, respirando fundo para equilibrar meus nervos, o que deve ter parecido óbvio como a luz do sol.

– Bem. Isso não será nenhuma surpresa para você, Sienna, porque, francamente, seu desempenho aqui tem sido – Ah, meu Deus, pensei, ele viu como eu estava preocupada – excepcional – começou.

Será que eu ouvi isso mesmo?

– Eu tenho um emprego para você. Um novo cargo. Precisamos de uma nova editora para a *SparkNotes*. A editora atual informou que vai deixar a empresa para viajar. Eu gostaria que você a substituisse.

Eu? Sienna? Eu quase virei para trás para ver se havia mais alguém na sala. Talvez fosse um caso terrível de identidade trocada. Meu estômago se revirou de empolgação, e eu fiquei encarando a testa dele por algum tempo.

– Sienna? – retrucou, tirando os pés da mesa e jogando o corpo para a frente na cadeira, com os cotovelos sobre uma pilha de papel.

– De verdade? Eu mesmo? – murmurei, antes de perceber que devia mostrar um pouco mais de confiança em mim mesma.

– É claro, Si. Você é uma estrela. Você deve querer verificar os detalhes do cargo e tudo mais, mas tenho certeza de que você sabe o que isso significa.

É claro que eu sei o que isso significa. É um cargo que eu venho cobiçando como ao traseiro de Brad Pitt desde que cheguei aqui. Significa ser editora de uma revista de música lida por 500 mil pessoas. Editora aos 25 anos, e com a minha própria equipe de jornalistas. Deve ser um equívoco. Eu não consigo deixar de imaginar se Nick teve alguma coisa a ver com isso...

– E, é claro, você terá um aumento também, e um carro – disse ele, deslizando uma folha de papel na minha direção com um montante maior do que eu imaginara. – Acho que será uma grande oportunidade para você. Acho mesmo. Não consigo pensar em ninguém mais adequado para dirigir essa publicação para nós – concluiu, cruzando os braços sobre a barriga.

Uau! Minha cabeça começou a viajar nas possibilidades. Eu poderia fazer as coisas que sempre desejara fazer – incluir mais mídia social, mais artigos patrocinados, injetar mais entusiasmo nos jornalistas, ouvindo de verdade o que eles têm a dizer e inspirando-os...

Aquilo era incrível, e saíra do nada. Chloe dissera, na festa de Natal, que esse cargo estaria disponível, mas eu nunca pensei que fosse dar em alguma coisa. Eu nunca imaginaria essa possibilidade...

– Ant. Agradeço muito. Nem sei o que dizer!

– Que tal dizer sim? – falou ele, com um sorriso nervoso.

– Sim, sim! É claro! – respondi, com voz uma estridente.

– Maravilha. Muito bem – respondeu, me entregando um maço de documentos.

– Agora saia daqui – disse ele, rindo sozinho e pegando o telefone.

Eu saí da sala dele sem ter certeza do que fazer em seguida. Eu só queria dar pulos de alegria. Começar a fazer planos. Começar minha nova vida. Contar a papai. Eu mal podia esperar para contar a ele. Para mim, eu e papai formávamos um time, e eu acabara de marcar um gol para nós. Para *nós*.

Nick devia estar sabendo. Acho que era isso que ele estava anunciando quando falou em jantar hoje à noite. Corri para a minha mesa, peguei um Post-it, uma caneta de ponta grossa e escrevi cinco palavras:

Índia. Fiji. Uganda. Argentina. Tailândia.

Nick

Esta noite minha vida vai mudar. Vou contar à garota dos meus sonhos que a amo.

Não vou me apressar e contar logo de cara quanto tempo eu passei com a cara enfiada na fotocopidora. Saber a hora certa é crucial.

Levei a lâmina de barbear ao queixo e removi a pequena floresta de pelos faciais que crescera debaixo dele. Depois, tirei o ferro de passar e alisei as roupas que formavam uma pilha no canto do meu quarto. Isso incluía minha camisa listrada vermelha e branca. A que eu usara na Flórida quando eu e Sienna cobrimos a feira de games. A noite em que nos perdemos numa zona de bares da cidade. Eu ia vesti-la esta noite.

Eu me senti nervoso ao acordar esta manhã. E se Pete estivesse errado? E se ele estivesse me

pregando uma peça? E se eu contasse a ela, e ela risse de mim? Ah, meu Deus, era aterrador. A loção pós-barba poderia ajudar, pensei, parado diante do espelho, olhando para minha expressão apavorada.

Ross me acalmara no pub ontem à noite, mas hoje de manhã eu estava de volta à estaca zero.

– Ela me ama, Ross – disse a ele, apressadamente, assim que Tom percebeu que ficara alto rápido demais e teve de sair às nove horas, derrubando uma banqueta do bar ao dirigir-se para a porta.

Eu estava doido para contar a alguém a noite toda, mas não podia contar na frente de Tom. Sua bebedeira prematura aconteceu na hora certa.

– Quem? Sua mãe? – perguntou Ross, começando a rir e me dando tapinhas no ombro. Ah, as piadas de mãe são tão populares na escola, na faculdade, e continuam inevitáveis na vida adulta...

– Não, bom, sim, ela me ama, mas estou falando de Sienna – disse, virando os olhos de frustração.

– O quê? – gritou meu amigo, que acabara de parar de rir e agora me encarava, chocado. Suas horas de academia o deixaram parecendo um daqueles Toblerones gigantes que a gente compra no aeroporto. Eu praticamente conseguia ouvir os botões de sua camisa tremendo de medo antes de serem arrancados do tecido e voarem para o esquecimento.

– Sim. É tão difícil assim de acreditar? – brinquei.

– Bom, um pouco. Depois de cinco anos? Tem certeza?

Obrigado, Ross. Você podia ficar um pouco mais feliz por mim. Será que era tão difícil de acreditar? Talvez todos os músculos que ele adquirira estivessem impedindo que o sangue circulasse adequadamente em sua cabeça, deixando-o sem emoção alguma.

– Sim. Bom, foi muito estranho. Ela é amiga de um morador de rua chamado Pete, e hoje, depois do trabalho, ele estava me esperando perto do meu carro.

– Sei... – disse Ross, em tom dubio, brincando com o anel de água que se formara na mesa pela condensação de seu copo.

Enquanto eu falava, percebi quanto essa história parecia ridícula.

– No começo, eu não o reconheci. Achei que ele ia me assaltar ou algo assim, então a gente se atracou um pouco, mas enfim...

– Você tentou bater num morador de rua? – Ele arqueou uma sobrancelha inquisitivamente, começando a sorrir de orelha a orelha.

– Não, não, não. Bom, eu acho que quase. Pelo amor de Deus, me deixe terminar. Eu percebi que era ele e deixei-o entrar no carro, e ele me contou – concluí, jogando as mãos para a frente e recostando-me na cadeira com ar de júbilo.

– Sienna ama você há cinco anos e ela confessou a um mendigo, e não a você. – A sobrancelha dele tremeu novamente enquanto ele me avaliava. – Você precisa me contar mais.

Então eu contei. Tudo. A conversa toda. A Coca-Cola entornada, as botas sujas no painel limpinho, a alegria esfuziante em que eu fiquei.

E então ele amoleceu.

– Porra, Nick. Isso é demais. Eu fico tão, tão contente por você, cara – disse, com um sorriso. Eu podia ver que ele estava confuso, e não o culpava.

Normalmente, quando eu me encontrava com Ross, era para discutir algo terrível ou humilhante que eu fizera, o que eu acho, de alguma maneira, que lhe dava prazer. Mas dessa vez as coisas estavam a meu favor e eu não fizera nada que fizesse o meu amigo ficar furo comigo. Agora todas as estrelas estavam alinhadas no meu caminho (pelo menos uma vez) e ele não sabia ao certo o que dizer.

– E você já disse a ela que a ama, certo? – perguntou, jogando um punhado de amendoins na boca.

– Não.

– O quê?

– Eu disse não.

– Seu idiota!

– Obrigado. Por que sou idiota? O que eu fiz agora?

– Então, basicamente, a garota dos seus sonhos o ama, mesmo que isso fosse tão óbvio como o meu nariz...

– Você tem um nariz e tanto, amigo – interrompi.

– Você a ama há cinco agonizantes anos e, mesmo assim, quando descobre que ela sente o mesmo, ainda se senta neste pub encardido comigo, seu amigo gordo, bebendo cerveja choca e cara.

– Você não é gordo, Ross, você só está malhando demais.

Ele me ignorou.

– Então, você se senta no pub com seu amigo gordo em vez de ir bater à porta dela e resolver isso?

– Eu estava esperando pelo momento... certo? – disse eu, enquanto uma onda de percepção me arrebatava.

Ele olhou para mim. Eu olhei para ele. Ele estava certo. Fez-se quase um minuto de silêncio enquanto chorávamos a perda de alguma coisa: meu bom senso.

– Devo ir agora? – eu disse, levantando abruptamente e pegando meu casaco, pronto para arrebatá-la.

– Não, não, não – disse ele, puxando-me de volta.

– O quê? Você está me confundindo.

– Já são quase dez horas, Nick, e para ser sincero, você é que parece um desabrigado. Além do mais, a julgar pelo brilho nos seus olhos, desconfio que você está uns 60 por cento bêbado, o que significa que vai estragar tudo. – Ele deu um grande gole de sua caneca, mantendo o rosto absolutamente neutro.

Eu imaginara que esse momento seria um pouco diferente do que ele acabou sendo. Eu

achava que ele teria muitos sorrisos, batidinhas nas costas e conversas masculinas e profundas sobre o amor que nos tornariam tão emotivos que teríamos de pigarrear e ir para a rua dar uma voltinha. Eu não sabia se era o álcool, ou o fato de saber que Sienna sentia o mesmo, mas parecia que eu estava andando em nuvens todo o caminho de volta para casa naquela noite.

Mas meus nervos pareciam trinar quando eu a vi entrar no escritório esta manhã, e em vez de trancá-los em algum lugar silencioso, como eu deveria ter feito, pulei em cima dela antes que ela conseguisse sentar. Acho que ela deve ter se assustado.

Lydia quase estragou minha cena. Eu encontrara com ela antes, no elevador.

– Oi, Lyds – disse eu, dobrando meu jornal ao meio e começando a ler a primeira página. De novo. Eu já tentara lê-la algumas vezes esta manhã, mas meus olhos só chegavam até a primeira linha. Eu estava empolgado demais para prosseguir, e mais ainda para abrir o jornal. Não. Conte. Para. Ela. Seja forte, Nick Boca fechada. Fique quieto.

– Oi, Nick. Você está bem? – perguntou, parando ao meu lado, com um ar adorável e cheirando a frutas da floresta. Ela estava sempre com boa aparência, mas hoje os seios estavam muito mais à mostra...

– Ó meu Deus, Sienna me ama – deixei escapar quando o elevador começou a subir. Bem-feito. Idiota. Foram os peitos. Eles me fizeram falar.

Ela se virou para mim com a boca aberta e uma expressão de felicidade no rosto, como se tivesse acabado de saber que ganhara na loteria.

– Eu sei que ela o ama! – disse ela, com voz esganiçada, dando pulinhos sobre seus saltos perigosamente altos.

O elevador balançou um pouco, então eu estiquei a mão e a detive. Elevadores já eram de dar medo sem aquilo. Ela também sabia? Fiquei imaginando quantas outras pessoas sabiam. Oras, e por que ninguém me contara?

Ficamos parados olhando um para o outro por alguns segundos.

– Ela gosta de você há muito tempo, Nick. Fico tão feliz por vocês dois. – Ela ficou rindo e me deu um cutucão com o cotovelo antes de a porta do elevador abrir-se, e saiu saracoteando de depressa.

Mas espere aí... A conversa foi tão curta que eu esqueci de dizer a coisa mais importante, que era “Não diga nada, eu ainda não contei para ela que sei...”. Então, mais tarde, quando Sienna chegou e eu vi Lydia puxando uma cadeira para sentar ao lado dela, não tive outra opção a não ser arrancá-la de lá. Admito que dei um puxão bem forte em seu braço, mas parece que funcionou. Até agora, pelo menos, o desastre fora evitado.

Eram cerca de onze da manhã quando o meu telefone tocou, despertando-me de meus devaneios.

– Muito bem, Nick, pedi a Sienna que viesse à minha sala às três da tarde para falar sobre o cargo. – Era Ant, e esta era uma decisão que mudaria a vida dela para sempre.

– Maravilha! Que ótimo, Ant. Você não vai se arrepender, não vai mesmo – disse eu, percebendo o quanto aquilo era clichê. Mas eu sabia que ele não se arrependeria. Ninguém jamais delegou alguma responsabilidade a Sienna e se arrependeu. Ela era mais capaz que o escritório todo junto. Ela era incrível.

– Está bem, mas fique de boca fechada. Não vou falar com ela antes das três da tarde, e pode ser que ela recuse – instruiu ele, em seguida desligando na minha cara. Dessa vez, eu não liguei.

Pensei no pai dela e em como ele ficaria orgulhoso. Eu já conhecia George muito bem e sabia que isso lhe traria uma grande alegria. Mas alguém como George não podia sair e fazer as coisas que os outros pais fazem para exibir seu orgulho. Chocolates. Balões. Flores. Qualquer coisa. Eu sabia que havia um pequeno risco, mas eu estava disposto a corrê-lo. Peguei o telefone e digitei o número dele. Chamou algumas vezes e, finalmente, ouvi um clique do outro lado da linha.

– Alô, George Walker falando – disse ele, com voz mais rouca que de costume. Ele devia estar dormindo, pensei.

– Olá, George. É Nick – respondi, sentindo uma onda de ansiedade percorrer todo o meu corpo.

– Ah, Nick. Que bom falar com você. – Ele parecia muito sonolento. Fiquei pensando se deveria colocar mais pressão sobre ele, se o dia não estava muito bom.

– Eu digo o mesmo. Acho que é melhor você sentar – disse eu, sabendo que transmitir esta notícia enquanto ele estava de pé não seria uma boa ideia.

– Sim, é claro. Espere um segundo. – Ouvi-o afundar na cadeira de couro, que sempre range quando alguém se senta nela. Eu podia vê-lo no apartamento. Cadernos e pratos por todo o lado, uma coleção de canecas sobre a mesa.

– Sienna conquistou uma coisa muito importante hoje. Não quero dizer exatamente o que é, porque é ela quem deve fazer isso, mas ela recebeu uma grande promoção – comecei, sentindo-me um pouco enjoado. Respirei fundo e olhei para o meu quadro de avisos, que estava coberto de fotos, incluindo uma de Sienna comigo num dia de formação de equipes no trabalho. Olhei bem dentro dos olhos dela e simplesmente soube que estava fazendo a coisa certa.

– É mesmo? – disse ele, com a voz já começando a demonstrar pontadas de emoção.

– É uma coisa muito grande, e vai deixá-lo muito orgulhoso. – Os pelos do meu braço se eriçaram quando eu disse isso.

Ouvi sua respiração pesada do outro lado da linha. Inspirando. Expirando. Ele não disse palavra; eu sabia que ele estava lutando contra o escuro manto do sono.

– Está aí, George?

– Sim – disse ele, baixinho.

– Muito bem. Se você permitir, vou encomendar umas flores e alguns balões para Sienna, de sua parte. Espero não estar passando dos limites ao fazer isso. É que eu sei que você não pode ir até a loja... – Ah, meu Deus. Eu esperava estar fazendo a coisa certa.

Houve uma longa pausa e ele disse.

– É mesmo? Seria muita gentileza, Nick.

Ufa!

– Imagine, não é nada. São suas coisas, eu não tive nada a ver com isso. É que... são ótimas notícias, George, e eu quero que você possa comemorar com ela... – continuei. Senti que me saíra bem e fiquei contente.

– Obrigado, Nick. Você é muito importante para nós dois. Espero que saiba disso – disse ele, agora muito lentamente.

– Você também, George. Vou encomendar tudo agora para que chegue antes de ela voltar para casa. Vou dizer para a empresa deixar tudo no armário ao lado da porta de entrada, se você não puder atender a porta.

Ouvi mais algumas respirações difíceis, e o telefone ficou mudo. Ele devia ter adormecido.

Encomendei o mais lindo arranjo de flores, uma garrafa de champanhe Moët, um cartão e dois balões de hélio grandes. Eu mal podia esperar para encontrá-la para jantar. Eu iria confessar.

Confessar que a amo e que sempre a amei, desde o dia em que a conheci.

*“Papai, o chá está pronto.”**Sienna*

Fora uma contagem regressiva agonizante até o relógio dar cinco horas para eu poder correr para casa e contar tudo a papai. Ele ficaria tão feliz que desconfio que dormiria imediatamente, mas isso já diria tudo, não diria? E seria mais que suficiente para mim. Depois, eu iria jantar com Nick, para comemorar. Eu mal podia esperar. Isso tudo era muito empolgante.

Assim que o ponteiro das horas chegou no ponto certo, arrumei minhas coisas lentamente, tentando não parecer tão desesperada para sair do escritório. Eu queria correr lá para fora e dizer para o mundo que estava tudo bem. Que tudo estava dando certo...

Os suspeitos costumeiros já haviam dado o fora, comendo cinco minutos do dia de trabalho. Mas eu sabia que Julie e Adam, da administração, fingiriam ficar trabalhando pelo menos mais uma hora extra para ganhar aqueles pontos a mais que eles adoravam colecionar. Eles chegam tropeçando no escritório cedinho, com a roupa do avesso e um pedaço de torrada pendurado na boca, e saem várias horas depois do horário, quase espumando de fome e exaustão. E o que conseguem com isso, de verdade?

Não, esta noite eu seria rígida comigo mesma. Eu sairia às cinco e não me deixaria engolir por toda essa bobagem, para poder ver meu pai e depois me divertir com Nick. Eu ia dar minha lista de presente para o papai, para que ele pudesse começar a escrever sobre nossas aventuras. Fiz um tchauzinho para os últimos remanescentes e olhei para a pequena sala que logo seria minha. Por sorte, ficava bem longe da sala de Nick. Pelo menos agora a janela dele ficaria fora de vista, então eu conseguiria me concentrar mais nas minhas tarefas. E que tarefas seriam!

A sala era pequena, mas clara, e com todas as paredes pintadas na cor marfim. Eu me imaginei sentada lá, vivendo meus sonhos. Isso realmente mudaria a minha vida.

Só o carro já faria uma diferença enorme. Significa que poderíamos sair. Papai e eu – saindo. Imaginei-me ajudando-o a caminhar lentamente até o banco da frente, com um braço em seu ombro, e passear por aí nos fins de semana para ele poder ver mais um pouco do mundo. Ele poderia respirar o ar fresco do mar e comer peixe frito com a porta aberta. Eu poderia levá-lo para Yorkshire, onde ele veria as lindas muralhas de pedra que cortam os campos feito cicatrizes. Ele poderia sair de verdade e viver o mundo, em vez de ficar cambaleando na nossa varanda com aquela cerca alta e grossa, para protegê-lo caso ele caia. Talvez ele cochilasse durante a maior parte da viagem, mas mesmo assim...

Era o começo de um novo capítulo para meu pai e para mim. Eu poderia levá-lo para visitar a família, mesmo que eles nunca tivessem vindo visitá-lo. Seria muito mais fácil guardar mágoa, mas esse não era o propósito da vida, era? Guardar mágoas? Havia novos bebês na família. Novas vidas, novos começos. E meu pai não participara de nada. Acho que meu pai não via um bebê desde quando eu era bebê. E eu queria que os jovens da minha família crescessem conhecendo meu pai. Não conhecer meu pai seria uma pena... Pensar nos lugares em que poderíamos ir me deu um nó na garganta. Eu podia, sinceramente, afirmar que isso significava mais do que a promoção em si.

Enquanto caminhava para a estação, ouvindo Ellie Goulding no fone de ouvido, minha mente

foi inundada pelas lembranças maravilhosas que eu ainda vivenciaria. Eu estava andando nas nuvens. E esta noite eu sairia com meu melhor amigo para celebrar a ocasião. Eu quase saí correndo da estação para chegar em casa, mas todo mundo parecia colocar-se no meu caminho, como se o mundo estivesse conspirando contra mim. Representantes de instituições de caridade me abordavam, me entupindo de seus discursos prontos, estandes com jornais pareciam estar em todas as calçadas, e havia muita gente com malas de rodinhas, todos dificultando o meu caminho. Mesmo assim, eu não deixaria que isso influenciasse meu humor.

Havia gente por toda a parte até aproximar-me da minha rua, onde eles se dispersaram e deixaram o caminho livre. Meu peito estava cheio de entusiasmo, preparando-me para contar as novidades ao papai. Como eu iria começar? Então, papai... Eu balbuciava as palavras baixinho ao me apressar pelas ruas. Eu tenho uma coisa para contar para você... Papai, fui promovida, as coisas vão ser muito diferentes para nós agora... Papai, eu consegui! Todas as maneiras que eu imaginava saíam tão banais, e tão diferentes do meu estilo. Decidi improvisar e deixar rolar.

Virei a chave na porta e, assim que ela abriu, fui saudada por um enorme buquê de flores cor-de-rosa e brancas, acomodadas no capacho a me olhar voluptuosamente, com um pequeno cartão dobrado. Incapaz de falar, agachei-me e abri o cartão. Imediatamente reconheci a letra tremida. Ele deve ter levado um século para fazer isso, mas como ficara sabendo? Eu ainda não contara. Uma fina linha de caneta esferográfica corria de uma letra onde ele devia ter dormido no meio da palavra. O terceiro beijo estava particularmente vacilante.

Para você, Sienna, minha maravilhosa filha.

Estou mais orgulhoso do que nunca. Nós formamos uma família, você e eu, por menor que ela seja.

Obrigada por ser o meu mundo.

Com amor, papai

Beijos, beijos, beijos

– Pai! – exclamei, engasgada em lágrimas enormes. – Muito obrigada! Estou tão contente que você simplesmente não tem ideia...

Nick deve ter contado. Que gracinha, eu pensei, tirando os sapatos, perdendo o equilíbrio e quase derrubando nosso mancebo. Consegui me equilibrar segurando no aquecedor. Ufa! Recolhi as flores e finiei o rosto nelas; o perfume mais fresco e estonteante entrou em minhas narinas. Fiquei ali parada um minuto, absorvendo tudo aquilo antes de voltar a falar. Coisas incríveis assim não aconteciam com frequência. Eu queria capturar aquele momento, tirar uma fotografia na minha cabeça, para poder lembrar dele nos tempos mais difíceis.

– Papai? – tentei novamente. Silêncio. – Pai! – gritei ainda mais alto. Nada. Provavelmente dormindo, pensei com um sorriso. Voltei-me para a sala de estar; estava bem escura e tão silenciosa que eu podia ouvir o tique-taque do relógio como se ele estivesse ao lado da minha orelha. Eu o encontraria roncando no quarto, apostado. Hum, eu pensei, que pena, estava explodindo de vontade de contar tudo. Decidi ir fazer um chá.

Voltei-me para a cozinha e vi algo que me pareceu estranho, mas não totalmente fora do comum. A metade inferior das pernas de papai no chão, saindo de detrás do balcão da cozinha. Um par de chinelos marrons macios no final de calças de agasalho pretas. Meu pai. Dois balões

cor-de-rosa flutuavam no ar, baluçando tristemente contra o teto. Tuc. Tuc.

Meu estômago se contraiu. Eu não conseguia olhar. Por favor, não. *Por favor.* Fiquei ali parada, com o coração martelando o peito. A náusea começou a subir na minha garganta. Vamos lá, Sienna, eu disse a mim mesma seriamente. Deve ser só uma queda costumeira, ele ainda deve estar desacordado. Olhei para o sofá. Seu capacete descansava, inútil, sobre uma almofada. Merda. Ele não estava usando o capacete.

Só havia silêncio, interrompido intermitentemente pelo suave ruído dos balões que se moviam com a brisa fria que entrava por uma janela aberta. Calma. Quietude. Paz.

Respirei fundo e dei um passo à frente. Vi meu pai caído no chão com o rosto para baixo. Meus olhos pareciam aproximar-se e afastar-se, como o zoom de uma câmera, tentando compreender aquela pequena poça de sangue que rodeava sua cabeça. Os balões estavam presos em sua mão direita, cujo punho estava cerrado. As fitas entre seus dedos. Meu coração afundou e minha cabeça começou a girar imediatamente. A adrenalina subiu pelas minhas pernas, pinicando. Senti-me fraca. Não. Era alguma piada de mau gosto.

Agachei-me depressa ao lado do corpo dele e pressionei a mão trêmula contra seu rosto. Estava frio. Instantaneamente comecei a chorar, meu corpo todo a tremer como se eu tivesse sido deixada para fora numa noite de inverno. Senti o momento exato em que meu coração se quebrou em mil pedacinhos. Era como se minha alma estivesse sendo rasgada, cada puxão me fazia sentir que o mundo chegara ao fim. Eu estava perdendo o controle, eu o perdi.

Pressionei os dedos contra seus lábios, o pescoço, o peito, buscando freneticamente um sinal de vida. Uma batida do coração. Um sopro de ar. *Qualquer coisa.*

– Não. Não. Não. Não. Não – comecei a dizer sem parar. Eu gritei tão alto no meu apartamento vazio que minha voz ecoou pelas paredes e voltou para provocar-me, até que o tique-taque do relógio se impôs novamente.

– Por favor, não, não meu pai! – gritei de modo tão cortante dessa vez que senti que o mundo inteiro podia ouvir. Minha garganta parecia que se partiria, e minha voz cedeu de tanta tensão.

Deitei-me sobre suas costas, chorando tanto que doía. Meus pulmões chiavam. Minha respiração se engasgava nas lágrimas. Isso me machucava fisicamente.

Não meu pai. Não, por favor. Por favor. Por favor. Passei as mãos sobre o rosto dele, depois envolvi seu peito em meus braços, agarrando-me a ele. Apertei-o com força. Nada aconteceu. Minha cabeça começou a girar.

Finalmente, o choque se instaurou, e eu calmamente me levantei e acendi o fogo para a chaleira. Não, isso não estava certo. Eu estava imaginando aquilo tudo. Eu estivera sob muito estresse ultimamente. Isso era só uma invenção da minha imaginação. A gente ouve sobre esse tipo de coisa o tempo todo, não é? Não é?

A água ferveu com tanta força que a chaleira batia contra a grade do fogão. As colheres de chá chacoalhavam no pote. Peguei duas canecas. Uma verde. Outra azul. Coloquei água nelas, um saquinho de chá e açúcar. Eu precisava ser boa comigo. Dar a mim mesma um momento para absorver a dimensão daquilo, de tudo que acontecera. Papai acordaria em breve, pensei. Despejei um pouco de leite em cada xícara, observando como ele se infiltrava pela água amarronzada.

Depois de um tempo, lentamente peguei as canecas e fui até a sala de estar. Fiquei lá sentada

pelo que pareciam horas, só absorvendo o silêncio. Eu precisava dar um tempo. Eu decididamente estava ficando louca. Um médico. Talvez ajudasse. Eu diria ao meu médico que andava vendo coisas. Imaginando coisas. Coisas terríveis que não eram verdadeiras. Meu telefone tocou. Era Nick. Eu ignorei. Olhei para o relógio, já eram sete e meia. A escuridão se apossava da noite de verão, lentamente, através das persianas.

Um pouco mais tarde, quebrei o abismo de silêncio. – Papai, o chá está pronto – disse eu, baixinho. Ele viria a qualquer instante, eu sabia. Arrasta, arrasta. Esse era o barulho característico de meu pai. Acho que tenho de mandar fazer os comprimidos dele, pensei. Mas então, a percepção lancinante começou a instalar-se em minha mente, e a imagem dele no chão ficou piscando diante dos meus olhos. O silêncio aterrorizante permanecia intocado. Esfreguei os olhos com força usando os punhos, tentando afastar essas visões. Isso não aconteceu, OK? Meu lábio inferior tremia de modo descontrolado.

Tentei novamente, só para ter certeza.

– Papai, o chá está pronto. – Minha voz estava ficando rouca.

Nenhum som. Tique. Taque. Tique. Taque.

– Seu chá, papai. Venha logo, está esfriando.

Lágrimas começaram a vazar novamente de meus olhos, mas eu não sentia nada. A dormência se espalhara feito um anestésico. Elas pingavam no meu colo e nos meus dedos e se acumulavam na base do pescoço como uma piscina. Eu me inclinei e toquei a caneca dele. Estava fria. Gelada.

Nick

Eram mais de dez e meia da noite de sexta-feira quando arrombamos o apartamento de Sienna. O vizinho dela, Jack, e eu. Ele me disse que a ouvira gritar, depois batera na porta algumas vezes, mas ninguém respondera.

– Ela deveria ter se encontrado comigo horas atrás – disse a ele quando estávamos no sombrio corredor do prédio. Eu estava usando a camisa vermelha e branca com listras da Flórida, minha melhor calça e sapatos elegantes.

Ele parecia extremamente preocupado. Eu nunca o vira antes, mas já ouvira falar dele. Eu sabia que ele ajudara Sienna e o pai no passado. Ele tinha cabelo branco muito grosso e crespo, que crescia em tufos encaracolados; a pele de seu rosto era cinza e enrugada, mas havia algo cordial em suas feições. Gentil.

Eu o encontrara andando para lá e para cá no corredor quando subi até o andar do apartamento. Sienna não atendera meus telefonemas. Eu já estava preocupado, mas, quando o vi, soube que tinha razão para tanto.

– Acho que precisamos arrombar a porta – disse ele, com calma.

– Mas pode ser que ela tenha só saído – protestei, louco para não fazer uma cena. Eu sabia que George devia estar lá dentro, dormindo quietinho, sem ideia do que se passava aqui fora. Talvez ela tivesse gritado de alegria por causa do emprego, tivesse se entusiasmado demais e esquecido de encontrar comigo. Era realmente necessário arrombar a porta?

– Mas Nick, seu nome é Nick, não é? – Eu fiz que sim. – Eu ouvi, amigo. Ela estava gritando, e parecia muito perturbada. – Ele estendeu o braço e o colocou no meu ombro, tentando me fazer

ver que ele tinha razão.

Meu coração ficou apertado. Ele estava certo. Devia ser grave.

– Ela não é do tipo que não atende o telefone, é? Não aparece? – perguntou, punhos cerrados, no que eu presumi ser uma tensão não expressada.

– Não, não é, não – concordei, balançando a cabeça.

– Bom, então vamos ter de colocar essa porta abaixo.

Olhei para ela. Era uma porta enorme e forte. Maior e mais forte do que eu. Eu não tinha ideia de como dois homens como nós iam conseguir derrubá-la.

– Vamos lá – encorajou-me, dando alguns passos para trás e pressionando seu corpo contra a parede. Ele me chamou para ficar ao lado dele. – E já! – gritou, e nós dois corremos na direção da porta, jogando nosso peso de encontro a ela com força.

Eu era mais um cara de literatura e xadrez que um sujeito forte capaz de derrubar estruturas muito sólidas. Deu para ver. Meu braço começou a latejar imediatamente e minha pele ardia quando eu me afastei. Não tínhamos nem deixado vestígio de nossa investida.

Depois, de repente, um fogo acendeu minha alma. Eu tinha de chegar até ela. Uma força enorme surgiu de dentro de mim. Uma força que eu nem sabia que tinha. Investimos contra a porta várias vezes, até ela ceder, lançando nós dois para dentro da sala de Sienna.

A porta voltou violentamente para trás; o som das partes metálicas zunindo e atingindo as paredes feriu meus ouvidos. Eu podia ouvir a madeira se rasgando e se quebrando, e depois ela ficou pendurada, inerte, pela dobradiça inferior. Eu estava sem fôlego. Nervoso. Estava escuro. Demorou algum tempo para meus olhos se ajustarem, e foi então que eu a vi, de costas para nós, no sofá em meio à escuridão. Ela nem se virou. Ah, meu Deus. Corri para ela e me joguei ao lado de sua pequena figura, que estava dobrada para a frente.

– Sienna, querida. O que está havendo? – perguntei freneticamente, tremendo tanto que mal conseguia controlar-me.

Ela só olhava para a frente, encarando o infinito. Toquei seu rosto suavemente. Estava molhado, e mais lágrimas corriam de seus olhos, como uma torneira esquecida aberta no canto da mente. Eu a abracei forte. Passei os braços em volta de seu corpo e a apertei. Eu podia sentir seu coração batendo no peito. Ela começou a estremecer.

– Sienna, me escute. – Eu peguei seu rosto, começando a ficar desesperado. Seu corpo tornou-se inerte, e eu fiquei sustentando todo o seu peso. – O que houve? – implorei. Ela não disse nada, nem sequer reconheceu minha presença.

Senti um tapinha no ombro. Era Jack

– Você precisa vir aqui – disse ele, baixinho, ao meu ouvido.

Afastei-me de Sienna, que afundou nas almofadas, e o segui até a cozinha. Uma pequena réstia de luz vinha de um abajur ligado. Lá estava ele. George. Com o rosto virado para o chão, as mãos envoltas nas fitas dos balões que eu encomendara. Ah, não, não...

Corri de volta para Sienna e abracei-a. A dor me inundou de tal modo que comecei a chorar. Devagar, puxei o rosto dela para perto do meu peito e afaguei seu cabelo. Eu tinha de protegê-la disso. Salvá-la. Mas era tarde demais. Ela passara por tudo aquilo sozinha.

– Nick, o que está fazendo? – perguntou ela, endireitando-se e colocando o nariz perto do meu. Seu rosto não tinha nenhuma expressão, e ela falava sem sentir.

Coloquei as duas mãos no rosto dela e beijei seu nariz.

– Si, precisamos chamar uma ambulância e a polícia, está bem? Precisamos de gente para nos ajudar – sussurrei por entre minhas lágrimas, novamente sentindo-me tão desinformado quanto me sentira quando George desmaiara diante de mim. *Uma ambulância*, pensei, sem ter certeza de que isso era realmente o que tinha de ser feito em situações como essa.

– Ninguém precisa fazer nada com o meu pai. Não, não precisa – disse ela, começando a soluçar.

Beijei seu nariz novamente, dessa vez mantendo meus lábios apertados contra o rosto dela por mais tempo.

– Olhe, você fica aqui, está bem? Vá se deitar. Eu resolvo tudo. – Cocei a cabeça e fiquei pensando no que fazer em seguida. Ela só balançou a cabeça e ficou lá parada. – Por favor, Sienna – ouça-me, está bem? Vou cuidar de você. Vou chamar as pessoas certas que podem nos ajudar, e depois você vai para a minha casa comigo, certo? Preciso ficar com você, para o seu próprio bem.

Ela acabou parando de balançar a cabeça e deitou-se no sofá, vencida pela exaustão. Jack já começara a ligar para os serviços de emergência; ele andava em volta do corpo de George com o telefone no ouvido e um olhar preocupado no rosto.

Corri para o quarto de Sienna, procurando uma mala. Acabei achando uma e enfiei nela o máximo de roupas que consegui. Eu não estava pensando direito. Peguei o seu casaco de inverno, mas me detive ao tentar colocá-lo na mala. Estávamos no verão, pelo amor de Deus. Escova de dentes. Xampu. Sabonete...

Logo, o apartamento estava cheio de uniformes verdes e do som de velcro se abrindo. Sienna acabou levantando do sofá e ficou observando enquanto eles realizavam vários testes, pressionando os dedos no pescoço dele em busca da vida que deixara seu corpo. Ela observava sem dizer nada. Eu não sabia ao certo se devia afastá-la daquilo. Cobrir seus olhos. Protegê-la. Em vez disso, deixei que ela os assistisse, mas abraçado a ela o tempo todo. Senti que era importante que ela soubesse que ele estava em boas mãos. Ela não disse nada.

Quando George já fora levado do apartamento, levei-a para casa. Para longe daquilo tudo. Jack cuidou de tudo incrivelmente bem. Salvei o telefone dele no meu celular e lhe disse que ligaria assim que pudesse, para informar como Sienna estava.

A viagem foi difícil. Dirigir foi difícil. Quando ela finalmente concordou em entrar no carro, começou a tremer novamente, mas não porque estava com frio. Era o choque. Ela ficou muito tempo olhando pela janela, sem dizer palavra, até chegarmos a minha garagem.

– Ele morreu, não é, Nick?

Respirei fundo e desliguei o motor.

– Sim, Si. Ele morreu. Sinto muito.

Ela só fez um sinal com a cabeça e abriu a porta. Um sentimento estranho tomou conta de mim. Minhas lágrimas haviam secado e a histeria desapareceu. Eu tinha de apoiá-la e não poderia fazer isso se estivesse desmoronando. Eu tinha de ser forte. Então, de algum modo, eu

fui.

Naquela noite, ela dormiu na cama comigo. Ela não quis comer nada e foi para a cama totalmente vestida. Estava cansada demais para colocar o pijama, então só desligamos a luz e ficamos lá. Sua respiração estava totalmente normal enquanto ela tentava compreender o que aconteceu. Eu não queria confundi-la com palavras, então fiquei quieto, abraçando-a, agarrado bem forte a ela. Pesar. Imobilidade. Frustração.

Ela acabou pegando no sono. Eu, não. Fiquei acordado, como uma coruja. Por ela. Eu fiz um voto. Eu a protegeria pelo resto de nossas vidas, se ela deixasse.

Sienna

Tristeza. Não sei de que outro modo descrever isso, se não como uma montanha-russa que joga você no olho do inferno, junto com os ratos e demônios, e depois o levanta para cima das nuvens, para o lugar onde começa o paraíso.

Quando estava lá embaixo, me perguntava se conseguiria me arrastar para fora; e, quando estava lá em cima, esperei diante dos portões, chamando o nome de meu pai na vã esperança de que ele me ouvisse. Gosto de pensar em mim mesma como uma pessoa positiva, e acho que foi isso que me ajudou a passar por isso tudo.

Eu Nick é claro. Passei 15 dias na casa dele, enchendo cada cômodo com a fetidez de minha perda. Sentia-me suja, por mais que me lavasse. Sentia-me cansada, por mais que dormisse. E eu dormi muito. Na primeira noite, dormi ao lado dele totalmente vestida, mas depois passei para o quarto de hóspedes, sem contar que durante o dia, quando Nick estava fora, eu corria para o quarto dele para poder ficar perto, de alguma maneira. Enquanto Nick trabalhava, eu me enrolava em seus lençóis. O único conforto neste mundo era o cheiro dele me envolvendo. Eu enfiava o rosto em seu travesseiro e inalava seu calor, e era como se ele estivesse comigo, me abraçando. Porque, na verdade, esses eram os únicos momentos em que eu me sentia calma, quando podia imaginar seu corpo envolvendo o meu.

Minha pele estava pálida, e eu tinha olheiras vermelhas, como se alguém as tivesse pintado como parte de algum estranho ritual africano. Meu cabelo pendia, lavado, de minha cabeça, oleoso e desgrenhado. Às vezes, Nick voltava do trabalho e nós nem nos falávamos, porque eu já voltara para o outro quarto e dormia a noite toda. Ele vinha me inspecionar enquanto eu dormia, e eu só grunhia e cobria a cabeça com o edredom.

Às vezes eu queria fazer coisas estanhas, como jogar jogos de mesa e assistir a reprises de *Friends* até as quatro da manhã, porque era a única maneira de fazer a dor diminuir. E *que* dor. Uma dor da qual eu já esquecera e que me trouxe de volta todas as lembranças da partida de minha mãe. Agora eu não tinha mais pais. Uma dor assim era sentida no corpo. Era um sentimento diferente, mais pungente e tangível que qualquer coisa que eu já sentira. Ao longo de duas semanas, senti raiva, tristeza, confusão, e, às vezes, até histeria.

Mas, apesar de todo o sofrimento, arrastar-me por ele era um tipo de felicidade, como um veludo macio. Uma felicidade estranha. Alegria, por ter tido a sorte de conhecer meu pai por todo esse tempo, 25 lindos anos. Fora difícil, é claro. Eu cuidara dele por quase 15 anos desse tempo, mas foram todos momentos que eu guardarei pelo resto da vida. Vinte e cinco anos. Algumas pessoas nem chegam tão longe... As coisas tinham sido difíceis – às vezes mais que difíceis –, e em algumas horas eu duvidei que conseguiríamos, mas de alguma maneira, conseguimos.

Mesmo ele tendo sido levado de mim de forma tão cruel, era difícil lembrar dele sem sorrir. Sem esse sentimento de calor que se infiltrava na dor e a afastava, mesmo que só por alguns minutos de cada vez.

Nick não foi trabalhar nos primeiros dois dias, porque tinha medo de me deixar sozinha. Eu lhe disse que ele tinha de voltar antes que minha tristeza o contagiasse. Ele telefonava o tempo todo, e os telefonemas, se atendidos, eram mais ou menos assim:

– Si, como está?

– Bem, Nick

– Olha, você não parece bem. Vou para casa, está bem? Me dê 20 minutos.

– Não, por favor. Fique aí no trabalho. Eu prometo que vou ficar bem.

– Tem certeza?

– Sim.

Eram pelo menos quatro desses por dia.

Amigos vinham até a porta; às vezes, eu atendia, às vezes, não. No primeiro dia, Elouise chegou sozinha. Nick a deixou entrar. Eu não sabia que ela viria. Eu estava totalmente distraída, sentada na cozinha tentando comer umas torradas. Quando eu digo *tentando* comer, é isso mesmo que eu quero dizer. Era como tentar engolir uma lixa com geleia por cima.

– Si? – disse ela, com lágrimas nos olhos, parada à porta. Não haviam sobrado lágrimas em mim. Ela estava usando uma camiseta branca com jeans de corte masculino e sapatilhas. Estava linda. Levantei a cabeça da torrada e me senti tão contente por ela estar ali, mas assustada demais para falar. Eu não sabia o que sairia de minha boca. Ela veio na minha direção lentamente, e eu me levantei quase cerimoniosamente, sem saber o que fazer com os braços. Eu não sabia o que fazer, ou o que dizer. Ela só me abraçou. Ficou me abraçando bem forte pelo que pareceu uma eternidade. Quando ela se afastou para me olhar, seu rímel havia borrado todo o seu rosto, como um vazamento de petróleo. Seus olhos estavam vermelhos.

– Desculpe, Si. Eu não devia estar chorando – desculpou-se, fungando com força e puxando uma cadeira de madeira para sentar-se. Nick ficou parado à porta, observando por alguns instantes, e depois fez chá para nós e subiu de fininho. O vapor subia das canecas, e eu envolvi a minha nas mãos, necessitada de mais calor.

– O que eu vou fazer agora, El? – perguntei, começando a sentir que meu queixo voltara a responder.

Ela segurou minha mão sobre a mesa e a apertou com força.

– Você vai ficar bem, viu? Eu adoro você, Sienna. Sou praticamente da família, você sabe. Eu sempre vou estar por perto, e Nick também.

Senti as lágrimas jorrarem novamente, justo quando eu pensei que elas haviam secado. Certo, não devia ser humanamente possível chorar desse jeito! Olhei para os nós da madeira da mesa e comeci a percorrê-los com o dedo. Eles eram lisos. Minha cabeça estava pesada, e eu queria colar o rosto naquela superfície fria, mas seria um pouco estranho.

– Obrigada – eu disse-.

– Eu posso fazer alguma coisa para ajudar? – perguntou ela.

Para ajudar. Eu só queria meu pai de volta. Mesmo que dormindo. Eu só queria vê-lo ressonar, como costumava fazer. Queria preparar o jantar, ouvir suas divagações sobre algum assunto do mundo que ele estivesse estudando, ler para ele. Eu queria estar lá para segurá-lo quando ele caiu. Se eu tivesse chegado em casa mais cedo...

Eu sonhara com isso, sonhos que me faziam suar e tremer. Terrores noturnos. Em meus sonhos, Ant me dizia que eu podia ir para casa mais cedo. Eu chegava em casa, e papai e eu ficávamos na cozinha juntos, rindo e brincando, como de costume. Depois, quando ele caía, eu via e tentava pegá-lo, cruzando as mãos sob suas costas. Mas ele era muito pesado para mim, eu não tinha força suficiente, e ele atingia o chão e desaparecia. Eu começava a procurar por ele, nas minhas mãos e joelhos, agarrando o chão na tentativa de encontrá-lo. Mas ele se fora. Eu já acordara duas vezes, arranhando o colchão à procura de meu pai.

O que poderia Elouise fazer exceto ficar na minha vida? Ela não podia trazê-lo de volta.

Mas eu esperava que ela nunca desaparecesse daquele jeito. Que nunca fosse tirada de mim. Mas não havia mais garantias. A vida era frágil, temporária. Isso me assustava.

– Podemos fazer uma noite de Disney? – perguntei.

Ela riu um pouco antes de perceber que eu falava a sério.

– É claro, podemos sim. Eu trago o vinho e a comida, e podemos ficar vendo filmes da Disney a noite toda, se você quiser. – Ela afastou a franja de seu rosto manchado e sorriu.

– Sim, por favor – disse eu.

– Que tal amanhã? – perguntou.

E foi o que fizemos. Nick, Elouise e eu. Sentamos juntos no sofá; Elouise à minha esquerda, Nick à direita. Assistimos a *A Dama e o Vagabundo*, *A Pequena Sereia* e *O Rei Leão* de uma tacada só. E bebemos vinho como se ele fluísse das torneiras da cozinha. Não sei ao certo por que eu pedi para ver desenhos da Disney, mas alguma coisa neles me confortou naquela hora. Fez o mundo parecer melhor. Às vezes eu não tinha nem energia para abrir a porta para meus amigos.

Um dia, acabou o leite, e eu tentei ir ao supermercado, mas me senti tão esmagada pelo ar fresco e pelo barulho de tudo que não consegui aguentar e voltei para dentro de casa. Foram 15 dias que pareceram um mês, talvez um ano. Uma confusão de horas insensíveis e tempestuosas, em que três da manhã podiam ser a hora do almoço.

Na quarta noite, o sonho realmente me pegou. Eu finalmente adormecera quando o pesadelo veio e me acordou em alguns minutos. Fiquei tão perturbada que comecei a tremer. Nick dormia a sono solto em seu quarto; eu podia ouvir a respiração dele do outro lado do corredor. Tentei focar nela, mas não estava ajudando a aliviar a pressão no meu peito, que me apertava cada vez mais. Em vez de ficar ali tentando me acalmar, eu o acordei. Eu não conseguiria passar a noite sem ele.

– Nick, Nick – sussurrei, cutucando de leve o braço dele. Senti-me uma louca.

– Ahn? – disse ele, preguiçosamente, enquanto acordava, esfregando os punhos nos olhos. – Si, o que foi? – A voz dele era de pânico.

– Desculpe, me desculpe – murmurei, começando a chorar novamente, sentada na cama dele e me sentindo uma idiota. – Eu simplesmente não consigo aguentar. Não sei como vou conseguir aguentar – eu falei, a voz embargada, puxando meu pijama para cobrir os joelhos e me proteger

da humilhação desse momento.

Ele se sentou na cama e me puxou para si, envolvendo minha cintura com seus braços. Senti-me leve como uma pluma. Ele começou a afagar meu cabelo. Era tudo de que eu precisava. Quase imediatamente, senti a ansiedade me deixar.

– Desculpe, eu sei que não devia acordar você – disse, tentando ver o relógio na escuridão do quarto. Eram três da manhã. Eu podia senti-lo, seu corpo perfeito sob uma camiseta macia e amarrotada. Eu estava tão envergonhada, mas totalmente incapaz de passar a noite sem ele.

– Psiu, Sienna, nunca peça desculpas. Você sabe que eu faria qualquer coisa por você – disse ele, com uma voz profunda.

Agarrei-me a ele com ainda mais força. Pensei no quanto o amava. Em como era profundo. Em como era mais que só o tesão inebriante que eu sempre sentira – algo muito mais poderoso. Mais profundo que a dor que eu estava sentindo e que o lago de lágrimas que eu chorei. Eu mergulhei no amor dele. Estava me curando... Eu percebi que agora estava deitada ao lado dele, e ele tinha os dois braços em volta de mim. Eu estava afagando os pelos de seu antebraço direito.

– Sienna – disse ele, justo quando eu estava adormecendo em meu estado de exaustão emocional.

– Sim.

– Você sabe que eu nunca vou te deixar, não sabe?

Fez-se silêncio.

– Como assim, Nick?

– Eu só... eu vou sempre participar da sua vida, da maneira que for. Eu nunca vou abandoná-la – disse, num sussurro.

Mas como ele podia saber? Como alguém pode prometer algo assim? Eu não disse nada e caí no sono.

De alguma forma, passados 15 dias, eu me sentia bem melhor. Essas coisas levam tempo para sarar – anos, na verdade –, e eu sei que, mesmo quando for uma velhinha, olharei para trás, para esses dias, e sentirei algo imenso me arrebatando, embora eu não saiba ainda o que será. Mas, lentamente, eu voltei ao meu normal. Comecei a limpar a casa quando Nick estava trabalhando. Eu tinha de me arrancar dessa tristeza. Isso me fez sentir melhor. Eu esfregava as torneiras, passava o aspirador no chão sem parar, e até tirei o pó do teto.

E comecei a elaborar refeições para ele, envolvendo temperos exóticos e camarões gigantes, coisas que eu nunca fizera antes. Finalmente, consegui me aventurar na rua e comecei a ir ao mercado do bairro, onde podia comprar todo tipo de ingrediente excitante. Eu sentia o cheiro, eu os tocava, absorvendo todas as texturas e cores. Eu tinha de ser forte e, de alguma maneira, encontrei algum tipo de consolo nesse mercado louco, como todo o seu movimento e vibração. Havia algo de novo e excitante aqui. Os vendedores mediam as coisas e as fatiavam, colocando-as em caixas e embrulhando-as em papel. Eu adorava.

Numa noite de sexta, a campainha tocou novamente. Nick não estava em casa. Vi a figura de um homem alto pelo vidro fosco, mas não sabia quem poderia ser. Passei a corrente e abri um pouquinho a porta, só para garantir.

Era Pete. Eu não tinha ideia de que ele sabia onde me encontrar nem por que eu estava aqui.

Na verdade, eu achava que ele nunca mais queria me ver. Ele parecia tão melhor. Foi um choque, na verdade, mas de um modo positivo. Eu não consegui entender. Era muito confuso. Eu achava que ele me odiava desde que eu levava Laura até o parque e tudo dera errado. Eu não o via nem sabia dele desde então...

Quando espiei pela fresta, pude ver imediatamente que ele engordara, e que estava até usando camisa. Sua pele parecia boa. Uau! E ele trazia um grande ramallete de flores nas mãos, com cores tão vivas que me ofuscaram os olhos. Tirei a corrente e abri a porta.

– Vem cá – disse ele, abraçando-me antes que eu tivesse a chance de falar. Algo naquele abraço me dizia que ele estava arrependido e assustado, tudo ao mesmo tempo. Assustado por não saber qual seria a *minha* reação dessa vez. Para ser sincera, eu nem tinha energia para reações fortes. E eu também sentira falta dele... Era tão bom vê-lo. Apesar disso, algo no passado dele tornava ainda mais difícil ficar ao seu lado. Sua dor fora tão destrutiva e tão profunda que o levava para o inferno e o trouxera de volta. Isso me preocupava.

Sentamos na sala de estar.

– Sienna, eu sinto muito – começou, colocando as mãos no rosto.

– Ah, não se preocupe. Foi há tanto tempo, Pete... – respondi, sentindo-me um pouco acabrunhada com aquilo.

– Não, não. Não é só por isso. É pelo seu pai – disse ele, com um olhar de profundo arrependimento nos olhos. – Eu não sabia que ele estava doente. Eu não sabia nada, Sienna, e falei com você de modo tão rude. Fui agressivo com você. – Ele se inclinou na minha direção, sua linguagem corporal cheia de remorso.

– Como você descobriu? – perguntei.

– Nick me procurou. Ele entrou em contato com a instituição de caridade e me encontrou.

– Nick? Mas vocês não se conhecem...

Pete tropeçou nas palavras ao murmurar algo quase ininteligível sobre arranjar coragem para voltar a Balham e perguntar para as pessoas onde eu estava.

– Como Nick sabe sobre a instituição? Eu nunca contei a ele. Pensei que você odiasse a ideia de eles interferirem e não quisesse nada com eles – falei, subitamente muito curiosa.

– Ah, é... eu não sei. Escute, Si. Naquele dia em que você e Laura foram ao parque, eu explodi feito uma criança mimada... Bom, sabe, eu voltei. Eu dei meia-volta depois de dois minutos e vi que Laura estava sozinha lá. Você tinha ido embora, e nós começamos a conversar, e... bom, eles me ajudaram.

Senti uma súbita onda de alegria me invadir. Eu não sabia que ele voltara.

– Nossa! Que incrível, Pete. Fico muito contente. – Achei que agora tudo começava a fazer sentido. Mas depois me eu lembrei do que acontecera com o meu pai e imediatamente senti a tristeza voltar.

– Eu queria entrar em contato e falar com você, mas fiquei achando que você talvez não quisesse me ver depois do modo como me comportei. E aí eu soube do que aconteceu, e simplesmente tinha de encontrar você...

Eu não sabia o que dizer. Eu estava tão contente por ele estar ali.

– Pete, este sentimento passa algum dia? – perguntei, olhando para a TV, que estava muda. Meu estômago estava vazio, mas não por falta de comida. Estava passando um programa horrível; eu estava assistindo sem o som quando ele chegou.

– Sim e não. Sabe, eu passei por tempos difíceis, mas não sou como você. Não sou tão forte... – continuou, parecendo envergonhado de si mesmo.

Eu não sabia o que ele queria dizer com aquilo. Ele era um homem alguns anos mais velho que eu, que passara os últimos anos dormindo no chão duro e frio. Ele era mais forte do que eu jamais seria.

– Mas você. Você tem algo de especial, Sienna, e eu sei que você vai pegar isso e transformar em algo bom. – Ele estancou o olhar dentro do meu. Eu me esquecera de como seus olhos eram frio. Como eram azuis.

– Obrigada – disse eu, sem saber ao certo o que ele queria dizer.

– Não passa nunca. Você vai pensar nisso pelo resto da sua vida. Mas fica mais fácil, eu juro. Seus sentimentos vão se ajustar e mudar, mas ele nunca vai parar de trazer alegria para você, porque está tudo aqui, todas as lembranças. – Ele bateu o dedo na têmpora.

As palavras dele foram de grande conforto para mim. Mas eu não conseguia impedir que o medo me paralisasse a garganta e o peito.

– Como está a sua vida, Pete? Você está dormindo num albergue ou algo parecido? – perguntei, esperando concentrar-me em algo mais positivo.

Ele sorriu. Havia uma expressão em seu rosto que eu nunca vira antes. Positividade, eu acho.

Inclinei-me para a frente e segurei as mãos dele.

– Sim, estou, e é maravilhoso, Sienna. Conheci gente muito legal, e fui a uma entrevista de emprego hoje.

– Você o quê? – Eu quase dei um pulo no sofá de puro deleite.

– É, sim. Eles me mandaram para uma entrevista numa pequena empresa em Camden. É só um cargo administrativo, e não acho que vou conseguir, mas é um bom começo, não é?

Eu realmente esperava que ele o conseguisse. Seria um recomeço para ele; um dia ele seria capaz de voltar a viver com algum conforto.

– Estou tão orgulhosa de você, Pete. Muito bem. Como você acha que foi?

– Eu estava absurdamente nervoso, Si – disse ele, inclinando-se ainda mais para perto de mim e expondo as lacunas onde antes estavam seus dentes inferiores.

Eu dei risada pelo que parecia ser a primeira vez em séculos.

– Como assim, quer dizer que fez tudo errado? – perguntei, rindo ainda mais.

– Ah! Não foi bem assim, mas eu estava bem alterado. Peguei o ônibus errado e tudo, porque não consegui ver direito por causa do medo. – Ele juntou as mãos, entrelaçando os dedos. – Eu só queria agradecer a você, Sienna – continuou, parecendo bem mais sério agora.

– Ah, não precisa agradecer. Não foi nada demais, Pete. Mesmo. Foi você quem fez tudo, foi você quem escolheu, foi você quem voltou e falou com Laura. Você não é fraco, Pete. Você é especial...

Fiquei tão orgulhosa dele naquele momento. Eu estava sendo realmente sincera. Conseguir as coisas é relativo. Consiga ou não o emprego, ele já ganhou mais respeito de mim por ter se levantado da sarjeta do que alguns altos executivos que eu conheci. As conquistas dele eram só dele, de mais ninguém. Aquilo, ninguém nunca lhe tiraria.

– Não, de verdade. Eu não sei se estaria vivo se não fosse você. – Ele falou bem sério, e seus olhos começaram a lacrimejar ligeiramente. – Para mim, Sienna, você é um anjo.

Senti a emoção me invadindo o peito novamente, mas me esforcei ao máximo para controlá-la. Olhei mais uma vez para a TV; estava nos comerciais, e uma mulher segurava uma garrafa de alvejante perto da tela, apontando para ela como se fosse a resposta para todos os males do mundo.

Eu não era um anjo. Se eu fosse um anjo, teria salvado meu pai. É isso o que os anjos fazem.

Mudei de assunto.

– Me avise quando tiver a resposta do emprego, por favor? – eu disse, implorando, desesperada para saber o resultado.

– É claro que sim. Eu também queria perguntar... Quando será o enterro?

Ah, sim. O enterro. Fora um pesadelo organizá-lo, e, para ser sincera, ele me apavorava, porque eu sabia que seria o último adeus.

– Será na segunda, Pete – falei, incapaz de segurar as lágrimas por mais um instante sequer.

“... totalmente maravilhado por ela.”

Nick

A igreja era grande, e nós nos sentíamos pequenos. Um modesto grupo de pessoas espalhadas pelos bancos de madeira, unidas pela perda, mas divididas pelo medo. Havia uma enorme lacuna entre uma pessoa e outra, os familiares constrangidos por nunca terem estado por perto, amigos envergonhados de sua negligência. Rostos vermelhos se escondendo atrás de lenços amarrotados. E entre essas pessoas estava um pequeno punhado de seres humanos que nunca haviam falhado com Sienna. Eles podiam erguer a cabeça com orgulho, seguros por saber que haviam dado seu apoio. Adequadamente.

É sempre difícil quando alguém morre. Coisas inacabadas, arrependimentos se abrem como uma ferida sem ninguém para suturá-la e fazer as coisas voltarem a ser do modo que eram.

Sienna emagrecera muito nas últimas duas semanas, o que era preocupante, mas continuava linda. Ela usava um vestido preto com detalhes de pequenas franjas em torno das mangas e um decote quadrado que revelava sua clavícula. Ele era justo na cintura com uma saia que se abria até acima do joelho. Ela estava usando o vestido com meia-calça escura e sapatos de salto médio, e, cobrindo seu cabelo longo e brilhante, havia um pequeno chapéu cinza anguloso com uma grande pluma enrolada. Ela parecia uma foto de revista, com os olhos azuis contrastando com a pele alva. Suas bochechas eram tão rosadas que era como se ela fosse a personificação da vida e tudo o que nela existe de belo.

Se seu pai pudesse vê-la agora, e eu tinha certeza de que ele podia, eu sabia que ele teria olhado para ela e não desejaria ter mudado nada em sua vida, desde que ela ainda fosse parte dela. Ela a adorava. Ele a amava mais do que o ar que inflava seus pulmões. E eu também.

Eu segurara a mão dela a manhã inteira, seus dedos entrelaçados aos meus, tentando, de alguma ínfima maneira, tornar aquele dia mais fácil para ela.

Foi difícil soltar-me dela e observá-la andar até a frente do pequeno grupo. O ar estava repleto de perfumes de incenso e mogno. Ela virou-se para nós e sorriu, passando as mãos na frente do vestido e olhando para a frente com nervosismo. Meu estômago dava voltas, e eu sentia enjoo. Engoli em seco. Com dificuldade.

Ela pigarreou.

– Meu pai – começou, e inspirou o ar tão profundamente pelas narinas que todos, automaticamente, fizeram o mesmo sem perceber. Ela se recompôs e continuou. – Meu pai, George, gostava de dormir – disse, começando a rir baixinho e olhando para as mãos, que estavam entrelaçadas na altura de sua cintura. Suas covinhas estavam à mostra e isso me fez sorrir, apesar da tristeza presente. Sua voz ecoou pela sala quando ela riu, e a pena em seu chapéu balançou suavemente. Amigos e familiares começaram a rir junto. Baixinho. Timidamente. Com gratidão.

Eu sorri ao lembrar de todas as vezes que George desmaiara. Para trás. Para a frente. Sobre as almofadas, livros e pratos cheios de massa; ele não era exigente. E a situação era tão miserável que você tinha de ver o lado engraçado. Ele certamente o fazia.

– Sim. Como vocês todos devem saber, ele era um homem muito cansado, e nossas vidas não

eram nem um pouco normais... – Ela fez mais uma pausa, limpando a dor que ficara presa em sua garganta.

Olhei para trás e vi Elouise inclinando-se para a frente, sentada no banco de trás; ela olhou para mim com lágrimas nos olhos. Segurei a mão dela e lhe sorri, confortando-a. Depois, voltei-me para Sienna.

– Mas, apesar de todo o seu cansaço, sua exaustão, para mim ele era cheio de vida – declarou, com um ar de plena alegria estampado no rosto.

Lenços enxugavam rostos. Soluços eram abafados no peito, músculos retesados. Ninguém queria fazer barulho, então ficamos todos em silêncio, remoendo as lembranças. Eu cerrei os dentes com força para não cair em prantos ali mesmo. Tudo o que eu queria era correr até ela e segurar sua mão enquanto ela falava. Cuidar dela. Era difícil ficar ali sentado assistindo, mas era preciso.

– Eu fui tão abençoada por conhecer meu pai durante o tempo que tive com ele, e eu não mudaria nada. Ele amava tudo o que eu fazia, fosse bom, fosse ruim. Era incondicional – disse, mordendo o lábio num sinal de vulnerabilidade, mas continuou forte. – Nem todo mundo pode dizer que foi amado de modo incondicional. – Ela fez contato visual comigo por um instante e depois continuou. – As coisas foram muito difíceis para nós, mas eu faria tudo novamente, por ele. Cada pequena coisa. Mesmo sentindo um pesar enorme por ele ter partido, não posso deixar de me sentir uma mulher de sorte.

Ao dizer isso, percebi o raio de sol que brilhava através do vitral. Ele a envolvia num foco de luz gloriosa. Somente ela. Ninguém mais.

Ela olhou para o teto, como se ele estivesse lá, falando com ele.

– Obrigada, papai – disse.

Elouise curvou-se atrás de um banco para esconder sua dor, os dedos se soltando dos meus.

– Meu pai não saía para o mundo real havia anos, não do modo adequado, mas aprendeu mais sobre ele do que qualquer um de nós. – Ela fez um gesto indicando o caixão, que estava decorado com flores. – Este homem, bem aqui, escreveu sobre o espaço sideral, sobre maratonas, tribos africanas, ciclos de colheita, e muitas outras coisas... Ele aprendia estudando as experiências e crenças de outras pessoas, depois ele descrevia essas experiências como ele gostaria de vivê-las. E não posso deixar de imaginar quantos de nós lutam para olhar para além das janelas de nossos escritórios todos os dias.

Ela começou a caminhar lentamente na direção do caixão.

– Meu pai era um herói para mim. Não porque ele corria em maratonas e não porque tenha viajado pelo mundo, mas porque ele foi capaz de imaginar tudo isso. Ele nunca sentiu amargura, inveja, ou egoísmo. Ele não tinha medo de aprender sobre uma vida que nunca seria capaz de explorar de verdade. – Ela colocou a mão no caixão, deslizando-a sobre a madeira lisa e envernizada.

– Ele sempre me ouvia. Mesmo quando estava dormindo. De alguma maneira, nós superamos tudo, papai e eu. Vou sentir falta dele pelo resto dos meus dias, mas serei sempre grata por tê-lo conhecido e amado. E sempre o amarei... Sempre.

Uma lágrima caiu de seu rosto e aterrissou na superfície de madeira. Ela passou a mão na

face e limpou-a com delicadeza, e mais se seguiram.

– Então, se vocês me perguntarem se estou triste, eu direi que sim, que estou mais triste que nunca. E, se me perguntaram se estou com raiva, eu direi que sim, é claro, porque sinto que ele foi roubado de mim. Mas o mais importante é que estou feliz. Feliz por ter tido a sorte de chamá-lo de pai e de amigo. Tão feliz que valeu a pena toda a luta, todo o medo e a dor, porque sem tudo isso você nunca pode dizer que vivenciou de verdade as melhores partes.

Senti a emoção parar em minha garganta. Eu estava tão exausto que não sabia o que fazer comigo mesmo a não ser começar a brincar com um lenço de papel, rasgando-o lentamente em tiras a partir do meio e transformando-as em bolas entre os dedos. Os músculos do meu estômago começaram a dar puxões tão agudos que eu tentava desesperadamente me manter ereto.

Sienna voltou-se para o rosto de George dentro do caixão, com as duas mãos em cima dele.

– Eu amo você, papai... – Ela manteve o controle durante o tempo todo, mas agora as lágrimas vieram. Elas jorravam de seus olhos para dentro de um lenço de papel, que ela apertava contra a pele macia. Doía-me doía por dentro, porque eu precisava estar junto dela, mas eu tinha de ficar aqui e deixá-la fazer aquilo sozinha.

Mais uma vez, fez-se silêncio total, quebrado somente por alguns soluços e fungadas, e ela virou-se de costas para nós. Ela disse adeus com as duas mãos sobre o caixão, tremendo muito e chorando em silêncio. Eu podia ver as laterais de seu estômago tremendo. Ela começou a sussurrar para ele – o último adeus que não era para nossos ouvidos. Pertencia a ela e George.

A luz ficou ainda mais clara, penetrando pelas vidraças. Eu gosto de pensar que a luz era George, dizendo a ela, de alguma maneira, que a amava e que estaria com ela para sempre, do modo que pudesse.

Finalmente, ela se inclinou e beijou suavemente a tampa do caixão de seu pai, depois afastando-se dele e voltando lentamente para mim. Estudei seu rosto e vi, não a dor desesperada, mas algum tipo de alegria por ela ter vivenciado um amor tão poderoso. Eu podia ver tudo isso só de olhar para seu rosto, porque já a conhecia muito bem.

Sienna era mágica. Para mim, uma heroína. Ela conseguia ver o melhor em todas as situações e, de alguma forma, superava todas elas. Sua força me assustava, mas ao mesmo tempo invocava enorme inspiração em minha alma. Era como se ela andasse em câmera lenta, com os olhos colados nos meus. Eu nunca sentira tanto orgulho de alguém; estava totalmente maravilhado por ela. Eu queria fugir com ela para algum lugar onde não houvesse gente, não houvesse carros e prédios, para dizer a ela quanto eu a amava e como a achava incrível.

Ela sentou-se ao meu lado, seu corpo quente junto ao meu. Segurei sua mão com força, enfiando todos os seus dedos entre os meus. O caixão começou a sair de vista lentamente, e quando isso aconteceu ela apertou minha mão tão forte que eu temi que seu coração fosse partir-se.

Colei a boca no ouvido dela enquanto ela assistia George desaparecer.

– Você é incrível, Sienna Walker. Fique forte, por mim. Seu pai tinha muito orgulho de você. Mais do que você pode imaginar – sussurrei com carinho.

Mais uma lágrima enorme rolou de seus olhos azuis, e eu estendi o dedo indicador e a enxuguei. Assim que o caixão sumiu, puxei o rosto dela para perto do meu e fiquei olhando

dentro de seus olhos vítreos até sua respiração se acalmar e a igreja ficar vazia.

Sienna

– Tem certeza de que vai ficar bem sozinha esta noite? – perguntou Elouise, que estava de pé na minha cozinha, beliscando uma bolacha. O apartamento parecia tão vazio agora, mas eu precisava ficar só pela primeira vez. Era algo que eu tinha de fazer. Finalmente, sentia-me pronta. Bom, pelo menos eu achava que sim.

– Sim, eu vou ficar bem, querida – falei, fingindo positividade. Estiquei as mangas sobre meus braços e desejei poder me enfiar no meu cardigã e ficar lá escondida até que as coisas se normalizassem. O dia fora sido escaldante, do tipo de calor opressivo que dá dor de cabeça. Agora, ele se fundia numa noite deslumbrante, cor de salmão com faixas púrpura que rasgavam o céu, enquanto o sol ia dormir. Eu podia ver o esplendor daquilo tudo pelas janelas, que estavam totalmente abertas para deixar o ar fresco entrar. Passei o pé descalço no piso e senti os ladrilhos frios na minha pele. Vi minha imagem no espelho. Parecia que eu não dormia havia dias, minha pela tinha um tom acinzentado.

Elouise tombou a cabeça para o lado e sorriu, jogando o último pedaço de bolacha na boca.

– É mesmo? Porque não consigo deixar de achar que pode ser muito cedo... – disse ela, duvidando, com o cabelo loiro e grosso caindo sobre o ombro direito. Um olhar de preocupação se mostrava em seu rosto.

– De verdade, sim. Eu prometo – respondi.

– Bom, se começar a se sentir horrível, me ligue. Eu venho que nem uma bala. Promete que vai ligar se ficar mal? – perguntou, quase implorando.

– É claro que vou. Mas pode deixar, eu vou ficar bem – eu disse, esperando sinceramente que sim. Eu tivera essa mesma conversa com Nick algumas horas antes. Foi quase impossível tirá-lo do apartamento. Eu acabei tendo que empurrá-lo porta a fora, fazendo cócegas dos lados dele, porque ele não consegue defender-se quando eu faço isso.

– Olhe, El. Eu prometo que vai ficar tudo bem. Estou me sentindo melhor agora. – E realmente estava, pensei, olhando à minha volta para o lugar que dividíamos, meu pai e eu. Eu tinha de aprender a ficar sozinha. Eu teria que passar noites em solidão sem falar sozinha e nem acumular contas telefônicas enormes ligando para serviços de astrologia. Gatos também não eram uma opção. Eu era jovem demais para encher o apartamento com eles, fazendo xixi por todos os cantos. Eu me sentia quase pronta para assumir minha nova vida. A aceitação chegara, e estava me fazendo muito bem.

– Vou deixar o telefone no máximo. A noite toda – disse-me Elouise, ficando na ponta dos pés e me beijando a testa. Isso me fez dar risada. Ela e Nick tinham me apoiado o tempo todo. Seria difícil voltar a sentir solidão.

Ao passar por mim, ela deixou uma trilha com seu perfume no ar e eu o inalei profundamente, segurando sua lembrança bem próxima de mim para o silêncio da noite, quando precisasse dela. Eu não telefonaria para ela, nem para Nick, nem para ninguém. Nem mesmo para Margarete, a Mística, de South Ealing, e seu serviço astrológico por telefone.

– Amo você, Si – ela disse, virando-se para mim, parada à porta, com seu corpinho quase totalmente engolido por uma camiseta moderna.

– Também amo você, bonitinha – falei, parada ao lado do balcão.

A porta se fechou lenta e silenciosamente. Olhei à minha volta e respirei fundo.

Aquela noite eu tive fome pela primeira vez em muito tempo, então preparei meu jantar favorito: contrafilé malpassado com purê de batatas e vegetais à Mediterrâneo. Nick trouxera todos os ingredientes para mim. Acho que ele ficou preocupado que eu fosse acabar parecendo um esqueleto ambulante se não engordasse logo. Ele não estava de todo errado, pensei, olhando para minha calça, que estava fazendo pregas na cintura.

Passei pelo menos uma hora preparando tudo, enquanto os restos do dia deslizavam para trás de nuvens escuras. Liguei o rádio e cantei em voz alta, acompanhando todas as músicas. Ótimas músicas. Músicas horríveis. Não importava o que fosse, porque era um modo de liberar a tensão, mesmo que isso implicasse berrar a plenos pulmões junto com o Aerosmith e usar uma abobrinha como microfone. Eu podia cantar tão alto quanto quisesse, e sabia que ninguém me incomodaria. Esta noite era só minha.

Piquei as cebolas, fatiei os cogumelos ao meio e dividi tomates suculentos em quatro. Coloquei um filé na panela e ouvi-o frigir com satisfação, o cheiro me penetrando o nariz e me deixando com mais fome ainda. Eu tinha uma garrafa de vinho e um pequeno chocolate na geladeira. Eu me regalaria. Relaxar, me banhar nas lembranças felizes. Porque elas eram felizes, e nunca seriam roubadas de mim como meu pai foi.

Depois do jantar, aninhei-me no sofá, coloquei *Bonequinha de Luxo* no DVD e fiquei bebericando vinho branco gelado numa taça enorme. Pelo menos dessa vez eu estava contente. Não me sentia assustada, sentia-me segura e feliz. Eu ainda não deveria estar chorando feito uma doida? Será que eu estava em estado de negação? Olhei por sobre a cadeira diante de mim e desejei que meu pai estivesse sentado nela. Desejei com tanta intensidade que o imaginei diante de meus olhos, seu rosto lindo e gentil e seu corpo frágil embrulhado numa malha e calça xadrez. Pensar nele me fez dar um sorriso tão largo que esqueci, por um momento, que o filme estava passando. Fiquei olhando para o vazio onde ele costumava estar. Quando me volvei para a tela, lembrei de todas as minhas cenas favoritas. A paixão de Audrey Hepburn por festas, diamantes e por dormir até o meio-dia. Era um mundo mágico no qual eu poderia me perder. Eu gostaria de poder viver assim, andando por aí com um cigarro e um sorriso sexy, sem precisar de mais nada na vida além da data e local de minha reunião social.

E depois, lembrei-me dos cadernos de papai. Resmas e resmas de escritos que eu nunca lera, porque não queria intrometer-me. Eles estavam espalhados por todo o apartamento, e eu não os tocara. Parecia-me errado tirá-los do lugar, e quando Elouise, Nicke e eu arrumamos as coisas dele, implorei a eles que deixassem os cadernos onde estavam.

Estavam todos à vista, me rodeando. Cadernos grandes com capa preta e grossa, rótulos brancos datados. Estavam empilhados cuidadosamente, alguns nas prateleiras, alguns em cima da televisão e muitos mais em caixas debaixo da cama dele. Sentei-me por um instante e fiquei pensando como me sentiria se os lesse. Seria cedo demais? Será que reacenderia todo o medo e agonia, ou seria como se ele estivesse de volta aqui comigo?

Interrompi o filme e fiquei sentada por algum tempo, tomando mais uns goles de vinho e pensando no que fazer. Peguei o caderno que estava mais perto de mim e deslizei as mãos sobre a superfície lisa e fria. Um relâmpago acendeu o horizonte, e eu puxei um cobertor leve para cobrir-me. Deve estar chegando uma tempestade, eu me dei conta, lembrando de como o dia fora abafado. Eu não estava com medo dela. Nem um pouco.

Segurei o caderno, passando os dedos por entre as páginas, sentindo sua gramatura, que parecia ainda mais densa agora que estava coberto de rabiscos, as palavras enfiadas no papel onde ele escrevia com tanto afinho. Ele se importaria? Fiquei imaginando. Abri-o no meio e fui saudada por sua letra conhecida, que tantas vezes fora rabiscada num Post-it na geladeira, pequenos recados para lembrar-me de coisas de que precisávamos. Manteiga de amendoim. Óleo de cozinha. Sabonete.

Meus olhos pairaram por sobre as letras, assustados demais para ler, mas curiosos demais para desviar o olhar. Mais relâmpagos incendiavam o céu de verão, como luzes estroboscópicas. Eles iluminavam a sala com luz branca por um átimo de segundo e depois me jogavam novamente na luz quente das velas no meio da mesa. A chuva começou a bater nas janelas. O que eu encontraria? Descobriria que ele fora profundamente infeliz, mas escondeu isso de mim? Será que ele pensava que eu o negligenciava? O desapontava? Meu coração começou a dar pulos quando iniciei a leitura.

É o quilômetro 37, e falar em dor é menosprezar o que sinto. As ruas de Londres estão apinhadas de gente, gritando e berrando. Há muitos nomes, nenhum deles é o meu, mas, na minha cabeça, posso ouvir minha filha me incentivando. É a única coisa que me fará cobrir os últimos cinco quilômetros até a linha de chegada. Posso ver o rosto dela também diante de mim o tempo todo. Minha linda filha. Eu sei que ela está esperando por mim no final. Ela nunca me decepcionaria, eu sei.

Minhas pernas parecem carne crua, e alguns dos meus músculos começam a sofrer espasmos, pulando e se retorcendo sob minha pele suada. É uma reverberação que sobre pelas panturrilhas e chega até as coxas. Milhares de passos se fundindo num esforço enorme. Para ser sincero, a sensação é a de um sonho divertido. Entro em pânico por alguns momentos, pois não estou certo se conseguirei chegar ao fim. Não posso decepcioná-la.

Um esguicho de água é jogado, das laterais, sobre os corredores, e algumas gotas atingem meu rosto. É tão refrescante que eu quero ir claudicando até a torneira e entornar um copo em cima de mim, sentindo a água correr pela minha boca e passar pela garganta. Mas não há volume de água que saciaria minha sede — é como se eu tivesse sido espremido, feito uma flanela. Suo tanto que o suor me entra nos olhos. Pinicando. Doendo. Tudo dói. Preciso ir ao banheiro, mas parar seria o fim para mim. Tenho a sensação de que meus músculos se estancariam e secariam, rápido feito concreto. Tenho de continuar.

As pessoas à minha volta estão lutando de verdade agora, respirando com dificuldade, gemendo e suspirando feito uma horda de zumbis vestindo roupas esportivas de luxo. Tenho de continuar.

As pessoas caem feito moscas, desmoronando sobre o asfalto e caindo sobre os canteiros da pista. Não quero olhar para ela porque ficaria assustado. De algum modo, ainda estou andando. Não sei como, e, quanto mais eu penso nisso, mais aterrorizante fica.

As solas de meus tênis parecem bifes esturricados, mas começaram macias feito nuvens. Cada movimento é doloroso, cada respiração é aguda. Eu sei que não falta muito. Já corri quilômetros e quilômetros treinando, mas minha mente está me pregando peças. De repente, me parece que cinco quilômetros é um caminho longo demais. Mas minha mente está em Sienna,

porque eu sei que ela estará lá esperando por mim.

Minha visão está borrada, minha testa franzida de concentração. Gente vestindo roupas muito coloridas me confunde. As formas e cores parecem se transformar diante de meus olhos. Fico com raiva, assustado, mas eufórico, porque sei que o final está próximo. Eu sei que corri uma maratona, e terei chegado ao fim depois de todo esse tempo. Depois de toda a esperança, desejos e sonhos. Eu poderia começar a andar agora, mas não farei isso.

Pisa. Pisa. Pisa.

Sinto dor nos ombros, acidez no estômago e minhas entranhas estão em frangalhos. Eu tenho de conseguir. Este é o meu mantra. Há um balão lá na frente, rosa e preso por um cordão. Fixo os olhos nele e o sigo enquanto cruzamos as ruas de Londres. Atrações turísticas conhecidas se tornam meros incômodos no caminho. As ruas são somente algo que temos de derrotar para saborear de verdade a conquista.

Ao virar uma esquina, uma mulher está segurando uma bandeja com cubos energéticos. Agarro um deles feito um monstro, grunhindo meu obrigado e atirando-o dentro da boca, que está tão seca que faz minhas papilas gustativas se contraírem. Sinto a geleia derreter em minha língua e o gosto de amora explodir nas papilas. É muito intenso, e eu preciso de toda a energia que puder arrebancar.

Viro mais esquinas, ruas serpenteantes, subo e desço pequenas ladeiras. Quase lá. Depois do que parece uma eternidade, a linha de chegada surge adiante, coberta com ainda mais balões. Quase não ouço nada. Tudo está abafado, e a única coisa que consigo ouvir é a minha respiração chocalhando em minha mente. Meus passos longos e decididos se transformaram em pisadas arrastadas, uma perna depois da outra, como se estivesse caminhando sobre melado. Mais perto. Mais perto ainda.

É então que a vejo, perto do final da corrida. Minha linda filha, encostada no gradil e me incentivando. Seu adorável sorriso é tudo de que necessito. Há tanta gente à minha volta, mas consigo localizá-la imediatamente. Ela é tão diferente, única. De uma beleza estonteante, e todo dia eu levanto e me pergunto como criei algo tão especial. Como não estraguei isso, do modo como estraguei outras coisas na minha vida.

Foi só o que consegui ler. A emoção voltou a me rasgar o peito. Era difícil demais. Fechei o caderno. A imaginação dele me desnorteu, e eu não tinha ideia de que ele se orgulhava tanto de mim. Eu sabia que ele “terminaria” a maratona. Era meu pai, é claro que terminaria. Eu acreditava nele, mas tive de fechar o caderno por alguns momentos, ou eu tropeçaria e cairia naquele buraco de dor do qual eu sabia ser difícil sair.

Enxuguei uma única lágrima no canto do olho, imaginando que segredos o resto dos cadernos poderia conter. O filme estava tremendo ao fundo. A curiosidade me venceu. Servi-me de outra taça de vinho e fui para o quarto dele, tirando uma grande caixa que estava debaixo de sua cama, cheia de cadernos. Fiquei chocada ao ver quantos havia. Eu queria respostas. Eu queria um sinal. Alguma coisa. Eu queria conhecer meu pai melhor. Então, fechei os olhos e tirei um. Um qualquer. Um entre 50, pelo menos.

Eu o apertei entre os dedos e levei-o para a sala, sentando-me no sofá e puxando o cobertor

para envolver meu corpo. A chuva batia tão forte contra a vidraça que o ruído me deixava sem fôlego. Era um dos meus sons preferidos: a natureza castigando o mundo à minha volta, e eu aqui, segura nessa caixinha feita pelo homem, bebericando vinho e lendo.

Olhei para a etiqueta na capa do caderno. Primeiro de julho de 2006. Uau, este era bem antigo, eu pensei. Eu só estava no emprego havia uns dois meses. As coisas estavam difíceis. Mais uma vez, preparei-me antes de abrir as páginas. Eu conseguiria lidar com isso... se fosse demais, eu o colocaria de lado e voltaria a ele dentro de alguns meses. Ninguém está me forçando a ler, eu pensei, levantando a capa com mãos trêmulas. Folheei as páginas, meus olhos perscrutando as palavras. Vi, num lampejo, o nome de Nick. Que estranho... eu o conhecia havia pouquíssimo tempo nessa época. Procurei a página onde ele estava e comecei a ler.

É difícil ter filhos. O quanto você deve mostrar a eles o caminho e dar-lhes as respostas? Eu sempre fui do tipo de pai que deixa Sienna cometer seus próprios erros, descobrir as coisas por ela mesma e resolver os problemas sozinha. Não gosto de dar a ela todas as dicas. Quero que ela seja capaz de se virar sozinha um dia, porque, para ser sincero, não sei por quanto tempo mais estarei por aqui. Tudo pode acontecer. Bem, tudo pode acontecer a qualquer pessoa, é verdade, mas comigo os riscos são muito maiores, porque posso cair a qualquer momento.

Eu prometi a mim mesmo, antes de ficar doente, que não compraria tudo o que ela quisesse. Não, eu queria que ela lutasse pelas coisas para saber seu verdadeiro valor. Não quero dizer a ela todas as coisas maravilhosas que as pessoas dizem dela, porque quero que ela perceba seus talentos e valores sozinha. Quero que ela os veja sem minha ajuda enquanto cresce.

Espero que isso faça sentido e não me faça parecer um ser humano extraordinariamente egoísta. Quer dizer, se ela estiver com problemas, então é claro que vou interceder para salvá-la. Mas, se não for urgente, e se isso a fortalecer, prefiro que ela faça à sua maneira. Eu observo de lado, feito uma águia, e atiro-me com ímpeto se ela precisar de mim. E não me entendam mal. Eu estou observando (quando não estou dormindo – aí, só escuto), mas agora me encontro numa situação delicada. E sobre a qual estou em dúvida.

Ela tem um amigo chamado Nick, que ela conheceu no trabalho. Ele é artista na editora em que ela trabalha. Ela o adora. Na verdade, ela o ama. Ela ainda é jovem, mas posso afirmar com segurança que isso é muito importante para ela. Embora ela não admita... Eu não conhecia o sujeito até ontem, quando ele simplesmente apareceu na minha casa para “deixar um CD” a caminho da cidade.

Olhe, eu sou homem, e posso dizer que ele não estava, casualmente, indo ver as lojas. Pude perceber que ele a ama pelos olhos de pateta e modos acanhados no instante em que abri a porta. Era o olhar de um homem apaixonado – e ele parecia ser um ótimo sujeito.

Sienna não estava em casa, e penso que é seguro dizer que tivemos um pequeno incidente. Eu desmaiei. Mas parece que Sienna nunca contou a Nick sobre o meu problema, porque o pobre homem pensou que eu tinha tido um ataque cardíaco, ou algo parecido. Ele ficou choramingando feito uma criança. A palavra certa não era pânico. Ele estava fazendo com que eu me sentisse pior porque, quanto mais eu queria gritar e dizer para ele que eu estava bem, mais sonolento eu ficava. E lá estava eu, num corpo que eu não conseguia mexer, mas capaz de ouvir tudo. Tudo.

Ele disse algumas coisas. Ele me disse que a ama. Tenho certeza de que não ouvi errado. Ele estava implorando, e acho que ele disse: “Eu amo Sienna, ela ama o senhor, e ela precisa do senhor. Não vá a lugar nenhum...”.

E como eu lido com isso? Ele pode ter dito isso no calor do momento, ou ele pode ter afirmado que a ama como amigo. Contudo, se ele falava sério, é meu papel contar a ela as coisas que ele disse quando achava que eu tinha batido as botas?

Mas se for amor, amor verdadeiro, então desejo que eles se encontrem. Porque acredito que o amor é uma força arrebatadora e que tudo vence, e, quando é genuíno, não podemos ignorá-lo. Não importa quanto tempo leve. Ele acaba arrombando a sua porta. Ele o mantém acordado à noite. Ele invade seus pensamentos e queima sua alma. Se for amor, eles não precisarão de mim. Se contar para minha filha que o homem de seus sonhos a ama também, eu não estaria atrapalhando? Brincando com o destino?

De qualquer forma, eu tentei contar a ela, mas não consegui. Algo dentro de mim me forçou a ficar em silêncio. E, se ele a ama, rogo a Deus que ele resolva isso logo, porque minha filha é única. Ela é realmente muito especial.

Nick

Sienna foi para casa e agora eu estou aqui sozinho e triste feito um macaco de zoológico. Uma pobre criatura cuja esposa, consideravelmente mais atraente, foi exportada para um zoológico do outro lado do mundo onde há animais mais vistosos. É difícil assim estar sem Sienna. Como eu vou dormir sem saber que ela se encontra do outro lado do corredor? De que vale voltar para casa se eu sei que ela não estará aqui?

Não. Eu tinha de me manter sob controle. É importante que ela passe a primeira noite sozinha. Eu tenho de dar algum espaço a ela. Mas meu telefone está com o volume no máximo. E no vibrador também. E está numa tigela de vidro, então vai fazer bastante barulho ao vibrar, caso ela telefone enquanto estou dormindo.

Deitei na cama e decidi que tentaria ler um livro. É. Quem sabe eu encontre algo que me distraia em *Grandes Esperanças*, de Charles Dickens. Pelo que me consta, ele não tem nada a ver com garotas deslumbrantes de olhos azuis que moram na zona oeste de Londres. Você conhece o tipo – as que roubam seu coração e o deixam se debatendo inutilmente sem ele por metade de uma década, preenchendo o vazio onde ele ficava com outras coisas, mas descobrindo que elas nunca se encaixarão ali.

Um livro é provavelmente a melhor opção, porque tudo mais me faz recordar dela. Programas de TV. Música. Filmes. Rádio. Até caixas de cereal (Ela fez dois buracos numa, há alguns meses, colocou-a na cabeça e me deu um susto quando eu estava lavando louça. Eu cheguei a gritar). Então, enquanto as gotas de chuva se lançavam contra a minha janela, enfiei-me na cama e comecei a ler. Primeiro capítulo. Vamos lá.

Mas meus pensamentos se intrometiam. Talvez eu devesse ligar para Sienna... Sabe, para checar se ela está bem. Dê um pouco de espaço para a garota, cara. Agora vamos tentar novamente.

Primeiro capítulo...

Mas ela poderia estar nervosa, ela poderia *estar precisando de mim*. Ora, vamos lá. Concentre-se. Primeiro capítulo...

Eu poderia levar para ela um daqueles bolinhos de limão de que ela tanto gosta. Eu nem precisaria vê-la. Eu poderia deixá-lo diante da porta, tocar a campainha e sair correndo. Ah, é, e isso não seria, no mínimo, esquisito, Nick? Seu maluco. Primeiro capítulo...

Não. Não estava dando certo. Eu não conseguia sair do título. Sentei-me ereto na cama e empurrei o livro para debaixo das cobertas de pura frustração. Algumas páginas ficaram enrugadas. O que eu faria para me distrair? Talvez eu pudesse fazer um castelo só com palitos de fósforo? Inventar uma nova fórmula para uma vitamina de banana? Ou eu poderia rebobinar minhas antigas fitas VHS e colocar os títulos em ordem, para o caso de haver alguma explosão sônica que deixasse todos os equipamentos modernos inúteis e os antigos videocassetes fossem a única tecnologia a sobreviver. As pessoas fariam fila na minha porta porque eu seria a única casa da rua que podia exibir filmes...

Ah, Deus, acho que estou enlouquecendo. Existe algum lugar para ir tratar dessa coisa? Sabe, uma salinha branca com uma cadeira da qual é muito difícil sair e um estoque infinito de guardanapos e pizza. “Ah, com licença, eu amo esta garota há cinco anos e toda vez que eu tento dizer isso a ela eu acabo estragando tudo e isso está me deixando maluco.”

Eu poderia contar a ela esta noite. Já se passou algum tempo, pensei. Obviamente, quando George morreu daquele jeito súbito, a ideia de contar a Sienna como eu me sinto foi completamente afastada da minha mente. Fora um choque terrível, e certamente não era hora de declarar meu amor feito um idiota atabalhado. Teria sido tão bem recebido quanto um peido numa bola Zorb para dois. Mas quem sabe agora? Possivelmente?

Despreguei-me da cama e abri um pouco a janela. Uma brisa cálida me roçou o nariz e gotículas de chuva se chocaram contra meu rosto. Estava lindo, apesar de haver uma tempestade brava se aproximando. Olhei ao longe; havia muitas luzes em todo lugar. O brilho de lâmpadas em janelas aconchegantes, faróis de carros. Uma cidade resplandecente se acendia num brilho branco, como raios atravessando o céu. Olhei vagamente na direção do apartamento de Sienna e fiquei imaginando o que ela poderia estar fazendo. Estaria assustada? Triste? Poderia sentir meu amor vindo daqui? Concentrei-me nos meus sentimentos por ela e deixei que eles aflorassem, mas parecia que meu coração explodiria em chamas.

Fechei a janela e tirei um maço de cigarros da gaveta. Fumar no meu quarto, isso era novidade... Sentado na beira da cama, acendi um, a fumaça fazendo curvas intrincadas à minha volta. Olhei para o meu reflexo no grande espelho preso na porta do guarda-roupa. Que idiota era eu, fumando um cigarro de cueca. Tufos de pelo aqui e ali, por todo lado. Joelhos peludos e protuberantes. Nossa, como sou feio, pensei. Continuei dando tragadas profundas e exalando a fumaça dentro do meu quarto.

Aquilo era repugnante. Eu precisava que uma mulher viesse me salvar antes que eu começasse a viver à base de tortas de miúdos de porco e isotônicos. Quando eu começasse a passar as tardes em casas de apostas, saberia que me ferrara, mas ainda não tínhamos chegado a esse ponto.

A chuva estava ficando mais forte. Eu queria estar lá fora me afogando nela, resfriando-me, lavando todas as minhas inseguranças. Tenho duas opções, pensei, curvando-me para bater as costas numa caneca vazia que estava no chão.

Eu poderia ficar sentado aqui como a vil criatura que sou, fumando e imaginando onde perdera minha aparência de rapaz.

Eu poderia ir à casa de Sienna agora mesmo e dizer a ela que a amo.

A primeira opção era mais fácil. Envolvia menos humilhação. A segunda opção mudaria minha vida para sempre. Mas seria a hora certa?

Tempo. Que coisa mais engraçada é o tempo. Eu a conheço há cinco anos, e, cada vez que tento contar como me sinto, sou interrompido por uma variedade de coisas. Paramédicos, namorados, insegurança torturante. Qualquer coisa. E agora, enquanto ela se recupera da maior tragédia pela qual já passou, sinto-me um pouco egoísta jogando isso na cara dela. Muito bem, segundo Pete, ela sente o mesmo *de verdade*, mas não me parece certo. Com o passar das semanas, desde que eu e Pete tivemos “aquela conversa”, a ideia toda me parece cada vez mais surreal. Como se eu tivesse imaginado tudo, alguma coisa assim.

Não, pensei, pressionando a guimba do cigarro no fundo da caneca. Vou voltar para a cama e tentar dormir para dispersar esse humor estranho em que estou. Esse humor terrivelmente estranho que eu tenho.

Sienna

Eu amo Sienna. Li essa linha várias vezes antes de fechar o caderno sobre o colo, boquiaberta. Mas isso foi há quatro anos, pensei. Por que ele não disse nada? Por que saiu com outras garotas? Por que não retribuiu meu carinho naquela noite na cama? As perguntas disparavam em minha mente feito um trem. Ele não conseguiu perceber que eu me apaixonei perdidamente por ele no instante em que o conheci?

Alguma coisa começou a arrANHAR meu estômago. Acho que era felicidade – uma alegria genuína que me fez ter vontade de dançar por todo o apartamento. Ele me amava havia já tantos anos. Quem sabe, se eu tivesse muita sorte, ele ainda me amasse agora... Sabe, daquele jeito. De um jeito que não envolve nada parecido com amor de irmã e nem de algum parente do sexo feminino. Eu sei que ele me ama como amiga, mas talvez, quem sabe, eu poderia ser mais que isso. Como eu sempre sonhei ser.

Minha mente escaneou uma miríade de memórias como se eu estivesse folheando um álbum de fotos. Eu buscava pistas. Coisas que ele dissera e fizera. Talvez eu devesse telefonar para ele. Não. Não. Não vou telefonar de modo algum. O que eu diria? “Oi, Nick, eu acabo de saber que você pode ter me desejado quatro anos atrás. A propósito, em que pé isso está isso?” Ridículo.

Abençoado seja meu pai. Eu compreendi a lógica dele. *Mas por quê, meu Deus, por que ele simplesmente não me disse?* Foi então que eu lembrei das vezes em que ele obviamente chegou perto de dizer as palavras, as coisas estranhas que ele começava a dizer e que me confundiam, mas eu simplesmente as esquecia. Agora vinha tudo à minha cabeça, enormes flashbacks que me invadiam a mente. A televisão ao fundo era só uma mancha branca, as imagens se fundiam numa só. Fiquei possuída. Peguei o telefone novamente, segurando-o na mão e olhando para os números. Sim. Tenho de ligar para ele. Vamos lá, é Nick. Posso dizer qualquer coisa para ele. Não posso?

Talvez eu possa dizer-lhe que o amo mais que tudo no mundo e que, se ele me desse a oportunidade, poderia amá-lo melhor que qualquer outra pessoa. Todas as mulheres loucas que ele namorou, com suas mudanças bruscas de humor e suas traições. Eu sei que daria o amor que

ele merece. Sem dúvida. Eu faria torradas no café da manhã, faria uma meia de Natal todos os anos, e cuidaria dele quando ficasse doente. Minha vida seria amá-lo.

Comecei a vasculhar meus contatos no celular, posicionando o dedão sobre o botão de chamar quando encontrei seu nome. Não. Não posso, pensei, cancelando a chamada subitamente e atirando o telefone na cadeira diante de mim. Já fazia muito tempo. As coisas podiam ter mudado.

Forcei-me a assistir ao filme, aumentando um pouco mais o volume para abafar o som da chuva que açoitava as janelas à minha volta. Minha parte preferida estava começando, quando Holly Golightly está correndo pelas ruas de Nova York na chuva...

Que engraçado, pensei, olhando pela janela.

Nick

Muito bem. Isso é pra lá de ridículo. Eu vou. Agora.

Enfiei uma calça jeans e peguei uma camiseta do guarda-roupa. Vesti-a tão depressa e com tanto ímpeto que minha cabeça ficou presa no buraco do braço e eu fiquei temporariamente sem enxergar por causa do tecido preto. Fiquei girando os braços no ar até atinar onde estava o buraco da cabeça. Mais um puxão, e eu recuperei a visão.

Merda, eu devia tomar um banho, pensei, enfiando o nariz na axila. Não. Não há tempo para banhos. Faz cinco anos que ando tomando banho e fazendo xixi e isso não me levou a nada. Vou pegar minha garota. Meu coração começou a pular no peito, com força.

Desci a escada correndo e invadi a cozinha, pegando as chaves do carro. Não, na verdade, que se dane o carro. Conhecendo a minha sorte, era bem provável que ele quebrasse, ou que alguma rua estivesse interditada nesse quilômetro que separa a minha casa da dela. Na verdade, eu podia quase garantir que, se entrasse naquele carro, provavelmente encontraria um rebanho de vacas teimosas no meio da rua. Totalmente sem vontade de se mexer. Na cidade. A quilômetros do campo.

Onde estava meu maldito casaco?, perguntei-me, ao vasculhar uma pilha de roupas acomodada numa cadeira da cozinha. Desisti e espiei pelas janelas do quintal, franzindo a cara para a chuva. Dane-se. Não me importei. Poderia chover móveis de escritório. Cinzas vulcânicas. Pesos de dez toneladas. Centenas de rolimãs. O que fosse. Eu enfrentaria tudo. Eu chegaria lá, acontecesse o que acontecesse.

O sangue pulsava em minhas veias. Nada me impediria. Eu deixaria de ser um bobão e contaria a ela.

“Sienna Walker, eu amo você. Está bem?” Eu disse a mim mesmo, baixinho, percebendo que soava mais como uma ameaça que com uma declaração desbragadamente romântica de um Romeu do século 21.

Abri o armário debaixo da escada e finalmente encontrei minha jaqueta impermeável, que não era absolutamente impermeável. Eu descobrira isso num recente passeio na hora do almoço, que me forçou a comprar uma calça e uma cueca de emergência, pois as minhas tinham se molhado. Ninguém quer um bumbum molhado no trabalho. Ninguém.

Enfiei o celular no bolso da calça, apaguei as luzes e abri a porta. Grandes pingos de chuva atingiram meu rosto e meu cabelo logo de cara. Estava relampejando. Bati a porta com força e

mergulhei, decidido, na noite de verão, imaginando quais seriam as chances de eu ser atingido por um raio. Eu ficaria muito bravo se isso acontecesse.

A chuva era do tipo que faz você sentir que poderia afogar-se nela, de tão forte. Ela açoitava meu rosto como se eu estivesse no convés de um navio em meio a uma tempestade furiosa. A chuva pingava do meu cabelo, escorrendo nuca abaixo. Em um minuto ou dois, todas as minhas roupas estavam ensopadas. Rasguei a jaqueta e joguei-a numa lata de lixo. Ela não servia para nada e, afinal, estava calor. Caminhei decidido pelas calçadas cheias de reflexos, a água escorrendo pela sarjeta e fluindo pelos bueiros. As árvores balançavam freneticamente, os ramos rangendo e as folhas tombando ao chão. Uma orquestra tocava música dramática na minha cabeça, violinos e violoncelos produzindo o tipo de som que faz sua espinha toda arrepiar-se. O amor percorria minhas veias. Eu estava tão perto, e ao mesmo tempo tão longe.

Sienna

Andando. Para a frente e voltando. Para cima e para baixo. Para um lado e para o outro. Como uma pequena molécula desesperada. As possibilidades haviam me tomado, e eu não sabia o que fazer comigo.

Ligue para ele, Sienna. Pegue o telefone, pelo amor de Deus. Eu sei, vou ligar para El. Ela sempre sabe o que fazer. Segurei o telefone contra o ouvido, com a mão tremendo. Eu estava tão repleta de emoção que duvidei que conseguisse falar alguma coisa.

Ela respondeu imediatamente.

– Ah, meu Deus, Sienna, o que foi? Tá bem, estou indo para aí agora – informou, com o que pareceu uma determinação indelével na voz.

– Não, não. Eu estou bem. Não é isso – disse eu, com uma voz vacilante. Passei uma mão no cabelo, esperando acalmar-me.

– Estou saindo agora. Droga, onde estão as chaves? Posso colocar Luke no carro. Ele está dormindo mesmo.

– Não, não. El, por favor, me ouça.

Fez-se uma breve pausa em que só se ouvia a minha respiração ofegante.

– O que foi? O que foi? – ela berrou, claramente frenética de preocupação.

– Eu acabo de descobrir uma coisa no diário do meu pai, El. É sobre Nick, e como ele disse ao meu pai que me amava, anos atrás. Ele me amava, El. O que eu faço?

Fez-se uma pausa, enquanto El, obviamente, pensava nas palavras que diria em seguida.

– *Ama* você. Não *amava* você. – Eu podia sentir um sorriso no seu tom de voz.

– Como assim?

– Eu vi o modo como ele tratou você nas últimas semanas. Ele adora você. Amor nem é a palavra certa... – continuou.

– Você acha? – perguntei, mais fervilhante de empolgação interior. Lágrimas de felicidade me enchiam os olhos enquanto eu tentava sentar. Não acreditava mais nos meus olhos nem nos meus ouvidos. Eu precisava que ela me desse o sinal verde.

– Sim! Pelo amor de Deus, Sienna. Ele praticamente adotou você nas últimas duas semanas,

fez você dormir na casa dele todas as noites, e o modo como ele olha para você, *daquele jeito...*

– Ela estava sussurrando agora.

– Eu vou contar a ele que o amo, El. Esta noite.

– Faça isso, por favor. Conte a ele antes que eu o faça – implorou-me. – Ah, e boa sorte – acrescentou, dando uma risadinha.

– Obrigada – respondi, com a voz tão embargada de emoção que mal podia falar.

Desliguei.

Nick

As placas da rua pareciam se confundir numa só. As sebes e as luzes brilhantes das ruas se mesclavam uma na outra. Eu andava cada vez mais depressa, senão não chegaria logo lá. Comecei a correr. Meus pés batiam no asfalto, fazendo um barulho enorme ao pisar com força na água sob meus pés. As ruas estavam desertas, e somente um ou outro carro passavam de vez em quando. Nada poderia me atrapalhar. Mais uma esquina...

Cheguei à entrada do prédio dela e estaquei de repente, com o coração batendo tão rápido que eu temia que ele explodisse. Curvei-me para a frente, com as mãos nos joelhos, desesperado para recuperar o fôlego. Essa é a coisa certa a fazer, Nick disse a mim mesmo enquanto erguia o corpo. Luzes brilhavam em algumas janelas, mas a dela estava às escuras. E se ela tivesse decidido sair? Não, certamente não... O medo subitamente me tomou. Agitação. O desconhecido.

Empurrei a porta para entrar; a trava da porta não funcionava havia anos. As escadas pareciam não terminar nunca, mas, depois de subir o que parecia a escada de emergência de um arranha-céu altíssimo, finalmente cheguei lá em cima, meus pulmões ofegantes fazendo eco no corredor.

Olhei para a porta de entrada do apartamento e parei. Eu devia estar louco. Vou dar meia-volta. É, vou para casa. Era cedo demais. O que eu estava pensando? Fiquei ali parado por um instante, ouvindo o som do meu próprio coração.

Sienna

Eu vou até lá. Mas preciso estar bonita. Todo esse choro deu à minha pele um tom fantasmagórico, e eu não dou atenção ao meu cabelo há semanas. Não era essa a maneira certa de cortejar o homem dos seus sonhos. Não mesmo.

Corri para o quarto e fui tirando o conteúdo do meu estojo de maquiagem, analisando freneticamente dezenas de lápis e frascos em busca de uma base muito necessária. Isso ajudaria. Talvez com isso ele não pensasse que já era Halloween e atirasse balas pela caixa de correio numa desesperada tentativa de se livrar de mim. Cor. Era isso que eu precisava. Espremi uma grande gota de base sobre os dedos e comecei a espalhá-la sobre a pele. Eu tremia tanto que foi difícil fazê-lo. Acabou ficando bem lisinha.

Depois, mergulhei um pincel grande numa latinha de pó bronzeador; eu era tão desajeitada que consegui derrubar um monte em cima dos meus lençóis. Ah, tudo bem. Quem se importa? Eu compro lençóis novos. Passei as cerdas macias no rosto, fazendo círculos sobre as bochechas e a testa. Eu estava começando a parecer um pouco menos que fora trancada numa masmorra

cheia de musgo por todo o verão, e mais como se tivesse passado a estação em Ibiza. Assim estava melhor. Rímel – essa era a parte mais difícil. Eu tremia tanto que consegui errar completamente os cílios e enfiar a haste dentro do olho, cobrindo minha pele de um preto fuliginoso, que parecia multiplicar-se toda vez que eu piscava. Merda. Rapidamente limpei tudo e comecei novamente. Vamos lá, Sienna, controle-se.

No final, um par de cílios pretos e grossos surgiu nas minhas pálpebras. Eu estava começando a parecer humana novamente. Tirei a faixa da cabeça, e meu cabelo caiu sobre os ombros, depois de soltar o rabo de cavalo. Penteei-o, passando a escova ao contrário também, para ele ficar um pouco mais armado.

Mais uma onda de nervoso me invadiu. Senti enjoo. A dúvida se instaurava em minha cabeça. E se ele não sentisse mais a mesma coisa? E se eu não fosse boa o bastante para ele? Foi aí que me lembrei de um vestido guardado no armário. Muito bem, ele não me ajudara muito na festa de Natal, mas talvez eu não tivesse entendido direito. Talvez, se eu o vestisse, ele me fizesse sentir melhor. Foi isso que a estranha bailarina disse, não foi? Que, sempre que eu me sentisse assustada, ou oprimida, deveria imaginar que estava usando esse vestido...

Fui até o guarda-roupa, abri as portas e lá estava ele. Meus olhos foram saudados por um brilho elétrico das mais lindas ondas de tecido verde. Como a água. Sim, eu ia colocar esse vestido. Eu não poderia usá-lo para ir à casa dele, porque seria muito estranho. Mas eu podia usá-lo por alguns minutos e depois trocaria de roupa. Hum, eu devia ter bebido demais, mas faria aquilo de qualquer maneira.

Despi-me depressa, abandonando minhas roupas numa pilha aos meus pés, e entrei no vestido. O material macio escorregou por minhas pernas enquanto eu o puxava para fechá-lo no pescoço. Estava perfeito, exceto por um toque de fumaça de cigarro ainda grudado ao tecido.

Eu *adoro* esse vestido, pensei. Subitamente, todas as lembranças da festa de Natal, e de Ben me abandonando como me abandonou, foram desaparecendo para abrir caminho para outras.

Em poucos instantes, eu estava parada diante de um espelho de corpo inteiro, olhando para uma versão de mim mesma que eu não percebera que existia. Ela tinha razão. E tudo o que eu queria era que meu pai pudesse ver-me agora... Este era mesmo o vestido que mudaria minha vida. OK, eu não estaria vestida com ele quando dissesse a Nick que o amava, mas, na minha cabeça, estaria. Fiquei na ponta dos pés e dei um rodopio, a seda verde se alargando em torno de mim como as pétalas de uma flor. Respirei fundo e senti toda a tensão se esvaindo de meus pulmões. Acho que basta, pensei, com o olhar fixo em minha imagem no espelho. É melhor eu trocar de roupa agora. Não há tempo para arrumar-me toda... Minha vaidade foi interrompida por alguém batendo à porta.

Nick

Consegui. Meu corpo estava me dizendo não, mas de alguma maneira meu coração tomou as rédeas e eu bati na porta. A porta novinha que eu encomendara para substituir a que eu derrubara, quase quebrando o braço no processo.

Eu sentia enjoo. Pavor. Minhas roupas e meu cabelo pingavam, criando uma pequena poça aos meus pés. Meu estado era lastimável. A porta finalmente se abriu e lá estava Sienna. Ela estava usando o vestido. Sabe, *aquele vestido*. A aparência dela literalmente me deixou sem ar. Senti-me como se alguém tivesse me dado um soco no estômago. Forte.

Olhando-a agora, ela parecia tudo que os escritores românticos dos últimos cem anos vinham tentando imortalizar.

Ela parecia chocada. Até constrangida. Ela corou imediatamente e ficou parada lá com a boca aberta. Não pareceu, a princípio, que estivesse contente. Minhas pernas pareciam geleia e minha respiração estava tão difícil que era possível ver meu peito subindo e descendo. Que se dane. Eu diria a ela de qualquer maneira. Era tarde demais para fingir que eu precisava de um pouco de açúcar emprestado.

– Eu te amo, Sienna. Sinto muito, mas eu a amo demais – falei, entre golfadas de precioso ar.

Ficamos nos olhando fixamente. Ela não disse nada por um momento. Silêncio. Eu esperava que a garota que eu conhecia tão bem não se tornasse uma estranha agora.

Lentamente, um sorriso se espalhou em seu rosto. O maior que eu já vira. Ela estendeu as mãos para mim, grandes ondas de tecido sibilando com seu gesto.

– Eu também te amo, Nick. Tanto, tanto, que você não pode acreditar – respondeu, com lágrimas nos olhos.

Ah, meu Deus. Pete tinha razão. Eu não sabia o que dizer, então corri porta adentro. Segurei seu rosto, pingando água em seu vestido todo. Ela me puxou para perto, enfiando os dedos em minhas costas molhadas. Eu queria beijá-la, bem ali, mas ainda não podia. Eu tinha de saborear aquele momento. Respirei forte sobre seu nariz e sua face, pressionando a boca contra seu rosto, segurando seu cabelo em minhas mãos.

– Nick, isto é um sonho? – perguntou, afastando-se e olhando dentro dos meus olhos, com lágrimas correndo sobre sua pele.

Eu não disse nada, só a levantei devagar e encostei-a contra a parede, olhando bem dentro de seus olhos. Eu podia sentir sua maciez por baixo da seda verde que se derramava até o chão.

A porta estava aberta. Não nos importamos. Um ladrão podia entrar e levar tudo, passar por nós com a televisão nos braços e com joias saindo da mochila que nós não tentaríamos detê-lo. Porque a verdade é que aquilo era amor, e não importa se você perder tudo. Seu emprego. Sua casa. Seu carro. Não, desde que você tenha essa pessoa ao seu lado.

Enterrei o rosto em seu pescoço, e ela me envolveu com suas pernas, as costas pressionadas contra o papel de parede azul. Ficamos nos olhando por alguns instantes e depois beijei seus lábios suavemente.

– Por favor, não vá a lugar nenhum. Preciso de você, Nick. Eu amo você, eu amo você, eu amo você – disse ela, até lhe faltar o ar.

E eu sabia que este seria o momento mais feliz da minha vida.

Como foi empolgante escrever este livro. Tenho de agradecer a tanta gente por me dar uma oportunidade, me apoiar e me inspirar durante todo o caminho.

Gostaria de agradecer a Mark Booth, da Coronet at Hodder & Stoughton, por abrir seu jornal local e oferecer uma oportunidade que eu fui capaz de agarrar. Sou-lhe muito grata por ter enviado meu trabalho para Sheila Crowley, da agência Curtis Brown. Sheila e seus colegas me deram apoio constante ao longo dessa jornada, e não sei como agradecer o bastante.

Um grande obrigada a Charlotte Hardman, minha editora na Coronet, que foi paciente, compreensiva e inspiradora com seus conselhos e orientações. Fui imensamente abençoada por ter essa equipe perto de mim.

Minha família foi incrível, e eu gostaria de agradecer a meu pai e a minha mãe, Graham e Bea, por aguentarem meus constantes telefonemas e inquietações, e por confiarem em mim incondicionalmente. A minhas irmãs, Angela e Helen, e a meus irmãos, Greg e Richard, por serem grandes exemplos e inspiração para mim enquanto eu crescia. Se eu tiver herdado apenas alguns dos melhores traços de todos vocês, serei uma garota de sorte. Um grande abraço para minhas sobrinhas e sobrinhos e para o resto da família, especialmente para minha tia e meu tio, que sempre me encorajaram a seguir meus sonhos.

Tenho uma rede de amigas maravilhosas a quem, todos os dias, me sinto grata por conhecer. Elas não têm ideia do quanto seu apoio significou – sob várias formas, desde bebidas e jantares a noite, bagunçando a cozinha (desculpe pela bagunça, Lou!). E um enorme obrigada a Louise, Jenny, Jess, Danielle, Mia, Natalie, duas Lucys, as Claire, Becky, Emma, Hannah, as duas Jos, Shelley, Marika, Alice, Debbie, Vanda e Shona. Há muitas outras pessoas a mencionar, e todas sabem quem são, mesmo não tendo seus nomes aqui impressos. Obrigada.

Muitíssimo obrigada à turma da zona norte de Londres, que me fez rir durante almoços de domingo maravilhosamente longos e preguiçosos, especialmente Rob, Jon, Emma, Ozz, Ali, Phil e, é claro, Enrico, o gato. Espero que passemos muitos outros ótimos finais de semana juntos.

Agradeço muito a Tim, que nunca deixou de acreditar em mim. O sentimento é mútuo. Agradeço também a Dee, que me inspirou a criar um personagem com narcolepsia, e eu espero que George traga um pouco mais de esclarecimento e consciência sobre essa doença.

Obrigada a Shona, das Sevenoaks Ladies Joggers, que me ajudou a descobrir a corrida, que, por sua vez, me ajudou a descobrir a perseverança e a autoconfiança.

E, finalmente, obrigada a Nick, Sienna e todos os personagens ficticiais deste livro, que ganharam vida conforme fui moldando suas lindas e intrigantes personalidades.